

TATIANA AMARAL

# Segredos



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# Segredos



.....

# Segredos



São Paulo 2012

2013. Tatiana Amaral

Capa

Igor Caiê Amaral

Revisão

Mariza Miranda

Diagramação

Amaral, Tatiana

1. Literatura brasileira. 2. Romance.

2.

Copyright @ 2013.

É Proibida a cópia do material contido nesse exemplar sem o consentimento da editora. Esse livro é fruto da imaginação do autor e nenhum dos personagens e acontecimentos citados nele tem qualquer equivalente na vida real.

A Nilton e Maria, por me amarem acima  
de tudo, inclusive deles mesmos.  
E também a Diogo, Daniel e Bia, por me  
fazerem entender o porquê do amor ser  
incondicional.

## Capítulo 1

### Um Novo Começo

#### VISÃO DE CATHY

E

stava no quarto, arrumando minhas coisas. Sentia-me muito feliz por ter conseguido o emprego e ao mesmo tempo triste, pois essa conquista significava deixar de morar e conviver diariamente com amigas que aprendi a amar durante os dois últimos anos. Eu estava um pouco emotiva nesta última semana.

Enquanto guardava meus livros preferidos na última caixa, sentia as lágrimas se formarem. Mia bateu na porta me afastando dos pensamentos depressivos.

— Não comece a chorar outra vez, Cathy. Nós já conversamos sobre isso várias vezes. Você vai apenas se mudar para outra casa, que, diga-se de passagem, é simplesmente sensacional. Além disso, vai passar a maior parte do seu tempo viajando com um dos gatos mais maravilhosos do momento. O que há de tão triste nisso? Ah, já sei, deve ser o salário absurdo que vai ganhar para ficar ao lado dele o tempo todo. — começou a rir e a me fazer cócegas.

Graças a Mia Baker, uma das minhas melhores amigas, eu havia aprendido a gostar de moda e de me vestir bem, mas isso era o que tinha de mais superficial em nossa amizade. Mia é uma das poucas

peessoas em quem confio e por esse motivo, faz parte do grupo seieto que sabe da verdadeira história que me cerca. Ela é meiga, companheira e, acima de tudo, completamente racional e justa. Eu a amo. Iria sentir terrivelmente a sua falta.

— Pare com isso, Cathy. Vamos, vou ajudá-la. Você vai levar tudo mesmo? Pode deixar uma parte aqui, para o caso de decidir voltar — um sorriso largo brilhou em seu rosto.

— De jeito nenhum. Vocês precisam alugar e terei espaço suficiente no meu novo quarto. Além do mais, quando eu estiver viajando, o que acontecerá quase sempre, não vou precisar nem da metade dessas coisas.

— Não será o mesmo sem você. Vai ficar um imenso vazio.

Não consegui impedir as lágrimas de caírem após a sua declaração. Mia é como uma irmã mais velha. Aquela que eu nunca tive. Sou filha única. Meu pai nem queria filhos, mas minha mãe engravidou numa tentativa de manter o casamento, ou o que ela acreditava ser um casamento.

Pensar em minha mãe me doía ainda mais. Ela tinha morrido tão jovem. Eu ainda era uma criança. Estava com apenas 12 anos e fiquei sozinha no mundo, com parentes que nunca se preocuparam realmente comigo. Somente com o que o meu pai, que nunca desejou ser pai, poderia lhes proporcionar financeiramente.

No início não foi tão ruim viver com eles, só não era como deveria ser, especialmente num caso como o meu: órfã de mãe. Principalmente depois de descobrir toda a verdade com relação à minha família.

Nossa relação nunca foi difícil, pelo menos não com a minha tia, irmã mais velha da minha mãe, mas me senti aliviada por fazer faculdade em Los Angeles e não precisar mais ser um peso em suas costas.

Nasci em Carson City, Nevada, Estados Unidos, em meio a cassinos e turistas. Foi por esse motivo que minha mãe conheceu meu pai. Ele era um forasteiro na cidade, viajando a trabalho e se divertindo nas horas vagas. Vim para Los Angeles cursar a universidade, recomeçar a vida e também para fugir do que restava



dela. Foi quando conheci Mia e nunca mais nos desgradamos. Até agora.

— Vou sentir sua falta também — enxuguei as lágrimas com as costas das mãos. — Vamos falar sobre outra coisa? — ri, tentando conter a emoção.

— Ok, então! Pronta para hoje à noite? Estamos preparando uma tremenda despedida para você.

Pelo seu olhar percebi que minha noite seria longa.

— Ai, meu Deus! O que vocês estão aprontando? Dá até medo de imaginar.

Mia riu com vontade, o que me causou medo. Não sabia se deveria temer o que ela estava planejando ou animada com a possibilidade de diversão.

— Tudo bem! Mas nada de tentar me deixar bêbada, certo? Você sabe como fico quando bebo, aliás, álcool e Cathy não se misturam. Mesmo assim vocês não perdem este hábito, se não me cuidar vou acabar me metendo em encrencas.

— Nós não vamos deixar nada lhe acontecer.

Ela saiu do meu quarto dando seus pulinhos infantis que muitas vezes me faziam esquecer que se tratava de uma mulher séria e responsável, que também mais parecia uma modelo de tão linda.

Mia é alta e magra, seu corpo é muito bonito, apesar de eu não ver muita graça em corpos magros demais, porém o dela é diferente. Suas pernas são longas e torneadas e sua cintura é bastante fina. Seus seios são do tamanho ideal. Ela com certeza seria uma grande modelo, porém escolhera trabalhar como consultora de moda.

Minha amiga é incrível!

Sozinha no quarto eu me entreguei outra vez aos pensamentos. Estava completamente insegura com o meu novo emprego. Quando fiz a entrevista tinha quase certeza de que não seria selecionada. A pessoa responsável nem sequer olhou em meus olhos, apenas fez algumas perguntas e me dispensou. Por isso fiquei surpresa quando no dia seguinte fui convocada para mais uma etapa da seleção. Eu nem sabia para qual artista iria trabalhar, porém se soubesse, com certeza, nem conseguiria responder às perguntas.

Dessa vez fui entrevistada por uma mulher muito bonita, a manager do artista para quem eu iria trabalhar, Helen Jones. Uma manager era muito mais do que uma agente. Ela era a responsável por todos os detalhes da vida do ator, desde seus trabalhos até a roupa adequada para ele vestir.

Helen não é muito alta. Tem feições finas como as de uma criança. Seu rosto é angelical, e ela tem um sorriso no qual é muito difícil não reparar. Conversamos bastante, de maneira descontraída e, apenas no final, disse que havia gostado muito de mim. No outro dia me ligou dizendo que eu tinha sido escolhida para o cargo. Somente depois de acertarmos todos os detalhes ela me disse quem era o artista.

Fiquei sem reação, porém consegui me recompor a tempo e fingir indiferença, rezando para ela não desistir de me contratar por esse deslize. Eu simplesmente o achava o homem mais bonito que já vira. Havia até um cartaz do seu último filme colado na porta do meu quarto do qual, é claro, me livreii logo em seguida.

Como seria trabalhar com ele? E a enorme atenção dada à sua carreira? Como eu me sairia diante de tudo isso? Suspirei e balancei a cabeça tentando afastar os pensamentos de insegurança.

No dia seguinte seria a assistente do ator mais famoso do momento: Thomas Collins, 25 anos, padre de rico e lindo, muito lindo! Precisava tirar esses outros pensamentos da cabeça, afinal de contas ele agora era meu chefe e, "onde se ganha o pão, não se come a carne", como dizia a minha sábia amiga, Anna Moore. Era importante me concentrar nisso. Além do mais, o amor era a última coisa que eu procurava. Não por não acreditar nele, apenas por achar desnecessário naquele momento da minha vida.

Já tive experiência suficiente para saber que equilíbrio e amor não andam de mãos dadas. Então estava fora de qualquer cogitação me relacionar com alguém, por ora. Não que eu tivesse problemas com relacionamentos, mas tinha uma séria restrição com a ideia de me apaixonar. Um reflexo do meu passado.

Para ser bastante sincera, Thomas era o último homem na face da Terra por quem gostaria de me apaixonar, pelo menos na vida real. Seus personagens eram perfeitos. Homens lindos e

apaixonados, do tipo que dão tudo que têm pela mulher amada. Era difícil não sonhar com alguém tão encantador, porém esse era o personagem. A personalidade do homem, descrita por todos os tabloides, era completamente diferente.

Na verdade, ele era um mulherengo, um colecionador de mulheres, exatamente o tipo que eu procurava passar bem longe. Sem contar que não acredito no homem perfeito, nem no homem que ele interpretava nos filmes. São apenas personagens. Por isso suspiramos por eles.

Meu trabalho seria organizar a sua vida e fazê-lo cumprir a agenda. Ao que me parecia, ainda por cima, era indisciplinado e descomprometido. Não seria uma tarefa fácil. Para tanto eu teria que conviver com ele o tempo todo e estar em constante contato com toda a sua equipe para que não houvesse conflito de interesses ou de horários. Além disso, teria de discutir todas as propostas de trabalho recebidas e enviadas pelos seus agentes que, até onde eu sabia, eram três, todos homens: Green, Miller e Williams. Com exceção da líder de sua equipe, que me contratara, que estava grávida e planejava sair de cena tão logo fosse possível, eu seria a única mulher no grupo. Isso poderia ser complicado.

— Tudo arrumado — minha voz ecoou no quarto vazio e desmontado, logo ouvi Mia gritar, do quarto dela:

— Então vá se arrumar, garota. Pelo amor de Deus, nada de ir simplesinha. Hoje nós vamos arrasar! É sua despedida e, principalmente, a comemoração de sua vitória profissional e financeira — a risada do outro quarto e me animou. — Esta noite vai entrar para a história! — Não pude deixar de rir.

Fomos a uma boate que frequentávamos muito. Era perfeita para nossa despedida, pois sua programação se dividia entre *Karaokê* com uma banda ao vivo, muito divertido e show com DJ, que era alucinante. Ficava bem próxima à praia e nós adorávamos! Estava sempre lotada, mas como já éramos conhecidas pelo pessoal da portaria, eles nos davam acesso livre. Era uma das boates mais bem frequentadas do momento e, de vez em quando, aparecia por lá alguém famoso ou importante.

Éramos cinco amigas: eu, Mia Baker, Daphne Hill, Anna Moore e Stella Adams. Morávamos todas juntas em um apartamento de quatro quartos na 3rd Street Promenade, Santa Mônica, Los Angeles. Nossa convivência era no mínimo pacífica. Claro que tínhamos gostos e interesses específicos e éramos diferentes em diversos aspectos, porém isso normalmente não era um problema. Por esse motivo estávamos reunidas naquela noite, gostávamos da companhia umas das outras.

Escolhemos uma mesa entre o palco e o bar, o que deixou todas satisfeitas com a localização. No meio da noite a conversa estava bastante animada e ríamos muito. Como eu já tinha previsto, as meninas estavam tentando me deixar bêbada e, apesar de conseguir me livrar da maioria dos copos que me davam, estava começando a me sentir "alta".

A fraqueza com bebidas alcoólicas sempre era o ponto alto da noite para as minhas amigas, entretanto elas se mantinham fiéis e não extrapolavam comigo, por isso eu conseguia terminar a noite andando com as próprias pernas.

Como sempre fazíamos, depois de algumas doses, óbvio, acompanhávamos a banda em alguma música do momento. Naquela noite as meninas estavam com tudo, escolheram uma bastante insinuante e, antes de cantarmos, apostamos quem conseguiria ser mais sexy, uma brincadeira que eu jamais aceitaria se não estivesse bebendo. O cantor era um conhecido de outros momentos de diversão e nos anunciou como a atração da noite, chamando a atenção dos homens. Confesso que tive ímpeto de voltar para a mesa, mas me contive para não desapontar minhas amigas.

Quando a banda começou a tocar, estávamos totalmente empolgadas, pelo menos eu tentava ficar, então começamos a cantar e a dançar. A plateia gritava e nós nos divertíamos. Era sempre muito alegre quando saíamos e, apesar do clima de despedida ter nos deixado bastante emotivas, estávamos realmente dispostas a curtir tudo o que a noite poderia nos proporcionar.

Quando já tínhamos passado da metade da música, Daphne me puxou pelo braço e mostrou no andar de cima uma pessoa

encostada na grade olhando fixamente para mim. Não consegui ouvir o que ela dizia, mas percebi de imediato de quem se tratava. Como não perceber? Eu havia olhado para ele todos os dias nos últimos dois anos de minha vida e agora ele estava lá, imóvel como uma estátua, perfeito como um anjo.

Thomas Collins. Sua beleza era tanta que não pude deixar de suspirar ao vê-lo. Só voltei à realidade quando Daphne me rodou no palco mandando não dar bandeira. Fiquei sem graça de imediato sentindo-me uma idiota olhando-o daquele jeito. Mas antes de desviar o olhar o vi sorrir de maneira tão perfeita que me tirou o ar.

Todo o meu pensamento se voltou para os problemas que poderia ter por causa daquela noite. Ele podia não saber quem eu era, porém eu sabia exatamente quem ele era e, não apenas por se tratar de quem se tratava, mas principalmente porque no dia seguinte ele seria o meu chefe. A forma como Thomas Collins tinha me olhado não me ajudaria muito a sustentar o personagem que interpretaria quando estivéssemos juntos.

A música acabou e nós descemos do palco sob uma chuva de aplausos, gritos e gracinhas dos rapazes que assistiram nossa performance. Daphne e Anna adoravam a atenção que recebiam dos garotos da boate. Eu normalmente ficava completamente sem graça. Quando passei, voltando para a mesa, não pude evitar olhar mais uma vez para o andar de cima. Baixei a cabeça imediatamente quando percebi que meu futuro chefe ainda estava encarava. Seria mais difícil do que eu imaginava. Era importante que Thomas Collins não tivesse nenhum interesse por mim, seria o mais saudável para o nosso trabalho.

— Caramba! É ele mesmo? Nem acredito, o cara é mesmo muito lindo, não é? Não vai falar com ele? Se apresentar? — Anna tagarelava ansiosa atrás de mim como sempre.

— De jeito nenhum! Teremos tempo de sobra para nos conhecer amanhã. Espero sinceramente que esteja bêbado o suficiente para não se lembrar de nada do que viu — fui seca. Eu estava morrendo de medo. Que imagem ele teria de mim?

— Deixe de bobagem! Você ainda nem começou a trabalhar, além do mais, está apenas se divertindo, que mal há nisso? — Mia

tentava me animar. — Ele não pode fazer nenhum juízo de você só porque cantou e dançou com suas amigas. Thomas não tem nada a ver com a sua vida pessoal.

— Eu cantei e dancei de maneira bastante sensual, Mia. Ele pode formar um monte de conceitos sobre mim por causa disso, inclusive achar que pode se dar bem comigo. — enquanto pensava nesta possibilidade, um calafrio me percorreu. Teria de ser bastante forte e dura com ele para que nada acontecesse. Seria como jogar fora uma grande oportunidade. Definitivamente, eu não queria isso.

— Acho que devemos brindar a situação com mais uma rodada — Daphne sugeriu já levantando para buscar as bebidas, mas eu a segurei dizendo que era a minha vez. Precisava me afastar um pouco para organizar minhas ideias.

Caminhei em direção ao bar, tentando me sentir mais segura. Parei no balcão para pedir as bebidas. Enquanto aguardava, senti uma mão tocar o meu ombro, logo depois um rapaz muito bonito, loiro e forte se sentou no banco ao meu lado, se apresentando. Ele me lançou um sorriso encantador. Eu sabia exatamente quem ele era e podia imaginar o motivo de estar ali.

Gelei.

— Oi, meu nome é Kendel, posso saber o seu? — Deu um sorriso lindo, mas por trás havia a arrogância típica de pessoas na sua posição.

Era um dos agentes do Thomas, Kendel Miller, conhecido em toda a cidade como um garanhão, um conquistador, aliás, classificação que também servia para o próprio Thomas.

— A princípio não, Kendel — peguei minhas bebidas e levantei do banco indo embora.

Parte da minha fuga estava relacionada ao fato de não querer ficar ali ouvindo alimentar o próprio ego. Outra ao fato de não querer conhecê-los antes da hora e formar uma imagem errada. Mas, para ser bem mais sincera, eu queria realmente fugir do que ele pretendia.

— Olha, seja um pouco mais receptiva, tá? Meu amigo quer muito conhecê-la, disse que não vai embora sem antes lhe pagar uma bebida. Garanto que vai gostar de conhecê-lo — ele piscou para

mim e, tornando a conversa mais confidencial, acrescentou: — Acredite, muitas garotas gostariam de estar no seu lugar — sorriu de forma maliciosa, certo de que já havia conseguido o seu objetivo.

— Kendel, não é? — Fingi não lembrar o nome dele. — Por favor, diga pro seu “amigo” que quem paga a minha bebida sou eu e, que se ele for esperar por isso, sinto muito, mas irá morar aqui.

Levantei uma sobrancelha enquanto falava e saí de forma desafiadora. Fui infantil, eu sei, mas foi impossível evitar a raiva que senti pelo fato dele achar que pode ter qualquer garota. Kendel até podia, mas eu nunca seria uma delas.

Quando cheguei à mesa, as meninas estavam loucas querendo saber o que ele tinha me dito, além do motivo de eu ter saído com raiva. Elas tinham prestado atenção. Ótimo. Parece que o assunto não seria encerrado naquela noite. Expliquei o ocorrido a elas que caíram na gargalhada.

— Você não muda mesmo, hein Cathy? Sempre tão difícil com os homens. Conhecê-lo não vai lhe fazer mal algum — Stella ria da minha cara irritada.

Logo a conversa mudou de rumo, o que me fez ficar grata. A história já havia recebido toda a atenção que deveria. Além do mais, já tinha decidido que deixaria para pensar sobre ela no dia seguinte.

Após alguns minutos conversando e desfrutando das nossas bebidas resolvemos nos levantar para dançar. Foi ótimo! Eu adoro. Simplesmente me esqueço do mundo. É uma liberdade para o meu corpo sempre tão preocupado com o que as pessoas estão pensando a meu respeito.

Estávamos bem animadas e nos apoderamos da pista. Sabíamos que as pessoas nos observavam, éramos todas bonitas, cada uma do seu jeito e, no geral, chamávamos bastante atenção. Por um momento esqueci que ele também estava lá. Achei que depois da minha resposta iria procurar outra garota para se divertir.

Não sei porque fiquei um pouco decepcionada com esse pensamento. Balancei a cabeça tentando expulsar aquele sentimento e me entreguei à dança não pensando mais em nada. Meu corpo recebia com prazer todo o calor dos outros corpos na

pista e em pouco tempo já estava transpirando e precisando de mais uma bebida.

Stella, Anna e Daphne saíram da pista de dança. Não consegui saber para onde iam, no entanto, pelos risinhos emitidos, percebi que estavam aprontando alguma brincadeira. Comecei a me preparar psicologicamente.

Mia me pediu para buscar mais bebidas. Saímos e fomos juntas ao balcão. Eu precisava escapar rapidamente de qualquer coisa que as meninas estavam aprontando, então tentei ser rápida o suficiente para chegar à mesa e simplesmente me acorrentar lá, porém quando me virei, rápido demais, deparei com Thomas Collins em pessoa. A bebida sujou sua camisa e escorreu pelo decote da minha, passando de maneira insinuante pelos meus seios que, automaticamente, enrijeceram com o contato. Não pude evitar levar as mãos ao decote, arquejando pelo contato do líquido gelado com a pele e ele sorriu com a minha reação.

— Eu gostaria de poder ajudar, mas até onde sei, não tenho permissão para conhecê-la e terei de morar aqui se quiser fazer isso — ele estava brincando, é claro, mas eu fiquei envergonhada na mesma hora.

— Desculpe! — Eu me desculpava pelas duas coisas, pela resposta desaforada e pela camisa dele. — Acho que estraguei a sua camisa.

Antes que eu conseguisse terminar a frase, as meninas surgiram do nada e me agarraram, puxando-me para algum lugar distante dele. Todas riam muito. Só quando estava a caminho, percebi para onde estavam me levando. Os tequileiros! Agora estava na maior enrascada. Iria ficar bêbada na frente do meu chefe. Meu Deus! Ele teria a pior de todas as imagens de mim. Comecei a protestar e choramingar mas não adiantou. Antes de subir o degrau e me sentar na poltrona, Mia sussurrou no meu ouvido:

— Não se preocupe, não deixarei nada acontecer a você.

Acordei em meu quarto. O sol já estava há muito tempo brilhando no céu. Levantei rápido demais indo direto ao chão. Minha cabeça doía muito e meu estômago estava revirado. Só então me



dei conta de que estava nua e que Mia estava dormindo ao meu lado.

— Meu Deus! O que aconteceu? — Falei alto o suficiente para acordá-la, fazendo minha cabeça doer ainda mais.

— Caramba, Cathy! Você não consegue dormir quieta um só minuto? Mexeu-se a noite inteira. Eu mal consegui pregar os olhos.

— Mia, o que estou fazendo sem roupas, deitada com você em minha cama? — Senti meu estômago revirar.

Mia riu olhando para mim, cinicamente:

— Não se lembra de nada? Caramba! Achei que você tinha gostado — fez beicinho, demonstrando sua decepção.

— Por favor, diga que é mentira — quase chorei de pânico.

Mia estava gargalhando.

— O que acha que aconteceu, sua doida? Você bebeu demais, os tequileiros a deixaram louca e eu a trouxe para casa como prometi. Como vomitou em toda a roupa, eu te joguei embaixo do chuveiro, depois você se deitou. Quando eu estava saindo me pediu para ficar e cuidar de você. Apenas isso. Você deve ser maluca mesmo. De onde tirou a ideia de que eu poderia gostar de mulher? Nada contra, mas acho que já conviveu tempo demais comigo para saber que meu negócio é homem — ela não parava de rir.

Respirei aliviada por um segundo, até me lembrar de que não fazia a menor ideia de como havia saído da boate, aliás, eu não tinha a menor ideia do que aconteceu depois dos tequileiros. O ar voltou a me faltar. O que ele havia presenciado?

— Mia, o que aconteceu depois daquilo?

— Nada. Eu já tinha dito para as meninas que eu a pegaria logo em seguida e tiraria de lá. Não o deixamos ter nenhum contato com você bêbada. Pode relaxar.

Fiquei mais tranquila, no entanto lembrei, imediatamente, que me mudaria naquele dia e deveria estar, no mínimo, apresentável. Levantei lentamente e fui direto para o banheiro. Tomei um banho demorado, depois gastei algum tempo secando o cabelo até ele ficar totalmente liso; era o mínimo que poderia fazer para melhorar a minha imagem. Eu gostava do meu cabelo, longo e volumoso.

Estava loiro, mas já foi de diversas cores. Eu e minha vontade de mudar de cara sempre. Ou quem sabe de fugir do que sou.

Olhei-me no espelho e gostei da imagem. Aos 23 anos havia conseguido o corpo que desejava. Livrei-me dos seios pequenos, que me faziam parecer uma adolescente, colocando um pouco de silicone, nada muito exagerado, apenas o suficiente para fazer volume num decote. Tinha malhado muito enquanto estudava na universidade, ganhando formas mais firmes, arredondadas nas pernas e na bunda, mantendo a cintura bem fina. Gostava do meu corpo! Isso era inacreditável, já que as mulheres ficam o tempo todo insatisfeitas com algo. Eu não fugia ao padrão, no entanto isso não acontecia em relação ao meu corpo.

Voltei para o quarto me deparando com um conjunto estendido sobre a minha cama. Mia! Constatei com carinho. Ela havia escolhido uma saia creme, não muito comprida, nem muito curta, que modelava perfeitamente meus quadris. Uma blusa branca justa ao corpo com uma abertura que revelava meus ombros, além de um casaco preto de cintura afivelada. Para os pés, um sapato alto preto, totalmente fechado que valorizava bastante meus tornozelos.

— Sem revelar, mas também sem esconder — Mia entrou no meu quarto com aquela sutileza só dela e me abraçou. — Vou sentir sua falta!

— Eu também — as lágrimas já estavam querendo descer. Desviei meu olhar. — Preciso me apressar, não posso me atrasar no primeiro dia de trabalho.

— Vai chamar um táxi?

— Não. Helen vai mandar um carro me buscar.

— Helen é a pessoa que te contratou?

— Isso. A manager. E também uma espécie de chefe dos agentes, entendeu? Na verdade seu cargo é a central de comando, tudo deve passar por ela. Eu serei uma espécie de braço direito, ficarei com todas as atividades relacionadas ao dia a dia de Thomas Collins.

— O Gato, lindo e maravilhoso dos filmes! Que trabalho difícil! — Sua ironia chamou a minha atenção.

— Quer que eu vá ou não? Ontem era o trabalho perfeito, hoje uma besteira.

— Não estou dizendo isso. Apenas acho que este trabalho será muito importante em sua vida.

— Como assim?

— Não sei. Ontem sonhei com vocês dois se beijando — Mia levava a sério os seus sonhos. Sempre acreditava que era uma espécie de premonição. Eu apenas achava graça, principalmente porque nem sempre dava certo e o que acontecia era tão previsível que seria impossível não se realizar.

— Está doida? Ele é o meu chefe agora. Não posso pensar nele de outra maneira. Além do mais, nunca fui dessas que ficam suspirando por um ator lindo e maravilhoso — sorri, sabendo que era mentira. Eu sempre suspirara por Thomas Collins.

— Foi só um sonho e você até ontem suspirava por um certo ator que ficava bem aqui na sua porta — abracei-a e senti muita vontade de chorar, porém me segurei. Nada mais de despedidas. Precisava me apressar.

— Vou me vestir. Preciso ir — tentei disfarçar.

Bastou ver o carro que foi me buscar para perceber minha nova realidade. Era um Acura MDX, preto, lindíssimo. Eu adorava carros. Fiquei boquiaberta com tamanho luxo e design. Com certeza seria uma maravilha dirigir um modelo daqueles, era uma pena ter motorista. Entrei me sentindo um pouco fora do meu mundo.

Minha família não era pobre, também não possuíamos dinheiro para viver com luxo. Vivíamos bem, com certo conforto. O carro do meu pai era sempre um modelo chamativo, por causa do seu trabalho e o de minha mãe era qualquer coisa que servisse para me buscar na escola. Meu pai era um apaixonado por veículos automotivos.

Sentia-me frustrada por perceber que, mesmo tão distantes, havia tanto dele em mim. Voltei a pensar em minha mãe. Gostar de carros deveria ser um problema, afinal fora um carro que a tirara de mim, mas mesmo depois de todos os acontecimentos, de tanto sofrimento, eu continuava louca por eles.

Quando paramos em frente à casa, fui arrancada dos pensamentos para entrar em uma realidade nunca antes vivenciada. A casa era linda! Tão em sintonia com o restante do ambiente, esculpida pelas mãos de Deus, ou do melhor arquiteto e engenheiro do mundo. Com certeza! Era grande, porém não como as mansões das estrelas de cinema. A sua entrada era uma mistura de simplicidade e glamour. Branca com imensas janelas de vidro. Eram tão grandes que mais pareciam portas. Muito bem localizada na Palisades Beach Road, de frente para o mar. Havia um muro muito alto que impedia qualquer pessoa de enxergar o seu interior, o que lhe dava total privacidade.

Fiquei parada, sem saber o que fazer. O motorista retirou as minhas malas e me avisou que esperavam por mim na sala principal. Fui em direção ao local que ele apontou. Levava uma pequena bagagem de mão, com algumas coisas que iria precisar para a primeira reunião, como meu *Smartphone* e meu *notebook*, por exemplo, alguns dos presentes do meu pai que eu me vira obrigada a aceitar. Eles tinham providenciado um computador que deveria estar em meu quarto.

Abri a imensa porta e me deparei com um corredor revestido de madeira clara, dando acesso a um enorme vão muito bem decorado, totalmente *clean*. Dei alguns passos tímidos e tive uma visão mais ampla do ambiente. Dividia-se em duas salas, a primeira com alguns sofás formando um ambiente aconchegante e, mais atrás, a de jantar, completa. Ao lado ficava um declive com alguns degraus ligando a o ambiente a outro. Ao me aproximar, ouvi vozes não muito distantes. Reconheci a de Helen e me encaminhei para lá.

A sala onde todos estavam era algo espetacular! De onde eu estava podia ver um ambiente lindíssimo, com alguns sofás, cadeiras de madeira com forros brancos e algumas poltronas. “Muito apropriada para uma reunião”, pensei sorrindo. A vista foi o que me chamou mais atenção. Outra porta, de correr, toda de vidro dava a impressão de que retinha o mar. Tão azul!

— Ah! Você chegou! Bem na hora. Estava agora mesmo falando sobre você com os rapazes. Venha, deixe-me apresentá-la. Meninos comportem-se, por favor! Essa é Catherine Brown, a nova assistente

minha e do Thomas, como já havia explicado. Catherine, estes são Thomas Collins, Dyo Green e Kendel Miller.

— Oi, outra vez, Cathy! — Kendel se aproximou com um sorriso gigantesco no rosto.

Não gostei, por isso não retribuí o sorriso. Não me senti a vontade com a sua intimidade com o meu nome, pois era algo que eu só permitia a meus amigos. Apenas apertei sua mão como resposta. Os outros rapazes limitaram-se a acenar de onde estavam, inclusive Thomas, que parecia bastante cansado, apesar de estar olhando fixamente para mim. Acenei de volta. Será que ele contaria que me conheceu na noite passada? Será que vira algo que não deveria? Fiquei um pouco tensa.

Todos sorriam com a coincidência. Eu consegui perceber quando trocaram olhares, deixando-me ainda mais sem graça. Implorei intimamente para que Helen não tivesse notado. Não sabia o que ela pensaria de mim se soubesse do que tinha acontecido no dia anterior. Com certeza a manager de um artista famoso esperaria uma postura mais séria de mim, adequada para uma profissional competente.

— Bem, Cathy, estávamos terminando a reunião. Vou passar mais algum tempo com você e depois trabalharemos um pouco na rotina. Terá a tarde livre para arrumar as suas coisas. Lembre-se de que viajaremos em dois dias e só voltaremos daqui a uma semana.

Helen parecia um pouco preocupada com a reação dos rapazes, porém não disse nada, o que me fez sentir melhor em relação à situação. Seu jeito sempre carinhoso de falar lembrava a minha mãe, como se quisesse sempre confortar. E eu me sentia mesmo bastante confortável com em sua presença, tanto que nem me incomodei por ter usado meu apelido.

— Certo — sorri para ela, o que não era difícil.

Passei o restante da manhã com Helen me ensinando os procedimentos e passando toda a agenda programada até o fim do ano. Ela me explicou que, apesar de tudo ser organizado com antecedência, as coisas mudavam o tempo todo, seguindo o ritmo ditado pela popularidade de Thomas e que estávamos em uma ótima fase, com novos trabalhos aparecendo o tempo todo.

Existiam novas propostas, automaticamente enviadas para o meu novo endereço de e-mail, que eu deveria analisar e verificar a disponibilidade até o outro dia pela manhã, quando haveria outra reunião. Teria que me lembrar dos eventos anuais do cinema mundial e seus respectivos personagens que estavam programados, pois já contavam com a participação do Thomas, exigindo atenção especial para essas datas. Muito trabalho, então.

Almoçamos juntas e, durante todo o tempo não vi nem ouvi Thomas pela casa. Quando acabamos, Helen me levou até o meu novo quarto, no andar de cima, deixando-me lá para arrumar as minhas coisas. As malas estavam ao lado da cama, esperando por mim.

Fiquei boquiaberta com o aposento. Era tão grande que eu poderia morar nele. A decoração seguia o bom gosto do restante da casa. O padrão era o mesmo, uma imensa janela de vidro tendo como pano de fundo uma linda visão do mar. Cortinas brancas, bem leves, uma cama enorme, com cobertores brancos, encostada na outra parede, de frente para paisagem. Ao lado, o criado com um abajur. Achei ótimo, teria luz para dormir sem problemas.

Antes da cama, havia uma espreguiçadeira branca tão bem acolchoada que poderia facilmente servir como lugar para dormir. Um tapete se estendia por baixo dos móveis e uma mesa de centro de madeira rústica com alguns objetos de decoração. Olhei ao redor e me dei conta da outra sala que dava acesso a duas portas, closet e banheiro.

Arrumei as coisas mais rápido do que pensei, afinal era muito espaço para tão poucos pertences. O que havia de mais volumoso eram os meus livros, a maioria técnicos, saldo da universidade e do MBA. Arrumei-os meticulosamente na prateleira do quarto. Combinaram com o ambiente. Como tinha tempo de sobra, resolvi trocar de roupa. Vesti um short e uma regata, já que ficaria presa no quarto o restante da tarde, e comecei a arrumar uma mala para a viagem.

Separei as peças e deixei na cama para depois organizá-las. Quando estava quase terminando, ouvi uma batida leve na porta,

que logo foi aberta, revelando Thomas já entrando no quarto. Fiquei branca! Não sabia o que fazer. O que ele queria?

— Oi! — ficou meio sem graça. Será que percebeu minha apreensão? Eu precisaria ter cuidado com minhas reações na sua presença, não poderia demonstrar o quanto me intimidava, do contrário ele ganharia território.

Seus olhos percorreram meu corpo, aparentemente surpresos com a minha roupa. Minha vontade era que se abrisse um buraco no chão e me engolisse. Como eu podia ter sido tão descuidada? Onde estava com a cabeça ao me vestir tão à vontade no meu primeiro dia de trabalho? Fiz uma nota mental para prestar mais atenção nas minhas roupas de forma a não cometer tal deslize novamente.

— Oi! Ah, desculpe, eu estava arrumando as coisas, não sabia que alguém apareceria. Dê-me só um minuto, vou me trocar — virei em direção ao closet, mas ele me interrompeu.

— Não. Não precisa. Desculpe-me por aparecer sem avisar. Quanto à roupa, fique a vontade, você também mora aqui, aja como se a casa fosse sua, por favor! — Ele me lançou um olhar tão penetrante que acabou com as minhas forças em um segundo.

Se eu permitisse, logo estaria suspirando enquanto o admirava. Consegui recompor minhas feições a tempo. Estava parecendo uma fã apaixonada e isso era tudo o que não poderia ser naquele momento.

— Se não conseguir relaxar, vai ser difícil trabalhar. Vim dizer exatamente isso. Como dono da casa sinto-me na obrigação de dar-lhe as boas-vindas e dizer que pode desfrutar de todas as áreas da casa, piscina, praia particular, sala de vídeo, tudo — sorriu de forma perfeita.

Era incrível como um sorriso caía tão bem num rosto tão perfeito quanto o dele, que por sinal, sabia muito bem disso. Não era à toa que sempre sorria na hora certa, como se estivesse sendo dirigido numa cena de filme. A única coisa que pensei foi como conseguiria escapar daquilo.

— Você está planejando fugir? — Fiquei um pouco surpresa com a pergunta. Como eu poderia ter dado a entender que queria fugir?

— O que?

— A mala. Parece que você está arrumando, não desarrumando — ri da minha confusão.

— Ah! Eu estou arrumando mesmo, para a viagem. Gosto de minhas coisas organizadas.

— Mas viajaremos só depois de amanhã.

— Eu sei, mas terei um dia cheio e iremos no outro bem cedo. Prefiro não fazer as coisas correndo, principalmente tendo tempo livre agora. Quer ajuda com as suas?

— Você não precisa fazer isso por mim — Thomas se referia às minhas obrigações como assistente, no entanto eu já sabia o quanto ele era desorganizado e displicente, então é claro que esta seria uma das minhas obrigações de agora em diante.

— Eu sei, por outro lado, sou responsável pela sua agenda e por fazê-lo cumprir os compromissos. Meu início neste emprego seria um fiasco se você atrasasse nossa viagem porque não conseguiu organizar a sua mala a tempo — sorri inocentemente para ele, que sorriu de volta. — Ou então, se por causa da falta de tempo, você não levasse o mais adequado.

— Nesse caso, fique à vontade, meu quarto é aqui ao lado — indicou o caminho com a mão. Eu hesitei um momento, pensando na informação que tinha acabado de receber. O quarto dele era ao lado do meu, isso seria no mínimo constrangedor e no máximo uma tentação muito perigosa, exatamente o que não deveria acontecer. Fechei a mala imaginando que estava fechando o meu coração e aproveitei para lacrá-lo.

Fui ao quarto de Thomas, que era tão lindo quanto o meu. Percebi que sua varanda o ligava a minha, separados apenas por um pequeno muro com espaço para flores. Ele me indicou o caminho para o closet informando-me a respeito das suas preferências. Enquanto eu arrumava a mala, meu chefe aproveitou para tomar um banho. Rezei para que demorasse o suficiente para eu terminar tudo e ir embora.

Para o meu azar, não foi o que aconteceu. Quando estava acabando de arrumar as roupas dentro da mala, ele saiu do banheiro só de toalha. Foi involuntário. Meus olhos percorreram todo o seu corpo. Fiquei maravilhada com tanta perfeição.



Thomas era exatamente o meu padrão de beleza masculina. Um corpo harmonioso, com músculos muito bem definidos, sem exageros, o que não o deixava perder a forma magra. Seu peito e abdômen eram o retrato da perfeição, uma estátua de Adônis não faria jus a tanta perfeição. Um caminho guiado por pelos levaram meus olhos até o limite da toalha; fiquei constrangida com a minha indiscrição e imediatamente desviei o olhar.

Ele sorriu de maneira fantástica, me prendendo cada vez mais aos seus encantos, e veio em minha direção. Thomas Collins sabia que eu estava encantada e essa ideia me atirou ao poço. Fechei os olhos e abaixei a cabeça. O que ele ia fazer? Sua mão roçou de leve o meu rosto e o toque de sua pele na minha lançou chamas pelo corpo inteiro. Isso era tão absurdo! Nunca tinha deixado ninguém me desarmar dessa forma. Nunca a minha pele havia se comportado assim. Onde estavam as minhas defesas?

De repente a imagem da minha mãe deitada em sua cama, chorando a tristeza de mais uma decepção invadiu a minha mente. Então consegui me lembrar de por que deveria de fugir desses sentimentos e sensações. Antes que ele dissesse qualquer coisa, me virei em direção à porta.

— Está tudo pronto. Preciso ir agora. Vou começar a organizar a agenda e analisar as propostas — quase corri.

Ouvi a sua risada baixa antes de bater a porta atrás de mim. Fui direto para o meu quarto e me tranquei lá pelo resto do dia. Não saí nem para comer, com medo do que poderia acontecer. Repensei todas as formas de reerguer as minhas barreiras e, pela manhã, já estava mais fortalecida para enfrentar aquela batalha. O pior era que teria de lutar contra mim mesma. Contra o meu corpo.

## Capítulo 2

### Esclarecendo as Coisas

#### VISÃO DE THOMAS

# A

quela noite fui arrastado para a boate. Eu estava cansado, havia passado a noite anterior praticamente acordado com... Como era mesmo o nome dela? Não importava, agora era apenas mais uma a quem prometi que telefonaria no dia seguinte. Coitada! Como elas se deixavam enganar com tanta facilidade? Tive que rir do meu pensamento.

Na verdade, eu acredito que as mulheres gostam de ser enganadas. Prendem-se na ilusão de que sua atitude será valorizada. Pura ilusão. Quando um homem quiser realmente ficar com uma mulher para sempre, suas atitudes serão outra. Não que eu já tenha sentido isso, mas acredito que, quando o amor aparecer, será impossível fugir dele. Vejo em cada mulher com quem vou para cama um pedido explícito para que eu minta, então, satisfaço as suas necessidades.

Kendel e Dyo insistiram tanto para sair que acabei aceitando, afinal o que poderia acontecer de errado ao sair com alguns amigos. Quem sabe não conheceria alguém interessante? Pelo menos para o que eu achava interessante nelas.

Nunca tinha ido àquela boate, então não sabia o que esperar. Como eles me garantiram que era muito discreta e que daria para ficar lá sem precisar tirar fotos e dar autógrafos para fãs o tempo todo, fui mais relaxado. Kendel às vezes era impulsivo. Ele aproveitava todas as vantagens da minha fama e parecia sentir muito prazer em arranjar mulheres para nós dois. Eu também me divertia com a situação, é claro. Ele fazia o primeiro contato para não me expor muito e depois eu assumia o comando. Bastava um olhar mais penetrante e já via as garotas prenderem a respiração. Era tão fácil!

Fácil demais! Muitas vezes frustrante. Gostaria que fosse diferente ao menos uma única vez, gostaria de ter que lutar por algo. Talvez fosse um pouco mais divertido encontrar uma mulher que não me quisesse tão rápido. Não que eu quisesse me apaixonar, o que eu quero está bem longe disso. Na verdade sempre acreditei que um dia deveria encontrar alguém para amar, porém esse dia não chegaria tão cedo. Pelo menos não enquanto tivesse tantas mulheres disponíveis e, principalmente, não enquanto estivesse cercado de pessoas que só queriam se aproveitar um pouco da minha fama, que era o caso de todas com quem eu me relacionei até hoje.

Passamos com facilidade pelos seguranças e, assim que entrei, percebi a presença dela. Linda! Muito linda! Uma beleza singular. Dificilmente passaria despercebida por mim. Fiquei olhando-a por um bom tempo até Kendel me levar para o andar de cima, mais reservado. Uma pena, ela estava no andar de baixo com um grupo de amigas. Parecia se divertir, porém alguma coisa em suas feições dava a entender que estava fora do seu ambiente. Parecia estar ali apenas para agradar as demais. Falava pouco e mantinha os olhos baixos. Tímida, com certeza.

Não sei por qual motivo a garota não saía da minha cabeça. Havia algo diferente nela, que me confundia. Apesar de ser realmente muito linda não havia nada que a diferenciasse das outras com quem eu sempre me relacionava. De certa forma fiquei incomodado por perder tanto tempo apenas pensando e não tomando providências para consegui-la. Tentei me concentrar no que

Kendel falava, mas apenas sorria às vezes, como se estivesse prestando atenção.

Quando o cantor da banda que estava servindo de *karaokê* anunciou o que seria a grande atração da noite, principalmente para os homens, dei risada e me virei de costas para o palco. Sinceramente, acho que nada do que aparecesse ali poderia ser interessante, nem mesmo um monte de mulheres cantando e dançando.

— É a garota para quem você estava olhando e as amigas dela — Dyo me informou discretamente.

Corrigindo o que disse: isso seria realmente interessante. Eu me virei para olhar o palco com mais atenção. Apoiei-me na balaustrada para observar melhor. Ela estava visivelmente sob o efeito de álcool, não bêbada, apenas alegre. Era ainda mais bonita do que eu pensava. Um rosto ainda infantil, com feições finas e um sorriso largo. Os cabelos desciam em ondas até a cintura, a cor, não conseguia definir exatamente, devido às luzes que eram jogadas nela e em suas amigas. Aparentava ser alguma cor clara, loiro talvez. Mas o corpo, esse eu conseguia ver com perfeição.

Ela era magnífica. Pernas grossas no ponto certo e quadris que tinham o volume ideal para a cintura fina que exibia. Estava usando uma calça justa desenhando todo o corpo, que observei com prazer. Uma camisa fina sobreposta a outra, com um decote profundo permitindo que seus seios firmes pudessem ser apreciados. Senti a excitação tomar conta do meu corpo na hora. Queria aquela mulher! Teria aquela mulher naquela noite. Todo meu cansaço desapareceu.

Elas iriam cantar? Isso eu fazia questão de ver. O que levaria uma garota tímida a subir num palco para cantar com as amigas?

Quando a música começou, não sei o que me deixou mais surpreso. A voz linda e perfeitamente afinada delas, a letra extremamente sensual da música escolhida, ou a dança tão insinuante que a garota que roubava a minha atenção, fazia, principalmente depois dela ter demonstrado ser tímida. Fiquei fascinado. Ela devia ser uma fera na cama, com aquele jeitinho meigo e doce misturado com tanta sensualidade.

Fiquei observando, fascinado pela sua desenvoltura, quando então percebi uma amiga dela indicando onde eu estava. A garota me olhou depois baixou a cabeça, envergonhada. Que ótimo! Antes da música acabar, já estava decidido a possuí-la. Esse seria o meu objetivo da noite. Mandeí Kendel providenciar, como eu sempre fazia. Seria fácil!

Ela havia ficado admirada com a minha presença, devia ser uma fã. Não era bem o que eu costumava fazer, dormir com fãs era quase um tabu para mim. Preferia pessoas que pertenciam de alguma forma ao meu meio, como modelos, atrizes ou alguém de trás das câmeras. Aquela garota seria uma exceção às minhas regras.

Observei Kendel descer para cumprir mais uma missão e, quando subiu sozinho, fiquei surpreso. Ele ria da situação.

— Ela fez jogo duro. Disse que eu não poderia saber o nome dela e que se você for depender dela para alguma coisa vai ter que morar aqui na boate — explodiu em risadas. — Acho que a menina não sabe quem você é. Vá lá pessoalmente, que eu quero ver se ela não cede — ele adorava isso. Quando as garotas sabiam quem eu era tudo se tornava mais fácil, e ficavam tão deslumbradas que qualquer coisa relacionada a mim era lucro. Até se envolver com Kendel.

— Vamos aguardar. Deixe que espere um pouco mais — estava certo de que sairia de lá com ela em meus braços, então, para que acelerar as coisas?

Enquanto pensava em como a abordaria, observei-a na pista dançando mais uma vez com as amigas. Era impressão minha ou ela se transformava quando era levada pela música? Parecia outra pessoa, mais leve, solta, totalmente entregue. Que mulher era aquela? Em apenas algumas horas já havia testemunhado várias de suas personalidades. Era realmente incrível como agia de forma diferente em cada situação. Fiquei satisfeito com a grande admiração que estava sentindo. Seria algo diferente, como vinha desejando.

Observei quando saiu da pista e, depois de um tempo, resolvi descer para acabar de uma vez com isso. Ela estava no bar com

uma amiga comprando mais bebidas. Como ainda conseguia beber? Seu estado já estava bem alterado e ainda queria mais? Decidi que deveria chegar antes do álcool ou então não valeria a pena. Não que eu nunca tivesse estado com mulheres completamente embriagadas, muitas vezes era até engraçado todas as loucuras que topavam por conta do estado alcoólico. Porém, aquela garota era diferente, alguma coisa me dizia que beber mais não iria contribuir em nada para a nossa noite.

Fui em sua direção com tanto ímpeto que acabamos nos chocando quando ela se virou. Não pude deixar de sorrir quando vi seu rosto ficar lindamente vermelho e fiquei ainda mais excitado quando percebi que seus seios ficaram rijos em contato com a bebida. Claro que eu não perderia esse detalhe do seu corpo.

Mal conseguimos trocar algumas palavras e suas amigas apareceram para tirá-la de mim. Fiz um sinal com a cabeça para Kendel ir atrás delas, enquanto fiquei sentado um pouco no bar, observando o que estavam aprontando. A impressão que tive era que ela estava em pânico. Foi tudo tão rápido que não pude fazer nada e a garota sumiu de minhas vistas. Kendel voltou logo depois dizendo que tinham pegado um táxi e ido embora.

Eu nem sabia seu nome.

Quando acordei pela manhã, estava cansado e com dor de cabeça. Helen já estava entrando em meu quarto para me chamar. Teríamos uma reunião logo cedo. Fui para o banho e fiquei por lá um tempo, até me sentir melhor. A garota da noite anterior não saía da minha cabeça. Com certeza era a frustração por não ter conseguido levá-la para a cama. Agora não havia mais o que fazer. Ela tinha ido embora e eu não sabia nada a seu respeito. A única coisa que consegui descobrir, através de um segurança da boate, é que ela era linha dura com os homens que tentavam se aproximar. Sorri para este detalhe. Teria sido um prazer ficar com ela. Exatamente o que eu desejava, alguém que lutasse contra o que eu queria, mas que acabasse cedendo, é óbvio.

A reunião foi como sempre: longa e cansativa. Não entendia por que precisava participar, era só alguém depois me informar o que

ficara decidido. Falamos da agenda, das propostas e todo o resto. Helen agradecia a nova assistente que chegaria a qualquer momento, pois assim ela conseguiria ter um pouco de paz. Essa nova integrante do nosso grupo tinha sido escolhida a dedo pela minha manager. Com certeza era alguma nerd gordinha, baixinha, com aparelho nos dentes e óculos. Esta era a única imagem que eu conseguia formar. Também, com um currículo como o dela, não poderia imaginar o contrário. Uma pessoa que dava prioridade aos estudos mesmo sendo tão jovem, com certeza, não teria uma vida sexual ativa. Dei uma risada alta com este pensamento.

— Do que você está rindo? — Helen quis saber.

— De nada. Estava apenas me perguntando em como deve ser esta garota — ri novamente, desta vez Dyo e Kendel me acompanharam.

— Bom... Isso vocês verão com seus próprios olhos. Ela é uma figura rara. É séria e parece muito competente. Entende de informática, é bastante organizada, porém acredito que, num determinado aspecto, terei alguns problemas em relação ao comportamento de vocês. Por favor, se comportem quando a garota chegar, aliás, se comportem sempre com ela, pelo amor de Deus. Deu o maior trabalho escolher alguém e esta me parece perfeita para o cargo.

A conversa fluiu um pouco, eu desejava apenas subir para o meu quarto e voltar a dormir. Precisava me recuperar das duas noites anteriores ou então iria parecer um zumbi. Foi quando ouvi Helen cumprimentar alguém. Levantei as vistas para verificar. Fiquei paralisado. Era a mesma garota da noite passada. Vestida mais seriamente e sem os efeitos do álcool, mas era ela! Ainda mais bonita do que quando a vi pela primeira vez. Helen a apresentou para a equipe, mas eu não consegui falar nada. Só captei o nome dela que era Catherine.

Kendel tinha tomado a frente, como sempre fazia. Decidi ficar quieto no meu canto, observando. Helen não gostava quando nos interessávamos por uma garota e atrapalhávamos os seus planos, como muitas vezes já havia acontecido, então eu iria aguardar a hora certa para falar com a nova assistente. Além do mais, Kendel

estava representando seu papel habitual: o de babaca sem noção com as mulheres, enquanto Cathy, como todos a estavam chamando, ficava incomodada com sua proximidade e intimidade.

Eu gostava do Kendel. Ele era meu amigo de verdade, mas, sinceramente, era totalmente descuidado nas suas atitudes com as mulheres. Às vezes me perguntava se ele acreditava que as coisas que fazia eram mesmo necessárias para conquistá-las.

Fiquei visivelmente surpreso com a coincidência. Até minutos atrás, já tinha dado tudo como perdido e agora ela estava ali, na minha frente, seria minha secretária, assistente, sei lá o que! Tão perto que eu podia simplesmente esticar o braço e pegá-la. Olhei para Dyo e não pude deixar de sorrir, ele retribuiu.

Quando Helen nos dispensou, fui direto para o meu quarto e me joguei na cama, onde fiquei um tempo pensando na feliz coincidência. Como seria agora que morávamos na mesma casa? Senti-me confortável com essa realidade. Ela era linda, e séria, pelo menos na frente da Helen tinha se comportado assim. Mais uma personalidade para aquela figura interessante. Adormeci pensando nela.

Acordei com Helen no pé da minha cama. Ela não ficava constrangida por entrar no quarto ou invadir a minha privacidade, apesar de sempre me dar espaço. Lembrava a minha mãe, apesar de ser mais jovem. Sentia falta da figura materna. Ela não podia ficar comigo o tempo todo, na verdade, não podia quase nunca, eu que ia sempre à sua procura. Não a culpava, tinha dois filhos pequenos, frutos do seu segundo casamento e, além do mais, eu morava em outro país, o que dificultava ainda mais as coisas.

Helen estava grávida de quase três meses e toda orgulhosa. Todos nós estávamos, mesmo isso significando o seu afastamento do grupo, o que era lamentável, mas ela nasceu para ser mãe, era a sua maior qualidade e olha que tinha muitas. Eu gostava da minha manager.

— Que foi que eu fiz agora? — Estiquei o corpo para espantar a preguiça.

— Não sei. Diga-me você? Qual foi o motivo do risinho entre vocês quando Cathy chegou? — Ela tinha percebido, é claro! Helen



nunca perdia nada. Por isso ocupava essa posição na minha equipe. Era muito astuta.

— Nada, apenas achamos uma coincidência feliz. A garota estava ontem na mesma boate em que nós estávamos — não conseguia esconder nada dela e, mesmo que tentasse, Helen acabaria descobrindo, então poupei esforços.

— E? — Onde ela queria chegar? Eu já tinha dito o mais importante.

— E nada, Helen. A garota nem olhou para a gente. Ela é tão séria quanto foi aqui em casa. Apenas isso — não estava mentindo apenas omitindo meu interesse pela minha nova assistente.

— E? — Insistia.

— Tá legal! Achei Cathy linda, e é mesmo, como posso negar? — Pronto. Agora ela iria pegar no meu pé.

— Thomas, Catherine agora é sua funcionária — atirou uma almofada em mim, como reprovação. — Eu gostei dela. Nada de paquera-la, por favor! Respeite-a pelo amor de Deus! Isso pode gerar um problema sério. Eu sabia que iria acontecer — Helen ia começar um discurso.

— Tudo bem! Sei e você tem toda a razão, não vou fazer nada. Sente-se melhor assim? — tinha que prometer ou então ela iria dar um jeito de afastar a garota dali. Seria um desastre para mim.

— Outra coisa — suspirei fingindo irritação e Helen riu de minha atitude.

— É sério! Cathy agora mora aqui também — “feliz realidade”. Pensei. — Você é o dono da casa, seja um bom anfitrião e vá dar as boas-vindas, deixe-a mais à vontade — olhei para ela, surpreso.

— Mas você acabou de dizer para eu não incomodá-la.

— Dar boas-vindas não é incomodar.

— Mas eu só conheço uma maneira de fazê-la ficar mais à vontade comigo — lancei meu sorriso inocente, ela puxou meu lençol me colocando para fora da cama.

— Troque de roupa e vá agora. Cathy está no quarto — “que ótimo!”.

Fui ao quarto que Catherine ocupava e fiquei ainda mais empolgado quando a vi. Estava tão à vontade, que quase a envolvi

nos meus braços ali mesmo. De short e regata, o corpo todo à mostra para mim. Confirmei as minhas expectativas. Ela era mesmo espetacular. Porém Helen estava lá fora e eu não queria problemas, então resolvi ser cortês.

Dei o recado e me surpreendi com a sua oferta de arrumar minha mala para a viagem. Agora eu tinha certeza: minha nova assistente também me queria. Mesmo com toda a conversa sobre trabalho e eficiência, estava bem claro em minha cabeça. Fomos até o meu quarto, onde aproveitei para tomar um banho enquanto ela trabalhava.

Quando saí do banho, Cathy ainda estava lá. Como eu havia imaginado, ela não poderia ir embora. Percebi seus olhos se prolongarem em meu corpo e senti muito prazer com isso, pois a garota gostava do que estava vendo e eu gostava ainda mais do que ela exibia. Ótimo! Seria mais fácil do que imaginava. Quando abaixou a cabeça envergonhada me senti ainda mais atraído. A mistura de sensualidade e timidez me deixou louco.

Era adorável! Meu sangue fervia nas veias. Meu corpo desejava o dela mais do que qualquer outra coisa. Quando me aproximei um pouco mais, Cathy simplesmente fugiu. Achei graça da sua atitude. Jogo duro, então foi isso que o segurança da boate quis dizer. Eu iria fazer o jogo dela. Não disfarcei a risada baixa e abafada que saiu pela minha garganta. Agora era só esperar. Deixá-la lutar contra o que sentia por mim enquanto eu me divertia com mais uma conquista.

### VISÃO DE CATHY

Acordei bem cedo e aproveitei o tempo para correr na praia. Tal atividade era natural para mim, fazia parte da minha rotina. Eu adorava! Sentia-me livre, forte. Conseguia me desligar de todos os problemas e dos pensamentos que não poderia nem deveria ter. Exercitei-me por cerca de 40 minutos, o meu normal em média era uma hora e meia, mas não queria me atrasar e ainda teria que acordar Thomas para que estivesse pronto para a reunião. Com o tempo eu organizaria o meu horário e poderia voltar à minha rotina.

Quando cheguei, encontrei Kendel estacionando o carro. Ele buzinou e fez sinal para que eu o aguardasse. Fiz isso já com a porta de casa aberta.

— Bom dia, boneca!

— Catherine. Meu nome é Catherine — corrigi friamente.

— Boneca é um elogio que só faço para garotas bonitas como você. Não precisa ficar aborrecida. Muitas garotas em seu lugar iriam adorar — ele estava tentando parecer idiota ou era mesmo?

— Então guarde seus elogios para essas garotas. Mulheres como eu, gostam de ser respeitadas — acertaria um soco na cara dele se fosse necessário. Uma parte de mim estava rezando para ser.

Reconheço que tenho um gênio difícil e sei o quanto é complicado me segurar numa situação como esta.

— Hei! Calma! Não estou desrespeitando você. Foi apenas um elogio. Isso não é pecado.

— Ok! Vamos deixar as coisas claras de uma vez por todas, certo? Não sou o tipo de garota que você está pensando. Sou sua colega de trabalho, por isso precisamos nos respeitar. Talvez fosse melhor que você tentasse a me ver como um homem. Facilitaria muito as coisas para nós dois — olhava para ele diretamente nos olhos, apesar da nossa enorme diferença de tamanho.

— Acho bem difícil isso acontecer — me olhou de cima a baixo com satisfação. — Homem? — riu. — Impossível.

Irritada, virei e entrei na casa; era isso ou eu me agarraria à opção de acertar um soco bem no meio do seu sorriso de imbecil. Fui direto ao quarto do Thomas para acordá-lo. Bati três vezes na porta, espaçadamente, conforme Helen havia me orientado. Esta era a forma de avisá-lo que estaria entrando. Caso estivesse acompanhado, daria tempo para se recompor ou me receber na antessala. Quando entrei, o encontrei deitado de costas, com o travesseiro no rosto.

— Por que tão cedo, Helen? — Será que ele não sabia que seria eu quem exerceria essa função de agora em diante?

Pensei no que responder. Mais uma vez admirei seu corpo perfeito todo exposto e, novamente expulsei esses pensamentos de minha cabeça.

— Porque você tem uma reunião em menos de duas horas — fingi indiferença.

Ele tirou o travesseiro do rosto assustado, ficou me olhando por um tempo. Suas expressões foram da confusão ao prazer. Depois deitou e voltou a fechar os olhos com um sorriso largo nos lábios.

— Eu não preciso ir a esta reunião.

— Não? Pensei que...

— Agora tenho você para ir no meu lugar e depois me informar sobre tudo — seu sorriso aumentou.

— Bom... Pensei que tivesse mais interesse pela sua carreira, principalmente porque iremos discutir alguns projetos novos.

Ele voltou a levantar a cabeça e a me olhar, agora com o prazer refletido em seus olhos.

— Você estava na academia? — Olhava meu corpo com admiração.

— Não. Fui correr um pouco na praia — fiquei sem graça. Talvez tivesse sido má ideia vir direto ao quarto dele, deveria ter me trocado primeiro. Mais uma vez tinha pecado no quesito “roupas para conviver com o Thomas”. Isso era um martírio.

— Correr, é? Legal! Faz bem ao corpo — seu sorriso se tornou malicioso, o que me fez ficar mais irritada.

— E pra mente, principalmente — acrescentei.

Tentava manter o nível tranquilo da conversa.

— Caramba! Você é mesmo muito bonita, Cathy! — Eu sabia que isso iria acontecer.

Com certeza o episódio da boate o fez acreditar que poderia agir dessa forma, ou então ele realmente se acha irresistível. Fechei a cara e desviei o olhar.

— Isso a incomoda? Ser admirada pelos homens? Ser desejada?

— Não. Não... De jeito nenhum — pensei um pouco no que poderia dizer para que as coisas ficassem bem esclarecidas entre nós dois. — Algumas vezes é inevitável. Mas neste caso... No seu caso, especificamente... Poderia ser caracterizado como assédio sexual, já que agora é meu chefe. Isso não seria bom para você. Então... — Voltei a olhá-lo desafiadoramente. Thomas mordeu o lábio inferior, evitando um sorriso.

— Nada de elogios — era para ser uma pergunta, porém ele tinha entendido meu recado e falou como uma afirmação.

— Exatamente — confirmei.

— Então, acho melhor você sair do meu quarto.

Fiquei abismada. Eu estava sendo expulsa do quarto só porque não aceitava elogios? Isso era um absurdo. Ele sorriu para a minha expressão e continuou.

— Dormi sem roupas esta noite e, se não posso elogiá-la sob pena de sofrer um processo, ficar nu na sua frente pode resultar em prisão, eu suponho. — Com um lindo sorriso Thomas conseguiu me desconcentrar totalmente.

Ele estava perfeito, sentado naquela cama, com o lençol cobrindo parcialmente seu corpo, os cabelos despenteados e o rosto ainda demonstrando uma longa noite de sono. O melhor mesmo a fazer era ir embora. Baixei a cabeça indo em direção à porta. Antes de abri-la, me virei novamente, encarando-o. Não poderia deixar que a nossa conversa terminasse assim, com ele mais uma vez vencendo a batalha. Aquele homem já me deixara envergonhada vezes demais para o meu gosto. Precisava virar o jogo a meu favor.

— Acho bom que esteja pronto em meia hora para o café, ou serei obrigada a te arrancar desta cama do jeito como está. Não vou pensar duas vezes, porém o aconselho a pensar, pois será uma cena ridícula, você nu, sentado na varanda tomando café. Pode acreditar, eu farei isso. — sorri da mesma forma ingênua que ele sorria para mim e bati a porta.

Saí rindo da minha reação a sua tentativa de me deixar sem graça. Fui para o meu quarto e me atirei no chuveiro tentando ser o mais rápida possível, pois havia demorado mais do que o previsto no quarto com Thomas. No close perdi mais um tempo escolhendo o usar, meus vestidos leves e soltos sorriram para mim convidando-me a usá-los. Era realmente tentador. O dia lá fora estava lindo, com o sol mostrando todo o seu esplendor. Quente o suficiente para um mergulho no mar convidativo. Suspirei consternada.

Isso seria praticamente impossível, pelo menos enquanto Thomas e Kendel estivessem com aquela obsessão por mim, o que pelo visto não diminuiria tão cedo, então os mergulhos aconteceriam

apenas nos meus sonhos. Eu sentiria falta dos biquínis. Dei risada da situação. Então me virei para os jeans e as camisas mais sérias e, claro, os saltos.

Quando desci, ele já estava lá. Antes de qualquer coisa minha mente registrou os cabelos molhados dando um ar refrescante à sua aparência. Thomas estava usando uma camisa branca, bem básica. Como sempre, divinamente bonito. Olhou-me casualmente e depois se voltou para Helen.

— Você encontrou a pessoa certa para substituí-la, agora pode ficar tranquila.

— Do que você está falando?

— Cathy. Ela me ameaçou hoje mais cedo para que eu estivesse aqui na hora certa. Confesso que tive medo. Juro! — levantou as mãos como se estivesse se rendendo.

Helen me observou, avaliando o que ele dizia. Sorri em resposta, dando a entender que era uma pequena brincadeira. Acho que “minha chefe” ficou satisfeita, pois assumiu uma postura mais relaxada.

— Ela realmente tem uma personalidade forte, Helen, e parece ser muito decidida — Kendel me surpreendeu. Realmente não esperava nada de bom vindo dele. Principalmente depois do que aconteceu mais cedo.

Peguei meu café e fui me juntar a eles. Eu parecia “um peixe fora d’água”, pois era a única no grupo arrumada para trabalhar. Todos estavam bem à vontade de bermuda, camiseta e chinelos. Helen notou o meu olhar e me tranquilizou.

— Quando estivermos trabalhando em casa, Cathy, não se preocupe com o que vestir, pode ficar à vontade. Vamos trabalhar o dia todo, ficar de calça e salto será um pouco desconfortável. — Helen sorriu, afetuosamente. Eu realmente gostava dela.

— Tá! Assim que terminarmos, vou subir e me trocar — “mas nada de vestidos curtos ou roupas decotadas” fiz essa nota mental para me certificar de que não facilitaria o lado deles.

Trabalhamos o dia todo. Organizamo-nos para que ocorresse tudo conforme planejado, durante a viagem. Determinamos o papel de cada um e sincronizamos as nossas atividades. Iríamos

acompanhar Thomas em algumas entrevistas pelos Estados Unidos antecipando a divulgação do seu último filme, que ainda não havia sido lançado. Enquanto isso os rapazes iriam captar novos contratos e receber algumas propostas. Teríamos reunião todos os dias para manter todos atualizados e deveríamos nos comunicar a todo o momento.

Eu estava muito ansiosa. Quando fui para o quarto dormir, o sono não vinha. Meu ritmo ainda estava acelerado, então fiquei revisando a agenda e minhas atividades. Respondi alguns *e-mails* e conversei com Mia pelo celular. Quando já estava me preparando para deitar, ouvi uma batida leve na porta. Fui ver quem era, para minha surpresa, era Thomas.

— Oi! — Ele estava com a mão apoiada na porta.

— Oi. Algum problema? — Não o queria em meu quarto o tempo todo. Seria mais fácil assim.

— Na verdade, não — ele deu seu sorriso perfeito. Típico das grandes cenas de filmes de amor, quando o galã chegava para seduzir a mocinha.

— Eu e os rapazes queríamos convidá-la para sair, além de comemorar a sua chegada ao grupo, é claro! — Seu olhar era tão persuasivo!

— Ah! Obrigada, mas não vai dar! Tenho um monte de coisas para fazer ainda e quero me deitar logo, pois viajaremos amanhã bem cedo e preciso estar inteira.

— Sua mala já está pronta desde ontem. Você já está aqui há um bom tempo organizando as coisas. Não pretendemos demorar, apenas relaxar um pouco e nos conhecermos melhor.

— Fica para a próxima, prometo! Teremos tempo de sobra para isso — segurei a porta, convidando-o para sair.

— Está bem, então! Boa noite!

— Pra vocês todos também.

Suspirei. Como ele ficava lindo de azul! Fui para a cama me obrigando a dormir.

## Capítulo 3

### Um Passo Errado

VISÃO DE CATHY

# E

stava dando tudo certo na viagem. Todos os compromissos foram cumpridos e os rapazes conseguiram fazer ótimos contatos. Executamos um bom trabalho. Eu começava a me sentir mais à vontade com a equipe, mesmo sendo ela composta por homens. No geral eles estavam me respeitando, tirando as brincadeiras sem propósito do Kendel, além das investidas sutis de Thomas todas as manhãs, na hora em que eu ia acordá-lo, o que sempre era uma tentação para mim; o balanço era bastante favorável.

Havia me aproximado bastante de Dyo. Por isso ele passou a me acompanhar nas corridas matinais, um grande avanço, afinal, normalmente eu defendia o direito de ter esse tempo só para mim.

— Não precisa ficar preocupada por se aproximar de mim, Cathy  
— Dyo puxou a conversa no nosso primeiro dia de viagem.

— Como assim?

— Você não precisa ficar tão tensa perto de mim. Eu não vou fazer o mesmo que os rapazes estão fazendo com você. Não tenho o menor interesse nisso — seu sorriso era revelador e fiquei me



questionando do que ele poderia estar falando, sem conseguir me situar.

— Desculpe-me Dyo, continuo sem entender do que você está falando. Não fico tensa com nenhum de vocês, só não gosto que confundam as coisas. Estamos trabalhando e não em uma festa.

— É exatamente disso que estou falando. Mesmo em uma festa eu não daria em cima de você — dei risada. — Cathy, eu sou gay.

Parei de organizar os documentos que tinha em mãos e voltei, chocada, meus olhos para ele. Nunca tive problemas com homossexuais, muito pelo contrário. Eu tinha alguns amigos gays e isso nunca fez a menor diferença para mim. Mas sua revelação me pegou de surpresa. Nunca passou pela minha cabeça que Dyo estive incluso neste grupo. Ele não tinha nenhum trejeito, nunca deu a menor pista.

— Você tem algo contra? — Ele recuou diante da minha reação.

— Não. Sou contra políticos corruptos, estupradores e pedófilos. Para mim homossexuais e heterossexuais são a mesma coisa, só que com opções sexuais opostas — voltei a minha atenção para os documentos.

Depois desta conversa nunca mais nos afastamos. Dyo me fazia relaxar, eu não sabia bem o porquê, talvez fosse pelo fato dele ser gay, o que eliminava qualquer possibilidade de ser mais um a me paquerar. Nós nos dávamos muito bem e não tive dificuldades em abrir a minha vida para ele, que às vezes me compreendia melhor que eu mesma. Era muito fácil ficar ao seu lado. No final das contas, até me sentia mais protegida dos outros dois.

Dyo era o tipo de amigo bem amigo, ou seja, quando gostava de alguém, era totalmente leal. Assim, passei a me comportar como ele. Sempre que a agenda nos permitia, eu corria para o seu lado, procurando coisas divertidas e interessantes para fazermos juntos.

Também estava mais próxima do Thomas, principalmente pela necessidade de estarmos sempre juntos devido ao trabalho, que era mais forte do que pela afinidade em si. De certa forma ele me irritava muito. Não sei se porque fazia questão de ser um idiota conquistador e adorar o fato das mulheres se derreterem por seus

encantos, o que era verdade, ou se era porque exercia um efeito forte sobre mim.

Frequentemente me desconcentrava quando ele ficava me encarando com seus olhos tão verdes e imensos, ou fazia-me esquecer do que estava falando quando sorria daquele jeito cinematográfico, ou deixava minha pele arrepiada quando se aproximava muito. O contato, então, nem se fala, cada toque era uma onda de calor que me deixava maluca.

Dyo falava que existia uma tensão sexual tão grande entre nós dois que era quase palpável. Eu fingia não perceber, mas admito que minhas tentativas eram todas um fracasso. Isso me deixava cada vez mais irritada. Thomas sabia o quanto mexia comigo e se divertia com essa realidade. Tentava ser o mais forte possível, no entanto isso exigia o máximo da minha concentração. Era desgastante.

Declinei a todos os convites deles para sair durante a viagem. Mesmo quando era Dyo quem me convidava. Eu sabia era um pedido do Thomas, então rejeitava. Fora do trabalho ele teria todas as oportunidades e eu não poderia deixar nada acontecer. Precisava me manter concentrada e focada, pois esse trabalho era importante demais. Estava gostando muito.

Até então, a fama de mulherengo do meu chefe era apenas histórias, fatos que tinham ocorrido antes de mim. Até que, numa manhã, quando fui acordá-lo, como de hábito, deparei com ele já na sala, o que não era normal. Thomas sempre ficava dormindo até a minha chegada. Às vezes, eu achava que era apenas para tentar me seduzir.

Vestia apenas uma bermuda e fumava um cigarro encostado à janela. Olhei-o questionando o porquê da mudança, quando ele coçou a cabeça um pouco sem graça, sem sustentar o meu olhar. Antes que eu conseguisse dizer qualquer coisa, ouvi a porta se abrir. Então vi uma mulher escultural sair do seu quarto, vestindo apenas sua camisa azul. A mesma que eu tanto havia gostado em outro momento. Meu sangue sumiu do corpo. Fiquei parada onde estava, em choque, enquanto ela se dirigia a ele sem se preocupar com a minha presença. Notei que meu chefe me olhava esperando alguma reação, porém não consegui esboçar nenhuma. Permaneci imóvel,

enquanto a mulher beijava os lábios dele e se enroscava em seu corpo. Ele correspondeu apaixonadamente. Parecia um casal de verdade, tamanha era a intimidade dos dois.

— Agora eu preciso trabalhar, linda — Thomas falava de forma melosa.

Eu tinha certeza de que eles mal se conheciam. Ele apontou para mim e ela finalmente percebeu que havia mais alguém no quarto.

— Vejo você ainda? — A mulher buscava nele algo a que pudesse se apegar e ter esperanças.

— Claro! Eu ligo mais tarde — ele estava sorrindo para ela do mesmo jeito que me dava todas as manhãs.

Era tão ridículo! Como Thomas podia iludir a garota daquela forma? O pior de tudo, como ela podia aceitar ser enganada? Em que mundo aquela mulher vivia, que não lia o que a imprensa publicava a respeito dele? Ela voltou ao quarto e em poucos minutos saiu pronta para ir embora. Não trocamos uma só palavra enquanto a “vítima” permaneceu lá. Tentei afugentar a minha irritação.

Não sei por que isso me incomodava tanto. Não esperava que ele estivesse apaixonado por mim. Nunca havia acontecido nada entre nós. Tirando suas investidas, não havíamos nos relacionado de outra forma que não fosse profissional. Mesmo assim, estava visivelmente abalada. Toda aquela situação serviu para me apegar ainda mais ao que tanto defendia para a minha vida: realmente não valia a pena confiar no amor, ele só trazia desgosto e sofrimento. Esta garota com certeza seria mais uma pobre coitada que iria amargar uma eterna espera por um telefonema.

— Desculpe pelo constrangimento, Cathy, pensei que ela iria embora antes de você chegar — iniciou as justificativas assim que a garota foi embora.

Sua voz era tão casual que parecia que estava se desculpando por um atraso, ou um esbarrão. Ele não se incomodava com o fato de estar mostrando quem realmente era.

— Não precisa se desculpar — fui fria. — Também não precisa tentar varrer a sua sujeira para debaixo do tapete. Eu sei perfeitamente que tipo de pessoa você é. Conheço seu histórico com

as mulheres, Thomas. E estou pouco me preocupando com quem você leva para sua cama. Apenas quero que esteja pronto para trabalhar quando eu chegar. Isso é o mínimo que poderia fazer para facilitar meu trabalho — não devia responder daquela forma, nem tinha motivos para agir desta maneira, mas não consegui fazer diferente.

— Cathy, vá com calma. Qual é o seu problema?

Virei a cara fingindo não me importar com o que ele estava dizendo. Ele adorou a minha reação. Encarou como um incentivo às suas investidas.

— Não acredito que está com ciúmes. Seria bem melhor se fosse você no lugar dela, mas você continua insistindo no tal “assédio sexual” — o que ele estava pensando?

— Eu? Isso, na menor das hipóteses, é ridículo, Thomas. Mesmo se você não fosse o meu chefe, não me prestaria a um papel desses. Só mesmo uma imbecil com silicone no cérebro para cair na sua conversa — estava a ponto de explodir.

Ele gargalhou com a minha resposta, o que me deixou ainda mais irritada.

— Eu sei, não se irrite, só estou brincando. É lógico que você é bem melhor do que ela e nunca se submeteria a esse papel e eu juro que te ligaria no dia seguinte — ele me envolveu pela cintura com seus braços e ficou bem próximo do meu rosto, ainda rindo.

— Eu posso sentir o perfume dela em você, Thomas. Garanto que é bem barato e enjoativo — fiz cara de nojo. — Tire as suas mãos de mim.

— Relaxe, Cathy, só estou me divertindo com sua irritação.

— É. Você é bem irritante mesmo. E inconveniente também — ele se afastou rindo e foi em direção ao quarto para tomar banho.

Voltou vinte minutos depois, como se nada tivesse acontecido. Resolvi deixar a minha raiva de lado e me dedicar exclusivamente ao trabalho. Foi o que fiz o restante da semana, tentando manter distância do episódio.

Em uma semana, já tinha feito tantos contatos que poderia modificar definitivamente a minha vida. Era tudo o que eu queria.

Então precisava me concentrar no trabalho. O incidente com Thomas já não me incomodava mais, ou quem sabe eu tentava não me preocupar com ele. Principalmente porque depois disso, não o vi com mais ninguém, o que facilitava o nosso entendimento.

Ele estava sendo bastante atencioso, claro que de maneira profissional, mas era atenção e eu estava gostando. Pelo menos não teria que me deparar com uma garota diferente a cada dia quando fosse acordá-lo.

Para minha surpresa, Thomas era muito profissional e levava a sério o seu trabalho. Não precisava falar duas vezes, pois ele entendia rapidamente o que era necessário se adaptando a qualquer realidade. Era também bastante tranquilo, bem diferente do homem farrista que aparecia nas revistas. Muitas vezes se contentava em ficar jogando videogame no seu quarto, ou em conversar com amigos por telefone. Entendia que nem sempre era possível ter uma vida normal. Frequentemente era obrigado a ficar no hotel enquanto todos saíam para se divertir e isso não parecia ser um problema. Comecei a simpatizar mais com o meu chefe.

Foi assim certa tarde, quando não tínhamos nenhum compromisso e todos resolveram sair para se divertir, cada um do seu jeito. Dyo estava todo eufórico, pois iria se encontrar com um amigo com quem já tivera um relacionamento. Ajudei um amigo a escolher a roupa mais adequada para a ocasião e o acompanhei até o elevador, desejando-lhe sorte. Fui em direção ao meu quarto, pensando no livro que havia comprado e que planejava passar a tarde toda lendo.

Quando passei pela porta do quarto do Thomas, que estava aberta, o vi sentado em frente à TV muito concentrado em seu jogo. Fiquei observando-o por um breve instante, enquanto ele não percebia a minha presença. Tive a sensação de que estava se sentindo sozinho, por isso se escondia atrás dos jogos de videogame. Resolvi esquecer o livro e lhe fazer companhia, envolvida por uma culpa que sabia não ser minha.

Bati na porta de leve e ele olhou rapidamente em minha direção. Voltou para pausar o jogo e, logo, estava olhando para mim outra vez.

— Cathy. Pensei que você estivesse aproveitando sua folga.

— Pois é. Eu não tinha nada para fazer, então resolvi ficar no hotel.

— Dyo foi ver o namorado dele e te deixou sozinha — jogou a verdade em minha cara.

Thomas não tinha muito cuidado em falar a verdade às pessoas. No geral era ruim, mas para mim era até muito bom. Eu sempre preferia a verdade à mentira, mesmo que doesse. Mesmo tendo aprendido com a minha mãe que ser verdadeiro demais era falta de educação. Então tentava encontrar um equilíbrio entre ser verdadeira e cortês ao mesmo tempo com as pessoas.

— Isso. Agora estou me sentindo rejeitada — acrescentei, fingindo-me ressentida com o fato.

— Ah! Tudo bem. Pode ficar comigo — ele tinha percebido a minha brincadeira e entrou rapidamente no clima.

— Não sei. Tem alguma modelo esquelética escondida no seu quarto? — Thomas deu uma gargalhada.

— Não. Hoje não. Também estou me sentindo rejeitado por isso — foi a minha vez de gargalhar.

Fui em direção ao sofá em que ele estava e me sentei ao seu lado.

— Talvez, se você realmente ligasse para uma delas, teria com quem dividir sua tarde.

— Bem. Talvez seja verdade. Mas eu tenho você. Então está tudo bem — tive que rir. Peguei o outro controle insinuando que também iria jogar.

— Sabe jogar?

— Eu aprendo rápido — pisquei para ele.

— Tudo bem então... Boa sorte!

Jogamos a tarde toda e quando o pessoal chegou, nos encontramos no quarto em meio a uma disputa repleta de brincadeiras e empurrões, um tentando desconcentrar o outro. Rimos muito. Olhando de fora, parecíamos dois amigos de infância. Talvez fosse possível. Se eu me aproximasse dele dessa forma, poderíamos ser somente amigos e todo nosso problema de relacionamento acabaria. Desejei isso fervorosamente. Seria o melhor para todos.

Na viagem de volta, sentamos lado a lado e tivemos uma conversa animada sobre música; ambos adorávamos. Não quis contar que tocava violão e guitarra, essa era uma parte da minha vida que reservava para poucos. O fato de Thomas também gostar de música animou as coisas entre nós. Já havia percebido que ele sempre estava com fones nos ouvidos, mas eu ligava isso à sua necessidade de se distanciar um pouco do mundo ao seu redor.

Conversamos muito sobre nossos gostos. Ele era mais voltado para ritmos mais antigos, o que me surpreendeu bastante. Pensei que gostasse de coisas mais modernas, como o que tocava nos bares e nas boates que ele frequentava. Mas Thomas curtiá soul. Eu era eclética, a música sempre seguia o meu estado de espírito. Ele disse que isso era muito interessante e ficou surpreso quando soube que eu conhecia alguns dos seus músicos prediletos e que gostava muito.

Passamos a viagem toda dividindo seus fones para podermos ouvir as mesmas músicas e comentar sobre elas. A facilidade de estar ao seu lado, naquele momento, tinha me pegado de surpresa. Fiquei envergonhada por ter tido pensamentos tão ruins a respeito da sua personalidade. Na verdade, após conseguir ultrapassar o véu sob o qual se escondia para dar espaço ao artista de cinema, pude ver uma pessoa muito interessante e inteligente. Mas isso era tudo o que eu me permitiria enxergar.

Eu tinha medo de avião e comentei com ele em meio à nossa conversa animada.

— É o meio de transporte mais seguro – revirou os olhos para a minha revelação.

— Se você pensa assim...

— As estatísticas apontam isso. É uma realidade, Cathy. Você deveria relaxar.

— Desculpe, mas não consigo. Não é uma coisa que consiga controlar. Eu tenho medo, e pronto.

— Me dê pelo menos um motivo — Thomas ria do meu medo.

— Só em janeiro deste ano, tivemos dois acidentes de avião. Um em *d'Ivoire Cotê* no Oceano Atlântico, com 169 vítimas e outro na costa da Califórnia, com 88 mortos.

Ele ficou me encarando, apavorado. Achei graça da sua reação.

— Estamos no ar agora, sabia?

— Você perguntou.

— Mas não era para você me apavorar — dei risada e me senti mais relaxada, agora que podia dividir o meu medo com alguém.

Sempre que o avião começava a aterrissar, eu ficava apreensiva. Percebendo o meu estado, Thomas segurou minha mão com força transmitindo confiança e segurança. “Como se ele fosse capaz de impedir o pior, caso o avião caísse”, pensei, com ironia. Porém, o contato entre nossas mãos realmente teve efeito calmante, fazendo com que meu coração se tranquilizasse. Ele continuou a nossa conversa, prendendo a minha atenção, quando percebi, o avião já estava pousando. Agradei mentalmente por esse momento. Com certeza a partir de agora eu sempre tentaria viajar ao seu lado.

Estávamos de volta a Los Angeles. Eu estava extasiada. Apesar de não ser a minha terra natal, era o lugar que havia adotado como casa. Amava estar de volta a minha realidade. Por isso, assim que cheguei liguei para as minhas amigas. Queria sair, revê-las, matar a saudade e conversar sobre as minhas novidades, ou seja, me sentir um pouco fora do trabalho. A rotina exigida pela nossa agenda não deixava espaço para que pudesse ter a minha própria vida, exceto quando conseguia ficar trancada no meu quarto, o que era raro.

Elas também queriam me ver, então marcamos num restaurante japonês e, depois de jantarmos, iríamos a uma boate nova, inaugurada no último fim de semana que era a sensação do momento, como minhas amigas me informaram.

Coloquei um vestido justo, um pouco curto que abria na região dos quadris sem revelar muito, só insinuando. Completei o visual com saltos finos, bem altos. Senti uma imensa satisfação em poder me vestir assim. Era mais uma forma de resgatar a minha vida. As roupas tinham se tornado um problema desde que passei a trabalhar com Thomas, então aproveitei a sua ausência e abusei do termo “sexy”.

Antes de sair, fui ao seu quarto verificar se precisava de alguma coisa. Ele estava no banho, graças a Deus, assim meu chefe não precisaria ver como eu estava vestida. Cheguei próximo à porta para



avisar que estava de saída, como ele não precisava de nada, fui embora.

As meninas estavam eufóricas com meu novo trabalho. Queriam saber tudo, cada pequeno detalhe. Principalmente os que envolviam Thomas e eu. Conteí que estávamos nos tornando bons amigos e que, com exceção de alguns acontecimentos, tudo tinha dado certo. Não podia revelar detalhes, principalmente as informações que só diziam respeito à equipe e que não podiam vaziar.

Anna era a mais curiosa de todas, tentava a todo custo arrancar algumas confissões. Respondi com sutileza a cada pergunta, para que não ficasse decepcionada comigo. Quando minha amiga já estava forçando muito a barra, Mia me salvou com a ideia de irmos logo para a boate, onde o som seria alto e eu não teria mais que aguentar a inquirição.

Fiz questão de dançar o tempo todo. Estava saudosa, mas as meninas, mais uma vez, quiseram se divertir às minhas custas tentando me embebedar.

— Não, Daphne. Não vou mais beber com vocês, da última vez pensei que tinha transado com Mia, você pode imaginar a minha cara quando acordei? — Eu ria de mim mesma junto com as minhas amigas.

— Ah, vamos lá, Cathy! É só para você ficar mais divertida — ela colocou uma bebida rosa em minha mão. — Essa é bem fraquinha, você nem vai sentir. Beba. É simplesmente a bebida perfeita para você.

Peguei o copo, hesitando um pouco. Beber era sempre um problema para mim. Precisava me sentir em segurança para aceitar passar por aquilo, principalmente porque teria que voltar para casa. Seria horrível estar bêbada na presença do Thomas outra vez.

— Mia, faça a sua promessa.

Mia levantou a mão solenemente, como se estivesse jurando diante de uma Bíblia.

— Eu juro protegê-la contra tudo e contra todos e, desta vez, não me aproveitar para transar com você — caímos todas na gargalhada e fomos dançar.

Estava adorando estar com elas, e felicidade refletia em minhas atitudes. Eu dançava de maneira livre, curtindo apenas o som que parecia entrar em meu corpo, me conduzindo. Estar com meus novos colegas de trabalho tinha se transformado em um prazer, e o trabalho não era tão maçante como imaginava que seria, principalmente em relação ao nível de relacionamento com o pessoal. Dyo era um excelente companheiro, mas em nenhum momento foi como estar com as minhas amigas. Por este motivo fiquei completamente extasiada naquela noite.

Quando estava no meio da pista de dança, senti alguém me abraçar por trás e falar em meu ouvido:

— Você está lindíssima hoje!

Reconheci a voz de Dyo e relaxei em seus braços. Virei abraçando-o, sem deixar de dançar, feliz por ele estar ali. Nós sempre conversávamos sobre este tipo de programa e combinávamos sair juntos algum dia, sem os demais colegas, é claro! Meu amigo estar comigo, completava a noite. Eu queria que as meninas o conhecessem e que ele conhecesse as minhas amigas. Agora estava tudo perfeito.

— Meninas, este é Dyo, de quem falei durante quase todo o jantar. Ele tem sido meu companheiro nesses últimos dias. É o meu anjinho da guarda — sorri carinhosamente, retribuindo todos os momentos bons que tínhamos passado durante a nossa viagem.

As meninas se apresentaram, entusiasmadas. Notei que Mia se identificou com ele na mesma hora. Ficamos dançando e tentando conversar ao mesmo tempo. Dyo era que nem eu, adorava dançar, curti uma balada como a que estávamos. Eu sentia que nos divertiríamos a noite inteira. Ledo engano. Antes de Mia e Dyo engatarem uma conversa sobre moda, assunto do interesse de ambos, ele virou em minha direção apontando para o andar de cima, reservado para *vips*, chamando a minha atenção para quem estava lá.

Thomas!

Meu coração quase parou. Fixei os olhos naquela figura admirável, exatamente na hora em que o álcool começou a se apossar de meu corpo, confundindo a minha mente. Kendel sorria

como se eu estivesse aprontando alguma coisa. Senti-me subitamente incomodada. Quem ele pensava que era? Meu pai? Virei para sair da pista e fui sentar em um banco próximo ao bar, sentindo a cabeça girar um pouco.

As batidas fortes, descompassados, do meu coração me impediam de raciocinar. Ele estava ali. Isso me deixava feliz, constatei. Como era possível? Eu havia passado a noite inteira agradecendo por poder me livrar dele e agora estava fascinada com a sua presença. Só podia mesmo estar bêbada, era impossível que me alegrasse com esse fato se o álcool não estivesse fazendo efeito.

Fui tirada de meus pensamentos por Dyo, que se aproximou para avisar que Thomas tinha nos convidado a subir. Eu negaria na hora se tivesse condições de continuar fugindo, mas as meninas praticamente me imploraram, não permitindo recusa. Obedeci, muito sem graça, e subi para falar com ele.

— Oi, chefe! — cumprimentei-o, brincando. — Vou fazer hora extra?

Thomas me olhou dos pés à cabeça soltando um suspiro um tanto quanto exagerado. Depois sorriu.

— Então é por isso que você nunca quis sair comigo? — Estávamos bem próximos, mas ele falava praticamente em meu ouvido por causa da música alta.

— Isso o que?

Do que ele estava falando? Das minhas amigas? Será que teria a cara de pau de sair com alguma delas?

— Para poder estar tão linda e me impedir de ficar na sua cola?

Não consegui deixar de sorrir. Tenho de admitir que um grande alívio tomou conta do meu coração.

— Não estamos trabalhando agora, então você não pode caracterizar minhas palavras como assédio sexual.

— É... Acho que não posso — como eu poderia? Minhas defesas estavam todas baixas.

A música estava rolando. Permitted que o ritmo me levasse. Era uma forma de protelar o que sabia que iria acontecer. Enquanto estivéssemos dançando eu conseguiria mantê-lo distante. Por um

breve momento me esqueci de que estava com meus colegas de trabalho. Com o meu chefe. Queria apenas dançar, deixar a música entrar em mim e ditar as suas regras. Fui me entregando sem me preocupar em abrir os olhos. Tinha consciência quem estava me olhando, além de saber que outros estavam dançando junto comigo, mas nem isso me incomodava. Não me importava com mais nada, só queria seguir o ritmo, me deixar levar. E assim fiquei sem perceber o tempo passar. Quando voltei a realidade, vi um lindo par de olhos verdes me encarando. Mergulhei de cabeça naquele olhar. Era completamente envolvente. Prendia-me.

O desejo estava presente nas duas direções. Como Dyo dizia: era praticamente palpável. Tinha algo de animal em Thomas, em sua postura pronta para me atacar, algo que me fazia sentir uma presa, a sua presa. No entanto, eu não sentia medo, muito pelo contrário. Nunca em nenhuma história vira uma presa desejar tanto o seu predador. Continuei dançando sem desviar o olhar. Eu dançava somente para ele. Não existia mais ninguém, apenas nós dois. Meu corpo era um convite, não podia mais evitar, era forte demais e não tinha mais barreiras para nos impedir.

Thomas estava sentado em um banco alto, segurando sua bebida, próximo a pista e muito perto de mim. Antes que eu pudesse reagir, ele levantou dando um passo rápido em minha direção. Em um segundo, seu corpo estava tão colado ao meu que me fazia sentir o seu calor. Meu chefe acompanhava os meus passos lentos e sensuais sem desviar o olhar. Suas mãos correram por minhas costas nuas. Com agilidade, ele me virou, ficando às minhas costas.

Eu sentia a sua respiração em meu pescoço, a mão livre e firme, segurou em minha cintura me puxando para mais perto. Nossos movimentos eram únicos, um só corpo, uma só vontade. Ele mostrava o quanto me desejava fazendo com que um suspiro de satisfação escapasse de meus lábios. Pude senti-lo rindo baixinho em minha orelha. Thomas sabia que eu havia gostado.

Quando a música estava quase acabando, sussurrou em meu ouvido:

— Aqui está quente demais. Vamos para algum lugar mais fresco — era uma ordem, reconheci pelo seu tom de voz.

O desejo não me deixou recusar. Ele estava vencendo cada luta contra o medo, contra as regras que eu tinha imposto em minha vida. Eu estava sendo impulsionada a continuar. Onde estavam as minhas barreiras?

Segurou minha mão, guiando-me por um corredor escuro. Subimos a escada que dava para uma porta fechada. Com uma das mãos ainda em minha cintura e, sem se afastar nem um centímetro do meu corpo, Thomas empurrou a porta. Senti o vento no rosto. Era revigorante. Estávamos no heliporto do prédio. Tão alto que não éramos vistos por mais ninguém. O céu estava lindo e a lua cheia chamou a minha atenção. Dei alguns passos para frente, absorta em sua beleza.

— Linda! — Fiquei encantada com imagem a minha frente.

— Quem?

— A lua. Perfeita! — Não me atrevi a olhar para onde ele estava.

— Desculpe — seu corpo se aproximou mais ainda do meu. — Não consegui perceber a presença dela. Não conseguiria nunca, com você por perto — segurou outra vez em minha cintura, sussurrando em meu ouvido: — Linda!

Estando um pouco mais lúcida, tentei mudar a situação. Era necessário, apesar da recusa do meu corpo. Virei de frente para ele, tentando explicar, mas fui surpreendida. Thomas colocou uma das mãos em minha nuca, levantando o meu cabelo, puxando meu corpo completamente para ele e me beijou. Não tenho palavras para descrever o que eu senti nem a minha reação.

O beijo, a princípio foi delicado, como se estivesse querendo experimentar o que eu tinha para oferecer. Foi absurdamente gostoso! E breve. Porque depois a urgência caiu sobre nós dois. Ele me puxou ainda mais para si, exigindo, não apenas os meus lábios, mas também o meu corpo como um todo. Este reagiu intensamente.

Quando seus lábios deixaram os meus, involuntariamente gemi. Thomas adorou! Continuou beijando o meu rosto, descendo até o pescoço. Cada parte do meu corpo se arrepiou com o contato da sua língua explorando a minha pele. Ele sorriu com prazer quando

percebeu e eu busquei os seus lábios mais uma vez, me agarrando em seus cabelos perfeitamente arrumados.

Senti seus braços me levantarem com cuidado, girando-me, trocando de lugar comigo. Fiquei sentada sobre alguma coisa, eliminando a diferença de tamanho entre nós; não conseguia identificar exatamente onde eu estava, mas também não tentei descobrir. Logo ele se posicionou entre minhas pernas me puxando em sua direção. Senti todo o seu desejo entre as roupas que nos separavam.

Ele estava grudado em mim. Gemi mais uma vez, jogando a cabeça para trás e liberando os seus lábios. Thomas também gemia baixinho. Era delicioso ouvi-lo! Suas mãos tocavam meus ombros, procurando uma forma de aumentar o contato entre nossas peles. Quando tocou o meu seio, mesmo sobre o vestido, meu corpo reagiu de imediato, fazendo com que eu sentisse como se estivesse pegando fogo. Ardia, queimava, mas não machucava de forma alguma.

Agarrei-me ainda mais a ele, que aproveitou para me deitar em algo frio, juntando-se a mim. Minha respiração estava irregular. Eu ofegava e ele também. Thomas desceu a mão e acariciou minha coxa. Primeiro por fora, no entanto, logo depois buscou pela parte interna. Meus olhos se fecharam de tanto prazer quando ele subiu por dentro de meu vestido. Eu estava em puro êxtase. Senti quando agarrou a lateral da minha calcinha e, muito sutilmente, tentou puxá-la para baixo.

Foi neste momento que o medo venceu a batalha contra o desejo. Eu voltei à realidade imediatamente.

— Não. Pare! — Pedi, apreensiva.

— Relaxe! Ninguém está nos vendo — sua voz estava carregada de desejo.

Thomas voltou a me beijar calorosamente, mas eu já estava tensa demais. Afastei-o e levantei, endireitando meu vestido.

— O que há com você? — Ele tentou segurar meu braço, porém nem olhei para trás, levantando instantaneamente. Precisava fugir dali. Tinha que fugir dele.

— Você nunca vai entender. Isso é um erro!

Fui embora sem me preocupar com Thomas ou com qualquer outra pessoa. Estava tão envergonhada que as lágrimas escorriam pelo meu rosto sem nenhum esforço. Consegui sair pelos fundos, chamei um taxi e dei o endereço. Chorei durante todo o percurso. Quando cheguei em casa mandei uma mensagem para o celular de Mia, avisando que estava tudo bem e que ligaria depois explicando tudo. Corri para o quarto procurando asilo e conforto. Eu sabia que não iria encontrar. A ameaça estava dentro de mim.

O que eu tinha feito? Como pude permitir o que aconteceu?

Chorava copiosamente. O desejo que sentia por ele doía em meu corpo que exigia desesperadamente por mais. Ao mesmo tempo, a consciência gritava um alerta de que eu estava jogando tudo fora. Ela me fazia lembrar que ele era um conquistador, que seria apenas mais uma das mulheres de sua coleção e era a mais pura verdade. O pior de tudo era o fato dele ser o meu chefe. Uma pessoa com quem deveria lidar todos os dias, independentemente do que acontecesse.

No que eu estava pensando? Nós trabalhávamos juntos. Como poderia evitá-lo? Eu teria de ir embora. Mas não queria. Gostava do trabalho, gostava do salário e gostava dolorosamente dele. O que fazer? O que estava acontecendo comigo? Nunca me permitira esse tipo de descontrole. Também nunca havia sentido o que senti com ele. Aos 23 anos, estava perdendo o controle da minha mente e o que era muito pior, do meu corpo.

## VISÃO DE THOMAS

Cheguei em casa procurando por ela. O que tinha dado naquela doida? Em um momento me quer, me exige e logo depois dá a louca e vai embora. Simplesmente desaparece. Eu queria uma explicação plausível para tal atitude. A garota fugiu sem ao menos falar com as amigas. Tentei alcançá-la, no entanto Cathy foi mais rápida e sumiu. Ninguém conseguiu encontrá-la.

Estava com muita raiva, contudo, apesar disso, ainda a queria. Muito! Nunca havia sentido o que senti com ela. O desejo foi tão forte que me dominou completamente. Eu, que sempre procurei ser

discreto, iria transar ali mesmo se ela permitisse. Queria aquela mulher desesperadamente e tinha consciência disso. Meu corpo exigia o dela.

Fui até o seu quarto tentando abrir a porta. Estava trancada. Meus olhos captaram a luz fraca que saía por baixo da porta. “O abajur”, pensei. Por diversas noites percebi essa mesma luz sair por baixo da sua porta. Constatei que era assim que ela dormia. Bati de leve, na esperança de Cathy aparecer, porém não obtive resposta. Sabia que ela estava lá, então chamei, tentando manter minha voz baixa. Meu corpo pegava fogo. Eu precisava dela, de mais ninguém. E precisava naquele momento.

### VISÃO DE CATHY

Ouvi os passos no corredor e fiquei atenta. Alguém tentou abrir a minha porta. Ainda bem que estava trancada. Eu sabia que era ele e me obriguei a não abrir. Não teria forças para detê-lo. Não assim, com meu corpo tão descontrolado. Ouvei quando ele bateu e me sentei no chão apoiada na parede ao lado. Tentei não fazer barulho. Se ele percebesse que eu estava acordada iria exigir que abrisse e tinha certeza que obedeceria. Fiquei calada. As lágrimas ainda rolavam. Quando Thomas chamou o meu nome baixinho, minha pele se arrepiou e meu corpo começou a exigir o dele.

Há pouco tempo, aquela mesma voz falava ao meu ouvido, aqueles lábios estavam nos meus, em meu corpo. A dor que as lembranças me causavam era insuportável. Coloquei a cabeça entre os joelhos e chorei mais ainda. O que estava acontecendo comigo?

### VISÃO DE THOMAS

Fui para o quarto dormir derrotado. Ela havia me rejeitado. Como tinha conseguido frear o desejo que sentia por mim? Como conseguiu controlar os sentimentos e o corpo? Tinha sido forte para nós dois, disso eu estava certo. Precisava saber o que tinha acontecido. Por que Cathy fugiu se também queria? Nós teríamos



que conversar sobre isso. Era inevitável. Era importante saber o que fazer com relação a tudo.

Mesmo sabendo que meu desejo era mais forte do que qualquer drama de consciência eu sabia que, dependendo do que ela quisesse para nós dois, poderia gerar um grande conflito em nosso trabalho. Já tinha vivido isso e conhecia todos os riscos. Mesmo assim a queria mais do que qualquer outra coisa.

Peguei no sono vencido pelo cansaço, meu corpo ardia de desejo e precisei apelar para um banho gelado.

Abri os olhos pela manhã e não acreditei no que estava vendo. Cathy estava sentada no pé da minha cama. Suas mãos seguravam alguma coisa que eu não conseguia ver. De cabeça baixa ela parecia travar uma batalha interior.

— Cathy?!

Chamei, ainda surpreso com a sua presença. Meu coração batia mais forte. Será que ela havia mudado de ideia? Toda a emoção da noite anterior veio à tona e meu corpo imediatamente exigiu que continuássemos de onde tínhamos parado abruptamente. Atendendo ao meu chamado, ela virou para me olhar. Fiquei estático por um tempo. Seus olhos estavam inchados e vermelhos, sinalizando que ela tinha chorado a noite inteira.

— Oi, Thomas!

Sua voz estava fraca, o que me comoveu. Tive ímpeto de tomá-la nos braços e confortá-la. Mas todas as minhas barreiras me impediam de dar a Cathy mais do que a satisfação física de nossos desejos. Não podíamos nos envolver emocionalmente então fiquei imóvel, aguardando o que ela iria dizer.

— Eu não pretendia acordá-lo. Desculpe-me!

— Acho que precisamos conversar — sentei-me na cama. Graças a Deus havia dormido de short.

— É, também acho — Cathy desviou o olhar para o que estava em sua mão.

— O que aconteceu ontem? Você fugiu sem dizer nada.

— Foi um erro, Thomas.

— Como assim foi um erro, Cathy? — Explodi. — Qual é o seu problema, hein? — Ela se chocou com a minha reação. Eu me arrependi imediatamente de ter explodido. Minha reação pareceu dar a ela mais força para defender a sua posição.

— O problema é que não acho certo isso acontecer entre nós dois. Você é meu chefe. Nós trabalhamos juntos...

— E daí? Por que trabalhamos juntos não podemos ter desejo um pelo outro? Eu quero você, não tenho como negar e, a julgar pelo seu comportamento ontem, você também me quer. Por que não podemos simplificar as coisas? Você é uma mulher, Cathy, não é mais uma adolescente boba cheia de pudores e eu sou um homem. O que aconteceu entre nós, ou quase aconteceu, é natural, faz parte do mundo adulto, sabia? É perfeitamente normal em nosso meio.

Tentei fazê-la me olhar mas ela se levantou sem permitir.

— Eu sabia que não iríamos conseguir entrar num acordo — Cathy olhou determinada em meus olhos. — Estou me demitindo — e estendeu um papel em minha direção.

Prendi a respiração. Por que ela estava fazendo aquilo? Fiquei olhando fixamente para suas mãos, pensando no que iria fazer. Minha mente estava a mil por hora. Não poderia deixá-la partir. Estendi o braço para pegar a carta, então subitamente segurei a sua mão e a puxei para meus braços.

— Eu não posso deixar que se demita, Cathy — segurei-a em meus braços enquanto ela se debatia tentando se soltar.

— Não faça isso, Thomas, me largue, por favor!

Sua voz estava tomada pela emoção. Eu a segurei em meu colo até que parasse de tentar fugir. Quando estava mais calma, passei a mão pelos seus cabelos e acariciei o seu rosto com cuidado, procurando o seu olhar. A garota chorava. Meu coração doeu com a imagem. Era difícil para Cathy o que estava acontecendo. Vê-la daquela forma só me deu a certeza de que ela também me queria, mas lutava bravamente contra seus sentimentos. Por quê?

A ideia de que não poderemos nos relacionar porque trabalhamos juntos não é forte o suficiente para impedir o que estávamos sentindo, não por muito tempo. Então, se fosse apenas isso, eu poderia aguardar o tempo necessário para que ela se sentisse mais

à vontade. Principalmente porque sabia o quanto trabalhar comigo era importante para Cathy e também o quanto o trabalho dela estava sendo importante para mim.

— Eu posso entender que não queira deixar acontecer nada entre nós dois, porém não posso deixá-la abrir mão de seus sonhos e objetivos. Não seria justo com você, Cathy. Me sentiria um monstro se aceitasse sua demissão.

Estava sendo verdadeiro naquele momento. Não poderia permitir que ela abandonasse o que tanto almejou. Por mais que a desejasse, não era justo impor isso a ela. Fiquei confuso com minha atitude. Era anormal eu abrir mão de algo ou de alguém que desejasse tanto, mas, estranhamente com ela era diferente. Eu me importava. Gostava de estar ao seu lado. Era uma excelente profissional e uma grande companheira de viagens. Depois que entrou para o grupo, parecia que o grupo tinha se fechado. Estávamos completos, perfeitos. Era tão melhor trabalharmos desta forma. Se Cathy saísse, como seria? Senti um vazio se abrir em meu peito.

— Fique, Cathy!

Eu estava pedindo? Não acreditei no que estava fazendo. Quem era aquela garota que conseguia quebrar todas as barreiras levantadas há tanto tempo por mim, e que eu julgava sólidas e intransponíveis? Que desejo único era aquele? Nunca tinha me sentido daquela forma. Mesmo ali, em meio a tantas recusas, eu ainda a queria e muito. O desejo lutava em meu corpo.

Ficamos abraçados por um tempo, enquanto minha assistente chorava em meu peito. Depois ela sinalizou que sim com a cabeça.

— Thomas, se eu ficar, não podemos permitir que aconteça outra vez. Para mim é muito importante que seja assim. Eu não posso conviver com isso — Cathy não estava exigindo, estava constatando um fato.

— O que faremos? Eu a desejo muito, Cathy, como nunca desejei ninguém — acariciei seu rosto lindo com tanta emoção que não me reconhecia.

— Não sei. A única coisa que posso dizer agora é que não podemos ficar juntos.

— Por quê?

— Não se pode ter tudo na vida, Thomas. Você deve aceitar e se acostumar com isso. Ou vamos trabalhar juntos ou vamos nos relacionar fisicamente. Nunca poderemos fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Não daria certo. Eu decido por trabalharmos juntos e esquecermos o que aconteceu entre nós dois.

Como ela podia ser tão racional? Agradeceria muito se tivesse restado um pouco da imprudência adolescente em sua personalidade. O que senti foi muito forte. Continuava sendo muito forte. Será que com ela não acontecia o mesmo?

— Mas você sentiu tanto quanto eu — fiquei desconfortável com a possibilidade dela não ter gostado de ficar comigo.

— Não tenho o direito nem a coragem de negar — alívio. — Mas não posso aceitar que esse desejo seja mais forte do que eu. A única coisa que quero é trabalhar em paz. Por favor, me ajude a fazer isso! Por favor! Esse trabalho é importante demais para mim.

Sua súplica me fez concordar. Eu não iria desistir dela, iria apenas dar um tempo. Havia perdido uma batalha, mas continuava na guerra.

## Capítulo 4

### Decisões Complicadas

#### VISÃO DE CATHY

**E**

u havia concordado em ficar então teria de assumir os riscos. Principalmente agora que estava bem claro para nós dois o quanto nos queríamos. Liguei para Mia e contei tudo o que aconteceu. Ela ficou preocupada.

— Você contou a ele? — usava o tom de segredo. Conspiratório. Quase ri.

— Não.

— Cathy, você deveria contar.

— Para que? Para ele pensar que sou uma mulher que finge ser forte, moderna, decidida, mas que na verdade é uma completa idiota? Você ouviu quando contei o que ele me disse? Que eu não era mais uma adolescente cheia de pudores. Não vou me expor ao ridículo, Mia.

— Você sabe que as coisas não são bem assim. Você apenas pensa sobre sexo de uma maneira diferente da maioria das pessoas. Isso não significa que é anormal.

— Eu não penso diferente da maioria das pessoas, Mia. Eu penso exatamente da mesma forma. O sexo não é um tabu para

mim, o problema é que Thomas é meu chefe e, para piorar, eu serei apenas mais uma em sua cama. Não quero e não vou passar por isso — repetia para mim mesma estas palavras como um mantra. Quem sabe assim conseguisse acreditar realmente que não iria sucumbir aos encantos dele.

— Tá! Tá bom, Cathy! Se prefere ver as coisas por este lado... E agora?

— Não sei! Eu concordei em ficar, então...

— Você gosta dele?

— Não sei. Juro que não sei. Ele me deixa... Confusa — tentei refletir sobre o que realmente sentia. — Só sei que não posso gostar.

— Ele gosta de você?

— É lógico que não! Sou apenas mais uma que ele deseja muito levar para cama. Pelo amor de Deus, Mia! Quem você pensa que eu sou? Ele apenas me vê como um brinquedinho novo e está empolgado. Vai passar, tenho certeza — minhas afirmações me machucaram mais do que eu poderia entender.

— Pode ser que sim. Pode ser que não. Como tem tanta certeza?

— Onde você esteve ultimamente? Ele coleciona mulheres. A sua fama de conquistador está em todas as revistas. É o solteiro mais cobiçado do país ou talvez do mundo.

— Eu sei! Não estou pedindo para acreditar que ele ama você. Apenas quero que analise e avalie as possibilidades. Todas as pessoas um dia se rendem ao amor, Cathy. Ele faz parte desse universo. Não é possível que continue assim por toda sua vida. Em algum momento Thomas pode encontrar alguém que o faça mudar.

— Um dia com certeza. Não hoje, nem nos próximos anos, muito menos serei eu esta pessoa.

— Tudo bem, você é cética. Mas ele te pediu para, não foi? Isso deveria ser importante.

— Mia, não quero nem pensar nessa possibilidade. Eu não o quero, não entende? Ele é exatamente o oposto do que sempre desejei.

— Pelo que me contou de ontem eu acho que ele é exatamente o que você sempre desejou.

— Ouvi o seu risinho do outro lado da linha e não pude deixar de rir também.

Era a mais pura verdade. Meu corpo reagiu ao dele como nunca tinha reagido antes, mas eu ainda o achava irritante e complicado, sem contar todos os outros adjetivos já usados para descrever a sua personalidade.

— Preciso desligar agora. Tenho alguns documentos que devo deixar prontos para a assinatura de Thomas. Hoje é dia de doação, estou cheia de trabalho para fazer.

— Ligue, se precisar de mim. Amo você!

— Eu também, amiga! Obrigada!

Desliguei o telefone. Precisava separar os documentos necessários para as autorizações referentes às transações na conta bancária do Thomas. Seria sempre assim. Essa era a única forma dele conseguir acompanhar as movimentações financeiras. Então, quando eu precisava fazer algum pagamento, saque, depósito ou transferência, especificava tudo num documento e pedia sua autorização.

Havia pessoas que cuidavam da sua contabilidade, obviamente, mas eu era responsável por algumas contas que diziam respeito aos seus interesses pessoais. Essa responsabilidade não me incomodava, era bem mais divertido do que passar o dia em estúdios, esperando-o terminar alguma entrevista ou gravar algum programa. Estas atividades, às vezes, demoravam horas, e, como estávamos sempre juntos, não tinha dificuldades em conseguir sua assinatura quando necessário.

Com tudo pronto fui encontrá-lo na varanda da casa. Ele estava com Dyo e outra pessoa que eu ainda não conhecia. Analisavam um documento, parecia uma reunião. Thomas ao perceber a minha presença, se reportou a mim de uma forma muito profissional. Fiquei chocada com a mudança drástica em relação à manhã daquele mesmo dia, porém feliz em perceber que ele entendera o meu recado.

— Precisa de algo, Cathy?

— Sim. Trouxe as autorizações bancárias para você assinar. São as doações do mês.

Passei o volume de papel das minhas mãos para as dele, que pegou sem ao menos me olhar.

— Eu doo realmente esta quantia todos os meses? — Brincou sorrindo.

— Parece que sim. Foi o que Helen me informou.

— Se eu não virar santo quando morrer, cobrarei esta dívida de Deus — Thomas estava de bom humor. Eu adorei.

— Raffaello, esta é a tão famosa Cathy, minha assistente — me indicou com a mão para o outro homem que estava sentado ao seu lado.

— Cathy, este é Raffaello Agarelli, meu advogado e também amigo pessoal. Vocês irão conviver bastante, eu acredito.

— Muito prazer, Cathy! — Raffaello apertou minha mão observando-me de maneira discreta. Seu sotaque era carregado. Reconheci um pouco de italiano em sua voz.

— Thomas não fez jus à sua beleza quando a descreveu. Você é ainda mais bonita do que sua descrição. Por favor, não tome isso como ofensa, só queria registrar.

Com certeza, meu chefe contara a ele sobre a história do assédio sexual. Fiquei constrangida.

— Você é italiano? — Desviando a conversa.

— Sim, sou.

— *Molto piacere di conoscerti troppo* — respondi, tentando buscar em minha mente o pouco que eu sabia da sua língua.

— *Parli italiano, che è meraviglioso!* — Respondeu, entusiasmado, com a possibilidade de podermos conversar em sua língua natal.

— *Solo un po', ma so che l'Italia è molto bella! Singolare.*

— Cathy, sempre surpreendendo — Thomas chamou a nossa atenção. — Foi bom você ter vindo aqui. Raffaello trouxe um documento para sua assinatura. Eu pedi que o preparasse. É um termo de compromisso em que você admite ter conhecimento das minhas senhas bancárias e se compromete a efetuar apenas as transações autorizadas. Está aqui. Pode ler — ele conseguiu mudar o nosso assunto.



Li o papel e assinei sem questionar. Devolvi-o a Raffaello e avisei que, se precisassem, estaria no quarto. Despedi-me em italiano e fui para meu quarto. Meu refúgio.

Passei a tarde toda trabalhando. Só parei quando percebi que anoitecia. Levantei e fui assistir ao pôr do sol através da imensa janela de vidro que me separava do mundo real. Fiquei absorta em pensamentos enquanto o sol se despedia. Em silêncio, fiz uma oração. Estava tão envolvida em meu momento que não percebi quando Thomas entrou no quarto.

— Realmente, é uma paisagem única, não é?

Sobressaltei-me quando ouvi o som da sua voz atrás de mim. Ele riu do meu susto.

— Não percebi que você estava tão absorta em seus pensamentos, me desculpe! Encontrei a porta aberta e entrei.

— Ah! Eu estava orando. Esta é a hora em que me sinto mais próxima de Deus. Quando a natureza mostra a sua perfeição.

— Você é religiosa? Acredita em Deus?

— Não é uma questão de acreditar e não sou religiosa. Apenas estou ligada a isso. É como respirar.

— Se não é uma questão de acreditar, o que é então?

— Uma certeza. Como a certeza que eu tenho de que o ar existe.

— Existem formas de ver o ar — ri da afirmação dele. Sabia aonde Thomas queria chegar.

— Existem formas de ver Deus também. Mas esse não é o motivo de você ter vindo ao meu quarto. O que quer? — Fiquei de frente para ele, pronta para atender a solicitação.

— Como você está? — Thomas levantou a mão e tocou carinhosamente no meu rosto. — Passei o dia todo tão ocupado que nem tive tempo para conversarmos.

— Tudo bem! Eu também tive um dia cheio.

Afastei-me e fui até a mesa onde estava o meu computador e um monte de papéis, então comecei a arrumá-los, fingindo estar ocupada. Era difícil ficarmos perto um do outro. Tudo tinha acontecido menos de 24 horas atrás. Cedo demais para estarmos tão próximos.

— Está precisando de alguma coisa? — Voltei a perguntar.

— Não — ele veio em minha direção, mas não se aproximou muito. — Sobre o documento que pedi para você assinar hoje, eu queria dizer que não é nada pessoal, apenas parte da burocracia.

Não pude deixar de sorrir. Ele estava me pedindo para não ficar ofendida por tentar proteger suas finanças? Inacreditável! Essa era uma nova cara para Thomas Collins, a que se preocupava com o que os outros pensam. Ou até a que se preocupa com o fato de suas atitudes poderem magoar os outros. Eu, no caso.

— Tudo bem! Achei correto fazer isso. Você deve mesmo se cercar de todos os cuidados. Ninguém sabe o que pode acontecer, não é?

— Não acredito que seja capaz de fazer alguma coisa contra mim.

Olhei para ele sugerindo que seria capaz, sim. Só sugerindo. Nunca faria. Isso seria totalmente contra os meus princípios. Ele deu risada da minha ameaça. Era incrível como ficava lindo, rindo daquele jeito. Quando eu achava que era impossível ele ficar ainda mais bonito, era surpreendida com mais da sua beleza.

— Vamos descer para jantar?

— Mais tarde! Tenho algumas coisas para fazer — era mentira, eu apenas queria ficar longe dos seus encantos.

— Vejo você depois, então.

Desci para jantar bem tarde, depois de me certificar que ele não estava mais circulando pela casa. Ao percebê-la vazia, senti medo. Era enorme e extremamente silenciosa à noite, quando todos os funcionários iam embora. Parecia vulnerável, embora soubesse dos alarmes de segurança que eram ativados a qualquer ameaça de invasão. E o fato de ter uma grande parte exposta pelas grandes portas de vidro me deixava ainda mais insegura.

Ela era distante das outras casas do condomínio e sua arquitetura não permitia que alguém conseguisse nos ver dentro dela. Desci correndo as escadas indo até a cozinha verificar o que havia sobrado do jantar. Quando estava concentrada na geladeira, pegando alguns ingredientes para um sanduíche, ouvi um barulho logo atrás de mim e me virei assustada.

— Boa noite, Srta. Cathy. Desculpe, não quis assustá-la. Pensei que a senhorita tivesse saído com Thomas, achei que a casa estivesse vazia. Ouvi um barulho aqui na cozinha, como sabia que Thomas ainda não havia chegado e os empregados já tinham ido embora, vim verificar.

Era Eric, o segurança. Respirei aliviada.

— Você realmente me assustou. Thomas saiu sem você? Que estranho!

— Ele disse que não iria demorar e que era para eu ficar. Foi dirigindo. Pensei que estivessem juntos.

— Não, eu estava trabalhando até agora.

A informação de que Thomas estava na rua, sem seguranças, me desanimou. Perdi a fome completamente. Se ele não tinha me avisado que iria sair e dispensou o segurança, era porque tinha um encontro com alguma garota. Era como se uma mão se fechasse apertando meu coração. Tentei disfarçar a decepção.

— Tudo bem, Eric. Vou comer no meu quarto. Boa noite.

Peguei tudo o que precisava e fui embora. A comida com certeza iria para o lixo.

Tentei dormir, mas não consegui. A angústia me mantinha acordada. Ouvi passos pelo corredor e percebi quando a porta do quarto dele se abriu, mas logo em seguida fechou. Olhei para o relógio. Eram 23:30h. Será que ele estava acompanhado? Ele teria coragem? É claro que teria. Eu o desprezei. Era natural que procurasse alguém para se divertir. Minha angústia crescia ainda mais com estes pensamentos.

Lembrei-me de minha mãe, trancada no quarto, sofrendo escondida, pensando que eu não sabia o que estava acontecendo, que não sabia que ela sofria tanto de amor pelo meu pai, afundando-se cada vez mais na depressão e nos antidepressivos. Enquanto meu pai, apesar do amor que sentia por ela, não conseguia ficar perto tempo suficiente. Eram noites difíceis e no dia seguinte ela simplesmente fingia que nada tinha acontecido. E a vida seguia seu rumo assim. Apertei o travesseiro no rosto, tentando expulsar minhas lembranças.

No dia seguinte, tive receio de acordá-lo, então liguei para o seu celular. Era ridículo, eu sei. Estava do lado de fora do quarto sem coragem para entrar. Ele atendeu com uma voz péssima.

— Bom dia — nem sabia como explicar o porquê de estar ligando e não batendo à sua porta. — Está na hora de levantar.

— O que? — Ele ainda dormia, por isso estava tão confuso. — O que você está fazendo?

— Tentando acordá-lo — já estava arrependida de ter ligado, ia começar a me desculpar.

— Por que não entrou como faz todos os dias? Você está em casa? — Sua voz estava mais firme. Ele já estava atento à nossa conversa.

— Eu me atrasei, ainda estou arrumando umas coisas, então resolvi ligar — inventei essa desculpa ridícula de última hora.

— Cathy, entre aqui e fale comigo direito.

— Tem certeza?

— O que está acontecendo com você? Não estou entendendo.

— Estou entrando — desliguei o celular e bati timidamente na porta.

— Preciso mandá-la entrar? — gritou.

Eu o fiz querendo que o teto caísse em minha cabeça para poder me livrar do interrogatório que viria. Thomas ainda estava deitado, porém seus olhos estavam abertos olhando para a porta. Seu corpo estava totalmente coberto por um edredom. Achei estranho. Ele normalmente dormia sem camisa e com o ar condicionado no máximo.

— Qual o problema? — logo começou com o interrogatório, então decidi contar a verdade.

— Pensei que estivesse acompanhado. Não quis incomodar.

Não conseguia manter meus olhos nele de tanta vergonha. Ele riu baixinho da minha insegurança.

— Você saiu ontem, sem segurança, chegou cedo. Eu pensei...

— Pensou errado. Ontem eu fui à casa do Dyo buscar um CD que tinha esquecido lá. Por isso dispensei Eric. Achei melhor, pois já era tarde e você estava sozinha aqui. Voltei para casa me sentindo

mal, acho que estou ficando doente, um resfriado talvez, não sei, então fui dormir.

Era por isso que ele estava todo coberto. Thomas estava doente. Fui até a cama e sentei ao seu lado colocando a minha mão em sua testa. Ele estava com febre. Não estava alta, mas definitivamente era febre. Fui ao meu quarto pegar um termômetro e voltei.

— Preciso medir a sua temperatura.

— Tudo bem.

— Por que acha que é um resfriado?

— Porque estou sentindo dor no corpo e na cabeça. Também espirrei muito ontem à noite e meu nariz estava congestionado. Minha garganta está um pouco irritada também.

— Você está com febre. Vou chamar seu médico — ia levantando quando ele me segurou pelo braço.

— O que tenho para fazer hoje?

— Sessão de fotos para a revista que o entrevistou há dois dias.

— Nossa! Como vou fazer? Minha cara deve estar péssima.

— Não se preocupe. Você é lindo de qualquer jeito. Acredite em mim não existe a menor chance de sair feio nas fotos — pisquei para ele, confirmando o que dizia.

— Acho que vou ficar doente todos os dias.

— Por quê?

— Para ganhar um elogio seu. Onde foi parar aquela história de assédio sexual?

Ele era impagável. Mesmo doente conseguia me irritar.

— Vou chamar seu médico.

— Espere até eu voltar, ou peça para ele me encontrar aqui depois das fotos.

— Ok! Vá para o banho, que precisamos tomar café para sair. Bem rápido — enfatizei.

Fomos para sessão de fotos e, apesar de toda a disposição demonstrada por ele, eu sabia que a cada minuto sua saúde só piorava. Não o vi reclamar nenhuma vez, mesmo assim estava preocupada. Conferia a sua temperatura de tempos em tempos e anotava tudo para informar ao médico. Em determinado momento,

Thomas chegou a ficar tonto precisando descansar um pouco. Quando acabamos, liguei para o médico dele para relatar tudo o que tinha acontecido. Encontramo-nos em casa.

O Dr. August já estava nos aguardando. Seu diagnóstico foi resfriado, mas mesmo assim fez alguns exames e prometeu levar os resultados no dia seguinte. Preocupada com a saúde do meu chefe, fiz questão de preparar uma canja bem quentinha e levar para ele. Thomas tentou recusar, porém falei que era isso ou um chá de alho e limão, receita da minha avó que tinha aprendido a fazer com uma amiga brasileira. Ele preferiu a canja.

— Estou me sentindo péssimo!

Engraçado como o homem se rende às doenças. Um simples resfriado estava desarmando-o completamente. Depois nós, mulheres é que somos o sexo frágil.

— Você vai sobreviver — eu me divertia com tamanha fragilidade.

— Talvez não — gargalhei com a sua afirmação. — Sério. Você deveria me dar uma chance. Vai que eu morra — que hilário!

— Você é impossível, Thomas — ele riu debilitado.

— Minha cabeça está doendo muito — levou a mão ao travesseiro e o pressionou a cabeça.

— Vou apagar as luzes — um sorriso se formou em seu rosto. — E vou embora para o meu quarto.

— Não, Cathy! Fique aqui comigo. É sério. Não estou bem. Não vou tentar nada, prometo.

Voltei a me sentar na cama, observando-o cair no sono. Quando estava quase dormindo ele puxou o travesseiro para o meu colo, me abraçando pela cintura. Estava mesmo quente. Fiquei com medo de ir embora e a temperatura dele subir, então resolvi ficar por lá, como ele tinha pedido.

Talvez eu estivesse apenas arrumando desculpas para ficar com Thomas, mas o fato foi que passamos a noite juntos. E assim foi a nossa primeira noite. Acordei bem cedo e saí do quarto antes que ele acordasse.

## Capítulo 5

### Mentiras Absurdas

#### VISÃO DE CATHY

N

ão podia ficar em casa o tempo inteiro disponível para ele. O risco de algo voltar a acontecer entre nós dois era grande e eu sabia que, mesmo tendo prometido não tentar mais nada, ele tentaria. O que ocorreu na boate foi forte demais. Nunca tinha me deixado levar daquele jeito. Nunca havia permitido que um homem conseguisse se impor tanto quanto Thomas, ao meu corpo. Era muito estranho e ainda assim, gostoso como jamais fora antes. Mesmo sabendo que não poderíamos mais ficar juntos, as lembranças invadiam minha mente, muitas vezes me surpreendi relembando. Era assustador. Principalmente para mim, com tantas barreiras erguidas.

Por isso, eu tinha tomado uma decisão infantil, mas que talvez fosse eficiente. Liguei para Mia, que, apesar de rir muito da minha cara e frisar o quanto a adolescência ainda estava presente em minha vida, concordou em me receber na casa dela por algumas horas. Comecei a me arrumar como se estivesse saindo para um encontro. Não economizei em nenhum detalhe.

O cabelo ficou impecavelmente liso. Escolhi um vestido azul-escuro que deixava minhas costas à mostra descendo até quase o

quadril. Não era colado ao corpo mas justo o suficiente para destacar minhas curvas. A frente era bastante comportada, porém o comprimento deixava claro que de comportada não tinha nada. Alguns acessórios e uma maquiagem perfeita completavam meu visual.

Quando estava quase terminando ouvi uma batida leve na porta do quarto. Era Thomas. Ele ficou visivelmente surpreso com a minha produção.

— Quer alguma coisa? — Seus olhos não saíam de mim.

— Não. Nada. Vai sair?

Seu semblante era um misto de surpresa, curiosidade e receio. Tive de segurar o riso que queria escapar. Apenas sorri. Sua cara era impagável.

— Vou.

— Ah! — Eu via que ele queria saber maiores detalhes mas não se atrevia a perguntar.

— Vou jantar com um amigo — informei com certa satisfação.

— Um amigo?

— Sim. Estava aqui de bobeira e ele ligou, então aceitei — tentei parecer inocente.

Não queria que meu chefe me visse como uma qualquer, queria apenas que soubesse que o que aconteceu entre nós não se repetiria. Que não estava apaixonada esperando pela próxima vez, como as mulheres que ele se relacionava normalmente faziam.

— Tá — Thomas foi à prateleira onde estavam meus livros e fingiu interesse por eles. — Vai voltar tarde?

Sabia que ele não aceitaria tão fácil. Não sei porque eu estava adorando a situação. Podia ser a minha imaginação, mas Thomas parecia visivelmente incomodado com a farsa. Este detalhe estava me divertindo.

— Não sei. Quem sabe o que a noite pode nos trazer? — Sorri, sugerindo algo.

— Então... Boa sorte — saiu do meu quarto sem me dizer o que realmente tinha ido fazer lá, e eu, apesar de muito curiosa, não procurei saber o que era.



Desci as escadas em direção à garagem onde escolhi um dos vários carros que ele tinha colocado à minha disposição. Decidi por um Audi A2 prata. Fazia mais o meu estilo. Passei pela entrada da casa sem me preocupar se Thomas estava em algum lugar, e fui em direção à minha antiga casa, o apartamento de Mia.

Quando ela abriu a porta começou a rir.

— Você é maluca, Cathy. Nem dá para acreditar que se produziu toda para uma mentira.

Entrei e logo retirei os saltos altos, me jogando no sofá.

— Foi necessário. Acredite em mim.

— E ele a viu? Ficou sabendo que você iria a um encontro? — Ela ainda não havia parado de rir.

— Sim. Acho que o plano deu certo — olhei para o restante do apartamento. — Onde estão as garotas?

— Todas tinham compromissos. De verdade — enfatizou me deixando mais sem graça. — Então, quer jantar? Temos pizza e vinho.

— Pra mim qualquer coisa está ótimo. Mas o vinho eu vou dispensar. Estou dirigindo.

— Tá certo. Então refrigerante para você e vinho para mim, que estou em casa cuidando da minha irmã caçula.

Comecei a rir das suas indiretas. Ela estava certa, eu estava sendo bastante infantil. Comemos e conversamos durante boa parte da noite. Quando achei que o tempo que passamos juntas era o suficiente, resolvi voltar para casa. Com certeza Thomas já estaria dormindo, logo não me veria chegar.

Bastou me aproximar da casa para ver que estava completamente enganada. A entrada estava repleta de carros, algumas pessoas circulavam pelo jardim da frente com copos de bebidas, conversando e fumando. O que era aquilo?

Parei o carro ainda do lado de fora, pois havia outro impedindo a entrada na garagem. Fiquei em dúvida se deveria ou não voltar para o apartamento de Mia. Criei coragem e saí do carro. Algumas pessoas, até então desconhecidas, pararam para me olhar.

— Cathy! — Ouvei alguém gritar meu nome e me virei na direção da voz.

Era Dyo, visivelmente sob o efeito de álcool. Ele gesticulava para que eu fosse até onde ele estava com um pequeno grupo de pessoas.

— Oi! — Cumprimentei todos um pouco sem graça.

— Thomas disse que você tinha saído e que provavelmente não voltaria para casa hoje — Dyo me olhava de maneira confiante.

— Ele falou? — Olhei para os lados, tentando identificar mais alguém. — Eu achei que iria demorar, porém recebi um alerta dizendo que a casa estava pegando fogo, então vim verificar — meu amigo deu uma gargalhada.

— Não culpe Thomas. Estávamos meio entediados, ele não queria sair de casa, então mandei as pessoas aparecerem. Você sabe como é: Depois do celular, não existe mais possibilidade de esconder um encontro entre amigos. Acabou virando uma festa.

— Percebi. Bom, vou entrar para ver o que sobrou da casa.

Era realmente uma festa. Dentro da casa estava pior. Várias pessoas estranhas, som alto. Decidi que apenas passaria direto e iria para o meu quarto. No dia seguinte conversaria com Thomas.

Fui abordada várias vezes por homens que eu nunca tinha visto na vida e procurei ser o mais gentil possível. Quando estava quase conseguindo subir as escadas, Thomas apareceu à minha frente com uma garota pendurada em seu ombro. Deu tempo de analisar cada detalhe dela. Alta, morena, cabelos até a cintura, extremamente lisos. Muito magra, na certa era modelo. A boca era tão saliente que tive vergonha de meus lábios finos.

Um certo incomodo começou a formigar em meu corpo. Era óbvio que eu não esperava que Thomas ficasse sozinho para sempre, muito menos que fizesse voto de castidade, mas há poucos dias estávamos juntos, e resolve aparecer, bem na minha frente, com outra garota.

— Cathy! — ficou surpreso. — Pensei que você não voltaria hoje.

Ele parou e olhou o relógio conferindo as horas. Vi um sorriso de satisfação se formar em seus lábios.

— E pelo visto você resolveu comemorar a minha ausência — olhei para a garota papagaio de pirata pendurada em seu ombro.

— Não é porque a sua noite não deu certo que não posso comemorar a minha — sua voz estava carregada de ironia. Morri de raiva.

— Quer saber Thomas? Eu estou muito cansada! — exagerei no “muito”. — Acho melhor subir, relaxar um pouco na banheira... Meu o corpo todo está pedindo um pouco de sossego. Com licença.

Comecei a subir as escadas, mas ele logo veio atrás de mim. De alguma forma a garota havia desaparecido, percebi isso com muita alegria. Sua presença realmente estava me incomodando, pendurada nele parecendo um enfeite.

— Não entendi! — Thomas começou a falar tão logo me alcançou.

— Não me peça para desenhar, pelo amor de Deus! Você já é bem crescidinho para ler nas entrelinhas — me sentia tremendamente ridícula, mas alfinetá-lo naquele momento era uma questão de sobrevivência.

— Eu entendi, Cathy. Olha, por que não recomeçamos a noite? Você poderia descer e ficar um pouco conosco.

— Não. Desculpe-me, mas acho que não existe nada de interessante num monte de rapazes bêbados achando que eu sou mercadoria e num monte de garotas esqueléticas servindo de enfeites para a sala — ele riu com vontade.

— Tem razão. Esta festa não foi ideia minha. Acredito que logo irão embora — Thomas me olhou quase implorando. — Fique, Cathy. Por favor!

— Por quê?

— Porque você tem razão em relação a algumas pessoas que estão aqui e, sinceramente, não estou com a menor paciência para conversas sem profundidade hoje. Você poderia ficar e conversar comigo. Vai ser mais interessante.

Eu não tive coragem de recusar um pedido feito desta forma. Ele estava tão lindo. Fiquei um tempo pensando nos prós e nos contras. Ele percebeu a minha confusão.

— Vamos fazer o seguinte, eu vou até a cozinha pegar champanhe para nós dois e você me encontra na área da piscina.

Acredito que lá esteja menos tumultuado, então poderemos ficar mais à vontade até toda essa gente ir embora.

— Ah! Não sei não, Thomas — comecei a descartar a possibilidade.

— Fique tranquila. Não vou tentar nada — riu de seus próprios pensamentos.

— Não?

— Claro que não. Se sua noite foi tão boa quanto está me dizendo, não posso fazer isso. Não com tão pouco tempo depois do ocorrido.

— Você é um idiota, Thomas.

Virei e fui em direção ao meu quarto. Ele me segurou pelo braço, gargalhando.

— Cathy, eu sei que não aconteceu nada. Basta olhar para você.

Fiquei sem graça. Eu me sentia realmente ridícula com toda aquela farsa.

— Estou apenas brincando. Mas posso providenciar uma ótima noite caso você mude de ideia — tentei fugir para o meu quarto, no entanto ele conseguiu me segurar novamente. — Deixa de bobagem. Vamos fazer o combinado então você me conta como foi a sua noite.

Aceitei, e ele foi buscar a bebida. Tentei passar o mais rápido possível para a área da piscina. Pelo caminho, avistei Raffaello, agarrado a uma mulher de forma escandalosa em um canto. Fiquei tão sem jeito que praticamente saí correndo para o meu destino.

Thomas tinha razão. A área da piscina estava praticamente deserta. Com exceção de um casal que conversava discretamente na descida para a praia. Enquanto o aguardava minha coragem começou a ir embora. Da forma como as pessoas estavam se comportando naquela festa, era até arriscado permanecer lá. Só de imaginar o que poderia estar acontecendo com Thomas e aquela garota antes da minha chegada fez meu mau gênio querer se manifestar.

Ele chegou com a cara mais cínica possível, como se soubesse o que eu estava pensando. Trazia as bebidas e parecia bastante desinteressado. Entregou-me uma taça, fez menção de brinde

tomando um longo gole da sua. Depois se encostou ao parapeito, contemplando o mar. Seu silêncio me incomodou. Por que ele tinha me chamado se não tinha nada para falar? Beberiquei o conteúdo da minha taça, fingindo desinteresse também.

— Você está mesmo cansada?

— E você não? Nossas vidas são tão agitadas que não consigo pensar em nenhum momento que não tenha me sentido assim — a resposta foi bastante evasiva. Ele não havia me perguntado em relação à vida, mas em relação àquela noite. Eu não queria continuar tentando fazê-lo acreditar em mim.

— E com noites agitadas como estas, então — Thomas colaborou com a minha tentativa de fuga.

— Pois é.

Olhei para a festa que continuava dentro da casa. Ela parecia bem distante agora.

— E seu amigo? Ele tem um nome?

Mordi o lábio inferior, tensa. Eu não tinha pensado neste detalhe. Meu plano não era perfeito.

— Com certeza. E a sua amiga, tem?

Foi a maneira mais rápida que encontrei para esconder minha mentira. Ele levantou uma sobrancelha me interrogando.

— Que amiga?

— Aquela “papagaio de pirata”, que estava pendurada em você quando cheguei.

Thomas sorriu se desculpando.

— Ah! Ela? Deve ter.

— Típico.

Não sei por que fiquei ofendida com sua resposta. Não era problema meu se ele não se lembrava dos nomes das garotas que levava para a cama. Era problema delas que aceitavam ser esquecidas tão facilmente.

— Eu tinha acabado de conhecê-la — acrescentou, rindo.

— E perdeu o interesse tão rápido?

— Acontece — ficou sério de repente. — E seu amigo? Por que deixou você voltar tão cedo?

— Porque quem decide sobre a minha vida sou eu. Sou maior de idade, esqueceu? — Ele riu da minha resposta.

— Mesmo assim.

— Isso não é da sua conta, Thomas — tentei por um ponto final no assunto.

— Eu sei que não tinha amigo nenhum, Cathy.

Fiquei pálida. Analisei seu rosto para ver se estava brincando, mas ele estava sério. Seus olhos fixos aos meus.

— Como pode saber? — Desafiei-o, sustentando a minha mentira.

— Eu pedi a Eric para segui-la. Ele ficou durante algum tempo na porta do seu antigo apartamento até ter certeza de que você ficaria por lá. Suas amigas ainda moram lá, não é? Deduzi que passou uma ótima noite com elas.

Senti todo o sangue voltar de uma só vez para o meu rosto. Primeiro fiquei envergonhada por ser pega numa mentira horrível e infantil. Depois a humilhação tomou o lugar da vergonha. Por que ele fez aquilo? Apenas para provar o quanto eu era ridícula e absurda? Por fim, a raiva conseguiu se sobrepôr aos outros sentimentos. Senti tanta raiva que poderia matá-lo, queimando-o só com os olhos.

— Você fez o quê? — as palavras saíram por entre os dentes cerrados.

— Eu fiquei preocupado, Cathy. Você ia sair sozinha, dirigindo, à noite...

Ele estava nitidamente preocupado com a minha reação. Ficou tentando se justificar, mas nada do que dizia parecia fazer sentido. Quanto mais ele falava, mais a minha raiva aumentava.

— Você colocou o seu segurança para fiscalizar a minha vida? Com que direito? Meu Deus! Thomas, você é tão absurdo. É tão... — não conseguia encontrar a palavra mais adequada para defini-lo, então resolvi usar todas. — Tão sem escrúpulos, ridículo, arrogante, infantil...

— Tá legal! Eu já percebi que você tem um monte de adjetivos para mim — parou assustado olhando para mim. — Cathy, o que você fez? Sua mão...

Olhei para minha mão ensanguentada e me assustei. Em meio ao acesso de raiva havia esmagado a taça e não tinha percebido.

Abri a mão rapidamente e senti uma dor cortante.

— Droga! Seu imbecil! Olha só o que você fez.

— Agora a culpa é minha? Você deixa a raiva dominá-la, se machuca, e a culpa é minha? Deixe-me dar uma olhada.

— Por quê? Por acaso é médico?

Virei as costas e fui em direção ao meu quarto. Não era o mais sensato a fazer, mas queria ficar sozinha para avaliar a gravidade do ferimento.

— Cathy! — Thomas estava logo atrás de mim. — Não seja tão infantil. Deixe-me ver como está a sua mão.

— Por que você não me deixa em paz? E mande seu segurança fazer o mesmo.

Passei pela sala, já não tão cheia. As pessoas que sobraram estavam bastante entretidas para prestar atenção em mim. Subi as escadas e fui direto para o meu quarto. Assim que entrei, comecei a chorar. A dor do ferimento era uma boa desculpa para encobrir os meus reais sentimentos.

Fui até o banheiro, coloquei a mão embaixo da torneira, deixando a água limpar a ferida. Para meu desespero, Thomas estava logo ali. Ele pegou meu pulso com força, mantendo-o firme embaixo d'água por um tempo. Depois que todo o sangue que a cobria saiu, ele abriu a palma analisando a ferida. Pude ver três pequenos cortes projetarem uma pequena quantidade de sangue. Ele abriu devagar cada corte.

— Dói?

Fiz que sim com a cabeça.

— Não tem pedaços de vidro dentro. Eu acho! — ressaltou, olhando apenas para a ferida. — Os cortes não foram profundos. O sangue já está quase estancando. Acho que não vai precisar de pontos. Se for fazer você se sentir melhor, posso levá-la ao hospital.

— Não precisa. Obrigada! — meus olhos ainda estavam úmidos, e minha raiva tinha perdido bastante da sua força.

— Vou pegar algumas coisas para fazer um curativo, então.

Ia rejeitar sua ajuda, mas ele saiu rápido demais e voltou tão rápido quanto, antes mesmo que eu conseguisse chegar à porta para trancá-la. Meu chefe tirou gaze de uma maleta de primeiros socorros, umedeceu em algo que não consegui identificar começando imediatamente a limpar as pequenas feridas. Seu toque era suave, calmo e preciso. Eu sentia apenas um leve ardor.

— Desculpe! Não tive a intenção de aborrecê-la — Thomas começou a falar calmamente, como se quisesse evitar maiores problemas.

— Ah! Eu acho que você queria sim.

A raiva ainda estava presente, forçando meu mau gênio a se manifestar. Eu estava indignada com a atitude dele. Thomas me olhou e suspirou.

— E você ainda diz que eu que sou o infantil — coçou a cabeça, demonstrando impaciência.

— Desculpe! Foi realmente muito maduro de sua parte mandar a sua sombra bisbilhotar a minha vida — ele pegou minha mão e a enrolou com atadura, fazendo um curativo perfeito.

— E foi muita maturidade da sua parte inventar um encontro só para chamar a minha atenção.

Ok! Ele queria me enlouquecer. Fechei os olhos, tentando canalizar a minha raiva apenas para minhas palavras, evitando assim outros danos físicos.

— Eu não queria chamar a sua atenção. Você é um poço de convencimento.

— E queria o que então, inventando que iria sair com outro homem?

Thomas começou a demonstrar raiva também. Suas mãos bagunçavam seus cabelos, e ele não conseguia fixar o olhar. Não consegui pensar em nada para justificar a minha mentira.

— Qual é o seu interesse? Que motivo você tem para querer controlar todos os meus passos?

— Esse motivo.

Segurou meus ombros com força, me puxando para ele. No mesmo segundo, nossos lábios se encontraram, e, no segundo



seguinte, estávamos embalados pelo mesmo calor que tinha nos dominado na boate.

Foi a mesma reação. Meu corpo parecia familiarizado com seus toques e minha pele se mostrava saudosa da sua. Imediatamente agarrei suas costas para grudar ainda mais meu corpo ao dele, porém senti uma dor insuportável na mão ferida, devido ao movimento brusco, me alertando que aquela atitude era inteiramente proibida para nós dois. Instintivamente recuei, conseguindo recuperar a capacidade de raciocinar. Com a mão boa o empurrei para longe de mim.

— Não faça mais isso — adverti ainda tonta pelo desejo.

— Não posso aceitar. Não consigo ficar sem fazer nada sentindo tudo o que sinto e vendo você sentir o mesmo, é impossível.

— Nós já conversamos sobre isso. Eu já disse: você é meu chefe. Nada poderá acontecer entre nós.

— E o que vai fazer para evitar, Cathy? Fingir romances inexistentes e se embrenhar na noite tentando se convencer de que não me quer?

— Isso não é da sua conta. Saia do meu quarto, Thomas!

— Cathy, o seu desejo é tão grande quanto o meu. Não adiantar fugir. Você sabe que só está adiando o inevitável.

— Saia do meu quarto, ou saio eu. E não adianta mandar a sua sombra me seguir porque desta vez a notícia não será boa.

— Está bem. Eu vou.

Thomas saiu, batendo a porta com força.

Depois de um tempo parada no mesmo lugar, consegui caminhar até a porta e trancá-la. Deitei na cama tirando apenas as sandálias e cobri o rosto com um travesseiro. Eu sabia que seria difícil dormir.

No outro dia eu estava acabada. Não tinha dormido a noite inteira e, ainda por cima, para piorar tudo, o ferimento da minha mão latejava. Tinha tentado refazer o curativo, no entanto ficou horrível, com pedaços de ataduras sobrando para todos os lados. Desisti de tentar consertar. Estava cansada, com dor e atrasada. Passei no quarto do Thomas, já pensando na possibilidade de mais uma discussão. Minha cabeça doeu. Definitivamente, não estava em condições de encarar mais essa.

Outra vez tive medo do que iria encontrar em seu quarto. A imagem dele com a garota na outra noite me perseguia. Decidi não daria para ligar ou inventar nada, então bati na porta, como sempre fazia. Assim que entrei percebi a sua cama vazia. Com certeza Thomas tinha dormido em outro lugar com alguma “companhia” da noite anterior. Senti a angústia querendo me tomar, fiz o maior esforço para colocá-la de lado. Havia determinado que esqueceria tudo que tínhamos vivido. Tinha que cumprir.

— Já estou de pé — ouvi a sua voz atrás de mim. Virei-me sobressaltada. — Levantei cedo e já tomei café. Como você ainda não tinha aparecido resolvi passar em seu quarto para ver como estava a sua mão — ele olhou para o que sugeria ser um curativo e suspirou. — Deixe-me ver isso aí.

Thomas pegou minha mão começando imediatamente a desfazer o curativo. Sua expressão era séria, podia inclusive dizer que estava chateado e jurar que era por minha causa. Meu corpo todo ficou em alerta. Mas ele agiu como na outra noite. Seu toque foi suave e cuidadoso. Após terminar com os cortes, mais uma vez, envolveu a minha mão com ataduras, só que agora, de forma bem mais organizada. Fiquei curiosa a respeito dessa capacidade dele.

— Como aprendeu a fazer curativos?

Ele sorriu sem muito ânimo.

— Minha mãe é enfermeira. Cresci ouvindo as suas explicações sobre cortes, curativos e procedimentos adequados para cada tipo. Também tive minhas experiências, vivia me machucando, então acabei aprendendo algumas coisas.

— Sua mãe é enfermeira? — Ele fez que sim com a cabeça, sem demonstrar interesse pela pergunta. — E o seu pai?

— Meu pai é empresário. Obteve sucesso no ramo da construção civil. O resto você já sabe.

Fiquei chocada com a frieza dele. Um dia antes estava tentando me convencer de que deveríamos ficar juntos e no outro, simplesmente me desprezava. Parecia não querer nem conversar.

— Certo — desisti de manter uma conversa. — Vou descer para comer alguma coisa. Obrigada pela ajuda.

Ele soltou a minha mão e foi procurar o que fazer sem se importar com a minha saída. Confesso que a atitude de Thomas tinha me incomodado mais do que deveria. Quando desci, Helen já estava me aguardando, começamos a trabalhar quase que imediatamente.

Algumas mudanças na agenda, além de mais uma viagem no início do próximo mês. Iríamos a Culver City para o *MTV Movie Awards* 2000. Estávamos todos eufóricos com esse evento. Thomas havia sido indicado para a categoria “Melhor Performance Revelação Masculina”, pela sua interpretação no filme que o tinha lançado à fama. Tudo indicava que levaria o prêmio, então estávamos contentes porque, se isso acontecesse, sua carreira seria projetada ainda mais, e seria uma excelente contribuição para o sucesso do filme que começaríamos a divulgar. Também havia o papel que ele estava sendo cotado para interpretar em um novo projeto, bem diferente de todos os que fizera até então. Estávamos apostando alto nesse papel.

Tudo estava tão cuidadosamente planejado e organizado para que cada um cumprisse com a sua respectiva parte no evento, que me deixou admirada. Por detrás de todo o glamour da aparição dos artistas existia um plano perfeitamente esquematizado. Diversos profissionais se empenhavam para que nada saísse do programado. Eu seria responsável por todos os passos de Thomas durante o evento, principalmente, por fazê-lo preparar o que diria em seu discurso de agradecimento, caso realmente ganhasse o prêmio. Eu e Dyo iríamos acompanhá-lo durante todo o tempo.

Thomas só apareceu quando eu e Helen estávamos terminando de organizar os compromissos. Passou pela sala sem dizer nada, saindo em direção à garagem. Helen olhou para mim interrogativa, eu apenas balancei a cabeça sinalizando que não sabia de nada.

— Vá atrás dele para saber o que está planejando.

Detestava ser a babá do Thomas, mas Helen tinha razão em estar preocupada. Nosso artista não podia sair por aí sem nos informar sobre seu destino. Além do mais, sempre existia a possibilidade dele se meter em alguma encrenca. Suspirei, me

forçando a levantar para ir rapidamente atrás dele. Consegui chegar antes que ligasse o carro e partisse.

— Thomas!

Gritei da escada para que me ouvisse. Ele não acreditou que eu estava ali. Um sorriso se formou em seu rosto. Calmamente se encostou ao banco e ficou me aguardando.

— Helen quer saber para onde você está indo — falei assim que alcancei o carro. Ele permaneceu calado, apenas me observando.

— Tudo bem, então. Você pode até não querer falar, mas vou ter que pedir para Eric segui-lo, porque precisamos saber onde encontrá-lo caso alguma coisa aconteça.

— Estou levando o celular.

— Você acredita que Helen vai achar que apenas essa informação é suficiente?

— Helen ou você?

Sabia que aquela reação tinha alguma coisa a ver comigo. Ele não iria fazer o mesmo que eu. Não iria se esquecer de nós dois.

— Somos uma equipe, Thomas. Eu, Helen, você... Somos uma coisa só agora — ele cruzou os braços no peito e fitou a parede à frente do carro. — Por que você tem que ser tão difícil?

— Eu sou difícil? — riu ironicamente.

— Thomas, isso não tem nada a ver conosco. Deixe de ser infantil. Tem a ver com o nosso trabalho. Aprenda a separar uma coisa da outra.

— E o que tem a ver com nós dois?

Ele não iria encerrar nossa conversa assim. Eu sabia que precisávamos conversar, ou então não conseguiríamos continuar com nosso trabalho juntos. Tomei coragem e entrei no carro, pegando-o de surpresa.

— Ok. Você quer ter esta conversa? Vamos conversar. Qual é o problema desta vez? Nós já não discutimos sobre a impossibilidade de nos relacionarmos de outra forma que não seja a profissional?

— Nunca concordei com você, Cathy.

— Mas eu disse que não quero que aconteça e você terá que respeitar.

— Eu até aceitaria se esse fosse realmente o problema — ele finalmente voltou a olhar para mim. — Cathy, eu sei que não é só isso. Existe algo mais. Você está apenas encobrindo tudo com a desculpa de que sou seu chefe. Não é motivo suficiente para desistir de você.

— Thomas, por que não sai e se diverte com alguma das suas garotas e me deixa em paz?

Ele era muito perceptivo. Sua capacidade de enxergar além de mim era assustadora. Fui pega de surpresa, este detalhe me deixou sem saber como agir.

— Porque eu não quero nenhuma outra garota.

— Eu não sou mais um dos seus brinquedos. Conforme-se, Thomas.

A raiva estava começando a me dominar. Ficamos nos fitando, sustentando o olhar sem ceder. Quando ele percebeu que não conseguiria me vencer, desviou os olhos e voltou a fitar a parede.

— Não vejo você desta maneira.

Minhas defesas perderam força com sua afirmação. Eu nunca quis acreditar que ele me via de maneira diferente. Mas Thomas parecia estar falando a verdade. Proibi o meu coração de se alegrar. Ainda precisava mantê-lo à distância.

— E como você me vê?

— Não sei. Mas não é como está pensando.

— Para onde você está indo? — Minha voz tinha perdido o tom de defesa ficando mais doce. Eu não tinha como evitar.

— Vou ver o meu pai. Ele está na cidade. Preciso ficar um pouco com ele.

Respirei aliviada. Então não estava indo se encontrar com nenhuma garota. Senti a confusão se formar em minha mente. Como eu poderia querer manter distância e ao mesmo tempo querê-lo tão próximo?

— Não sabia que seu pai estava na cidade.

— Ele me ligou hoje cedo. Teve uma reunião, como terminou mais cedo do que ele esperava, marcamos de jantar juntos. Diga a Helen que não sei a que horas vou voltar nem se voltarei hoje. Por

favor, não mande Eric atrás de mim. Você vai ficar sozinha na casa, não me sinto confortável com essa situação.

— Está bem. Então, até amanhã?

— Você vai ficar bem? — Ele apontou para a minha mão.

— Vou sobreviver — indecisa coloquei a mão na maçaneta para abrir a porta.

Thomas, percebendo o meu estado de espírito, foi se aproximando lentamente, me prendendo pelo olhar. Não consegui fugir. Meu coração já estava muito abalado com todas as incertezas dos últimos dias e, sua confissão sobre a forma como me via, mesmo não sendo uma grande revelação, foi o suficiente para me fazer querer aquele beijo.

Beijamo-nos longamente sem muita intensidade. Era um beijo sem carícias. Nenhuma parte do nosso corpo se tocou além dos nossos lábios e das suas mãos em meu pescoço. Mesmo assim era possível sentir o mesmo desejo das outras vezes. Não ultrapassamos nenhuma barreira. Quando terminamos, ele encostou a testa na minha. Ficamos de olhos fechados apenas sentindo o momento.

— Obrigado! — sussurrou.

— Pelo que?

— Por esse beijo. Eu estava precisando muito dele.

Suas mãos me soltaram e voltaram para o volante. Era o sinal de que eu precisava sair. Já tinha me permitido demais. Não era só ele que precisava daquele beijo, eu também. Então precisava sair do carro e deixar lá dentro todas as lembranças. Nós dois sabíamos que isso não voltaria a acontecer. Aceitei a dor no peito com satisfação. Ela me lembraria de que não podíamos ficar juntos, então sempre seria uma constante em minha vida. Essa constatação me deu forças para sair sem olhar para trás.

Quinze dias se passaram desde o ocorrido e nós simplesmente não tocávamos no assunto. Percebi, com bastante satisfação, que Thomas não havia comentado com ninguém sobre nós dois. Algumas vezes, quando estávamos muito próximos, trabalhando, ele me olhava com carinho e chegava a acariciar o meu rosto.

Era estranho, mas depois de toda tempestade sempre vem o tempo bom. Estávamos convivendo com mais facilidade, era até gostoso dividir o meu tempo com ele. Tínhamos muitos gostos em comum e, quando isso não acontecia concordávamos em experimentar o gosto um do outro, o que sempre acabava em aprovação de uma das partes. Constantemente éramos vistos rindo e brincando.

Depois do ocorrido, nunca mais o tinha visto com outras mulheres, estava inclusive mais caseiro. Os rapazes reclamavam, no entanto ele alegava que estava fazendo laboratório para um possível papel, precisando assim se concentrar mais em novas e diferentes atitudes. Eu sabia que era mentira. O papel ainda nem tinha sido confirmado. O convite fora feito mas ele ainda estava analisando.

Quando ficávamos sozinhos em casa, apenas nós dois, fazíamos questão de ficar juntos, vendo um filme, lendo um livro ou apenas conversando. Era o que gostávamos de fazer. E era ótimo!

Thomas nunca mais tinha tentado nada. Como havia imaginado, nosso último beijo foi uma espécie de despedida e eu estava me preparando para aceitar isso sem maiores problemas, para mim, claro. Sabia que já estava incrivelmente envolvida com ele e, mesmo tendo decidido não seguir em frente, era bem provável que, quando ele resolvesse voltar à sua rotina normal de conquistas, acabasse me machucando.

Então, sempre que estávamos juntos, tentava ser sua amiga o máximo possível. Queria que ele me visse dessa forma e que minha mente se acostumasse com a nova realidade. Quem sabe assim, quando Thomas estivesse com alguém, poderia até me sentir feliz pelo meu “amigo”.

Uma noite eu estava no quarto quando ele bateu à porta.

— Posso entrar?

— Claro, a casa é sua — brinquei.

Ele sorriu e sentou ao meu lado na cama. Retirou o notebook do meu colo, colocando uma pilha de papel no seu lugar. Ergui a sobancelha, questionando o que era aquilo.

— Você poderia ler comigo? Já li umas três vezes e ainda tenho dúvidas se devo ou não aceitar este papel.

Senti uma imensa alegria pelo fato dele querer a minha opinião a respeito do seu futuro profissional. Achava que as escolhas dos papéis cabiam só a ele. Sabia que ele queria muito aquela chance. Todos nós queríamos que aceitasse. Então por que a dúvida?

— Já li — admiti, timidamente.

— Já?

— Quando recebi o arquivo li antes de entregar a você. Qual é o problema? Achei o texto ótimo!

— Eu também. Mas ele modifica completamente a minha linha de trabalho até hoje. Se aceitar o papel estarei deixando a imagem de galã romântico e bonzinho para assumir algo bem diferente, se é que você está entendendo do que estou falando.

Enquanto falava, Thomas passava as mãos em seus fios desalinhados me desconcentrando. Era incrível como gestos tão pequenos quanto esse me deixavam deslumbrada.

— E você não gostaria de mudar sua imagem.

— Na verdade, eu gostaria. Quero muito a chance de interpretar um personagem que não valorize tanto a minha beleza, porém tenho medo do impacto. A ideia de não ser apenas mais um ator bonito que faz sucesso com as mulheres me atrai — assisti um sorriso maravilhoso se formando em seus lábios e fiquei apalermada. Quando isso iria acabar?

— Pensei que gostasse de ser um ator bonito, principalmente do sucesso que faz com as mulheres. Existem muitas vantagens nisso.

Ele ficou sério.

— É assim que você me vê, não é? Tudo bem, eu tenho toda a culpa.

Ficamos em silêncio por um tempo. Thomas começou a se mexer na cama, procurando uma posição mais confortável.

— Sobre aquele dia no hotel — começou a falar. — Gostaria que me perdoasse.

— Tudo bem, Thomas, nem me lembrava mais.

Mentira. Eu lembrava sempre desse episódio, aliás, era um dos motivos que impediam que me atirasse em seus braços. Naquele dia, vi de perto quem ele realmente era. Mesmo tendo consciência



de que havia mudado bastante desde então, aquela imagem não saía da minha cabeça.

— Mesmo assim queria me desculpar. Talvez seja por isso que você tem esta imagem ruim de mim, o que me incomoda bastante. Não quero que me veja desse jeito.

— Não sei como devo vê-lo, Thomas. Você comigo é uma ótima pessoa, porém já presenciei situações que não poderiam sustentar essa opinião. Nos momentos em que somos somente nós dois, é ótimo, no entanto, sua vida é um mistério para mim. Quando penso que está tudo bem entre nós, sou pega de surpresa por mais problemas. São muitas inconstâncias.

— Tente entender o meu lado, Cathy. Eu sou jovem ainda. Sou solteiro e minha fama me ajuda a continuar sendo — Thomas estava visivelmente constrangido. — A vida fica um pouco monótona se não temos algum tipo de diversão. Já basta ter que me manter o tempo todo longe das pessoas que amo, além de não poder levar uma vida normal — fez uma pausa, olhando para um ponto fixo em algum lugar dos seus pensamentos.

— E você precisa preencher o seu vazio com uma mulher diferente a cada noite? — A amargura estava começando a se fazer presente.

— Você sabe que não é verdade — sabia mesmo, mas não queria acreditar. — Depois daquela noite em que ficamos juntos...

Encolhi-me com a lembrança. Só de me lembrar dos seus toques, dos seus beijos, meu corpo começava a reagir, porém eu queria continuar mantendo essa sensação bem longe de mim.

— Nunca mais me interessei por nenhuma outra mulher.

— E você espera que eu acredite nisso? — Existia uma parte do meu cérebro que se agarrava com todas as forças a essa esperança, a outra parte afugentava qualquer possibilidade disso acontecer.

Olhei para a pilha de papel em meu colo.

— Acho você um ótimo ator! Deveria aceitar o papel — mudei de assunto. Thomas percebeu que eu não queria falar sobre nós, mas ele queria.

— Eu gosto muito de você, Cathy! É tão confuso para mim quanto sei que é para você. Tenho tentado deixar as coisas se

ajustarem sozinhas, porém, na verdade, ainda acredito que só há um jeito de resolver essa situação.

— Qual?

Já estava completamente envolvida.

Que idiota eu era. Bastavam umas palavras mais românticas dele, que meu cérebro perdia todo contato com o restante do corpo. Ele se aproximou lentamente, observando a minha reação. Esperei. Quando aquele lindo rapaz chegou bem perto, fechei os olhos e abaixei a cabeça, escondendo os meus lábios dos dele.

Gentilmente Thomas pegou em meu queixo e levantou meu rosto. Olhou em meus olhos por um tempo, depois encostou os lábios nos meus. Foi um beijo diferente do outro. Era romântico. Gostoso, sem dúvida! Foi mais breve do que eu gostaria, mais rápido do que meu corpo necessitava. Ele não me tocou, apesar de poder sentir a vibração que vinha dele em minha direção. Depois, beijou minha face, minha testa e me abraçou.

— Não tenha medo de mim! — Sussurrou em meu ouvido, mas levantou-se para ir embora.

— Obrigado pela ajuda! — E saiu.

Fiquei imóvel, durante um bom tempo. O que queria? Como não ter medo? Ele era o solteiro mais cobiçado do meio artístico. Todas as divas estavam na fila esperando uma oportunidade. Eu havia testemunhado várias vezes quando o acompanhava em seus compromissos. E Thomas gostava disso de verdade. Adorava flertar com elas. Eu não suportaria viver assim.

## Capítulo 6

### Rompendo Barreiras

#### VISÃO DE CATHY

**N**

o início de junho, viajamos para Culver City para o *MTV Movie Awards*. Chegamos cedo e começamos a nos organizar no hotel. Sara Williams, a empresária do Thomas, havia ligado diversas vezes. Ela estava ansiosa por causa dessa premiação. Thomas era o seu maior investimento e pelo visto os frutos davam rapidamente. Dyo vivia radiante com a possibilidade de se encontrar com outros profissionais da área. *Network* era o seu principal lema.

Eu estava um pouco nervosa. Nunca tinha estado num evento desse porte. Todas as atenções estavam voltadas para as pessoas que participariam, por isso precisava mostrar serviço. Thomas permanecia completamente tranquilo. Pudera, o papel dele era apenas sorrir, acenar para um milhão de fãs histéricas e mais um bando de repórteres e fotógrafos ansiosos por um pedacinho seu.

Marquei hora no salão para fazer as unhas e arrumar o cabelo. Nada de muito espetacular, fiz apenas uma escova e alguns cachos na ponta. Minha roupa seria o principal destaque. Havia escolhido um vestido longo que valorizava meus seios, sem mostrar muito. A peça insinuava o corpo quando eu andava e deixava aparecer as

sandálias de salto fino. Guardei o celular na bolsa e fui ao quarto do Thomas verificar como ele estava se saindo.

Meu chefe estava lindo, em um terno escuro com o corte perfeito para o seu corpo. Ajudei-o com a gravata, sentindo o seu adorável perfume. Ele permanecia calmo.

— Você está maravilhosa. Com certeza vão confundi-la com alguma atriz.

— Duvido muito. Estarei usando um crachá de apoio — ele deu risada e saiu do quarto me segurando pela cintura.

Encontramos Dyo no corredor. Ele nos olhou de maneira desconfiada, depois alfinetou.

— Se não a conhecesse tão bem, Cathy, poderia jurar que vocês formam um casal.

Sorri sem graça e me afastei do Thomas. Ele apenas olhou para Dyo sem manifestar qualquer sentimento.

Fomos os três no mesmo carro. Eu estava começando a relaxar com a nossa conversa descontraída, porém todo o nervosismo voltou quando comecei a ouvir os gritos a quase um quarteirão de distância. Thomas segurou minha mão transmitindo tranquilidade.

— Lembre-se, você será meu guia. Eu não posso passar muito tempo com repórteres nem com fãs. Temos que manter o estabelecido e conto com você para me guiar. Atenderei todas as vezes que me chamar para continuar andando. Lá dentro as coisas serão mais calmas. Vai ter alguém para nos dizer o que deveremos fazer e Dyo está mais familiarizado com tudo, então vai poder ajudá-la. Fique calma. Vai dar tudo certo.

Sua tentativa de me acalmar me confortou. Lógico que não tinha me acalmado, mas me senti mais confiante. Saímos do carro e a gritaria ensurdecadora se intensificou. Thomas era bastante simpático com todos. Começamos a marcar o tempo e a orientá-lo. Ele deu entrevistas rápidas sobre seu novo filme e sua emoção por ter sido indicado ao prêmio.

Quando entramos, tudo ficou mais tranquilo. Algumas pessoas, responsáveis pela organização, apareceram para nos ajudar e orientar sobre os procedimentos. Thomas encontrou alguns conhecidos e iniciou uma conversa animada. Enquanto eu era

informada a respeito das marcações dele, Dyo o acompanhava. Voltei para perto deles encaminhando-o para seu lugar. Antes de me despedir, Thomas me abraçou forte.

— Espero que dê tudo certo — demonstrou insegurança, pela primeira vez.

— Vai dar — sorri confiante.

Eu e Dyo fomos para os bastidores, junto com todos os outros que não faziam parte do show. Assistíamos a tudo pelas telas montadas para orientar as pessoas que não poderiam ficar ao lado dos seus astros. Estávamos atentos e vibrávamos todas as vezes que alguém fazia menção a Thomas ou ao seu trabalho. A ansiedade crescia a cada momento. Durante um intervalo, fui até ele levar água. Meu chefe achou graça, eu expliquei que iria entrar em breve e seria bom estar com a garganta livre, sem obstáculos. Senti que havia gostado da minha confiança de que ganharia o prêmio.

Quando voltei, dei as mãos ao Dyo e ficamos juntos aguardando a premiação tão esperada. Como previsto, Thomas ganhou o prêmio. Ele apenas sorriu, se apressando em ao palco apertando as mãos de alguns amigos que surgiam no caminho. Eu e Dyo éramos só felicidade. Ouvimos Thomas brincar com a premiação, depois sair em direção aos bastidores. Fomos esperar por ele.

Bastou me ver para vir direto em minha direção me abraçar. Ficamos assim até percebermos que um monte de gente nos observava. Thomas então me largou para abraçar Dyo da mesma forma. Ele estava visivelmente emocionado, apesar de lutar contra isso.

Após o evento, fomos todos jantar em um restaurante tranquilo, um pouco distante do hotel, mas que era do agrado do Thomas, afinal ele merecia ter todos os seus desejos atendidos naquela noite. Ficamos no restaurante até tarde e quando voltamos ao hotel estávamos exaustos.

Fomos para casa no dia seguinte. Por causa do prêmio de Thomas, recebemos muitos pedidos de entrevistas. Então tivemos uma semana bastante cheia, com viagens rápidas, além algumas tardes inteiras dentro de estúdios. A repercussão foi bastante

positiva para a carreira dele e para todos nós que formávamos a sua equipe.

Mais alguns dias se passaram, e Thomas finalmente assinou o contrato. O que nos rendeu uma reunião extensa somada a correria visando ajustar sua agenda para que ele pudesse começar a se preparar para o papel. Sem contar que começariam pelo mundo afora as *premières* de lançamento do seu último filme. Havia uma expectativa enorme por esse lançamento, a previsão de bilheteria era astronômica, o que entusiasmava a todos.

A parte ruim era que teríamos um mês e meio de viagens onde não ficaríamos dois dias no mesmo lugar. Estávamos com a agenda abarrotada de compromissos em todos os países que visitaríamos. Depois eu e Thomas teríamos de nos mudar para o Texas para as gravações do novo filme. Ficaríamos por lá durante quatro meses. Por esse motivo, Helen nos deu alguns dias de folga para que todos nós resolvêssemos o que precisássemos de nossas vidas particulares depois iríamos nos dedicar apenas à carreira do Thomas.

Teoricamente, meus dias de folga não seriam iguais aos dos meus colegas de trabalho. Eu e meu chefe precisaríamos ainda passar uma semana juntos em casa, pois ele teria que terminar o seu treino, visando atingir a forma física necessária para o seu mais novo papel. O problema era que morávamos na mesma casa, então ficou para mim a incumbência de mantê-lo no ritmo. Além, é claro, de garantir a todos que ele não estaria abusando da sua vida social, nem se metendo em escândalos ou algo do tipo. Para isso, deveria mantê-lo cada vez mais próximo de mim, o que não era nenhum grande sacrifício.

Passamos então a correr juntos todas as manhãs e à tarde fazíamos exercícios com um *personal* contratado pelo estúdio. Entre uma coisa e outra ficávamos conversando sobre nossas vidas, ou fazendo alguma atividade que pudesse ser feita por ambos. Thomas, quando queria, era extremamente agradável, eu aproveitava esses momentos bons. Após a semana ele iria para Quebec visitar a mãe, Melissa, e os irmãos, Calvin e Randy. Eu ainda não sabia o que iria fazer, com certeza seria alguma coisa com Mia.

Uma noite ele apareceu em meu quarto, pronto para sair. Senti o coração apertar quando o vi vestido daquela forma. Ele estava lindo demais. Devia ser um encontro com alguma mulher, para que mais se arrumaria daquele jeito?

— Vai sair?

— Vamos — Thomas olhava para mim tentando adivinhar qual seria a minha resposta. A incerteza estava presente em sua expressão.

— Vamos?

— Sim. Se você quiser, é claro — ri de sua insegurança. Normalmente era ele quem ditava as regras.

— E para onde vamos?

— Vou levá-la para conhecer um lugar aonde sempre vou para pensar ou me distrair um pouco. Não vamos demorar, quero apenas que você saiba para onde vou quando saio à noite sem avisar. Lembre-se que está um pouco frio e parece que vai chover.

— Estarei pronta em dez minutos.

Thomas saiu do quarto para que eu pudesse trocar de roupa. Apesar de meu chefe estar muito bem vestido, optei por uma calça jeans justa e uma camisa de manga comprida com um decote “V” não muito profundo. Também calcei os inseparáveis saltos. Desci o mais rápido que pude. Estava muito curiosa para saber o que ele fazia quando desaparecia à noite e estava bastante empolgada por ele querer compartilhar seus segredos comigo.

Thomas já estava na garagem me aguardando, dentro do carro ouvindo música. Entrei e ele rapidamente manobrou para que pudéssemos sair.

Não ficamos muito tempo dirigindo. Em vinte minutos, Thomas entrou numa rua com vários prédios altos de luxo. Achei estranho. Esperava algo como ficar de frente ao mar ou qualquer coisa do tipo. Nunca pensei que ele preferia se trancar em um apartamento para poder pensar. Por que não fazia isso trancado em seu próprio quarto?

Paramos em frente a um edifício e fomos recepcionados pelo manobrista, que já conhecia Thomas com familiaridade. Seguimos para o elevador, mas ele não disse uma palavra sobre o que estava

planejando. Paramos na cobertura. Antes mesmo de entrar, eu já sabia que o que havia lá, me deixaria boquiaberta. Era simplesmente magnífico. Um apartamento enorme, do mais puro luxo. Logo na entrada já era possível ter uma visão ampla da sua extensão. Ao fundo uma escada clássica dava acesso ao andar superior, e uma varanda circundava todas as partes visíveis.

Thomas pegou minha mão e me convidou a entrar. Dei alguns passos tímidos e aguardei que ele se juntasse a mim para continuarmos. O apartamento era tão bem decorado quanto a sua casa, em toda a sua magnitude. Estava tão maravilhada com tanta beleza que só depois de um tempo me dei conta da necessidade real de um homem solteiro manter um local daqueles. Senti meu estômago embrulhar.

— Então, é aqui que você vem quando precisa ficar sozinho? — Enfatizei o *sozinho* para que ele soubesse do que eu estava falando.

— Sim. Mas só à noite. A vista é linda! Venha ver.

Não sei o que ele estava pretendendo, mas sua expressão não era de culpa ou constrangimento. Eu não poderia me apegar a isso. Thomas era um ator, um ótimo ator, poderia estar interpretando um papel agora. Fomos até a varanda e, mesmo com o frio que estava fazendo, não pude evitar a vontade de permanecer lá.

A vista era mesmo incrível. Podíamos ver a cidade toda iluminada. Cada pontinho de luz parecia estar exatamente onde deveria estar. E, ao fundo, a imensidão do mar de Santa Mônica se exibia. Ouvi o risinho do Thomas atrás de mim.

— Eu nunca consegui ficar indiferente a esta vista. É como se eu estivesse fora do mundo, da realidade. Olhando de cima sem as influências da vida cotidiana, fica mais fácil pensar e tomar todas as decisões que preciso.

— Você costuma vir sempre aqui?

— Sempre que possível ou necessário.

— Necessário? —fui irônica.

Era claro que aquele apartamento servia para as suas necessidades. Um nó se formou em minha garganta, me impedindo de continuar a questioná-lo. Se essa era a verdade, eu não queria escutar. Nem conseguia acreditar que ele tinha me levado lá.



— Não é da maneira como está pensando. Você tem a pior impressão de mim, Cathy.

— encostou-se à sacada do apartamento e ficou observando a vista.

— Vai dizer que eu sou a primeira mulher que traz aqui?

— Não. Nem tenho porque dizer isso.

Foi como uma facada no coração. Eu não entendia mais nada do que estava acontecendo comigo. Como me permitia ter tanta esperança em relação a uma pessoa com quem eu não queria ficar? Como deixava que ele entrasse em minha vida e bagunçasse tudo o que eu havia planejado há tanto tempo? E, mesmo assim, eu ainda estava ali, parada, em seu apartamento, permitindo que meu coração sangrasse com as suas revelações.

— Foi o que eu pensei.

— Além de você. A minha mãe esteve aqui. Acho que algumas amigas dela e empregadas... Mas que fosse importante para mim, só vocês duas. Tive essa sorte em minha vida. Estar em um lugar tão lindo, ao lado de duas lindas e grandes mulheres. É muito mais do que eu mereço.

Meu sorriso foi de alívio. Minha relação com Thomas era como uma montanha-russa, cheia de altos e baixos. As emoções eram uma mistura de medo, desespero, êxtase e prazer, tudo misturado e ao mesmo tempo. Não sei como meu coração ainda suportava. Era mais do que qualquer pessoa poderia aguentar.

Ao perceber que meus sentimentos tinham se acalmado, Thomas me abraçou e beijou minha testa.

— Você sempre fica muito aborrecida quando fujo para cá. Então resolvi trazê-la, para que pudesse se certificar que não era nada de mais.

— Eu não ficava aborrecida — ficava furiosa, porém nunca admitiria isso. — Apenas preocupada.

— Você sempre estava tão chateada que nem falava direito comigo no dia seguinte. Eu tinha de inventar um monte de coisas para amenizar a situação.

Como ele conseguira perceber isso? E eu pensando que disfarçava muito bem. Se não estivesse escuro, Thomas conseguiria

ver em meu rosto a vergonha que estava sentindo por ele poder me “ler” tão bem.

— Por que você vem para cá? Sua casa é tão grande e geralmente somos só nós dois. Não há espaço suficiente? — Mudei de assunto rapidamente.

— Às vezes penso que você tem cinco anos e ainda não saiu da fase do “por que”. Você parece uma menina com toda essa curiosidade.

Fingi indignação e me soltei dos seus braços. Ele riu da minha birra, mas aceitou que eu me distanciasse. Fiquei em silêncio, aguardando se ele responderia ou não às minhas perguntas.

— Perdi completamente as rédeas da minha vida, Cathy. Este é um dos problemas de ser famoso. São tantas regras, tantos compromissos, e, no meu caso, tantos trabalhos que é impossível fazer tudo sozinho. Então a minha vida acabou ficando dividida nas mãos de várias pessoas. Algumas vezes não consigo me encontrar. Não consigo saber quem eu sou realmente. É por isso que algumas decisões, faço questão de tomar. Para acreditar que, pelo menos em algumas situações, ainda posso ter controle da minha vida. É nesses momentos que venho para cá. Aqui consigo resgatar quem eu sou, ou era... Cresci neste lugar. Esta é a casa do meu pai. Morei aqui até os 10 anos quando meus pais se separaram, depois passei a vir sempre que possível, ou necessário. Eu amo este lugar.

Não esperava por essa confissão. Como fui idiota por pensar as coisas que pensei quando chegamos. Essa era a verdadeira casa dele. Era o seu refúgio. Ele estava fazendo questão de me apresentar ao seu mundo. Era realmente possível que Thomas nunca tivesse levado nenhuma mulher ali antes. As com quem ele esporadicamente se relacionava, não passavam de uma noite. Eram apenas aventuras e não confiança. Ele confiava em mim. Meus olhos ficaram marejados com essa confirmação e meu coração acelerou. O que pretendia dizendo isso?

— Vai chover. Está bem frio — abracei meu próprio corpo, buscando um pouco mais de calor.

— Quer entrar?

— Não. Vamos ficar mais um pouco. Você tem razão, a vista é linda.

— Não tanto quanto você — senti seus braços me envolverem. Era muito confortável ficar desta forma. Tornava-se fácil esquecer que o mundo ainda existia — É bom quando ficamos assim. Sem conflitos. Sem medos.

— Quem não está com medo? — Brinquei com ele.

— Eu — virou-me para ele e beijou meus lábios, de surpresa.

— Thomas — tentei repreendê-lo, contudo minha voz saiu apenas como um sussurro, mais como satisfação do que indignação.

Baixei a cabeça e fiquei encostada em seu peito perfeitamente esculpido. Senti seu coração acelerar.

— Foi só um beijo, Cathy. Não consegui resistir. Eu adoro seus lábios.

— Mas eu já falei o que penso disso.

— Falou mesmo, porém sei que não é o que realmente quer. Você deveria ter menos medo e se arriscar um pouco. Qualquer dia isso vai explodir. Não conseguiremos controlar tudo sempre. Você não pode, ninguém pode.

Eu tentaria. Não podia me entregar aos riscos. Precisava ter controle sobre a minha vida, acima de tudo sobre o meu corpo. Não seria vencida por esse desejo desenfreado e sem cabimento. Thomas estava com a razão, às vezes me comportava como uma adolescente.

Após uma semana seguindo nossa rotina, resolvemos tirar realmente um dia de folga. Inclusive um do outro. Era o nosso último dia juntos antes dele viajar para a casa da mãe. Eu havia combinado de viajar com Mia para a casa dos pais dela, nada muito longe, iríamos para Long Beach, em Los Angeles. Então Thomas disse que sairia com os amigos, os de sempre: Raffaello, Kendel e Dyo. Aproveitei para convidar as meninas para passarem o dia na piscina comigo, já que elas ainda não conheciam a casa em que eu agora morava.

É lógico que não contei meus planos para Thomas. Com certeza ele daria um jeitinho de participar da minha festinha, então disse a

ele que iríamos passar o dia na rua fazendo compras e cuidando da beleza. Esse sim era um programa que o assustava.

Estávamos todas na beira da piscina, conversando e pegando sol, bebendo algumas cervejas, nada que pudesse alterar nosso ânimo. As meninas ficaram surpresas quando eu disse que era a primeira vez que utilizava aquela área da casa. Pelo menos daquela forma.

— Não queria ficar desfilando de biquíni numa casa repleta de homens — justifiquei.

— Acho que está certa, Cathy. Foi bastante prudente de sua parte — Stella me defendeu das meninas que riam e me chamavam de freira.

— Vocês não conhecem esses rapazes. Preciso ser dura com eles sempre — tentava fazer com que elas entendessem a minha posição. — Além disso, é mais provável um dia eu tirar a roupa e dançar nua do que passar, em algum momento da minha vida, de biquíni na frente do Thomas.

Sabia todos os riscos de ficar tão exposta ao lado dele e sinceramente, não sei qual dos dois representava mais perigo para a minha sanidade mental. Eu, com toda a minha vontade de voltar para os seus braços, ou ele, com todo o desejo reprimido por mim. Ri sem humor da minha brincadeira e consegui desviar a atenção do assunto.

— Então... — começou Anna. — Você ainda não decidiu se vai ou não ficar com o gato.

— Não vou ficar. Decidi no primeiro momento. Acho que você esqueceu que *o gato* em questão é o meu chefe.

— Mas ele está interessado em você desde aquele dia lá na boate. Quando vocês se viram pela primeira vez — Daphne alimentava a curiosidade da Anna.

— Ele está interessado em qualquer par de saias que passe na sua frente — ridicularizei a situação.

— E os amigos dele? Kendel é muito gatinho! — Daphne comentou já cheia de planos.

— Não perca seu tempo — alertei a minha amiga.

— Não vou perder meu tempo é aqui com vocês — ela riu de meu comentário. — Onde é mesmo a cozinha? Precisamos abastecer o balde com mais gelo e bebidas.

— Logo após a sala de jantar — indiquei.

Ficamos conversando um monte de bobagens enquanto pegávamos o máximo de sol que podíamos. Percebi que Daphne estava demorando a voltar, então fui verificar o que tinha acontecido. Nem me preocupei em colocar uma roupa. Além dos seguranças, que estavam na parte da frente da casa para nos dar privacidade, só nós estávamos por lá.

Para minha surpresa Thomas também mentira a respeito dos seus planos. Ele havia convidado os amigos para uma farra na piscina, e, por algum motivo, não me queria por perto. Saiu apenas para buscá-los enquanto dava um tempo para que eu sumisse. Daphne tinha dado de cara com ele no meio da sala, quando voltava da cozinha com as bebidas e algumas coisas para comermos. Quando eu estava entrando na varanda, encontrei-os vindo em minha direção. O rosto de Thomas era impagável.

— Achei que você iria fazer compras o dia todo. Dia da beleza, não era?

— E eu achei que vocês iriam assistir esportes e beber cerveja o dia todo na casa do Kendel — sorri de volta para ele que passava as mãos no cabelo desarrumado, ficando ainda mais lindo!

Thomas parou por um momento conferindo o que eu vestia. Não tive como evitar a sensação de estar nua a sua frente, devido ao olhar que me deu. Só então me lembrei que estava de biquíni, diga-se de passagem, um biquíni muito pequeno. Se eu não estivesse bronzeada, teria revelado o quanto estava sem graça neste momento. Seu sorriso tomou todo o rosto. Meu chefe se aproximou e me deu um beijo na bochecha.

— Desculpe pela mentira — cruzou os braços e ficou me olhando, esperando o que eu diria.

— Ah! Acho que lhe devo desculpas também — ele fez que sim. — Imagino que agora devo convidá-lo para nos acompanhar? — Thomas comprimiu os olhos, como se estivesse me analisando.

— Não preciso de um convite formal para isso. Além do mais, Daphne já nos convidou. Espero que não se incomode.

— Deus me livre de ficar contra você, Thomas.

— Isso soa ótimo para mim!

Fiquei com tanta vergonha do biquíni, que vesti um short jeans curtíssimo e uma regata branca que estava na minha espreguiçadeira, me senti mais à vontade para circular entre as pessoas que agora formavam o grupo à beira da piscina. As meninas não se cansavam de me provocar por ter me vestido.

— Dá um tempo gente. Os rapazes são meus colegas de trabalho, e Thomas, apesar de não se comportar como tal, é o meu chefe.

— Cathy, se você falar mais uma vez que eu sou o seu chefe e que por causa disso não pode uma série de coisas, eu vou demiti-la — brincou. — Relaxe! Como seu chefe, vou adorar vê-la mais relaxada! — Falou olhando meu corpo com um prazer que não fez a menor questão de esconder.

— O que me lembra de uma coisa — Mia disse, animada. — Cathy, o que foi mesmo o que você disse sobre certa pessoa vê-la de biquíni? Ai, meu Deus! Como esse mundo dá voltas.

— Ah não! Parem com isso! — comecei a entrar em pânico.

— O quê? Foi você quem disse. Deve cumprir com sua palavra, ou esta não vale mais nada? — Daphne já estava gargalhando com a situação. — A vida fica ainda mais divertida assim.

— Qual é, meninas, vocês não levaram isso a sério, não é? Mia! — procurei desesperadamente uma forma de escapar.

— Sinto muito, Cathy, não posso fazer nada por você agora — o sorriso dela era imenso. — Realmente, será bem divertido.

— Parem com isso!

Corri para a praia, e elas se lançaram atrás de mim. Entrei no mar gritando por ajuda, mas minhas amigas entraram também. Ríamos muito. Ficamos completamente molhadas. Minha blusa estava colada ao corpo. Os rapazes tinham descido até a areia e riam, tentando entender o que estava acontecendo. As meninas me levaram até eles como uma prisioneira.

— O que ela fez agora? — Dyo ria com as meninas.

— Disse que tiraria a roupa caso algum dia ficasse de biquíni na frente do Thomas — Anna falou alto para todos ouvirem. Ele deu risada, surpreso, e soltou um gritinho de vitória.

— Não se animem, elas não vão me fazer tirar a roupa — avisei a todos.

— É claro que vamos — Daphne piscou para Kendel, que também ria da situação.

— Você disse que dançaria nua. Essas foram as suas palavras. Estamos aguardando — Mia completou atrás de mim, cruzando os braços.

— Eu sabia que vocês iriam aprontar alguma comigo.

— Tudo bem, Cathy, só dançar está de bom tamanho — acrescentou, suavizando a brincadeira.

— Tá bom! Podem me soltar, vocês venceram. Vou dançar — fiz parecer que era corajosa, mas pisquei para Dyo, que sabia que isso nunca iria acontecer.

Todo mundo gritou festejando. Comecei a me arrepender por ter concordado com a dança. Fiz uma anotação mental para acabar com a vida das minhas amigas depois delas acabarem com a minha. Mia foi até o som e colocou uma música agitada. Ela sabia que eu adorava essa música. Comecei a dançar ali mesmo na areia, estimulando todos a dançarem comigo.

Eu tinha feito algumas aulas de dança do ventre, por isso comecei a mexer o corpo no ritmo da música. A mistura dos movimentos da dança com alguns passos que tinha aprendido em boates formava um conjunto bem sensual. Minhas amigas adoravam me ver dançando.

Levantei um pouco a camisa, dando a entender que iria tirá-la, e movimenteí a cintura mexendo de um lado para o outro, enquanto balançava o cabelo. Vi os rapazes suspirarem e trocarem olhares e sorrisinhos entre eles. As meninas batiam palmas me incitando a continuar. Thomas me observava atentamente. Tirei a camisa jogando-a para ele, ficando apenas com a parte de cima do biquíni à mostra.

— Não vai me livrar desta? — Thomas sorriu cinicamente e fez um gesto com as mãos rodando o dedo.

— Continue dançando.

Sorriu divinamente para mim, o que fez com que eu perdesse um pouco o ritmo da música. Baixei os olhos tentando me concentrar. Dancei mais um pouco e brinquei com o short, rebolando com as meninas. Depois fui até a escada que dava acesso à área da piscina, subi dois degraus me virando para a praia onde todos estavam. Abri o primeiro botão do short, de maneira bem insinuante depois abri o outro fazendo todos acreditarem que o tiraria. Subi mais um degrau e então dei tchau para todos correndo para dentro da casa rindo escandalosamente.

Todos vieram atrás de mim, mas me deixaram em paz pelo pequeno espetáculo. Eu estava sem graça! Meu Deus, tudo o que fazia quando bebia era um absurdo para alguém com uma personalidade tão reservada. Também precisava ter mais cuidado com o que dizia às minhas amigas.

O som continuou ligado, logo todos estavam fazendo alguma coisa, me esquecendo completamente. Disfarcei, subi para tomar um banho e tirar a roupa salgada, que estavam realmente me incomodando. Mas fui surpreendida por uma imagem.

Thomas estava no final da escada. Encostado no corrimão. Sua expressão era única: desejo. Esperava por mim. Parecia saber que eu passaria por ali. Hesitei indecisa se deveria ou não subir. Olhei para a área da piscina, vi que ninguém estava reparando em nós dois. Nem tinham notado a minha fuga. Voltei a me concentrar em meu chefe.

Com um aceno ele me convidou a subir. Meu coração estava acelerado. Iríamos ficar um tempo longe um do outro. Eu já estava sentindo sua falta. Também estávamos já há alguns dias sem encostar um no outro e, sinceramente, meu corpo não aguentava mais de saudades do dele.

Subi encarando-o. Passei por ele sustentando o olhar, sem dizer uma palavra. Esperou que eu passasse e veio atrás de mim, em silêncio. Não trocamos nenhuma palavra. Meu olhar era um convite. Fomos até o corredor que levava aos nossos quartos. Não me atrevi a entrar. Apenas encostei-me à parede.



Thomas colocou um braço ao lado do meu rosto. Com a mão livre, tocou meus cabelos, acariciando o meu rosto, passando pelo pescoço. Então foi descendo-a por entre meus seios, passando para a barriga até chegar ao limite do short. Minha pele ficou toda arrepiada. Ele respirou profundamente e se aproximou com uma calma, até então desconhecida para mim. Estava tão seguro do que fazia. Eu não!

Meus lábios se separaram, esperando receber os dele, que se desviaram com um sorriso no último minuto, provocando. Ao invés de me beijar, Thomas roçou a sua barba por fazer em meu rosto, pescoço. Senti a ponta do seu nariz percorrer a minha clavícula. Abri os olhos e toquei o seu rosto.

— O que você quer de mim, Thomas? — Estava completamente entregue a ele.

Não conseguia mais lutar. Seria esse o nosso limite? Aquele que ele tinha dito alguns dias atrás, quando enfim explodiríamos? Eu tinha consciência de que não conseguiria mais lutar contra ele, contra mim mesma. Bastava um toque seu e todas as minhas barreiras eram atiradas ao chão.

— Preciso dizer? Já não deixei claro tantas vezes? — Tocou levemente a minha cintura com os dedos me fazendo prender a respiração. O prazer que sentia, ao ser tocada daquele jeito, estava esgotando todas as minhas forças.

Virei o rosto e fechei os olhos oferecendo o pescoço. Não teria como responder às suas perguntas, pois estava presa em seus encantos. Ele aceitou a oferta puxando-me para si com vontade, beijando e mordiscando minha pele me deixando louca de ansiedade. Só quando eu já estava gemendo que beijou a minha boca. Havia uma fome naquele beijo que dificilmente seria saciada. Agarrei seus cabelos, puxando-o para mais perto de mim. Thomas entendeu o recado, colando seu corpo ao meu de uma forma tão intensa que não existia espaço entre nós dois.

— Você quer me enlouquecer, Cathy? — Falava por entre os nossos beijos. — Pare de lutar contra nós dois — respirou profundamente. — Pare de me negar você. Pare de negar ao seu corpo o que ele quer. Eu te quero por inteiro. Quero seu corpo.

Quero essa tatuagem maravilhosa que você tem. Fiquei doido só de ver a pontinha dela quando você puxou o short.

— Não era para você ver! — Eu tentava raciocinar. Ele tinha visto minha tatuagem? Quando?

— Eu quero ver! — Era uma ordem. — Quero ver! — Thomas colocou a mão na barra do meu short, forçando um pouco para baixo, e conseguiu tocar os dedos no local onde ficava a tatuagem. Gemi que nem uma criança dengosa fazendo-o sorrir em meus lábios.

— Cathy! Cathy, você está aí? — Era a voz de Mia me procurando.

Empurrei Thomas para longe, abri a porta do meu quarto e entrei, rezando para ele não me seguisse. Ainda consegui ouvir Mia perguntando por mim.

— Não sei. Deve estar no quarto dela. Eu vim tomar uma ducha e já vou descer — ele a despistou. Foi impossível não de rir da nossa travessura. Corri para o banheiro, liguei o chuveiro, e sem ao menos tirar a roupa, me joguei na água.

## Capítulo 7

### Grandes Revelações

#### VISÃO DE THOMAS

Q

ue loucura! Não sabia o que pensar daquela situação. Cathy era uma mulher incrivelmente contraditória. Nada previsível. Apesar de me sentir incomodado por nunca saber o que esperar dela, eu me sentia ao mesmo tempo fascinado por ser sempre surpreendido. Hoje com certeza foi um desses dias.

Depois daquela dança, não poderia aceitar a imposição dela de que nada poderia acontecer entre nós dois. Quando Cathy estava dançando, mexendo a cintura e rebolando, fingindo que iria tirar o short, avistei o que deveria ser uma tatuagem. Olhei fixamente e pude ver um ferrão de um escorpião saindo da pontinha do seu biquíni em direção à virilha. Surtei naquele momento! Um escorpião na virilha, que doce imaginação a dela. O veneno de um escorpião algumas vezes poderia apenas machucar o homem, mas em outras poderia até matar. Era isso o que ela queria dizer com aquela tatuagem posicionada ali? Bastante sugestivo. "Cathy! Para ter você em minha cama, vale a pena morrer pelo veneno do seu escorpião", pensei, com imensa satisfação.

Há dias a garota vinha me tirando toda a capacidade de concentração. O que eu sentia não me deixava ter paz quando estava ao seu lado. Será que ela não percebia que não conseguiríamos mais evitar, nem fugir do que sentíamos? Tinha se tornado algo bem mais do que o físico. Nós precisávamos um do outro, precisávamos deixar que o fogo queimasse logo tudo o que tinha para queimar, ou causaríamos um incêndio de grandes proporções. Tentava me conter, mas na maioria das vezes, essa era uma luta perdida. Assim, eu passava grande parte do meu tempo pensando em como convencê-la da necessidade de ficarmos juntos. Eu já estava quase implorando.

Precisava falar com ela sobre este assunto e teria que ser logo. A constatação dessa necessidade estava me deixando angustiada. Eu já estava a ponto de inventar uma história e colocar todo mundo para fora da casa, só para que pudéssemos ficar sozinhos. Então, quando percebi que minha assistente estava incomodada com a roupa molhada me adiantei e fiquei esperando por ela na escada. Se Cathy subisse para o quarto, seria mais fácil convencê-la a termos a nossa conversa.

Não foi exatamente como planejei. Foi muito melhor. Não houve resistência, ela também me queria. Para minha surpresa. Pela primeira vez não teria que lutar contra ela, contra o que queríamos.

— O que você quer de mim, Thomas?

Sorvi essas palavras com uma imensa satisfação. Ela sabia o que eu queria. ELA.

Seu gosto não saía da minha boca. Seus gemidos ecoavam em meus pensamentos. Eu a desejava com muita intensidade. Mais até do que imaginei ser possível para um ser humano. Por esse motivo eu sabia que teria que ir devagar ou então acabaria tudo muito rápido e queria desfrutar de cada segundo com ela. Cada segundo tão ansiosamente esperado. Só Deus saberia o que ela faria depois, quando conseguisse pensar com mais clareza.

A tatuagem! Ah, a tatuagem! Não conseguia parar de pensar nela, de imaginá-la. Tão bem posicionada. Queria aquela tatuagem. Queria tocá-la. Beijar o escorpião e provar o seu veneno. E eu conseguiria. Só que para meu desespero, ouvi Mia chamando por

Cathy. A frustração me abateu quando ela me afastou e se trancou no quarto. O que havia de errado com essa garota?

Qualquer outra teria me levado junto e só sairíamos no outro dia. Mais uma vez, Cathy havia me surpreendido. Mais uma vez tínhamos perdido uma oportunidade de ficarmos juntos. Era verdade, não poderíamos ter controle de tudo a todo instante. Se eu pudesse, teria congelado Mia na escada e evitado que ela aparecesse para tirar a minha assistente dos meus braços, do meu corpo.

Entrei num banho gelado, tentando acalmar os ânimos. Será que ela iria querer se demitir outra vez? Não, acho que não. Agora estávamos mais próximos. Gostávamos um do outro... Será?

Fiquei pensando nisso enquanto a água fria escorria pelo meu corpo. O desejo não passava. Sabia que o que sentia era muito diferente de tudo que já havia sentido, mesmo assim ainda era tesão. Diferente. Queria muito transar com ela, mas sempre em minhas fantasias com este momento eu a queria além do desejo. Existia um antes e um depois, muito bem definidos em minha cabeça. Noites abraçados adormecidos após transarmos. Conversas sobre o nosso dia enquanto dávamos beijos excitados. Existia muita admiração, não apenas física. Admirava Cathy como pessoa, como profissional. Tudo era muito confuso para mim. Eu precisava entender.

Quando descii, ela continuava no quarto. Perguntei a Mia que me informou que ainda devia estar no banho. Tive que sorrir pensando no tanto de água fria que precisávamos para conter o fogo dos nossos corpos. Juntei-me ao grupo não ficando surpreso ao entender que a conversa girava em torno da Cathy; de quem mais poderia ser? Surpresa mesmo foi quando Anna começou a falar de uma forma mais pejorativa e debochada a respeito da amiga. Sua voz era cheia de desdém. Prestei mais atenção na conversa. Queria entender seus motivos para falar desse jeito, já que eram supostamente amigas.

— Os caras ficam fascinados por Cathy porque não sabem a bandeira que ela defende — Anna ria do que tentava fazer as pessoas entenderem.

Percebi que Mia parecia um pouco constrangida com a conversa. Ela não estava de acordo.

— Que bandeira ela defende? — Quis saber Kendel, totalmente interessado em descobrir algo sobre Cathy que pudesse depois transformar em uma brincadeira constrangedora.

Independentemente do que fosse, eu iria ter uma conversa com ele. Já era hora deixá-la em paz.

— Essa história de príncipe encantado em um cavalo branco que vai salvá-la de uma torre

— continuou dando risada da história.

— Explique. Não entendi nada — Raffaello também se interessou.

— É besteira da Anna — Mia tentou evitar que Anna contasse o que sabia.

— Bem... Besteira ou não, ela defende a ideia de se casar virgem. Pronto falei de uma vez por todas — rindo, Anna buscou apoio nas amigas, que agora estavam constrangidas pela revelação do segredo.

Fiquei congelado com essa frase.

“Virgem?!!!! Impossível”. Mas a palavra não saía da minha cabeça.

— Eu não defendo essa ideia, Anna! — Cathy estava no alto da escada nos observando.

Ela estava constrangida, mas tentava esconder, se fazendo de forte. Notei sua troca de olhares com Mia, que balançou a cabeça sinalizando não ser culpa dela. “Virgem?” Será que era verdade? Minha mente trabalhava a mil por hora.

— Eu levanto diversas bandeiras em minha vida, mas essa não é uma delas.

Cathy desceu as escadas e foi até o balde com gelo pegar uma água. Estava tensa. Foi sentar ao lado de Mia e Stella num sofá grande, posicionado no canto da sala. Todos, sem exceção olhavam para ela.

— Tá legal, então por que ainda espera pelo seu príncipe encantado? — Anna parecia se divertir com o embaraço dela.

— Eu não espero por ninguém — sua voz era calma.

— É verdade, Cathy? — Fingi desinteresse, mas tinha consciência de que era apenas para as outras pessoas, pois tinha plena certeza de que Cathy sabia que esse assunto muito me interessava.

— O que? — Perguntou no mesmo tom que o meu.

— Que você ainda é virgem? — Sorri e tomei um gole da garrafa de água que estava em minhas mãos.

— Não — a resposta veio prontamente, acompanhada do mesmo sorriso.

Com bastante calma, ela também tomou um gole da água devolvendo o olhar desinteressado. Anna não desistiu. Ela não queria apenas revelar esse fato da vida da Cathy. Ela queria que a amiga fosse ridicularizada por esse detalhe. Se é que era verdade.

— Só se você perdeu a virgindade nessa última hora enquanto estava no seu quarto — Ela realmente debochava. Não gostei nem um pouco da sua atitude.

— Anna, este assunto não diz respeito a ninguém que esteja nesta sala — minha assistente ficou um pouco impaciente. Vi que Anna recuou com a resposta.

— Ah! Então uma mulher de 23 anos, linda e gostosa pra caramba, independente, dona de uma personalidade forte como a sua, declarar que ainda é virgem não deveria ser do interesse de ninguém? — Dyo brincou para amenizar o clima. — Você tem toda razão, acho que não é.

— Não, não é. Isso é só do meu interesse e ponto final.

— Sinto muito, querida, porém acredito que isso seja do interesse de muita gente — respondeu Kendel, já pronto para soltar alguma piada. Eu o repreendi com o olhar. Cathy tinha encerrado o assunto, ele precisava respeitar. Ela tinha razão, não era da conta de ninguém, além de mim, é claro.

Eu apenas olhava para ela, que tentava não me olhar. Como Cathy podia ser virgem? Ela era extremamente sexy! Seu desejo e as atitudes não eram de uma pessoa sem experiência. Ou eram? Pensando bem, eram sim. Quando ela me afastava e fugia, era medo o que eu via em seus olhos. Durante todo o tempo, acreditei que estava com medo que nosso relacionamento prejudicasse o

trabalho. Era isso o que me dizia. Mas na verdade eu sabia que existia algo mais, já tínhamos inclusive conversado a respeito.

Era o medo do desconhecido. De perder a virgindade. Dei risada da situação e tive de me virar de costas para que ninguém não percebesse a minha reação. Não queria deixá-la mais constrangida. Ela era virgem! Eu mordida os lábios para não rir. Então o problema não era apenas o fato de eu ser o seu chefe, como tantas vezes afirmou.

— Você quer realmente casar virgem, Cathy? — Raffaello continuou a conversa de forma tão tranquila que não vi resistência em Cathy para responder.

— Não. Isso é invenção da Anna.

— Mas você ainda é virgem? — Vi muitas emoções passarem por seu rosto enquanto ela se questionava se deveria ou não revelar aquela parte da sua vida.

— Sou — jogou a cabeça para trás, apoiando no sofá e fechou os olhos.

— Interessante! — Raffaello sorriu com satisfação então olhou para mim querendo ver a minha reação. Será que ele tinha percebido alguma coisa?

— Olha. Sou virgem ainda apenas por opção. Não espero por um príncipe encantado, só acho que, se já cheguei até aqui conseguindo sobreviver aos hormônios da adolescência, que aconteça então com um cara legal. Alguém que me dê motivo para lembrar e não para tentar esquecer, entendeu? — Raffaello fez que sim com a cabeça. — Não pretendo me casar virgem, nem com o primeiro cara, muito menos pretendo me casar algum dia. Só não quero me sentir pressionada. E é só! Vocês já tiraram tudo que podiam de mim. Esqueçam a minha virgindade. Podem ter certeza que eu sou lembrada dela o tempo todo — percebi seu olhar rápido em minha direção. — Mudem de assunto.

## VISÃO DE CATHY

Eu estava tão irritada que, quando todos foram embora, corri para meu quarto e fiquei por lá. Quem deu a Anna o direito de falar



de minha vida daquela maneira? Expor o que só dizia respeito a mim, para meus colegas de trabalho, para Thomas! Eu queria que abrisse um buraco no chão e me engolissem para sempre. Agora eu sou a virgem. Que ridículo! “Se eu quisesse que ele ficasse sabendo eu mesmo teria contado, sua burra!”. Queria tanto poder matar a Anna. Qual era o problema dela comigo?

O dia estava acabando e a noite já começava a tomar conta do céu. Decidi que iria dormir naquele momento. Não queria voltar para a sala para encarar Thomas. Fui para o meu closet e bem lentamente comecei a me preparar para deitar. Não tinha ânimo para fazer nada. Quando saí o quarto já estava praticamente escuro, por isso não percebi a presença dele.

— Não vai mais falar comigo hoje? — Dei um pulo de susto. Ele achou graça. — Você fica muito distraída quando se tranca aqui com seus pensamentos. Todas às vezes se assustou comigo.

— Vai ver que é porque você me dá medo! — Eu estava realmente irritada. — Pare de entrar no meu quarto sem minha permissão.

Thomas levantou as mãos, alegando inocência, desviei os olhos para que não percebesse que não iria brigar. A culpa não era dele. Não era justo que pagasse pelos erros da Anna. Mesmo assim queria que ele fosse embora. Comecei a tirar as almofadas da cama. Ele se aproximou e me abraçou por trás. Gelei!

— Não precisa ficar com medo, Cathy. Acho que lhe devo desculpas.

— Pelo que? — Esta conversa me deixaria aborrecida. Eu tinha certeza.

Estava sem paciência para ouvir Thomas falar sobre eu ainda me comportar como uma adolescente.

— Por hoje e pelos outros dias — deu de ombros.

Ok. Agora ele sabia que eu era virgem e não iria querer mais nada com a garotinha inexperiente. Tal constatação me causou dor, porém me surpreendi com esta reação.

— Você não tem culpa de nada. Hoje à tarde eu também quis, foi com meu consentimento. Pode ficar tranquilo.

Ele riu.

— Eu sei. Apenas me sinto mal por não ter sido mais flexível com você. Eu não sabia...

— Claro que não. Eu não contei nem dei nenhuma pista. Como poderia saber?

— Na verdade deu sim. Eu que estava tão louco de tesão por você que não consegui ler nas entrelinhas.

Thomas estava rindo de mim? Era melhor ele sair imediatamente ou eu deixaria meu mau gênio assumir o controle da situação.

— Uma vez você disse que eu não entenderia. Estava errada!

Thomas me pegou pela mão e se deitou na minha cama me levando junto. Ficou deitado comigo por um tempo em silêncio, envolvendo-me em seus braços. Depois começou a acariciar meus cabelos. Ele estava absorto em seus pensamentos. E eu, sem entender nada, aceitei ficar com ele o tempo que fosse necessário.

— O que você realmente espera? — Perguntou por fim.

Olhei para meu chefe, tentando entender o que estava dizendo. Ele sorriu com a minha confusão.

— Quero saber o que você acredita ser necessário em um homem para mudar o curso desta história. O que espera de mim para que eu possa finalmente ter você? Agora que sei que o que a impede não é somente o fato de trabalharmos juntos e tudo mais que você defendeu esse tempo todo.

— De você? — Olhei para ele, incrédula.

Aquilo não era um filme com um roteiro predefinido em que ele iria interpretar o homem da minha vida. Era a vida real.

— Eu continuo achando tudo o que te dizia, Thomas. Nada mudou.

— Vamos colocar as coisas da maneira como elas são. Nada de joguinhos, Cathy. Você é virgem, mas morre de desejo por mim, isso é um fato. Não acredito que já tenha sentido a mesma coisa por outra pessoa. Aliás, nem acredito que tenha existido alguma outra pessoa que tenha tocado você da forma como eu a toco.

Ele estava com um sorriso imenso no rosto. Tinha algo de orgulho em sua voz.

— Eu sou louco por você. Não é só tesão.

Essa declaração me pegou de surpresa. Voltei a deitar em seu peito para que não visse o sorriso que tinha se formado no meu rosto.

— Tá na cara que na sua história eu representarei o papel principal. E eu quero esse papel! Vou lutar com todas as armas para consegui-lo. Então, vamos poupar nosso tempo e deixar as coisas bem claras.

— Não vou transar com você só porque sinto tesão, Thomas — fui incisiva.

— Claro que não! Você vai transar comigo porque é louca por mim, Cathy — ele riu e me abraçou mais forte.

— Não sou louca por você. Aliás, você é irritante! Acha mesmo que todas as mulheres o desejam? — tentei me soltar dos seus braços, mas ele apertou ainda mais o abraço.

— Não quero saber das outras mulheres, Cathy. Só quero saber de você. É tão difícil assim acreditar em mim?

— É! E você faria isso para conseguir transar comigo.

— Faria. Mas não vou fazer. Vou esperar o seu momento. Vai ser quando você quiser. Só quero saber o que precisarei fazer enquanto esse dia não chega.

Devia estar sonhando. Ele estava ali, deitado em minha cama, falando aquelas coisas mesmo? Como eu poderia saber o que deveria fazer? O que Thomas estava tramando?

— Não estou pedindo você em casamento, Cathy, relaxe! Você mesma falou que não está procurando um príncipe encantado e que não quer se casar virgem. Quer apenas alguém de quem possa se lembrar com carinho, caso não venha a dar certo, não é? — Fiz que sim. — Então?

— Você está me pedindo exclusividade — constatei. Ele riu alto.

— Não, sua bobinha. Eu quero ficar com você mesmo.

— Por quê?

— Não sei. Precisa mesmo existir um porquê? Talvez porque eu goste de ficar com você. Talvez porque eu goste do seu jeito, mesmo sendo tão teimosa. Talvez porque você tem me deixado maluco nos últimos dias — Thomas levantou e me olhou nos olhos. — Você tem o dom de enlouquecer as pessoas.

Aquele sorriso lindo estava estampado outra vez em seus lábios. Suspirei. O que dizer? Ele me beijou carinhosamente e depois voltou a deitar, fechando os olhos. Passamos um tempo desta forma. Precisava pensar em tudo o que Thomas tinha dito. O problema é que meu corpo não me permitia raciocinar de maneira sensata com meu chefe tão perto. Se eu permitisse, simplesmente aceitaria e pronto, contudo as coisas não podiam ser decididas dessa forma. Era importante realmente ponderar. O amor e a razão estavam lutando em minha cabeça.

— Acho que você deveria voltar para o seu quarto agora.

Mesmo sabendo que era importante ficar sozinha, liberá-lo era um tormento para o meu corpo. A dor chegava a ser física.

— Não posso ficar? Eu queria muito ficar mais um pouco com você.

Thomas percebeu a minha aflição com a sua pergunta. Era lógico que eu queria que ele ficasse. Deitada daquela forma, em seus braços, o mundo parecia não existir. Como se nada mais importasse. Meu corpo se encaixava tão perfeitamente ao dele que não conseguia enxergar maneiras de nos separar. Especialmente agora, que ele já sabia de tudo e mesmo assim dizia querer ficar comigo. Ao mesmo tempo a minha mente me obrigava a mandá-lo embora, mesmo que fosse só por ora. Realmente precisava pensar.

— Tá bom, então — disse consternado. Meu conflito interior diminuiu um pouco. — Mas antes quero dizer uma coisa.

Levantou e sentou na cama levando o meu corpo junto com o dele. Ficamos de frente um para o outro, muito próximos, tanto que eu podia sentir o calor que emanava em minha direção. Thomas ficou um tempo acariciando meu rosto, estendendo suas carícias aos meus braços e depois refazia o caminho. Eu não entendia como podia gostar tanto desse contato. Como, em tão pouco tempo ele conseguiu fazer com que meu corpo se acostumasse ao seu?

Meu chefe ponderava sobre o que falar. Era como se estivesse buscando por onde começar.

— Cathy, você é tão linda! Tão maravilhosa, de tantas maneiras... Entenda, eu não estou falando apenas fisicamente. Embora muito pouco tenha acontecido entre nós, eu sei que

nenhuma mulher até hoje despertou em mim o desejo que sinto por você.

Pensei, constrangida a respeito do “muito pouco” que tinha acontecido entre nós dois. Para mim, tinha sido mais do que jamais me permiti em toda a minha vida. Thomas sorriu carinhosamente, percebendo o meu embaraço e beijou levemente meus lábios, depois, ainda sorrindo, roçou os dele em minha pele até meu pescoço e, mais uma vez, depositou ali um beijo leve, me desconcentrando completamente.

— Então... Eu acho você uma pessoa maravilhosa. Seus valores, seus princípios... Tudo que você pensa e expõe para mim é de uma coerência tão grande que sempre me faz refletir sobre os meus próprios valores e princípios.

Sem parar as suas carícias, de repente ficou mais sério e colocou suas mãos em minha nuca, forçando-me a encará-lo.

— Entendo perfeitamente o seu conflito. Sei o quanto deve estar sendo difícil para você decidir entre seguir o coração ou a razão. Eu mesmo tive os meus momentos, apesar de você não acreditar. Também senti medo de deixar as coisas acontecerem entre nós dois e estragar o que estávamos construindo de amizade e de trabalho. Foi difícil chegar até aqui. Levei muitos anos erguendo barreiras, agora estou vendo todas elas sendo derrubadas. O que estou tentando dizer é que eu não queria que você se sentisse péssima por estar vivendo essas coisas com o seu “chefe”, como você diz. Isso não a diminui em nada, Cathy. Você é muito digna e não tem noção do seu valor profissional e pessoal. Estar aqui com você... Viver tudo o que vivemos até agora, só me fez admirá-la ainda mais.

Tive de desviar meus olhos dos dele. Estava feliz com tudo o que Thomas estava me dizendo, mas ao mesmo tempo, muito constrangida.

— Ir para a cama comigo não vai torná-la menos decente, mesmo porque você é uma das pessoas mais digna que eu já conheci até hoje.

Mais uma vez ele fez uma pausa e me abraçou, o que facilitou o meu lado, pois estava com os olhos marejados. Senti os lábios dele em meus cabelos. Thomas voltou a falar em meu ouvido.

— Então... Decidi que não é possível vivermos momentos como os hoje e no outro dia fingirmos que nada aconteceu, como temos feito. Eu gosto de você, Cathy! Quero continuar te tendo ao meu lado.

Soltei o ar que estava preso em meu peito. Senti mais uma vez meu corpo e minha mente lutarem. Não havia menor possibilidade de dizer nada naquele momento.

— Não precisa dizer nada agora — ele sabia ler muito bem os sinais do meu corpo. — Eu sei que sua linda cabecinha deve estar a mil por hora — recuou um pouco para mais uma vez buscar o meu olhar. — Apenas quero que saiba o que penso. Como estou me sentindo. Pense sobre isso e depois conversaremos.

Concordei notando que ele sorria. Era tão lindo! Instantaneamente sorri em resposta. Com bastante calma, Thomas voltou a me beijar.

— Posso vê-la amanhã? — não entendi a pergunta. Como poderíamos não nos ver?

— Você me vê todos os dias. Moramos juntos, trabalhamos juntos... — Ele me interrompeu com um beijo rápido.

— Não estou falando assim. Estou falando em vê-la dessa forma.

E me beijou com mais vontade, de maneira prolongada. Tanto que meu corpo inteiro reagiu. Quando ele percebeu a minha pele arrepiada, suas mãos puxaram meu corpo para mais perto do seu, para logo depois acabar tudo. Thomas apoiou a sua testa na minha e respirou profundamente. Parecia ser um sacrifício imenso para ele também se afastar de mim, após todo o contato da nossa pele, dos nossos lábios.

— Ah! Assim? — tentei fazer com que a minha respiração se normalizasse e que minha cabeça conseguisse sintonizar o que eu realmente queria. — Acho que sim. Depois de cumprirmos todas as nossas obrigações... Depois que mais ninguém estiver perto e, principalmente, depois que voltarmos para casa, ou para o hotel — estava tão preocupada com os efeitos das minhas afirmações que só depois percebi que tinha acabado de aceitar ficar com ele.

— E quando você for me acordar? — Thomas estava todo animado e fingia tomar nota de todas as regras impostas por mim.

— Quando eu for acordá-lo também, mas não poderemos nos atrasar por causa disso — entrei em sua brincadeira.

Estava feliz por tomar aquela decisão. Era como se tivesse tirado um peso das minhas costas e por causa disso me sentia mais leve. Mesmo com todas as dúvidas ainda existentes.

— Então me acorde amanhã meia hora antes do habitual. Já estou com saudades. E vamos ter de nos despedir logo, pois meu voo sairá cedo.

Com um beijo, Thomas se despediu. Assim que ouvi a porta bater, me atirei nos travesseiros e fiquei agarrada a eles com um sorriso que eu nunca acreditei que caberia em meu rosto. Aquela noite com certeza eu sonharia com anjos... Mais especificamente, com um, já que ainda não podia dormir com ele.

## Capítulo 8

### Mudança de Planos. Que Sorte!

VISÃO DE THOMAS

# P

arti com o sol ainda baixo. O dia mal tinha acabado de nascer e eu já estava indo embora. Voltar para casa, no Canadá, era muito bom, estava com muita saudade da minha mãe. Com o trabalho e dois filhos pequenos era complicado para ela conseguir me acompanhar. Assim, eu ficava responsável pelas visitas, que a cada ano eram mais espaçadas. Ficava triste em perceber o quanto estávamos distantes, mas a vida costuma pregar peças nas pessoas.

Sempre sonhei em ser um ator reconhecido. Lutei muito por isso e estava conseguindo me firmar na carreira, mas, como tudo na vida, realizar um sonho também tinha um preço. O meu era ficar longe das pessoas que amava. Uma vez, Cathy me disse que não poderíamos ter tudo na vida. Novamente ela estava coberta de razão, pois eu estava indo para casa, morrendo de vontade de encontrar com a minha família e ao mesmo tempo sentia uma tristeza profunda por me afastar dela. Seria só uma semana e logo estaríamos juntos outra vez, porém essa constatação não amenizava o que estava sentindo.



Quando ela me acordou pela manhã, senti que ainda tinha dúvidas. Era natural que fosse desta forma. Eu havia me comportado como um canalha várias vezes e essa rejeição dela era esperada. No entanto tinha pensado que depois da nossa conversa, Cathy pelo menos me permitisse tentar, mas não foi o que eu vi em seus olhos quando estivemos juntos.

— Me dê um tempo, Thomas — foi o que disse quando tentei beijá-la.

— Cathy, por que isso agora? — Tentei ser o mais paciente possível.

— Porque ainda não sei como faremos — sorriu docemente, o que me fez relaxar um pouco.

— Podemos começar assim... — Consegui finalmente beijá-la e fiquei mais aliviado.

— Thomas, eu ainda estou muito confusa.

— Você não quer ficar comigo? — Fiz carinhos em seu rosto voltando a ficar apreensivo.

— Quero. É claro que quero. Mas preciso de um tempo para saber como fazer. Você vai viajar, eu também. Então... Podemos deixar esse assunto para quando voltarmos? Poderemos pensar na melhor forma de ficarmos juntos sem causar problemas a nós mesmos.

— Tudo bem. Quando voltarmos, conversaremos.

Fui embora totalmente decepcionado com o nosso começo de quase relacionamento. Só não me senti pior porque ela havia confirmado que queria ficar comigo. Agora só restava esperar que não mudasse de ideia na semana em que ficaríamos separados. Eu adorava Cathy, mas era incrível como ela conseguia complicar coisas tão simples.

Minha chegada em casa foi fantástica. Meus amigos de infância tinham se reunido para me receber e festejar o prêmio. Foi um dia muito bom, cheio de novidades, de conversas sobre as coisas que tínhamos vivido. Minha mãe estava muito feliz com a minha chegada, por isso não poupava carinhos e elogios. Era como se eu estivesse voltando no tempo. Apenas à noite, quando fui me deitar,

senti realmente a falta que Cathy me fazia. Estava de volta ao meu mundo, mesmo assim sentia profundamente a falta do mundo dela.

Três dias após minha chegada, acordei bem tarde, cansado de uma longa noite entre amigos. Assim que desci para a cozinha, minha mãe me passou quatro recados da Sara além do telefone de onde ela estava. Dispensei o café da manhã e fui retornar a ligação. Alguma coisa deve ter acontecido, Sara não me ligaria tantas vezes apenas para saber como eu estava.

— Sara, sou eu, Thomas.

— Thomas, querido. Como está?

— Um pouco ansioso. Quatro ligações pela manhã...

— Desculpe-me por isso é que tivemos algumas mudanças de planos.

— Imaginei — ela riu do meu comentário.

— Vamos cancelar algumas viagens e acrescentar outras. Ao mesmo tempo, teremos mais três reuniões com o pessoal do novo filme, além disso, você um jantar com o diretor. Ele quer uma conversa informal sobre a construção do personagem.

— Tudo bem. Sem problemas. Vou adiantar a minha volta.

— Não será preciso. Cathy está a caminho para resolver com você estes e os demais problemas que surgirem.

— Cathy? Ela não estava viajando?

— Estava. Agora está em um avião indo para o Canadá encontrá-lo. Deve chegar por volta do meio-dia.

— E quando ela volta?

— Em três dias, junto com você.

Desliguei o telefone me sentindo imensamente feliz com a notícia. Eu teria que voltar a trabalhar mais cedo, em compensação Cathy estaria comigo.

Estávamos todos juntos, reunidos na mesa redonda da sala de jantar. Calvin e Randy aprontavam a maior confusão com a comida, enquanto eu seguia entretido numa conversa animada com meu padrasto, Tony e com meu melhor amigo, Nicholas. Éramos amigos desde o jardim de infância, agora ele trabalhava como corretor de

imóveis enquanto eu viajava pelo mundo como ator. Era mais uma das pessoas que eu amava e que não podia estar sempre comigo.

Tínhamos acabado de almoçar e aguardávamos por minha mãe, que se ocupava da sobremesa. Nem percebi quando a campainha tocou, nem quando Marta, uma das empregadas da casa, foi abrir a porta. Por isso, quando Cathy adentrou a sala, iluminando-a com sua pele radiante e seus cabelos loiros como o sol, fui pego de surpresa. Fiquei um longo minuto fitando-a sem me dar conta que as pessoas presentes na sala estavam aguardando que eu saísse do meu estupor.

— Cathy! — Minha mãe entrou na sala com uma torta de chocolate em mãos e foi em sua direção. — Pensei que nunca chegaria. Minha nossa, você é ainda mais bonita pessoalmente. É um grande prazer conhecer a mulher que está colocando o meu filho nos eixos.

Cathy deu um largo e deslumbrante sorriso.

— Mãe! — Por que as mães tinham sempre que fazer comentários tão indiscretos?

— O prazer é meu, Melissa. Thomas não estava mentindo quando falou da sua beleza.

— Thomas é um galanteador — vi minha mãe piscar para Cathy e achei graça da situação.

— Com certeza! — Cathy olhou para mim ainda sorrindo e Nicholas me deu um soco no braço, brincando. Levantei indo até ela, dando-lhe um beijo no rosto. Para meu agrado, não fui repreendido.

— Já almoçou? Posso providenciar algo... — Minha mãe se adiantou.

— Não, Melissa. Obrigada! Almocei no avião.

— Então faço questão de que prove desta torta. Ela é divina.

— Tudo bem.

Cathy me acompanhou até a mesa, sentando-se ao meu lado. Ela facilmente entrou na conversa com Tony e Nicholas. Depois da torta e da conversa, fomos até a outra sala para falar sobre as mudanças na agenda.

— Então, o que aconteceu?

Cathy tirou o seu notebook da bolsa, procurando uma fonte de energia para alimentá-lo. Depois ligou o computador e abriu uma pasta que estava na área de trabalho.

— Não aconteceu nada absurdo. Apenas teremos que cancelar alguns compromissos e as suas três últimas aparições em *premières*. Serão as de Sidney, Canadá e Estocolmo. Como você não poderá estar lá precisaremos cancelar as entrevistas, sua participação em coletivas de imprensa, além dos eventos com fãs.

— E por quê?

— O início das gravações do seu próximo filme foi antecipado em duas semanas. Neste meio tempo teremos um intervalo de quatro dias. O problema é que eles estão preocupados com o tempo em algumas cenas externas, por isso resolveram começar por elas. Serão apenas algumas, a princípio.

Fiquei preocupado com a repercussão que esse imprevisto poderia causar.

— Isso pode ser um problema. Nós já havíamos confirmado a minha presença. As pessoas estavam contando comigo.

— Eu sei. Sara está cuidando disso. Por enquanto você tem apenas que se concentrar na construção do seu personagem.

— Mas eu estou preocupado. Não gosto de cancelar nada.

— O que está realmente lhe incomodando?

Pensei em como poderia explicar.

— Não existe uma forma de conciliar os compromissos?

— Existe, mas iria exigir muito de você e de mim também, já que irei acompanhá-lo.

— E seria muito ruim? Digo... Eu estou disposto a enfrentar esta barra, se não for muito cansativo para você.

— Não estou entendendo.

— Cathy, você sabe o quanto os meus fãs estão ansiosos para estar comigo? Para pelo menos me ver de longe? Quando eu assumo um compromisso desses, as pessoas se programam. Em cada um desses lugares que não poderei comparecer, milhares de pessoas ficarão decepcionadas. Planos jogados fora.

Cathy passou um longo tempo me olhando.

— É bom saber que não estou jogando o meu tempo fora.

— Como assim?

— É bom saber que você se preocupa realmente com seus fãs —  
dei risada.

— Eu não sou um monstro, Cathy. Sei que não sou apenas um rosto bonito, a prova disso é meu novo papel. Tenho talento de verdade, mas, sinceramente? Eu não fui descoberto por causa da minha capacidade de interpretação e sim porque tenho uma beleza que agrada, então tenho consciência de que estou onde estou porque essas pessoas gostaram de mim. Devo tudo a elas e não quero decepcioná-las.

— Você tem consciência de que isso significa dormir apenas poucas horas em uma semana e, o pior, dentro de aviões? Será uma semana exaustiva.

— Eu quero fazer. Se for demais para você, posso dar um jeito com Sara.

— Estou dentro, Thomas. Nada como fortes emoções para agitar a nossa rotina.

— Obrigado!

Não conseguia acreditar que ela tinha aceitado segurar esta barra ao meu lado. Cathy era uma grande mulher e uma profissional destemida. Adorava que ela fosse assim.

— Eu sou paga para isso — riu. — Agora devo informar o que conversamos para Sara. Preciso usar a internet para verificar a melhor forma de viajarmos. Estou pensando em um jatinho particular, mas terei que combinar com a sua empresária primeiro.

— Ótimo!

— Tenho outra coisa para você — foi até a sua pasta e retirou um documento. — Recebi hoje um e-mail do John, diretor do filme. É uma lista de filmes com personagens que podem ajudá-lo a captar a essência do seu. Ele recomendou estes, eu adicionei mais alguns. Então, acho que você vai passar os próximos dias na frente da TV.

— Sem problemas, eu meio que já esperava. Deixe-me dar uma olhada.

— Alguns são bem antigos.

— Sim. Mas eu conheço uma locadora onde com certeza vou encontrar.

— Tudo bem. Não conheço muito bem nada por aqui, mas se me ensinar acredito que consigo ir até lá para pegar os filmes.

— Não. Vou pedir ao Nicholas. Ele vai adorar ser útil.

— Ok! Eu já estava apavorada com a ideia de me perder em Quebec — confessou aliviada, tive de rir.

Fui até a porta para chamar meu amigo, explicando o que precisava que ele fizesse. Como eu havia previsto, Nicholas topou na hora. Voltei para a sala onde encontrei Cathy novamente em frente ao computador, equilibrando o celular entre o ombro e o ouvido. Pelo que percebi, estava falando com Sara sobre o que tínhamos combinado.

— Preciso usar a internet, Thomas.

— Tem um ponto no meu quarto — ela olhou aflita para mim, temendo ser mais uma das minhas investidas. — Tem no quarto dos meus irmãos também, mas duvido que você consiga tirá-los de lá agora.

— No seu quarto, então.

— Eu levo você.

Subimos e indiquei a escrivaninha com um computador que ficava num dos cantos do quarto. Cathy rapidamente afastou tudo e conectou o seu notebook à internet. Imediatamente começou a trabalhar, esquecendo-se de mim. Deitei na cama, enquanto aguardava. Fiquei observando os seus movimentos.

Ela mantinha a coluna ereta enquanto digitava algum texto e segurava o cabelo acima da testa quando se concentrava em algo que estava lendo. Era estranho, mas eu estava gostando de ficar apenas vendo-a trabalhar. E era incrível que, mesmo tão séria e concentrada, ainda conseguia ser extremamente sexy.

Quando eu estava perdido em meus pensamentos, Cathy parou de prestar atenção no computador e começou a observar o quarto. Percebi quando ela deu mais atenção a um dos cantos. Voltei meus olhos para o local de seu interesse. Era o meu violão, largado lá havia tanto tempo que já não era mais lembrado.

— Você toca? — ganhei a sua atenção.

Vi a indecisão se formar em seu rosto, enquanto mordida o lábio inferior, pensativa.

— Um pouco. Gosto de tocar — seus olhos se voltaram para o objeto. — Você toca? — devolveu a pergunta.

— Não. Quando eu era adolescente entrei nessa de montar banda, mas nunca consegui nada significativo com o violão. Ele já está esquecido nesse canto há um bom tempo.

— Coitado! Deve estar sofrendo de carência.

— Fique à vontade. Ajude-o — sugeri.

Esse era mais um lado que eu não conhecia da Cathy, confesso que fiquei muito curioso.

— Não... Não — recusou, sem tirar os olhos do violão.

Ela queria tocar. Eu sentia isso. Suspirei de maneira teatral.

— É. Ele agora deve estar se sentindo ainda mais rejeitado.

Cathy olhou para mim sorrindo e, para minha surpresa, pegou o violão, tirando-o da capa que o envolvia. Ficou analisando o instrumento por um tempo deixando a sua admiração transparecer. Então, sentou ao meu lado na cama, posicionando-se de frente para mim. Afinou algumas cordas e começou a tocar.

Perfeito!

Seus dedos pareciam acariciar o violão, enquanto uma música se formava. Fiquei surpreso com a qualidade do som. O que ela tocava eu não sabia, nunca tinha ouvido, mas era, sem sombra de dúvidas, muito bom.

Então ela começou a cantar. Não foi como na noite em que a vi pela primeira vez, na boate, quando cantou com as amigas. A sua voz sozinha, acompanhando as notas, era ainda mais bonita. Leve e suave. Saía sem esforço, limpa, perfeita! Fiquei tão admirado que não conseguia desviar meus olhos da mulher a minha frente.

Cathy tinha tantas qualidades que era impossível não admirá-la. Estar com ela era sempre agradável e surpreendente. Era única! Permaneci quieto ao seu lado enquanto a linda mulher me presenteava com sua voz. Quando acabou, não encontrava adjetivos para classificar o que tinha ouvido.

— É bossa nova — quebrou o silêncio.

— Bossa nova? — Fiquei curioso.

— Um ritmo brasileiro. Gosto muito. É uma pena que as pessoas não conheçam.

— Eu gostei. Bastante! — ressalttei. — Sua voz é linda!

— É. As pessoas falam isso.

Ela colocou o violão de lado. O clima entre nós estava bastante tranquilo. Pela primeira vez eu via Cathy sem barreiras ou receios comigo. Era como se não existisse nada que pudesse nos impedir de ficar juntos. Suas atitudes, gestos eram alegres e seus sorrisos verdadeiros. Pensei em recomeçarmos a nossa conversa de antes da viagem, mas ela levantou indo até a janela. Ficou lá observando o dia frio.

— Tudo bem? — Fiquei apreensivo.

— Tudo. Aqui é muito bonito... E tranquilo.

— É sim — permaneci sentado na cama, tentando encontrar uma maneira de dar o rumo que eu desejava à nossa conversa. — Só está calmo porque os meninos estão no quarto. Normalmente é uma bagunça.

— Você fica mais tranquilo ao lado da sua família.

— Fico?

— Aham! Fica tão tranquilo que até esqueci que estamos trabalhando e que você é meu chefe.

— Nossa! E isso é ruim?

— De jeito nenhum. Isso é ótimo!

Era a deixa que eu precisava.

— Eu gostaria que fosse sempre assim.

— Ter a sua família por perto?

— Não. Que você esquecesse que sou o seu chefe.

Para minha surpresa ela riu e baixou o olhar. Levantei indo ao seu encontro. Ela não se afastou, então me aproximei o máximo possível. Segurei seu rosto com as mãos, levantando-o para mim.

— Será que isso seria possível? — rocei os lábios nos dela.

— Não em todos os momentos — sussurrou.

— Agora. É possível? — Meus dedos acariciavam de leve seu rosto.

— Thomas...

— Por favor! — supliquei. — Sinto a sua falta. Sinto falta dos seus lábios — passei meu polegar levemente neles, abrindo-os para mim. — Não há um só dia em que eu não me lembre dos seus beijos



— ela fechou os olhos se entregando. Era o que eu precisava, então a beijei com vontade.

Cathy não me impediu ou me afastou, em nenhum momento, como sempre fazia. Pelo contrário, ela se entregou da forma deveria ter sido desde o início. Eu acariciava seu rosto, seus cabelos, suas costas e me entregava ao prazer que sentia por estar daquele jeito com ela. Nossos corpos estavam colados, nossos lábios não se desgrudavam embalados num ritmo só nosso.

Deixei minhas costas se apoiarem na parede e puxei Cathy junto comigo, para que eu pudesse ter o seu corpo à minha disposição. Desci as mãos pelas suas costas, pressionando-me a ela. Quando cheguei em sua cintura, tão fina, coloquei as mãos por dentro da camisa grossa que minha assistente usava por causa do frio e toquei em sua pele.

Ela expirou de prazer com o contato, o que me fez explorar sua pele com mais vontade. Nem assim Cathy hesitou, me deixando admirado. “Será que iríamos até o fim?”

Resolvi testá-la mais um pouco. Conduzi nossos corpos até a cama e me deitei sobre ela. Corri minhas mãos pelas suas coxas, pressionando ainda mais o meu corpo ao dela, enquanto roçava suavemente a língua em seu pescoço. Ouvi um gemido baixo escapar de seus lábios me deixando extasiado. Então uma batida leve na porta nos alertou. Droga!

Cathy ficou alerta imediatamente. Saí de cima dela com muita má vontade. Este é o problema de estar na casa da mãe. Ela sempre aparece na hora menos adequada.

— Entre — observei, com insatisfação, Cathy levantar da cama.

— Filho. Nicholas trouxe os filmes que você pediu. Deixou lá embaixo e foi embora. Disse que voltaria amanhã.

Pelo menos Nicholas era mais sensato do que minha mãe. Ela olhou desconfiada para mim e para Cathy, que agora estava outra vez sentada em frente ao computador.

— Vocês querem alguma coisa? Um suco?

— Não. Estamos bem — Cathy respondeu, já recuperada do susto. — Na verdade precisamos mesmo assistir aos filmes — Era

surpreendente como ela conseguia voltar ao modo profissional tão rápido.

— Assim que você acabar. Acho melhor assistirmos lá embaixo — Claro! Do contrário eu não conseguiria acompanhar nem um terço do filme. — A TV é maior e dá para escurecer bem o ambiente — acrescentei.

— Ok. Já acabei. Podemos descer.

Combinamos que veríamos duas vezes cada filme. Na primeira apenas assistiríamos, e na segunda faríamos anotações e comentários. Então nos acomodamos no sofá o mais confortável possível e iniciamos a sessão.

Começamos sentados, um do lado do outro. Depois Cathy encostou a cabeça em meu ombro e ficou assim por um tempo. Pouco após o início da sessão, suas pernas passaram por cima das minhas e eu a abracei pela cintura. Mais tarde ela se soltou de meus braços e encostou-se ao do sofá, apoiando o rosto na mão. Aproveitei e deitei em seu colo. Suas mãos, imediatamente começaram a fazer carinho em meus cabelos. Peguei uma delas e a segurei entre as minhas.

Milhares de minutos depois e de muitas trocas de posições, estávamos exaustos e com um monte de anotações. Cathy levantou preguiçosa quando minha mãe entrou pela milésima vez na sala.

— Vocês vão jantar?

— Vamos sim, mãe. Estou faminto — estava cheio de preguiça também.

— Podem terminar de assistir aos filmes depois.

— Vamos deixar para amanhã. Está ficando tarde e eu tenho que voltar para o hotel — Cathy se desculpou.

— Não vai passar a noite aqui? — Minha mãe ficou preocupada.

Eu já imaginava que Cathy não ficaria. Ela estava sem as malas e ainda por cima não facilitaria as coisas. Ainda havia os paparazzi do lado de fora, esperando por uma história. Então nem contestei a sua decisão.

— Amanhã ela estará de volta. Ainda teremos muito trabalho pela frente.

E assim passamos nossos dias em Quebec. Assistimos aos filmes e conversamos sobre detalhes do personagem. Resolvemos os problemas da incompatibilidade de agendas com Sara. Decidimos pelo jatinho particular para os dias em que teríamos de correr para cumprir a agenda e namoramos bastante quando não havia ninguém por perto, o que ocorreu bem pouco. Mas isso não era o mais importante. Nossos momentos juntos eram intensos, maravilhosos. O que me fazia querer estar com ela cada vez mais. Eu ansiava por estar ao seu lado, o que me deixavam extasiado.

Claro que não fomos tão longe! Cathy continuava virgem, porém, a julgar pelo nosso desejo, isso seria resolvido em breve. E eu não via a hora de tê-la em meus braços, só para mim.

## Capítulo 9

### Surpresas

#### VISÃO DE CATHY

**E**

u não sou sua namorada, Thomas!

— Gostaria então de saber o que você é minha, Cathy!

— Que tal sua assistente?

— Eu não durmo com minha assistente.

— Comigo também não.

Estávamos mais uma vez discutindo sobre o nosso relacionamento, se é que podíamos chamar assim. Não tinha certeza do que queria. Aliás, tinha sim, mas faltava coragem para admitir. Era lógico que, mesmo com todo o meu receio sobre ele, eu sabia exatamente o que queria. Era inútil lutar contra o que estávamos sentindo, então todos os dias tentava me convencer de que era inevitável, que o mais importante era ter força o suficiente para suportar o que poderia vir depois, porque o futuro ao lado do Thomas era muito incerto.

A única certeza que eu tinha e me doía muito pensar nela, era que um dia ele se cansaria de mim, então tudo acabaria. Era para isso que precisaria ser forte e me preparar. Portanto tentava bloquear alguns sentimentos. Sentia tesão por Thomas, era mais

forte do que eu, fato, mas não poderia deixar que se transformasse em amor. Acho que não permitiria que se transformasse nem em paixão.

Mesmo assim, agíamos como se fôssemos namorados, quando estávamos sozinhos. Thomas não era muito a favor de mantermos nossa relação apenas entre nós dois, pelo menos até termos certeza de onde daria. Não que quisesse tornar público, porém achava irritante não poder me tocar na frente da equipe, ou seja, não se conformava em não podermos ficar juntos durante grande parte dos nossos dias, já que estávamos sempre acompanhados de alguém, inclusive quando não estávamos trabalhando. O que significava que quase nunca sobrava tempo para nosso relacionamento.

Normalmente, acontecia quando eu ia ao quarto dele pela manhã, enquanto todos ainda estavam dormindo ou providenciando o necessário para nossos compromissos do dia. Algumas vezes conseguíamos ficar sozinhos à noite, mas eu entrava em pânico com receio de alguém aparecer e descobrir o que estava acontecendo.

Todas as vezes que brincavam comigo sobre a nossa aproximação eu dizia que isso nunca aconteceria. Na verdade, exigia que nunca brincassem sobre este assunto, que respeitassem a minha posição profissional. Se alguém descobrisse, ficaria totalmente desacreditada.

Eu queria esconder justamente dos meus colegas de equipe. Não desejava ser a namorada do chefe, apenas a sua assistente, ser reconhecida pela minha capacidade profissional, não porque Thomas estava interessado em mim. Isso era importante. Além do mais, precisava ser respeitada pelos homens da nossa equipe, pois já que iria assumir o papel da Helen quando ela tivesse o bebê, era necessário que todos me respeitassem, sem a interferência do meu "namorado".

Essa era uma parte do problema de assumirmos nosso relacionamento, a que eu expunha para ele; a outra estava incrustada mais profundamente em minha personalidade. Eu tinha um medo enorme de amar, de perder o equilíbrio, de não ter mais controle dos meus atos, ou da minha vida. Tinha medo de estagnar, de me anular por causa de um amor e nunca mais conseguir tomar

as minhas próprias decisões. Como aconteceu com a minha mãe. Nunca iria permitir que isso acontecesse comigo.

Thomas era um fato em minha vida, mas não deixaria que ele ganhasse mais importância do que já havia conseguido. Quanto ao problema de transarmos ou não, estava parcialmente decidido em minha cabeça. Eu queria, muito, ele nem se fala. Fazia uma pressão sutil todos os dias, enquanto eu protelava o máximo.

Não havia nenhum receio em deixar de ser virgem. Como já tinha explicado, o problema não era perder, o problema era não me arrepender desta decisão mais tarde. Nunca havia sentido o que sentia por Thomas e ele tinha razão quando dizia que teríamos de viver esse momento da minha vida. Sabia que não existia maneira de impedir que acontecesse, principalmente porque eu queria mais do que tudo e era cada vez mais difícil resistir a suas investidas.

Estávamos em New York havia uma semana, divulgando seu novo filme e tentávamos entrar num acordo a respeito do que seria de nosso relacionamento.

— Você é sempre tão teimosa. Não entendo porque tanta insegurança. Eu pensava que seu medo era por ser virgem. Quando descobri, achei que ficaria mais relaxada, mas parece que aconteceu o contrário.

— E você é muito egoísta. Está vendo apenas o seu lado, mais uma vez — não queria brigar, então faria com que ele me entendesse. — Thomas, seja coerente, por favor! Preciso do seu apoio agora. Não vai ser sempre assim e você sabe disso tão bem quanto eu — fui até o sofá do meu quarto do hotel onde ele estava sentado e sentei em seu colo.

Era golpe baixo, eu sabia, porém precisava fazê-lo me apoiar nessa decisão. Abracei o seu pescoço, beijando-o nos lábios. Meu chefe adorava quando eu ficava desta forma, receptiva, carinhosa, acessível.

— Por favor! Não vamos mais conversar sobre isso. Deixe o tempo fazer seu trabalho.

Não tenho ideia de como o tempo faria o trabalho dele. Eu me recusava a me entregar a essa relação como se dependesse disso para viver. A questão não era meus sentimentos, apesar de não

saber o que realmente sentia. Gostava do Thomas mais do que já tinha gostado de qualquer pessoa, mesmo assim o que sentia não era o suficiente para me fazer romper todas as minhas barreiras.

— Tá bom, Cathy, tá bom! — Ele me beijou com carinho. — Adoro quando você fica toda manhosa.

— Eu sei! — disse convencida pela minha capacidade de fazer com que ele fizesse o que eu queria. Thomas suspirou.

— Então, pelo que entendi, não posso ter nenhum contato mais íntimo com você em público?

— Isso.

— Não posso nem te fazer um carinho na frente dos nossos colegas de trabalho, que, diga-se de passagem, são meus amigos?

— Não.

Ele pensou por um tempo, passando as mãos pelo cabelo. Lindo!

— Mas posso beijar, abraçar, agarrar... — começou a beijar meu pescoço, arrepiando a minha pele. — Sempre que estivermos sozinhos?

— Ah! — suspirei. — Acho que sim.

— Como eu quiser? — Suas mãos estavam por baixo da minha camisa, acariciando as minhas costas.

— Acho que isso não vai dar certo.

Agarrei seus cabelos e atraí seus lábios para mim. Se eu tinha capacidade de convencê-lo a fazer o que eu queria, ele tinha a mesma capacidade de me convencer a fazer o que eu não queria, ou queria não querer.

— Tenho as minhas condições também, Cathy. É pegar ou largar.

Thomas me afastou um pouco, impedindo-me de aproveitar o momento. Meu gênio ruim ficou extremamente irritado. Tínhamos pouco tempo juntos e ele estava conseguindo perder mais tempo ainda. Logo deveria voltar às minhas atividades e nós dois teríamos de nos separar.

— Não posso dormir com você, Thomas.

Respondi pela milésima vez o que achava dessa condição. Era absurdo passarmos a dormir juntos. E se alguém descobrisse? Além do mais, não podia confiar em nós dois na mesma cama uma noite

inteira. Era forçar demais o meu cérebro, ele não venceria a batalha contra meu corpo.

— É apenas dormir, Cathy, não vou forçá-la a nada. A única coisa que quero é parar de sentir sua falta a noite toda. Também iríamos passar mais tempo juntos — recomeçou a sessão de carinhos e beijos. Aquilo, sim, foi golpe baixo!

— Thomas, todo mundo vai saber sobre nós dois se for assim. Tenho certeza que é um plano seu para acelerar as coisas.

— Eu não faria isso — forçou a decepção na voz.

Seu rosto era tão inocente que quase acreditei nele. Depois sorriu maliciosamente, admitindo seu plano.

— Não existe problema. Combinamos que seria quando você quisesse. Eu não tenho de cruzar os braços e esperar. Claro que vou tentar fazer você querer mais rápido.

Dei um tapinha em seu braço, tentando sair do seu colo, porém ele não deixou.

— Não posso concordar.

— Então também não posso aceitar a sua imposição — Thomas sabia que iria ganhar. — Mal encosto em você o dia todo. Quase não temos tempo um pro outro, já que faz tanta questão de esconder de todos. Só nos resta a noite. Quando todo mundo já está dormindo.

— O que eu vou dizer? Eles vão perceber que não estou dormindo em meu quarto — já tinha desistido.

— Não vão nada. Você sempre é a primeira a estar comigo todos os dias para me acordar. É normal tomarmos café juntos para discutir a agenda — piscou para mim. — É um plano perfeito. Ninguém vai desconfiar.

— E o que faço com meu quarto? Tenho reservas em todos os hotéis por onde iremos passar.

— Vai apenas guardar suas coisas. Gaste um pouco do meu dinheiro, Cathy. Deixe os quartos reservados e finja ficar neles. Apenas isso.

— Não sei... — Ele me interrompeu com um beijo.

— Mas eu sei e já estamos decididos. Hoje nós vamos dormir juntos.



— Tá bom, Thomas — não tinha muito ânimo para discutir mais sobre o assunto. — Não fique todo animadinho. Eu continuo insegura em relação a perder... Você sabe sobre o que eu estou falando — faltou coragem de completar a frase.

Sexo não era um problema até Thomas surgir em minha vida. Antes eu simplesmente não queria e pronto. Com ele eu queria, mas não sabia como superar todas as minhas inseguranças.

— Eu vou resolver isso, Cathy — seu sorriso travesso e a possibilidade de deixá-lo resolver arrepiaram toda a minha pele. Ele notou e adorou.

Começamos a nos beijar, rapidamente nossos beijos foram progredindo. Bastava estarmos juntos para o desejo nos arrebatara. Teria que pará-lo, ou então não conseguiríamos mais trabalhar naquela tarde. Era bem provável que Dyo aparecesse em meu quarto a qualquer momento.

Quando Thomas tentou me deitar no sofá, consegui me libertar um pouco dos seus encantos, alegando que tínhamos um compromisso para cumprir, assim me apressei a arrumar as coisas para trabalhar. Era verdade que eu queria dar andamento ao nosso trabalho, mas também era verdade que se ele continuasse a me acariciar daquela forma resolveríamos o “meu problema” naquele momento. Suspirei com a dúvida.

Ele ficou sentado, apenas me observando. À noite estaríamos juntos então tínhamos tempo de sobra. Só de pensar na possibilidade de passarmos tanto tempo apenas nós dois o meu estômago começava a formigar. Talvez devêssemos resolver logo esse “problema”.

Thomas estava bastante animado com o nosso acordo, seu humor estava excelente. Parecia até saber o que eu estava pretendendo fazer essa noite, ou pelo menos o que eu achava que conseguiria fazer. Enquanto esperávamos para sair do hotel, ele brincava com Kendel e Dyo fazendo todos rirem.

A caminho do estúdio da MTV, onde iríamos gravar uma entrevista, senti meu celular vibrar avisando a chegada de uma mensagem. Peguei para ver do que se tratava e não consegui conter o sorriso ao verificar que era uma mensagem do Thomas, que

estava ao meu lado, fingindo-se alheio a tudo. Um convite para assistirmos a um filme no quarto dele quando voltássemos para o hotel. Calafrios atingiram o meu corpo. "Então será mais rápido do que eu imaginava", pensei, apreensiva. Ele me olhou com cara de paisagem. Respondi que sim, com um aceno de cabeça bastante discreto, ninguém percebeu nossa conversa silenciosa.

Chegamos relativamente cedo, por isso ficamos um tempo no camarim aguardando Thomas se preparar. Ele brincava com os rapazes que, por sua vez, brincavam comigo. Ficaram fazendo piada a respeito da atenção que a imprensa estava me dando. Eu detestava, mas eles não paravam de tentar falar comigo. Sempre respondia a mesma coisa: "Estou trabalhando", com o tempo essa resposta virou até piada entre eles, que sempre diziam: "eu sei que você está trabalhando, mas...".

Durante a gravação uma coisa estranha aconteceu. Não que eu não estivesse acostumada com o interesse das pessoas sobre o meu papel na vida do Thomas, mas a forma como este assunto foi abordado me intrigou. O apresentador do programa de entrevistas perguntou quem era a mulher interessante que agora o acompanhava em todos os lugares. Era lógico que o cara sabia quem eu era. Todo mundo sabia. Thomas imediatamente olhou para mim, que acompanhava tudo por detrás das câmeras. Com cara de surpresa, respondeu que eu era sua assistente.

Mais não parou por aí. Meu chefe foi questionado sobre a possibilidade do nosso envolvimento evoluir para um romance, visto que sua fama indicava que ele não era de perder tempo com mulheres bonitas. A vergonha me atingiu em cheio, sem contar com a raiva pela afirmação do entrevistador. Thomas sorriu gentilmente dizendo que era como trabalhar ao lado de qualquer outra pessoa. Éramos profissionais e tínhamos nos tornado grandes amigos. Ele voltou a me elogiar, insistindo. Percebi que Thomas ficou incomodado, porém manteve a calma. Depois a conversa mudou de rumo.

Fiquei um pouco intrigada. Já fazia alguns meses que trabalhávamos juntos e eu nunca havia sido citada em nada relacionado a Thomas, não daquela forma. Cheguei à conclusão de

que o cara estava me paquerando ou que aquela parte nem iria ao ar. Quando acabamos, levantei rapidamente para fugir do local. Após todas as despedidas fomos para o hotel, em carros separados como sugeri, para evitar maiores comentários.

Assim que cheguei, fui para o meu quarto tomar um banho, me preparar e trocar de roupa para a nossa sessão de cinema. Só de pensar minha pele já ficava arrepiada. Decidi levar uma bagagem de mão com algumas coisas para passar a noite, pois precisaria me apresentar no dia seguinte sem precisar correr para o meu quarto ainda de madrugada. Era muito arriscado o que estávamos fazendo. Se Kendel me visse entrando ou saindo do quarto do Thomas fora dos horários em que deveríamos estar juntos, haveria assunto e brincadeiras para mais de um mês.

Pensei no que vestir. Não podia ser um jeans porque Thomas detestava quando estávamos juntos e ele não tinha livre acesso ao meu corpo. Ele era muito exigente, e me queria sempre. Quem era eu para contestar? Adorava quando encontrava livremente o caminho para percorrer o meu corpo. Adorava suas carícias, seus beijos... Era perigoso admitir isso, mesmo que fosse apenas para mim, mas eu adorava tudo nele. A forma como ele me olhava, como conversava comigo quando estávamos a sós, sem nunca me largar, independentemente do assunto. Tudo nele me levava exatamente para onde nunca quis ir, um caminho desconhecido e prazeroso.

Escolhi um vestidinho, pouco solto com pregas e sem mangas. Coloquei um casaco por cima, para evitar o frio, apesar de saber que logo iria me aquecer. Soltei o cabelo olhando-me uma última vez no espelho. Aceitei a minha imagem com satisfação e fui embora. Direto para o quarto dele.

Thomas estava lindo, como sempre. Usava uma camisa de algodão de gola canoa verde com mangas que estavam puxadas um pouco para cima e uma bermuda cinza bem clarinha. Seria uma tarde difícil. Preferi assistir ao filme na sala anterior ao quarto, era dia ainda e alguém poderia aparecer. Seria estranho estarmos no quarto, na cama dele, fazendo sabe-se lá o quê. Meus pensamentos me confundiam. Onde minha cabeça estava? Com todo aquele envolvimento com Thomas, parecia ter virado às avessas. Por que

eu não lutava mais contra? Por que simplesmente aceitava e deixava que essa onda de sentimentos me levasse sem destino certo?

Thomas protestou um pouco, mas acabou concordando comigo quando viu que eu poderia desistir. Escolheu um filme que não me preocupei em saber qual era e sentou-se ao meu lado me abraçando. Mal o filme começou e já tínhamos nos esquecido dele.

Meu “namorado” tinha todas as armas para me desvirtuar. Começou com carinhos, uma massagem bem inocente em minha mão, que aos poucos foi evoluindo para uma massagem no corpo inteiro. Estávamos deitados no sofá, para ficarmos mais à vontade quando eu coloquei, propositalmente, minhas pernas por cima das dele, revelando a coxa. Abracei-o alegando frio e me deitei no seu peito acariciando a sua barriga. Não ficamos assim nem dois minutos. Thomas me puxou para ele me beijando com avidez.

— Thomas, pare, vamos assistir ao filme! Não foi para isso que aceitei vir para cá — minhas mãos não correspondiam às minhas palavras. Eu estava provocando-o.

— A culpa é sua. Esse vestido fica me convidando o tempo inteiro a tocá-la — rocei minha perna na dele, subindo até a altura da sua coxa. — Pare você, Cathy, quer me enlouquecer? — Dei risada dele e recebi uma mordida no pescoço como resposta.

— Ai! Você vai deixar marca. Será difícil esconder com maquiagem — protestei.

Ele se afastou um pouco para falar comigo, olhando em meus olhos.

— Seria bom deixar uma marca. Uma que tornasse claro que você tem dono. Assim nenhum babaca ficaria te paquerando na minha frente — suas sobrancelhas se uniram, demonstrando descontentamento.

— Do que você está falando? E desde quando eu sou propriedade de alguém?

— Vai dizer que não percebeu? Ele teve até a cara de pau de me pedir o seu telefone. E eu sou o seu dono ou você pensa que tem alguma chance de escapar de mim? — Ele tinha voltado a sorrir, suavizando o clima.

— E você deu? — Estava me divertindo com seu ciúme. Era fofo!

— Não. Mas pensei em dar a ele uma informação quentíssima sobre a minha vida com a minha assistente. Talvez eu ainda faça isso. E tire este sorrisinho do rosto.

— É?... Vem cá. Você fica lindo quando está irritado.

Lacei meus braços em seu corpo, evitando que a conversa se prolongasse. Passei as mãos nos cabelos dele e o puxei de volta para mim. Thomas reagiu me beijando com vontade. Após beijar-me longamente, se afastou e sentou no sofá.

— Dê um tempo para minha cabeça, ok? Eu não sou tão forte assim.

Seus olhos estavam cheios de desejo. Não entendi porque ele tinha parado. Eu nem tinha feito nada para afastá-lo como sempre fazia... Não ainda.

— O que eu fiz?

— Nada. Mas ia fazer — riu debochadamente. — Se eu deixar você continuar me iludindo não sei se serei capaz de atender seus apelos para parar depois.

— E se eu não pedir?

Ele coçou a cabeça, tentando acreditar no que eu dizia, ou pensando na possibilidade de acontecer mesmo, como tinha dito. Seus olhos se prolongaram em meu corpo. Thomas se moveu lentamente para cima de mim sem desviar os olhos. Seu queixo roçou algumas partes do meu corpo, causando arrepios leves. Quando encontrou meu rosto, apenas beijou meus lábios de maneira bem calma, depois partiu para devorar o pescoço. A sensação foi indescritível.

Quando pensei que finalmente devoraria minha boca, ele simplesmente se afastou de mim outra vez, com a respiração descompassada. Não sei o que estava pretendendo com isso, mas estava me deixando impaciente. O que queria? Matar-me em doses homeopáticas?

— Você não me conhece, Cathy. Sou como um bicho, uma fera. Preciso marcar o meu território para me sentir seguro. Não consigo me conformar com outro no meu campo.

Voltou a se posicionar acima do meu corpo como se fosse dar um bote. Tirou a camisa revelando seus braços, peito e barriga

musculosos. Meus olhos eram gulosos.

— Você não é meu dono, Thomas — estava ficando furiosa com essa história dele dizer que eu era seu território. Era assim que me via? Apenas como uma presa?

— Não sou seu dono, mas sou seu namorado. É quase a mesma coisa — abaixou o corpo ao nível do meu, sem me tocar.

Seus braços estavam dos dois lados do meu rosto. Ele parecia realmente um felino, pronto para me atacar. Ver um sorriso se formar de modo encantador e ouvir de sua voz que éramos namorados causou um friozinho em meu estômago.

— Eu não sei ainda se aceitei ser sua namorada — fiquei séria.

— É claro que aceitou — sua voz fazia com que ele parecesse ofendido.

Tive de rir da situação, em troca senti seu corpo me imprensando contra o sofá. Os lábios, enfim, devoraram os meus. A língua explorou a minha. Os dentes mordiscaram meus lábios. Deixando-me louca de tanto desejo.

— Não existe a menor chance de você fugir de mim. Na posição em que se encontra não existe defesa, nem fuga — como um animal, Thomas começou a roçar o queixo em meu rosto, depois o pescoço, depois os seios. Meu coração acelerou.

— Está com medo?

— Nem um pouco.

Sorri largamente, desafiando-o a continuar. Eu não sabia até onde iria, porém, parar naquele momento nem passava pela minha cabeça.

— Menina! Não brinque comigo. Eu posso ser muito perigoso quando quero.

Eu podia dar mais um passo nesta relação. Abracei os quadris dele com as pernas e sussurrei em seu ouvido:

— Estou pagando para ver.

— Se entregue para mim — suplicou em meu ouvido. A emoção em meu corpo parecia que ia explodir. Eu queria. E faria.

— Sim.

Antes que ele conseguisse tomar qualquer atitude ouvimos a campainha do quarto tocar. O pânico me invadiu fazendo-me desejar

ardentemente não estar lá. Ele levantou para vestir a camisa, enquanto eu me posicionava adequadamente no sofá, arrumando meu vestido que a essa altura já estava todo amassado. Percebi no último minuto que meu casaco não estava mais comigo. Thomas foi atender a porta, o casaco em suas mãos, mas, antes de chegar lá, o jogou para mim.

Ouvi uma voz feminina cumprimentá-lo de forma muito íntima. Olhei para a porta e, de frente para ele, estava uma mulher muito bonita. Loira, alta, tinha olhos verdes e exibia um corpo perfeito. Usava uma maquiagem impecável. Suas roupas colocavam o meu vestido na categoria de panos velhos. Fiquei abatida de imediato. Thomas nem precisou convidá-la para entrar, ela passou por ele com passos decididos, porém ao me ver, estancou na sala. Ficamos alguns segundos nos encarando, nos analisando.

— Cathy, esta é a Williams. Lauren Williams, minha agente. A que você ainda não conhecia. — Ele parecia um pouco tenso com a visita dela, ou era impressão minha? Fiquei surpresa.

Pensava que ela era na verdade um homem. Tentei lembrar quantas vezes perguntei pelo Williams e ninguém nunca tinha me esclarecido que ele era, na verdade, ela. Ou eu nunca tinha prestado muita atenção ao que os outros falavam? Estendi a mão para cumprimentá-la. Era o mais educado a ser feito já que éramos colegas de trabalho e eu tinha por obrigação que ser cordial, apesar de ter detestado a forma como ela olhava para mim e para Thomas.

— Catherine! Até que em fim nos conhecemos — apertou a minha mão sem muita emoção.

— Lauren esteve afastada por um tempo. Está voltando agora, eu acredito — Thomas ficou sério, aborrecido, para minha surpresa.

Ele estava travando uma batalha visual com sua agente. A tensão era praticamente palpável.

— Estou interrompendo algo?

Seus olhos percorreram a sala em busca de provas e depois voltaram para mim. O sorriso era ameaçador. Senti a pele da minha nuca arrepiar. Existia algo de muito ruim naquela mulher.

— Minha madrinha, Sara, estava te procurando. Batemos em seu quarto, mas você não estava.

Cinismo. Seu tom de voz era acusatório. O que ela estava pretendendo? Sara raramente aparecia. Nossa comunicação era basicamente por telefone.

— Como me disseram que vocês dois eram praticamente inseparáveis, deduzi que poderia estar aqui. Então vim verificar.

Seu ar de triunfo quase conseguiu libertar o meu gênio ruim. Quase. Thomas tomou a frente e sua forma rude de falar com ela me fez recuar.

— Claro que você viria conferir. Ninguém nunca iria imaginar que faria questão de checar com quem eu estava — foi sarcástico. Tive que intervir.

Thomas estava furioso, e eu assustada o suficiente para não deixar aquela história ganhar maiores proporções.

— Eu não sabia que vocês viriam antes. Estávamos certos de que chegariam em dois dias — comentei, desviando o assunto.

— Nossa vida muda todos os dias, Cathy, ainda não se acostumou?

Por que ela estava tentando me atacar? Até onde deu para perceber, o problema dela era com Thomas não comigo. A não ser que... Claro. Ela devia ser mais uma das vítimas dele. Senti meu coração gelando. Isso seria demais para mim. Já o tinha visto com outra pessoa, e foi simplesmente horrível. Imagine conviver diariamente com uma das garotas com quem ele tinha brincado na cama, seria insuportável. Se fosse verdade, eu deveria trancar outra vez o meu coração e de preferência com Thomas fora dele.

Imediatamente a imagem da minha mãe olhando pela janela da casa, esperando meu pai chegar, veio em meus pensamentos. Toda aquela tristeza estampada em seu rosto. Seus olhos sem vida. Reviver essa lembrança foi o mesmo que receber um soco no estômago. Precisei me controlar, para não demonstrar o desespero que crescia dentro de mim.

A campainha tocou novamente trazendo-me de volta à realidade. Thomas relaxou um pouco indo atender, desta vez era a equipe completa, inclusive Sara.

— Reunião de última hora — ela entrou primeiro, com um computador e um monte de papel nas mãos, seguida dos outros.



Notei que todos tinham a expressão relaxada, o que me fez ficar mais à vontade.

— Cathy, querida, você é a nossa pauta.

Quando Sara chamou a minha atenção para a pauta da reunião, nem por um segundo me passou pela cabeça o que ela iria falar. A empresária de Thomas posicionou o computador de forma a me dar uma visão melhor do seu conteúdo e abriu uma página da internet que estampava uma foto minha e do meu chefe, correndo juntos na praia. Reconheci a nossa casa ao fundo. Gelei.

Então era disso que o apresentador estava falando. Era por isso que de uma hora para outra passou a existir tanto interesse na minha presença ao lado do astro para quem eu trabalhava e que em segredo, estava me relacionando. Eu e Thomas não nos preocupávamos em acompanhar as notícias que saíam a seu respeito, principalmente porque metade delas eram mentiras inventadas para vender mais. Por isso elas passaram despercebidas.

Thomas era muito discreto. Em público era apenas profissional comigo, ao mesmo tempo era também muito atencioso, principalmente quando os fotógrafos conseguiam nos cercar, o que o deixava preocupado com a minha segurança, então sempre me deixava mais perto dele, para que ambos fôssemos protegidos.

Olhei para o material sobre a mesa percebendo que eram revistas que também traziam manchetes sobre o nosso possível relacionamento. Os títulos eram diversos, “Quem é essa mulher?”, “Um novo amor para Thomas Collins?”, “Mais uma conquista?”... Diversas fotos estampavam os comentários. Havia inclusive uma em que Thomas me olhava de maneira sugestiva antes de entrarmos no carro. Não sabia o que pensar.

Ele continuava imóvel ao meu lado. Nenhuma palavra conseguia sair da minha boca. Todos os meus pesadelos estavam estampados naquelas revistas. Tudo o que eu sempre quis evitar tinha, de repente, acontecido. Agora todos iriam me ver como a namoradina do chefe. Minha raiva era tanta que me senti sufocar.

— Não quero me meter na vida de vocês, porém precisamos saber qual vai ser a nossa posição em relação a isso tudo — Sara

estava lidando com a história de maneira bastante profissional.

— Como assim? — Estava ainda meio perdida e fora da realidade.

— O que ela quer saber é se vocês dois estão juntos ou não, e o que deve ser dito para os jornalistas que não param de ligar além de ocuparem a porta do hotel — Lauren não economizou no veneno ao falar.

— Não vamos dizer nada — Thomas respondeu finalmente. Sua voz estava impassível.

— Como você sempre faz, Thomas, querido. Vamos manter o padrão. Nenhuma declaração. — mais sarcasmo da Lauren. Qual era o problema dela?

— Do que você está falando? — Eu tentava me situar na conversa.

— Ele não gosta de publicar nada sobre suas conquistas — Lauren olhou para mim se divertindo com minha confusão. Meu rosto pegou fogo. A minha vida estava sendo exposta, além de discutida como se fosse um contrato, ainda por cima essa idiota se achava no direito de tripudiar da situação.

— Lauren — Thomas advertiu, com irritação na voz.

— Afinal de contas, vocês estão juntos ou não? — Quis saber Kendel, já sem paciência com o assunto.

— Não — fui taxativa. Thomas olhou para mim interrogativamente e eu desviei os olhos. Ele nunca entenderia. — Não estamos juntos. Somos muito próximos até porque a nossa situação exige. Moramos juntos, trabalhamos juntos, nos acostumamos a estar juntos... Apenas isso. Somos somente bons amigos — eu tinha que negar com toda a minha capacidade de mentir, que era muito pouca, uma vez que detestava mentiras, mas a situação exigia que fosse assim. Era isso ou nunca mais teria o respeito dos meus colegas de trabalho.

— Estranho! Poderia jurar que você está mentindo — eu ia matar aquela garota.

— Isso não é da sua conta, Lauren. O seu papel aqui não é esse! — Thomas estava nervoso. — Que absurdo! Vocês agora vão ficar interrogando Cathy como se ela estivesse cometendo um

crime? E desde quando minha vida pessoal virou assunto de pauta? Não devemos explicações a ninguém. E não vamos manter o padrão, Lauren, apenas não vamos alimentar essa história. Ela vai morrer assim como todas as outras.

— Não, não vamos fazer disso um problema maior, Thomas. Isso realmente só diz respeito a vocês. Mas admito que estou preocupada — Helen tentou amenizar a situação, sendo mais sensata.

— Com o que exatamente você está preocupada, Helen?

Thomas não foi rude desta vez. Ele nunca era com sua manager. Existiam carinho e respeito que o impediam de ultrapassar os limites.

— Vocês estão juntos ou não? — Kendel continuou tentando arrancar algo de nós.

— NÃO — falamos ao mesmo tempo.

— Melhor assim — Sara voltou a falar e suas palavras chamaram a minha atenção. Por que era melhor que fosse assim?

— Desculpe, Thomas, mas em se tratando de você é complicado ficarmos tranquilos numa situação dessas — Helen parecia um pouco constrangida ao falar desta forma.

— Por quê? Não tenho o direito de me interessar por ninguém? Se estivéssemos juntos, estaríamos errados? Estou condenado a ficar sozinho pelo resto da minha vida apenas porque... — Thomas se calou ao perceber que revelaria algo que provavelmente apenas eu naquela sala não sabia do que se tratava. A troca de olhares entre ele e Helen denunciava a existência de algo que não poderia ser revelado.

— Acho que você sabe muito bem do que estamos falando, Thomas. Sabe melhor do que qualquer um o que pode acontecer se esta história se torne um romance mal resolvido. Caso se torne mais um problema — Sara olhava para ele como se guardasse um segredo, suas palavras comprovavam isso. Thomas baixou a cabeça após essa afirmação.

— Não posso assumir essa responsabilidade — falou baixinho.

Enquanto discutiam só conseguia pensar em uma coisa: que segredo era aquele que todos tentavam esconder de mim? Eu olhava para Thomas tentando entender, mas não conseguia enxergar nada.

Sabia das suas aventuras amorosas, da fama que ele tinha de não ter coração, de nunca se entregar a um amor de verdade, de ser um colecionador de mulheres. Cada pensamento era uma faca afiada cortando o meu coração. Tudo indicava que eu agora fazia parte dessa estatística.

De repente as coisas ficaram mais claras. Estavam tentando me proteger dele. Queriam evitar que eu fosse mais uma nesta história toda. Agora só faltava entender o porquê de ficarem tão preocupados. Precisava acabar logo com aquilo.

— Não existe nada para ser discutido — falei para todos. — Nada está acontecendo entre nós dois e ponto final. Agradeço a preocupação de todos, mas acho desnecessária. Somos adultos e responsáveis, não faríamos nada que desarmonizasse o grupo, Sara. Você pode ter esta certeza.

— Nós sabemos, querida. Sabemos que você é extremamente profissional e acredite quando eu digo que o nosso objetivo não é permitir ou proibir nada. Não podemos nem queremos tal situação. Estamos preocupados porque temos uma visão mais ampla da situação do que você no momento.

— Vocês não sabem de nada — Thomas ia começar a falar, mas Sara o cortou.

— Thomas, vamos conversar de forma bastante clara. Você sabe quanto tempo Helen levou para conseguir encontrar uma profissional como Cathy? Você sabe o quanto ela é necessária a essa altura do campeonato? Não temos mais tempo para encontrar outra pessoa e Helen está a cada dia mais perto de se afastar para ter a filha dela. Adoramos saber que vocês são tão próximos, que se entendem de uma maneira inexplicável. Eu estava até bastante relaxada ao perceber como Cathy tinha conseguido fazê-lo entrar no ritmo de trabalho necessário. Mas, se alguma coisa acontecer, Thomas, se algo der errado, você sabe que ela não vai querer continuar conosco e todos nós temos muito a perder caso venha a acontecer. Pare e pense como vai ser. Cathy é o elo entre você e todos nós.

Então era esse o medo deles. Estava tudo tão claro agora que quase não acreditei que não tinha conseguido enxergar antes. Se ele me magoasse eu iria embora e eles não teriam ninguém para

exercer a minha função. Não era um desastre completo, mas seria bem complicado. Em pouco tempo ele estaria fazendo um novo filme e era muito importante que eu estivesse ao seu lado.

Eu era o elo de ligação entre ele e a equipe numa situação dessas, como Sara mesmo havia dito. Todos estavam com suas atividades muito bem definidas, precisariam reorganizar tudo, caso eu fosse embora. Sem contar que a situação poderia se tornar mais um escândalo, apesar de achar pouco provável. A última coisa que precisava em minha vida era estar envolvida em algo do tipo.

— Não há o que pensar, Sara — disse mais uma vez. — Sabemos todos os riscos de um relacionamento entre nós dois e, como disse antes, somos responsáveis. Não existe nenhuma possibilidade de eu abandonar vocês sem que tudo esteja normalizado. Helen tem minha palavra de que cumprirei com minhas tarefas durante o tempo em que ela estiver afastada.

— E depois disso, Cathy. Não queremos você conosco apenas para que eu possa sair tranquila. Gostamos de você de verdade — Helen estava visivelmente transtornada com o rumo daquela conversa.

— Não posso responder pelo depois, Helen. Também gosto muito de vocês e adoro este trabalho, mas as coisas mudam e não posso saber exatamente qual será o meu destino — já estava falando como se realmente fosse acontecer, como se já estivesse escrito que me magoaria.

Suspirei pesadamente com essa possibilidade.

— Agora, se vocês me permitem, gostaria de encerrar esta reunião, preciso fazer algumas coisas.

— Tem mais um assunto, Cathy — Sara impediu que eu levantasse.

Não pude evitar a minha falta de paciência para continuar uma conversa que já tinha me incomodado demais, além disso, eu precisava arrumar uma forma de arrancar do Thomas o segredo que todos escondiam de mim. Ele teria de me contar.

— Fique tranquila. Já encerramos este assunto — sorriu amistosamente. — Devido a todo esse interesse da mídia por você, fui abordada por algumas pessoas, dos mais variados ramos.

Onde ela estava querendo chegar? Sara sabia que eu não tinha nenhum desejo por uma vida artística, muito menos em dar entrevistas. Não existia nada em minha vida que fosse do interesse deles. Eu não era a artista em questão, muito pelo contrário, trabalhava para que Thomas fosse o artista. Era pela vida dele que deveriam se interessar. Já tínhamos conversado a respeito e pensava que já ter deixado claro que não abriria mão da minha privacidade. Que não queria a minha vida em evidência.

— Você sabe que não tenho nenhum interesse por estas coisas, Sara — eu estava emocionalmente exausta.

— Eu sei. Não estou querendo convencê-la de nada. Apenas recebi uma proposta muito interessante e como você não tem empresário, pensei que poderia cuidar do assunto.

— Não tenho empresário porque não preciso de um. Eu tenho um patrão e quero continuar tendo — meu mau humor estava tomando conta de mim.

Apesar de toda a minha má vontade, percebi que Thomas ficou feliz com a minha declaração de que queria continuar com ele. Pelo menos como funcionária.

— Não é nada que vá atrapalhar nem interferir na sua atividade conosco, Cathy. Não pude deixar de notar que você se interessa por moda, então acredito que essa proposta vai se encaixar perfeitamente com a sua personalidade.

Cobri o rosto com a mão tentando me acalmar um pouco. Ela estava apenas fazendo o seu trabalho. Concentrei-me em respirar enquanto Sara explicava.

— Tudo bem, deixe-me explicar do que se trata. A marca Rony Bá, mais precisamente os seus proprietários, responsáveis pelo marketing e publicidade me procuraram porque acham você a modelo ideal para as suas roupas — parou para avaliar a minha reação.

Não foi das melhores. Eu não entendia como uma marca tão sólida e maravilhosa como a Rony Bá poderia se interessar por mim como modelo. Eu nem de longe parecia com uma. Principalmente porque magreza ao extremo não era o meu forte. Gostava de ter

corpo. Meu semblante revelava que eu não estava de acordo. Apesar de babar pelas roupas da marca em questão.

— Não se assuste. É tudo muito simples. Eles fazem um catálogo anual com suas roupas, tendo como modelo alguém que está em destaque. O deste ano eles já fizeram. Então a proposta é a seguinte. Querem criar uma espécie de folheto com uma coleção exclusiva, desenvolvida especialmente para pessoas com o seu biótipo — sorriu para este ponto. Eu não fazia mesmo o estilo esquelético. Meu corpo era mais arredondado, com mais formas.

— Por que eles fariam isso? Tem tanta gente famosa e linda por aí, tinham que cismar logo comigo? — Todos na sala riram me fazendo ficar ainda mais nervosa.

— Por infinitos motivos. Você é realmente linda, não dá para passar batido. Depois existe uma nova tendência para o seu tipo de corpo e eles estão pensando nesse novo mercado. Ainda existe o fato de que você está realmente crescendo às vistas da mídia. Seria como uma exclusiva num momento em que todos tentam chegar a você e não conseguem.

Balancei a cabeça, começando a negar a proposta, mas ela foi mais rápida.

— Antes de negar, ainda tenho argumentos para apresentar — ria da minha situação desconfortável. — Primeiro tem a questão do cachê. Você deveria dar uma olhada.

Sara me passou o papel, para que eu pudesse ver o valor da proposta. Não estava interessada, mas a minha curiosidade me impelia a olhar. O arrependimento foi imediato. A proposta era extremamente indecente para uma pessoa com a minha condição financeira. Tudo bem que o meu salário era ótimo e que nos últimos meses havia conseguido economizar mais dinheiro do que havia conseguido em toda a minha vida, já que todas as despesas eram pagas pelo contratante. Mas o valor proposto era simplesmente absurdo de tão alto. Mais do que já tinha pensado em ganhar a vida inteira.

Peguei o papel e passei para o Thomas, que estava se esticando, tentando ver o valor. Seria cômico se não fosse trágico. Ele me

olhou, interrogando se eu seria capaz de recusar, afinal eram só algumas fotos.

— Esqueça isso, Sara. Não sei ficar na frente das câmeras, me sinto muito desconfortável e definitivamente não conseguiria parecer uma diva.

— Você deveria pensar melhor — Thomas finalmente se sentiu à vontade para dar sua opinião. — Acho que tem potencial e o dinheiro é realmente muito bom.

— O dinheiro que você me paga é muito bom também — sorri para ele.

Minha intenção era dizer que eu não tinha interesse em sair do seu lado agora, mas me contive.

— Só mais um detalhe. Esse valor é pelas fotos. Eles ainda estão pensando em lhe dar as roupas utilizadas para o folheto — fiquei sem condições de falar.

Cada peça deles custava uma pequena fortuna. Imagine uma coleção inteira!

— Meu Deus. Esse é o sonho de qualquer mulher — Helen tentou me animar. Eu sabia que ela nem ligava para moda.

— O que eu terei que fazer em troca?

Eu sabia que a vida não era tão fácil. Alguma coisa teria de fazer para merecer essas roupas desenvolvidas especialmente para mim.

— Além das fotos? — Ela estava protelando. Deveria ser algo bem ruim. — Bem, nada de especial, você apenas deverá usar cada um dos modelos nos eventos que participar com Thomas.

Que absurdo! Os eventos eram para os atores do filme. Eu não tinha nada a ver com isso. Além do mais, não pretendia me vestir maravilhosamente bem para essas ocasiões. Eu nem mesmo tinha que aparecer nelas, ficava nos bastidores.

— De jeito nenhum. Pode esquecer, Sara. Os eventos não são para mim. Não posso fazer isso.

— Mas não tem nada a ver com os eventos em si e sim com a sua imagem aonde quer que você vá — ela não acreditava que eu poderia recusar uma oferta dessas.

— Ainda existe um adicional na proposta para este item.

— Não. Não posso aceitar.



— Thomas, diga a ela que vai ser ótimo, por favor — Sara contava com ele para me convencer, que, por sua vez, ficou todo feliz por poder se envolver.

— Cathy, é uma proposta fantástica — deu risada. — Por que você não a deixa pensar um pouco, Sara? Não é algo para ser decidido tão rápido.

Sara concordou com Thomas, mas fez uma última observação.

— É claro que você sabe que, se concordar, eu quero ser a empresária. Então pense direitinho porque tenho o maior interesse neste trabalho.

Concordei e comecei a me levantar para ir embora.

— Tudo bem então. Definimos aqui que não iremos nos pronunciar e que todas as atividades irão continuar normalmente, certo? Vamos deixar Cathy em paz agora — Sara encerrou a reunião e começou a arrumar suas coisas para sair também.

Notei que Lauren tinha ficado tão quieta que acabei me esquecendo dela e de toda a sua hostilidade, assim como do segredo que envolvia Thomas. No momento em que a emoção da conversa cedeu, minha cabeça começou a trabalhar acelerado. Queria pensar em várias coisas, então precisava ficar sozinha.

Todos levantaram para sair e eu fui em direção à porta sem olhar para trás. Não queria encontrar o olhar dele. Não tinha condições de dizer nada, muito menos decidir alguma coisa. Nem cheguei à metade do corredor para começar a senti meu celular vibrar em minha mão. Era uma mensagem do Thomas: “Volte”. Continuei andando em direção ao meu quarto. Outra mensagem: “Por favor!”. Antes de conhecer Lauren e desse segredo ter entrado em nossas vidas, eu, com certeza, não conseguiria resistir a seu apelo, mas a situação havia mudado.

Entre no meu quarto. O que iria dizer a ele? Tão logo bati a porta, meu celular começou a tocar. Era Thomas de novo. Deixei tocar até cair na caixa postal. Outra mensagem: “Quero falar com você. Por favor, Cathy!”. Mandei uma mensagem como resposta: “Me deixe pensar. Eu procuro você”. Ele não iria desistir. Deitei na cama, sem me dar ao trabalho de trocar de roupa. Outra mensagem: “Não. Quero ver você agora.”.

Pensei em desligar o celular, mas tive medo dele vir bater em minha porta. Depois eu que era a teimosa. “Preciso de um tempo, Thomas”. Meio minuto depois a campainha tocou assustando-me. Será que ele tinha perdido a noção do perigo? Fui atender a porta ficando surpresa com a presença da Lauren.

— Posso entrar?

Recebi outra mensagem: “Se você não vier, eu vou aí”. Precisava ser rápida ou teria um problema bem maior para resolver.

— Claro. Entre.

Peguei o celular e digitei uma mensagem rápida sob o olhar atento dela: “Lauren está aqui. Seja bonzinho. Vou desligar o celular”.

— Algum problema? Você está pálida — “perceptiva” pensei com desagrado.

— Não. Nada de mais. O que você faz aqui? — Não podia deixá-la me intimidar.

Conhecia o seu tipo. Lauren ia tentar me intimidar para tirar algo de mim. O problema é que ela não conhecia o meu tipo. Eu não me assustava com facilidade.

— Achei que não tivemos um bom começo, Cathy. Vim me desculpar. Somos colegas de trabalho, poderíamos tentar ser amigas já que vamos passar algum tempo juntas.

Não sei o porquê, mas não consegui acreditar numa única atitude dela. Existia algo mais naquelas palavras. A mulher fazia meu senso de defesa entrar em parafuso. Dei um longo olhar para Lauren. Se ela estava jogando, eu também sabia jogar.

— Claro, por que não?

— Então... — Esfregou as mãos procurando um assunto, ou como entrar em um. — Você me parece realmente muito profissional, como Helen tinha dito. Tenho acompanhado seu trabalho. Parece que Thomas finalmente entrou no ritmo desejado por todos. Muito bom.

Apenas sorri, educadamente.

— E é muito bonita. É normal vincularem você ao Thomas. Ele é um conquistador. Adora estar cercado por mulheres bonitas — ela

caminhava pelo quarto, falando de maneira tão natural que parecia realmente ser uma conversa normal e descontraída entre amigas.

— Também é bastante correto. Trabalhamos juntos, ele me respeita como profissional.

Tentei parecer natural também. Fracassei. Minha voz saiu rouca. Eu estava na defensiva, analisando todas as suas atitudes para saber como agir.

— Mas ele parece disposto a fazer de você sua nova aquisição.

Ela deu uma risada sarcástica, o que me incomodou profundamente. Eu não era uma peça para ser adquirida. Se ela havia permitido que isso acontecesse, era problema dela. Eu era diferente e tanto Lauren quanto Thomas, teriam que enxergar.

— Isso não é problema meu, acredito que também não seja seu. Eu já disse tudo o que tinha para dizer a esse respeito, Lauren. Gostaria que o assunto fosse encerrado — deixei minha raiva escapar, era inevitável naquele momento.

— Claro, encerramos o assunto. Não temos mais por que pensar nisso. Você deu sua palavra de que não existe nada entre vocês, acho que vindo de uma pessoa tão responsável, eu deveria acreditar.

Ela parecia desconfiada, ou algo mais, parecia estar com ciúmes. Não resisti.

— Não foi o que eu disse. Apenas dei minha palavra de que se ele me magoasse, não abandonaria o barco — analisei suas feições. — Sou maior de idade, Lauren, ele também. Não precisamos prestar contas a ninguém do que acontece entre nós dois — sorri sarcasticamente ao ver suas feições endurecerem com as minhas palavras. — Agora, se você me der licença... Preciso resolver algumas coisas — indiquei a porta educadamente fazendo com que ela entendesse o meu recado.

Estava esgotada. Entrei no chuveiro ficando lá por um bom tempo, tentando me esquecer do mundo. Primeiro era Thomas fazendo pressão para iniciarmos uma vida sexual, que eu também queria, mas que teria de deixar de lado devido à existência desse segredo que agora não saía mais da minha cabeça. Não poderíamos continuar com nossos planos se ele não me contasse a verdade.

Somado a isso, havia Lauren, provável ex-amante, que parecia disposta a me fuzilar na primeira oportunidade. Para piorar a situação, precisava pensar na proposta de trabalho da Rony Bá, que era muito tentadora, porém iria me desviar um pouco do que tinha planejado. Se não conseguisse tirar isso tudo da cabeça, iria enlouquecer.

Saí do banho, me troquei e fui trabalhar. Era o melhor a ser feito. Liguei o computador, me ocupando nele até tarde. Jantei no quarto depois fui dormir. Só então lembrei que o meu celular continuava desligado. Deitei na cama para verificar as chamadas perdidas.

Todos tinham me ligado, inclusive Mia. Dyo deve ter contado a ela sobre o acontecido. Decidi dormir sem retornar as ligações. Não demorou muito para o sono me abraçar.

Acordei com o celular tocando ao meu lado. Sem pensar, peguei o aparelho e atendi a ligação. Nem ao menos me dei ao trabalho de saber quem era.

— Abra a porta.

— O quê? — Ainda estava sonolenta.

Peguei o relógio à minha frente e vi que eram 01:30h da madrugada.

— Estou aqui fora. Abra a porta — reconheci a voz do Thomas.

Ele estava maluco? O que estava fazendo na minha porta, àquela hora da madrugada?

— Acho que está aberta — estava ainda sem saber o que fazer. Eu tinha me esquecido de fechar a porta do quarto, um vacilo total. Qualquer pessoa poderia ter entrado, inclusive a Lauren. Meu corpo gelou com essa possibilidade.

Ele entrou indo direto para a minha cama. Deitou ao meu lado e me abraçou.

— Senti sua falta. Não estava conseguindo dormir. Você não retornou as minhas ligações. O que Lauren queria?

Eu estava com muito sono para começar uma conversa.

— Estou cansada. Tomei algumas decisões, mas não tenho condições de conversar agora, então fique quietinho para que eu possa voltar a dormir. Amanhã conversaremos.

Ele sorriu para mim e me abraçou.

— Posso ficar com você? — Sua voz era tão doce que não pude negar.

— Se prometer me deixar dormir agora, pode — não queria começar uma discussão.

Thomas apenas se deitou ao meu lado, me mantendo entre seus braços e fechou os olhos. Quando eu já estava adentrando no mundo dos sonhos, ouvi a sua voz distante:

— Eu adoro você, menina!

Seus lábios tocaram levemente os meus depois sumiram. Sorri, mas logo fui tomada pelo sono.

Acordei sobressaltada. Mais pesadelos. Era incrível como eles pareciam reais. Eu não me lembrava de tudo, apenas de estar caída de costas em uma piscina. Somente quando meu corpo encontrou a água percebi que na verdade não era água, era vidro, que se partiu completamente com o contato. Então acordei. Thomas continuava dormindo. Deitei outra vez ao seu lado, pouco tempo depois já dormia novamente.

## Capítulo 10

### Mais Segredos

#### VISÃO DE CATHY

**E**

u preciso saber o que há por trás de tanto interesse da parte dela.

— Não sei.

Estávamos no quarto de Thomas, sentados à mesa em frente ao computador, fingindo trabalhar, enquanto os outros não chegavam para a nossa reunião matinal. Aliás, eu estava de frente para o computador, ele ficou virado para mim, abraçado a minha cintura, distribuindo beijos em meu pescoço, tentando me distrair.

— Existe algo, Thomas! Não sou tão tola quanto você pensa.

— Muito pelo contrário, você é perceptiva até demais. Gostaria que fosse menos. Vamos esquecer esta história? — Passou a mão pelos cabelos, desarrumando seu penteado perfeito.

— Não posso. Ou você me conta a verdade ou não vamos ficar juntos, eu já falei.

— A verdade nem sempre é tão conveniente quanto você pensa, Cathy.

— Sara foi direta quando disse que você sabia, mais do que todos os outros, as consequências de um romance mal resolvido. O que ela queria dizer?

— Exatamente o que você ouviu. Por que o interesse nisso agora? Já não decidimos que vamos continuar juntos?

— Não.

Thomas virou para o computador, respirando profundamente. Passou as mãos pelos cabelos e depois apoiou o queixo nelas. Se alguém estivesse nos vendo, com certeza poderia compará-lo a uma criança birrenta. Nós precisávamos conversar antes que alguém chegasse para interromper.

— Eu sei que vocês dois já ficaram juntos. Pelo que parece não acabou bem. O segredo que estão me escondendo está relacionado a este detalhe ou não?

— Pare de pensar besteiras. Por que não se concentra na proposta da Rony Bá?

— Não tenho o que pensar. Preciso primeiro resolver o meu problema com você.

— Não temos problema nenhum, Cathy — fechou os olhos e tapou o rosto com as mãos.

— Eu tenho o direito de saber, Thomas. Isso é tão injusto! Você sabe que é do meu interesse, sabe que é importante para nós dois e mesmo assim continua sustentando a sua posição.

Eu estava indignada. Não era possível que ele continuasse argumentando contra mim. Thomas precisava me contar.

— Caramba, Cathy, você sabe ser irritante quando quer.

— E você sabe ser egoísta — retruquei, sem medo da sua reação.

— Egoísta, eu? Por quê? No que essa história lhe diz respeito além da sua enorme curiosidade?

— Não se trata de curiosidade, Thomas. Meu Deus! Será possível que não vê que para dar certo precisamos confiar um no outro? Como posso confiar em você? Nem sei o que pensar sobre isso. Estava indo tudo muito bem e de repente surge um segredo, ainda por cima, vem uma ex-namorada enciumada, louca para pular em minha garganta na primeira oportunidade. Não é justo Lauren ficar no meu pé.

— Esqueça a Lauren. Ela não deveria ser um problema para nós dois.

— Mas é.

— Então deixa que eu resolvo, tá bom? Vou ter uma conversa com Sara. Ela vai manter Lauren sob controle.

— Não, Thomas. Eu não quero criar confusão no grupo. Sou a mais nova na equipe, não posso ter um problema desses só porque você não consegue deixar de despedaçar corações.

Ok! Tinha sido dura. Muitas vezes ele tinha dito que não gostava de ser visto como um mulherengo irresponsável. Thomas se levantou e começou a andar pela sala, depois se encostou à janela, acendendo um cigarro. Ficamos em silêncio por muito tempo. Eu não iria ceder. Era meu direito saber o que aconteceu entre eles. Quando acabou de fumar, parecia mais calmo. Voltou para meu lado, sem encostar em mim.

— Cathy, procure entender. É muito difícil ficar aqui discutindo enquanto deveríamos estar aproveitando o pouco tempo que temos para ficar juntos — falava mansamente. Como se isso fosse suficiente para me acalmar.

— Pois é. Mas é isso ou tempo nenhum. Já falei o que penso, Thomas — ele suspirou e sorriu de maneira safada.

Como conseguia ir de um extremo ao outro tão rápido? Uma hora estava tão aborrecido que se afastava, na outra, estava simplesmente desejável.

— Não vamos terminar apenas porque você quer dar uma de menina mimada. Seja coerente, Cathy. Temos tantas coisas para fazer ainda — passou os dedos em minhas costas, se alongando até a minha cintura, apossando-se dela, me puxando para si. Virei o rosto para que não conseguisse me beijar. Thomas não se deu por vencido, logo começou a beijar o pescoço, enquanto a outra mão segurava meu cabelo pela nuca. Meu corpo reagiu, mas a mente ficou irritada com ele.

— Isso não vai acontecer, Thomas. Não vamos dar mais nenhum passo neste relacionamento enquanto eu não souber de toda verdade — minha voz não estava tão firme assim. Era muito difícil conseguir ser consistente quando sua língua roçando meu pescoço.

— Se não vamos dar mais nenhum passo, o que vamos fazer então? Jogar damas? — Deu risada ainda em meu pescoço fazendo



com que o calor de seu hálito em minha pele me proporcionasse um imenso prazer.

Meus lábios se abriram e os olhos se fecharam involuntariamente.

— Não sei ainda. Mas não vamos transar. Disso eu tenho certeza.

— Seja boazinha comigo. Tenho feito tudo certinho. Não mereço essa punição — eu sabia que ele estava sendo cínico, mesmo assim não consegui controlar meu corpo para que se afastasse dele.

— Você sabe o que deve fazer. Conte a verdade e podemos voltar a conversar.

— Nem acredito que você está negociando a sua virgindade — riu alto.

— Não estou negociando nada.

Finalmente um motivo para recuar. Empurrei-o com as mãos, fiz menção de levantar, mas fui detida por seus braços. Ele ainda ria.

— Apenas disse que, se estamos namorando, é natural que aconteça em algum momento, não é? — Ele fez que sim, apertando os lábios para não rir. — Pois é. Se eu não confiar em você esse namoro vai deixar de existir, vai ter um ponto final.

Pelo seu olhar, percebi que ele tinha entendido perfeitamente o que eu estava dizendo e que estava falando sério. Ouvimos alguém à porta então nos afastamos para compor a nossa farsa. Fui abri-la para Sara, que estava acompanhada da Lauren e da Helen. Dyo e Kendel tinham ido a uma reunião com uma produtora.

— Cathy! — Sara me cumprimentou com alegria. — Imagino que já tenha uma resposta para a proposta — seu sorriso era imenso.

— Na verdade eu ainda nem pensei nela — mentira. Eu tinha pensado e decidido não aceitar, mas depois de toda a discussão com Thomas achei melhor repensar a minha decisão.

— Mas precisamos dessa resposta para ontem. Os eventos já estão em cima. Eles precisam de suas medidas.

— Não vai haver tempo disponível em minha agenda enquanto eu ainda for babá do Thomas.

Joguei esta para ele, que me ignorou. Eu ainda estava muito irritada com a nossa conversa.

— Temos uma semana de folga antes do início das *premières*. E antes desta, haverá ainda mais uma de trabalho mais simples, como entrevistas para programas de TV e rádio. Vai ser tranquilo substituí-la enquanto faz as fotos.

— Precisa de tanto tempo assim? — o meu interesse foi acompanhado pelo interesse do Thomas, que desistiu de me ignorar passando a prestar atenção na nossa conversa.

— Na verdade eles precisam de um dia para tirar as medidas, o que deve acontecer tão logo você assine o contrato, para isso terá que ficar aqui em New York. Depois, acho que uma ou duas provas, que com certeza irão exigir sua presença e depois uns três ou quatro dias para as fotos. As roupas vão chegar de imediato, por isso acredito que o folheto será lançado o mais rápido possível.

Pensei um tempo sobre o que Sara estava falando. Aquele esquema me desviaria um pouco do que havia planejado, por outro lado poderia ficar algum tempo longe do Thomas, o que melhoraria minha capacidade de raciocínio. Olhei-o por um tempo, ele também me olhava, sondando a minha reação. Depois, com um imenso sorriso, falei para Sara:

— Pode confirmar, Sara. Resolva os papéis e me avise como devo fazer com a agenda para que Thomas não fique desfalcado. Assim que tiver certeza das datas, começo a me organizar também.

— Vou tratar de tudo ainda hoje pela manhã — Sara ficou satisfeita com a minha decisão. Lógico, era mais um grande contrato para ela.

Thomas balançou a cabeça, saindo para fumar mais um cigarro. Ele não estava satisfeito com a minha decisão, já podia imaginar o porquê. Primeiro, ficaria longe, mas isso era bobagem já que seria por pouquíssimo tempo. Segundo, e mais importante, talvez ele estivesse preocupado com a possibilidade de agora eu decidir seguir outra carreira, me distanciando dele de vez.

Antes Thomas não tinha esse medo, pois ainda não imaginava que eu ficaria tão intrigada com todo o mistério. Mas agora, depois de tudo o que tínhamos conversado, era possível que eu preferisse mesmo me distanciar. Esse também deve ter sido o motivo do sorriso esperançoso da Lauren.

Foi como Sara tinha dito. No mesmo dia, pela tarde, assinei o contrato que foi analisado por Raffaello e enviado com seu aval. Ainda fiquei sabendo que no dia seguinte deveria me apresentar para tirar as medidas, então não poderia viajar com todos para a Flórida. Thomas estava inconformado com a minha distância, mesmo que por apenas um dia. O humor dele piorou quando o informei, por telefone, que naquela noite não iria ao seu quarto. Eu precisava fazê-lo entender que cumpriria o que havia dito.

Então, quando ele voltou da gravação de um programa famoso de entrevistas, com uma apresentadora mais do que conceituada, foi direto bater em minha porta. Eu não tinha ido com ele, pois precisava assinar o contrato, para tanto, participei de uma reunião que tomou boa parte da minha tarde. Helen e Lauren assumiram o meu lugar. O que não me deixou muito feliz, ao contrário de Lauren, que estava mais do que satisfeita.

— Posso saber por que estamos nos arriscando deste jeito? — Perguntou, assim que passou pela minha porta.

— Do que você está falando? — Disfarcei estar desinteressada. Eu fingia ler o contrato, que já sabia praticamente de cor.

— Se você não for ao meu quarto, vou passar a noite aqui, logo corremos um grande risco de sermos descobertos. Não que isso seja inconveniente para mim, mas não quero ter mais um problema com você.

Parei para olhá-lo, sem acreditar em suas palavras. Seria mais difícil do que eu imaginava. Ele não aceitaria assim tão fácil a distância imposta por mim.

— Você não vai passar a noite no meu quarto, e não pode me forçar a passar a noite no seu — Thomas tinha conseguido toda a minha atenção. Seu sorriso de vitória me tirou do sério. Peguei o controle para ligar a TV.

— Não vou forçá-la a nada. Vou convencê-la.

Meu chefe me puxou, e antes que eu conseguisse me afastar colou seus lábios nos meus. Senti meu copo amolecer de imediato. Tive raiva de mim por ser tão vulnerável a ele, porém essa raiva não conseguiu espaço para reagir. Thomas prendeu meu corpo na parede colando o seu preso ao meu. Senti suas mãos apertando,

explorando o meu corpo. Quando já não estava mais conseguindo respirar direito, ele liberou meus lábios.

— Vamos para o meu quarto.

Não tive forças para desobedecer a sua ordem. Juntei rapidamente as coisas que precisaria, enquanto ele me observava agir como uma bêbada, embriagada pelos seus beijos, depois fomos para o quarto.

É claro que continuamos o que tínhamos começado. Thomas não precisava de palavras para me convencer. Suas atitudes já eram suficientes. Mesmo com todo meu conflito interior, meu cérebro não conseguia enviar as ordens corretas para meu corpo e, toda vez que eu pensava em parar, ele acabava me convencendo de que podíamos continuar mais um pouquinho. Mas só mais um pouquinho mesmo. Apesar de todo o desejo que eu sentia pelo meu chefe, sabia que não poderia ir mais adiante. Então parei antes que ele conseguisse o que desejava.

— Meu Deus, você é uma pessoa muito má. Não se faz isso com um homem. É muito injusto! — dei risada dos seus argumentos.

— Nós combinamos que dormiríamos juntos, o que não envolve sexo.

— Em que mundo você vive? Somos adultos, pelo menos eu sou, você se prende à adolescência, mesmo já tendo 23 anos. Sua vida sexual já deveria ter começado há muito tempo.

— Isso não é da sua conta. E não comece porque tenho motivos de sobra para ir embora — se ele começasse a falar da minha vida sexual inexistente eu iria ficar mais do que furiosa.

— É sério, Cathy. O que você fez na faculdade? — Thomas não estava acreditando em minha ameaça.

— Estudei. É o que todo mundo faz. E foi o motivo para eu ter entrado em uma. Não é qualquer pessoa que nasce em berço de ouro e ainda por cima consegue uma ajudinha do papai para ser ator.

Thomas ficou magoado com a minha acusação. Eu tinha sido muito injusta com ele. Não havia forma de negar seu talento como ator, e isso nenhum dinheiro compraria. Era um dom.

— Não tenho problema em aceitar que o fato do meu pai ter dinheiro, me ajudou a iniciar a carreira, mas também estudei muito para chegar até aqui. Não caí de paraquedas nem comprei nenhum papel.

— Estudou? — Este fato da vida dele era novo para mim.

— Sim. Fiz a *New York Film Academy*.

— A escola de cinema e de atuação para cinema?

— Sim. Foi neste ponto que o dinheiro do meu pai me ajudou.

— Interessante.

— É. Mas voltando a você... — cortou o assunto voltando para mim, o que me deixou aborrecida.

— O que tenho eu?

— Você sempre foi assim?

— Assim como? — Minha paciência estava no limite.

— Sempre foi linda deste jeito? Porque não entendo como os homens conseguiram ficar longe de você durante todo o seu tempo de universidade.

— Nem todo mundo é como você, Thomas. E agora vou embora para o meu quarto. Você não quer dormir, quer ficar me enchendo a paciência com essa conversa fiada. Boa noite!

Ele me segurou na cama, gargalhando da minha reação.

— Ainda bem que nem todos são iguais a mim. Adoro a ideia de ser o seu único homem.

— Vá acreditando nisso — meu chefe parou de rir na hora. Eu adorei ver seu sorriso se desfazendo e o ar de triunfo se dispersar.

— Não só vou ser o primeiro como também o único.

Meu coração martelou no peito de emoção. Fui vencida. Não iria acontecer nada aquele dia, mas eu queria muito que fosse verdade o que ele estava dizendo. Fiquei surpresa com a certeza que tinha de que iria ser assim, pelo menos enquanto ele quisesse. A tristeza voltou a ocupar o seu lugar em meu coração. O final da minha história com Thomas já era uma verdade, bastava apenas saber o quanto me doeria.

No dia seguinte, acordamos cedo. Após um longo momento só nosso, de beijos e carícias, acabei convencendo-o de que

precisávamos levantar. Thomas teria de viajar para a Flórida enquanto eu continuaria em New York. À noite, eu e Sara viajaríamos para nos encontrar com eles.

Ver Thomas partir sem mim foi mais difícil do que podia imaginar. Principalmente vendo Lauren, mesmo sem muita proximidade, olhar para ele cheia de esperança. Tive medo do que poderia encontrar. Uma parte de mim dizia que eu deveria me acostumar com a distância, a outra me pedia desesperadamente para correr e me jogar nos braços dele. Era como se tivesse literalmente um anjinho e um diabinho lutando para comandar meus atos. Dei risada de mim mesma e dos meus pensamentos absurdos.

O voo para a Flórida foi péssimo. Atrasou bastante e ainda por cima tivemos turbulência. Se eu não morresse em um acidente de avião, com certeza morreria do coração. Sara estava tão concentrada em seu trabalho que nem percebeu a minha apreensão. Thomas fazia tanta falta! Precisei me conformar. A parte boa foi que chegamos tão tarde que Lauren havia desistido de tentar nos vigiar. Aproveitei para ficar direto no quarto do Thomas, não me dando nem ao trabalho de levar minha bagagem para o meu suposto quarto. Fui recebida com um abraço apertado, além de um beijo longo, cheio de carinho.

— Seja bem-vinda! Senti sua falta o dia todo — Thomas não poupava lisonjas.

— Se eu for recebida sempre assim vou fazer questão de aceitar todos os contratos que Sara conseguir.

— Você é recebida assim todos os dias. Não precisa de novos contratos.

— Então preciso de um aumento de salário — brinquei com ele.

— Podemos estudar seu caso.

Beijamo-nos mais uma vez longamente, mas depois me afastei dele para organizar as ideias. Quis saber como tinha sido o dia, se tudo corraera como previsto. Thomas me deu todos os detalhes, fazendo questão de ressaltar o quanto era importante a minha presença e que as coisas não corriam tão bem quando eu não estava. Lógico que ele estava se lamuriando sem motivo, além do que, parte disso era para que não me afastasse por muito tempo.

Fiquei ouvindo atenta, enquanto ele me contava tudo o que tinha acontecido.

— E Lauren? — meu chefe não tinha mencionado o nome da sua agente, talvez para ver se eu esquecia que ela estivera com ele o tempo todo. Mas se entregou quando mordeu o lábio inferior e piscou forte os olhos.

— O que tem Lauren?

— Como foi trabalhar com ela? — Tentei forçar a voz para que parecesse o mais natural possível.

— Foi... Diferente — fingiu estar pensando no assunto para enfim me responder.

— Diferente? — Fez que sim, sem muito acrescentar. — Diferente como? — Foi impossível disfarçar o meu interesse. Ele riu de minha reação e me abraçou.

— Foi normal, sua boba. Está com ciúmes?

— Claro que não. Vou tomar banho.

— Hum! Precisa de ajuda?

Joguei a almofada do sofá nele e saí em direção ao banheiro, ouvindo o seu riso debochado.

Tirei cada parte de minha roupa sem me apressar. Estava com ciúmes da Lauren? Não gostava da forma como ela falava comigo, nem de como me olhava, mas será que isso tudo era porque sentia ciúmes do que a garota tinha vivido com Thomas? Eu precisava controlar melhor meus sentimentos, porque, se fosse verdade, se estivesse com problemas com Lauren por causa do ciúme, então não estava sendo profissional. Fiquei preocupada.

Quatro dias depois, estávamos em New Jersey, no entanto novamente não acompanhei a equipe, pois teria mais uma prova das roupas. Desta vez, fiquei aguardando por todos, que só chegariam no dia seguinte. Dormir sozinha, depois de alguns dias sentindo o calor do corpo de Thomas, era muito ruim. O frio parecia congelar meus ossos e a cama me parecia grande demais. Acordei implorando para o tempo passar mais rapidamente.

Quando meu astro chegou, nem pude me atirar em seus braços, pois ele estava com Lauren a tiracolo, além da nossa agenda cheia.

Apesar de estarmos sempre próximos, nem nos tocávamos. Minha ansiedade era tanta que não conseguia parar de comer. Precisava dar um jeito nisso ou acabaria engordando.

Estávamos em uma emissora de rádio, aguardando a hora de Thomas entrar no ar, quando finalmente conseguimos ficar sozinhos por alguns minutos. Helen havia saído para solicitar mais água e café, nos deixando a sós. Ele me olhou com intensidade. Respondi com a mesma energia. Ficamos presos um ao outro. Nenhuma palavra foi dita, mas muito foi sentido. Quando Helen voltou, fomos pegos de surpresa, nos deixando sem graça. Ela percebeu, mas não fez nenhum comentário. Típico dela, ser discreta.

Chegamos ao hotel e logo Sara nos convidou para um jantar com toda a equipe. Fomos obrigados a aceitar, mesmo contrariando nossa vontade. Eu queria mesmo era poder me trancar com meu namorado e matar toda a saudade que estava sentindo, mas se não podíamos confessar o nosso romance, então era melhor agirmos como todos os componentes do nosso grupo.

Durante o jantar a conversa fluía livremente. Sentamo-nos lado a lado, estávamos com saudades demais para nos afastar e, afinal de contas, o jantar era informal, podíamos ser amigos sem problema algum. Se é que era possível.

Eu e Dyo conversamos sobre um protesto que havia acontecido no aniversário de morte de um estudante que tinha sido assassinado no Colorado porque era gay. O assunto acabou gerando comentários de todos que estavam à mesa, uma vez que homofobia era um ponto de interesse de todos. Após uma longa conversa sobre este episódio, Thomas começou a disputar a minha atenção com Dyo a cada minuto. Eu queria conversar com os dois, mas não conseguia; quando eles conseguiram engatar uma conversa, aproveitei e fui ficar com Helen. Foi mais equilibrado.

Voltamos todos juntos para o hotel, com exceção de Kendel, que preferiu curtir a noite com alguns amigos. Aleguei extremo cansaço para poder me livrar de todos logo, com isso conseguir voltar para o quarto que ocupava do hotel, mas dei um tempo razoável e então fui para o quarto dele. Thomas me recebeu com a mesma intensidade do olhar que tinha me lançado mais cedo, na rádio.



Ele ainda não tinha me dito uma só palavra sobre o segredo que escondia de mim. Com uma agenda tão apertada, quase não conseguíamos tempo para ficar juntos e, quando surgia a oportunidade, Lauren dava um jeito de atrapalhar. Ela estava fechando o cerco. Desta forma só nos sobrava a madrugada, quando tínhamos certeza de que a garota estaria dormindo, então eu podia fugir para o quarto dele. Era o nosso único momento juntos, por isso quase não conversávamos, pois matávamos a saudade do dia todo. Especialmente depois do meu novo trabalho, que não me deixava mais ter o dia todo para o meu chefe.

Mesmo com o pouco tempo disponível queríamos continuar um com o outro. Algumas vezes, entrávamos em atrito justamente pela falta de tempo. Ele achava que se contássemos a todos poderíamos ficar juntos sem problemas. Eu entrava em pânico só em pensar, além do mais, mesmo que assumíssemos, não iria querer que ele me tratasse como namorada quando estivéssemos trabalhando.

O problema era exatamente esse, existiam horários livres, entre um compromisso e outro, em que ficávamos de bobeira pelo hotel procurando o que fazer. Ele queria esses momentos, e eu não queria dá-los a ele ainda. Não enquanto não soubesse o que escondia de mim. O que todos escondiam. Precisava me sentir segura, porém Thomas não entendia.

Quando estávamos sozinhos, meu namorado era extremamente carinhoso e atencioso. Ele compreendia a minha insegurança, muitas vezes se contentando em me abraçar e dormir. Isso na maioria das vezes, o que significava que não era sempre. Em outros momentos protestou, alegando não haver motivo para esperarmos tanto. Ele queria muito, eu também, mas não tinha certeza se estava na hora.

A dúvida me cercava, e eu sabia que estava diretamente ligada ao segredo. Não podia me entregar com reservas, precisava ter certeza. Não queria que a história da minha mãe se repetisse comigo. O que a fez chegar ao estado que chegou foi exatamente o fato de existirem segredos entre ela e o meu pai. Eu não poderia permitir que acontecesse comigo também.

Estávamos a dois dias da nossa folga e Thomas ficou preocupado com a distância. Ele iria passar a semana com a mãe

em Quebec. Essa viagem estava planejada há muito tempo. Mas eu teria de me apresentar para cumprir o contrato, então não poderia acompanhá-lo. Seriam quatro dias no total para as fotos e mais o que fosse necessário, nos outros três eu ficaria com Mia de bobeira.

Thomas achava que esse tempo longe um do outro poderia mudar a minha cabeça, por isso estava despejando em mim todo o seu charme e sedução para conseguir mudar a minha decisão. Precisei ser mais firme com ele, ou então iria enlouquecer, ou quem sabe me entregar. As duas escolhas eram ruins. Ele não se convenceu com facilidade.

— Confie em mim, Cathy.

— Não posso confiar. Você está me privando de saber a verdade. Confiança deve ser baseada em verdades.

— Apenas porque a verdade não irá nos acrescentar nada. Só vai te fazer ficar mais insegura. Deixe de bobagem, você quer tanto quanto eu.

Seu sorrisinho meigo quase me fez voltar atrás. Beije-o com cuidado para que não pensasse que eu mudara de ideia.

Estávamos deitados na imensa cama do hotel, enroscados um no outro. Thomas estava sem camisa, e eu com uma camisola fina de seda cor de pérola. Ele me beijava o tempo todo, alegando que iríamos ficar muito tempo separados e que sentiria saudades dos meus beijos. Pelo visto sentiria saudade de todo o meu corpo também, pois suas mãos não paravam de percorrê-lo.

— Por que você não conta logo de uma vez e acaba com todo este mistério?

Utilizei meus dons para tentar convencê-lo. Eu estava sendo bem carinhosa, enquanto falava, acariciava o seu rosto e roçava meus pés em suas pernas. Ele percebeu a minha tentativa, por isso aproveitou para esquentar ainda mais o clima entre nós.

— Por que você tenta esconder o que houve com Lauren? — Consegui falar por entre beijos. Senti que ele respirou profundamente.

— Nunca escondi de você — foi o suficiente para fazê-lo parar um pouco com o que estava fazendo.

— Mas esconde alguma coisa, tenho quase certeza de que seu namoro com Lauren tem tudo a ver com este segredo — encontrei seus olhos e mantive firme o contato. — Eu vou descobrir.

Seu rosto endureceu. Ele se virou no colchão tapando os olhos com o braço.

— Eu nunca namorei a Lauren e você está cavando algo que não lhe diz respeito, sabia? O meu passado não deveria ter um peso tão grande para nosso relacionamento.

— Não deveria mesmo, se você tivesse algo de bom para dizer sobre o seu passado amoroso. Eu fico com medo até de pensar no que pode ter acontecido.

— Então não pense — fiquei espantada com o tom de voz ríspido que ele utilizou. — Você é engraçada, Cathy. O que eu sei de seu passado? Você é tão fechada que desconheço qualquer coisa de sua vida. Conheci suas amigas por um acaso. Não sei nada dos seus pais, não sei nada da sua história. E isso não tem sido um pesadelo para mim. O que me interessa é o que eu vivo no presente com você, seu passado não tem valor nenhum agora.

Encolhi-me com suas palavras. Nunca disse nada a ele porque não achei que minha vida sem graça fosse do seu interesse. E pelo visto não era mesmo. Eu não podia contar a Thomas a história da minha mãe. Isso era bem mais grave e sério do que qualquer casinho dele.

— Deve ser porque nossos interesses são muito diferentes, Thomas — constatei a meia-voz a verdade do que estava dizendo.

Estava me sentindo tão frágil, vulnerável. A mínima menção da história que cercava o meu passado tinha me atirado ao mar com um bloco de concreto amarrado aos pés.

— Do que você está falando?

— Talvez o que você quer de mim seja diferente do que eu quero de você — ele deu um risinho cínico, passando a mão pelos cabelos como sempre fazia quando estava ficando nervoso.

— E o que você quer de mim, Cathy? — Ficamos calados por um bom tempo, nos encarando. Como não respondi nada ele tirou as suas próprias conclusões. — Acho que a ideia que você tem de mim nunca vai mudar.

— Se você fizesse por onde, com certeza conseguiria vê-lo de forma diferente.

— Mais do que já fiz? — Sentou na cama. — Você tem seus próprios segredos e se acha no direito de me cobrar? Então vamos lá, Catherine. Eu conto tudo o que você quer saber. É de confiança que você precisa? Então eu conto. Mas antes você vai me dizer o que exatamente aconteceu no seu passado para que se tornasse uma pessoa tão retraída.

Fiquei chocada com o que ele estava me dizendo. Meus olhos se arregalaram de pavor. Como ele tinha descoberto?

— Que foi? Achou que eu nunca saberia? Basta passar um tempo ao seu lado para saber que tem problemas com relacionamentos, ou acha normal uma mulher como você não conseguir se entregar a um sentimento, tentar impedir com todas as forças que este aflore, ou pior, uma mulher de 23 anos ainda ser virgem?

Baixei os olhos e deixei as lágrimas escorrerem. Ele não precisava ser tão rude assim.

— Conte, Cathy. Vamos confiar um no outro — provocou. Permaneci calada. — Tá vendo? Todo mundo tem segredos.

Thomas levantou indo para a varanda. Ficou lá por um bom tempo. Não tive coragem de levantar e ir para o meu quarto. A minha vergonha superava minha raiva. Ele estava com a razão. Não podia cobrar nada dele, assim como não queria que ele cobrasse de mim. Eu tinha problemas em me entregar a um relacionamento, isso estava diretamente ligado à história dos meus pais. Ele sabia o tempo todo que meu medo ia além do que eu alegava e nunca me questionara nada. Nunca me cobrara uma atitude além do que poderia cobrar.

No entanto Thomas havia sido demasiadamente duro ao me jogar essa história na cara. Se ele teve a sensibilidade para perceber os problemas que me cercavam, como não conseguiu perceber o quanto isso me magoava? O choro permaneceu comigo até o cansaço fechar os meus olhos. Quando já estava quase dormindo, senti seus dedos acariciando as minhas costas. Suas mãos estavam geladas devido à baixa temperatura que estava fora do quarto.

— Me desculpe! — Pediu sussurrando.

Permaneci de olhos fechados, fingindo dormir.

— Cathy, sei que você não está dormindo — deitou-se ao meu lado, me abraçando pelas costas. — Desculpe, meu bem! Eu perdi a cabeça. Não acontecerá novamente, eu prometo — continuei de olhos fechados, mais para evitar as lágrimas do que para fingir que estava dormindo. — Cathy, olhe para mim, por favor!

Virei para ele fitando seus olhos. Antes mesmo que conseguisse alcançá-los, já estava chorando.

— Não chore. Por Deus, não chore. Estou me sentindo péssimo, vendo você assim então... Ah, Cathy, me perdoe. Tem sido difícil nos últimos dias. Essa história não sai da sua cabeça, e você parece ter erguido uma barreira entre nós dois. Eu não aguento mais. Sei que prometi esperar e estou cumprindo, mas se ficar vendo problemas em tudo o que acontece vai ser complicado. Eu preciso tanto de você — apertou a testa na minha e fechou os olhos. — Preciso que confie mais em mim. Preciso que confie em nós dois.

Pensei no que ele estava me dizendo e fazia sentido. Seria muito mais fácil se eu não tivesse todos os dias de acordar e olhar para o segredo em forma da mulher que me cercava a todo instante. Tinha consciência do quanto era difícil para Thomas a situação que eu impunha, principalmente porque sexo fazia parte da sua vida, enquanto eu conhecia muito pouco do que me esperava.

Não era apenas o medo da primeira vez, era o medo do desconhecido, do que não seria mais capaz de controlar. Mesmo sabendo que o mais correto era acabar logo com aquilo, não conseguia dar esse passo. Para mim era como os segundos antes de você decidir se pula de um avião de paraquedas ou se desiste e volta para a terra firme, a bordo. Eu fico ali, na porta do avião, sem conseguir pular, querendo pular, e ao mesmo tempo com muito medo de permanecer lá. Era muita insegurança e esta era alimentada mais ainda pelo segredo que ele insistia em guardar de mim.

— Thomas, as coisas seriam bem mais fáceis se você me contasse de uma vez o que aconteceu. Não porque acredito que o que aconteceu entre vocês pode acontecer comigo, mas preciso

saber se de alguma forma seria capaz de superar qualquer situação que o envolvesse ou que nos envolvesse — pensei em como poderia me explicar melhor. — Para que eu... Para que nós tenhamos... Para que aconteça... Isso... Preciso ter certeza de que não há nada que possa fazer com que me arrependa. Pode parecer besteira para você, mas para mim é um passo muito importante. Nem sei o que esperar. Como posso simplesmente confiar?

— Porque eu estou pedindo. Cathy. Não há nada de tão ruim, nem de maravilhoso com essa história. Apenas dei alguns passos errados em minha vida. Não posso ser julgado nem tachado o tempo todo como volúvel por causa do que aconteceu — Thomas passou a mão em meu rosto, fazendo carinho. — Aquele Thomas não existe mais. Você mudou tudo em mim. Vai ser diferente agora, tenho certeza.

— Por que você não me conta, então? Se o que aconteceu não vai acontecer outra vez, me conte, para que eu me sinta mais segura. Por que não?

— Porque não diz respeito apenas a mim. Existem outras pessoas envolvidas e eu devo poupá-las. Esqueça esta história por enquanto. Por favor!

Tive de ceder naquele momento. Ele estava sendo sincero, porém eu não iria desistir. Minha cabeça doía por causa do choro e pela quantidade de informações. Fechei os olhos ficando deitada, agarrada ao seu corpo. Não dormimos imediatamente, nem conversamos mais.

No dia seguinte, acordamos atrasados. Thomas estava mais carinhoso devido a todas as coisas que me dissera na noite anterior. Desculpou-se tanto que precisei pedir que parasse de me lembrar a toda hora do que tinha acontecido. Ele entendeu.

Foi um dia de muito trabalho, por este motivo praticamente não conseguimos ficar juntos. Quando nos encontramos à noite, não falamos mais no assunto. Ele também não tentou forçar a barra. Ficamos apenas abraçados assistindo a um filme, depois pegamos no sono até a hora em que ele teria de embarcar. Na madrugada, mesmo.

Tivemos que correr para preparar tudo, mas praticamente não conseguimos nos despedir, apesar do abraço demorado e apertado que trocamos na frente de todos no aeroporto. Disfarcei as lágrimas que se formavam em meus olhos. Só voltaríamos a nos ver dentro de uma semana, o que era péssimo depois de uma noite como a que tivemos. Para a minha alegria Thomas iria para a casa da mãe e não para algum compromisso de trabalho, o que significava que Lauren estava descartada, assim como eu.

Sara e Dyo ficaram para me acompanhar nas fotos. Meu amigo estava radiante. Ele adorava moda e tudo relacionado ao assunto. Eu fiquei bastante apreensiva. Nunca tinha feito qualquer trabalho parecido com o que ia fazer, por este motivo receava que desse tudo errado. Dyo me ajudava com conversas que me faziam acreditar mais na minha capacidade.

As roupas eram divinas, como tudo o que eles faziam. A equipe inteira tinha sido bastante atenciosa comigo fazendo de tudo para me deixar mais à vontade na frente das câmeras. Assim, passei três dias trancada em um estúdio, sendo vestida, maquiada, posicionada e fotografada. Com o tempo, comecei a entender o processo o que me ajudou para realizar um trabalho melhor. Todos estavam satisfeitos, além de bastante empolgados com o resultado.

No quarto dia, fui apenas acompanhar a escolha das fotos, não que minha opinião contasse muito, mas fazia parte da tradição opinar sobre que eles iriam publicar, então fiquei mais um dia. No final deste eu já estava num avião de volta a Los Angeles, para a enorme casa vazia. Fiquei imaginando o quanto seria estranho entrar nela sem Thomas. Será que ele estava sentindo a minha falta também?

Notei que algumas pessoas tinham me reconhecido, provavelmente das revistas que me apontavam como nova namorada do ator para quem eu trabalhava. Teria que me acostumar, porque depois do folheto o assédio seria ainda maior. A única coisa que desejava era que não prejudicasse o meu trabalho. Ou até mesmo a minha vida pessoal.

Estava morta de cansaço, por isso aproveitei e dormi a viagem inteira sem me preocupar com as pessoas que ali estavam. Deixei

para pensar nelas depois, haveria tempo de sobra.

Thomas esteve comigo todos os dias, em meus sonhos, desejos e por telefone, é claro. Constantemente nos falávamos. Ele ligava sempre que podia e à noite passávamos mais tempo juntos. Eu contava como estava sendo e como me sentia em relação a tudo, ele sempre me confortava e incentivava. Conversamos sobre como estava sendo com sua mãe, o que o deixava mais leve e relaxado. A estada com a família estava lhe fazendo muito bem. Fiquei feliz por meu chefe. Não pude deixar de me lembrar do nosso encontro em Quebec e da forma como havia sucumbido ao desejo de estarmos juntos. As lembranças eram a melhor parte do meu dia. Eu me trancava com elas dentro de mim e nenhum acontecimento externo conseguia me incomodar.

Assim que desci do avião, liguei para Mia para avisar que apenas passaria em casa para deixar as roupas sujas e pegar roupas limpas mais de acordo com a temperatura de Los Angeles.

— Você falou com Thomas hoje? — Mia parecia desconfiada.

— Hoje ainda não. O celular dele ficou desligado o dia todo. Por que?

— Nada, só curiosidade — ela estava disfarçando.

— Algum problema? Algo que eu deva saber? — Já estava quase entrando em pânico.

Será que mais alguma coisa tinha saído sobre nós dois nas revistas? Ou pior, será que alguma outra coisa tinha saído a respeito dele? Algo que poderia me abalar? Estremeci só de pensar.

— Não. Pare de pensar besteiras, tá? — minha amiga me conhecia muito bem para saber que a esta altura eu já tinha imaginado um monte de coisas.

— Tá bom. Vou passar em casa e logo estarei aí — meu desânimo era nítido.

— Ok. Anime-se. Nem tudo está perdido — desconfiei da forma como ela estava falando. Mia estava escondendo algo. Mais segredos, oh meu Deus!



## Capítulo 11

### O Retorno de Alguns Fantasmas

#### VISÃO DE CATHY

**F**

iquei surpresa quando vi Eric me aguardando. Thomas deve ter ligado pedindo que fosse. O segurança me cumprimentou educadamente, com um sorriso no rosto. A sensação de estar em casa foi revigorante. Fomos até o carro onde o motorista nos aguardava com a porta aberta. Achei que era uma das brincadeiras do meu chefe, tentando me fazer parecer uma celebridade devido às fotos. Entrei e me assustei ao vê-lo lá dentro, sorrindo para mim.

— Thomas! — Dei um gritinho de felicidade me atirando em seus braços. Ele riu e me beijou com fervor.

— Estava com muita saudade — resmungou entre beijos. — Não conseguiria ficar mais tempo longe de você.

— Mas e sua mãe? Thomas, vocês passam tanto tempo sem se ver.

— Ela entendeu. Conte sobre nós dois e da saudade que estava sentindo. Precisei prometer que voltaria com você assim que possível — o sorriso encantador em seu rosto era enorme, os olhos brilhavam. — Não gostou da surpresa?

Eu tinha amado! Nunca pensei que ele fosse capaz de largar tudo por mim, não que eu não desejasse, mas viver isso era sensacional.

— Claro que gostei.

Envolvi seu pescoço com meus braços exigindo sua boca. Nem percebi que o carro tinha começado a se movimentar. Ficamos entregues um ao outro por um bom tempo. Eu queria matar a saudade que sentia dele por inteiro. Quando paramos em casa, Thomas não levantou para sair junto comigo.

— Não vai entrar? —Fiquei curiosa.

— Não. Vou esperá-la aqui.

— Como assim? — O que ele estava pretendendo?

— Você tem quinze minutos — advertiu, travesso.

— Para que? Ai, meu Deus, Thomas, não faça isso comigo, conte de uma vez o que está pretendendo.

— No momento, pretendo que você corra e faça uma mala para uma viagem de iate por três dias — ele falava como se fosse algo trivial.

— Viagem? Com você? Por três dias? Você deve estar maluco.

Entrei de volta no carro, para podermos conversar melhor. Era lógico que eu queria ir com ele para qualquer lugar, mas existiam vários empecilhos. Um deles era Mia, que estava me aguardando na casa dela para passarmos três longos dias juntas. Minha amiga ficaria furiosa se desmarcasse em cima da hora. O outro era, infelizmente, o mesmo de sempre. Ficar com Thomas a sós por três dias seria concordar com o que ele queria, mas eu ainda não estava pronta.

— Cathy, nós precisando ter algum tempo juntos, só nosso — acrescentou rapidamente, quando comecei a levantar uma sobancelha para interrogá-lo. — Eu voltei para casa porque queria muito passar mais momentos de qualidade com você. Para nos conhecermos melhor — aproximou-se de mim olhando diretamente nos meus olhos — Você tem razão em relação à confiança que precisamos ter um no outro. Sabemos que existem coisas que não podemos revelar agora, tanto da minha parte quanto da sua.

Parou para sondar se eu estava entendendo o que ele dizia. Confirmei com um aceno de cabeça.

— Então vamos ficar um tempo juntos, sem medos nem fingimentos.

— Thomas, eu assumi um compromisso com Mia... — nem conseguia acreditar que teria que recusar a sua proposta, mesmo que fosse por uma amiga tão querida quanto a minha. A forma como ele havia planejado tudo era tão encantadora!

— Eu sei. Já falei com ela e está tudo bem. Mia concordou em me ceder você.

Seu sorriso era de triunfo. Thomas sabia que eu só recusaria seu convite se não quisesse ir, no entanto eu não faria isso.

— Você falou com Mia? Quando? Acabei de falar com ela e...

Era isso o que ela me escondia. Senti-me culpada por estar tão aliviada. Mia era a minha melhor amiga e eu quase nunca conseguia estar com ela; quando a oportunidade apareceu, Thomas a fez sumir. Não que o estivesse condenando, realmente estava adorando a surpresa que preparou.

— Agora acho que você só tem treze minutos.

Olhei-o admirada com a sua capacidade de me cercar por todos os lados. Abri outra vez a porta do carro e praticamente corri até o meu quarto, largando a mala em um canto e começando a arrumar outra rapidamente. Como não sabia o que esperar do passeio, providenciei um pouco de tudo, desde vestidos e sapatos para ocasiões especiais até biquínis e lingerie indiscretas. Entupi a mala de roupas leves e sandálias. Peguei a que estava no canto com as coisas da outra viagem e tirei dela um kit com xampu, cremes, escova de dente e tudo o mais que precisaria para minha higiene pessoal.

Fui ao closet, peguei de dentro de uma gaveta, praticamente esquecido, um filtro. Seriam de extrema necessidade. Mais alguns produtos de beleza e estava pronta. Troquei a camisa de mangas compridas que vestia por uma regata, mantive o jeans e os saltos. Deixei para me vestir adequadamente mais tarde.

Thomas me aguardava na entrada da garagem, mas veio correndo pegar as duas malas pequenas que eu havia preparado.

— Achei que tivesse dito que ficaríamos três dias, vale acrescentar que serão apenas duas noites.

— Você está exigindo demais de mim. Em tão pouco tempo não dá para decidir o que devo ou não levar — fingi que estava emburrada. Ele riu beijando o beicinho que eu fazia.

— Sem problemas. Teremos espaço suficiente para todas as suas coisas — pegou as malas e levou para o carro. Após guardá-las, fez a volta, abriu a porta para mim e entrou para ficar ao meu lado.

— Vamos?

— Vamos.

Quando Thomas disse que teríamos espaço suficiente para todas as minhas coisas, não imaginei que seria mais do que suficiente. O gigante à minha frente se parecia mais com uma mansão de luxo do que com um iate. Fiquei boquiaberta.

Cinco pessoas da tripulação esperavam por nós. Todos cumprimentaram Thomas com familiaridade e a mim, com cortesia. Fui apresentada a apenas como Cathy, sem nenhuma informação a mais. Meu namorado me pegou pela mão para nos conduzir ao que seria o nosso quarto. Um dos funcionários levava nossas malas.

— Você está muito calada — meu chefe estava atento às minhas reações. — Não gostou do iate?

— Como poderia não gostar? É fantástico. Imenso. Estou sem palavras.

Estava deslumbrada com tamanho luxo, isso sem nem ter ainda conhecido o seu interior. Thomas ficou contente com todo o meu deslumbramento, pois logo começou a me dar uma aula sobre os detalhes técnicos da embarcação.

— É um Lunasea. Foi construído este ano, consegui comprá-lo através do meu pai. O modelo é italiano, Akhir 110. Possui 34 metros de comprimento. Não é tão grande como outros que já vi, mas gosto do tamanho. Possui o casco de fibra de vidro e dois motores MTU erogam 04.500 hp — ele estava tão orgulhoso do seu brinquedinho que nem notou que já havíamos chegado ao quarto.

— Como isso é possível? — comentei deslumbrada com o tamanho e a beleza do quarto em que iríamos ficar.

— O quê? — ficou curioso. Ele não estava admirado como eu, pois já estava acostumado ao luxo, diferente de mim.

— Um quarto tão grande dentro de um... Barco.

— Barco? — riu com vontade do que eu estava dizendo. — Você é hilária, Cathy.

— Eu sei que é um iate, Thomas, porém não deixa de ser um barco.

— Que seja então — deu de ombros ainda rindo.

— Vamos ficar no mesmo quarto? — Fiquei apreensiva.

Era natural que ficássemos. Fazíamos isso todos os dias. Mas estávamos em um... barco. Cercados por água, ou seja, nenhuma chance de fuga.

— Claro. Algum problema?

— Alguns — respondi mais para mim mesma do que para ele. — Tudo bem.

— Temos outros quartos. Pensei que, como ficamos sempre juntos, você não se incomodaria.

— Tudo bem. Sério.

Sorri para meu namorado tentando passar confiança. Acredito que não tenha conseguido. O ator ali era ele.

— Então. O que quer fazer agora? — olhou sugestivamente para a cama esboçando um sorriso inocente.

— Tomar um banho — olhei para ele suspendendo uma sobrancelha. — Sozinha.

Quando saí do banheiro, o quarto estava vazio. Aproveitei para apreciar todos os detalhes. Era esplêndido. Nunca tinha imaginado que num quarto de iate poderia encontrar tanto luxo. Fui ao closet, que inacreditavelmente existia ali, e procurei algo confortável em minha mala, esta estava sobre um imenso sofá.

Optei por um short de brim, uma camisa fina com botões na frente além das sandálias de dedo. Deixei os cabelos soltos e usei pouca maquiagem. Desci as escadas, passei por um enorme corredor com diversas portas, dando de cara com uma sala cercada de sofás, muito bem decorada e confortável, de frente para o mar.

Thomas estava na parte dianteira, olhando o iate cortar o mar. Fiquei um pouco afastada, observando-o. Ele estava simplesmente

divino. O vento bagunçava seus cabelos e, a julgar pelo seu sorriso, estava sendo muito agradável. Não pude resistir à vontade de abraçá-lo. Cheguei discretamente por trás para cercá-lo com meus braços. Ele se aconchegou a mim, dando espaço para que eu pudesse ver o que tanto prendia a sua atenção.

O sol estava à nossa frente, jogando seus raios no mar que brilhava com o contato. Era um espetáculo maravilhoso. Ficamos abraçados contemplando a paisagem. A única sensação em meu peito era de paz. A cena era a mesma do filme que tanto me encantara, com aquele outro ator tão lindo e talentoso quanto Thomas. Não me contive e gritei, abrindo os braços.

— Eu sou o rei do mundo! — Gargalhamos da minha atitude, o que tornou o clima ainda mais leve.

Fomos tirados do nosso transe por um funcionário que viera nos avisar de que a mesa estava posta. Só então me lembrei de que estava faminta. Eu havia chegado antes do sol nascer, mas com toda a emoção de reencontrar Thomas e a viagem, me esqueci completamente do café da manhã. Thomas me conduziu a uma sala onde o café estava servido. Era mais uma sala com abertura para o horizonte, que mereceu toda a minha atenção. Na casa dele, era normal tomarmos café de frente para o mar, porém ali a mesma situação era muito especial.

Thomas falou sobre a mãe dele e os problemas que ela estava tendo com o marido. Não era nada grave, porém não o impedia que se preocupasse com ela. Eu falei sobre as fotos, o quanto eu gostara dos resultados, destaquei a eloquência do Dyo com relação às roupas e do seu envolvimento em todo o processo.

Diversos assuntos depois, estávamos de volta à primeira sala que vi antes de encontrar Thomas, me entregar aos seus encantos e aos da natureza. Ficamos deitados à vontade, cercados de almofadas macias que se moldavam a nossos corpos. A sensação de liberdade era tão agradável que não nos preocupávamos em esconder que estávamos juntos. Thomas me beijava o tempo todo, mas mesmo quando não estávamos nos beijando, ele me cercava de carinhos. A conversa fluía naturalmente, fazendo o tempo passar de maneira imperceptível.

No fim da tarde o iate parou em meio ao mar. Questionei se iríamos passar a noite, ancorados no meio do nada, no entanto Thomas me explicou que não haveria problema, a guarda costeira estava ciente da nossa localização, além do mais, nós poderíamos ficar mais tranquilos com a impossibilidade da presença dos paparazzi. Só esse fato já me fez concordar imediatamente.

Thomas me fez trocar as roupas por um biquíni e um roupão. Eu não pretendia entrar na água, porém estava quente, fora que pegar um pouco de sol seria gratificante depois do frio de New York. Quando cheguei à proa, meu namorado estava pulando no mar. A água era calma e escura, não dava para ver o fundo. Observei o pulo do Thomas constatando que era bem grande a distância do lugar onde ele estava até a água. Seu corpo furou o mar sem esforço me deixando apreensiva enquanto aguardava o seu retorno à superfície.

De onde estava não dava para vê-lo submerso. Parecia ter sido engolido. Então Thomas surgiu com um sorriso que não cabia no rosto. Quando voltou, entreguei-lhe uma toalha e ganhei um beijo casto, mas cheio de carinho. Enquanto ele se enxugava, aproveitei para olhar seus cabelos desarrumados de onde algumas gotas persistentes caíam escorrendo pelo seu peito nu.

Foi quando me dei conta de que ainda não tínhamos nos tocado com mais intimidade desde a minha chegada e fiquei espantada com a necessidade que meu corpo sentia de receber as carícias dele. Senti-me envergonhada com a falta de pudor dos meus pensamentos, então desviei o olhar, fingindo prestar atenção ao mar.

— Não vai cair?... Na água — completou, percebendo a interrogação que se formava em meu rosto.

— Ah! Não, acho melhor não. Vou ficar observando você daqui.

— Mas você adora o mar!

— Adoro sim, porém só quando consigo colocar meus pés na areia — eu tentava sorrir tranquilamente, mas a apreensão estava bem próxima da superfície.

— A parte boa é justamente essa. Mergulhar sem saber aonde vamos chegar. Olhar para a imensidão desconhecida bem abaixo dos seus pés — aquilo parecia divino para ele. Para mim, era meu inferno particular.

— Vamos lá, estarei logo atrás de você.

— Não.

— Cathy, você é uma medrosa. Tão cheia de pose e não passa de uma garotinha assustada — brincava comigo rindo da situação.

— Deveria aproveitar a oportunidade para provar a si mesma que pode superar o fato de que não tem controle de tudo.

— Não.

— Você não pode controlar cada situação da sua vida. Isso é bom, mas é importante deixar as coisas seguirem naturalmente às vezes.

— Pode falar o quanto quiser. Eu não vou pular e ponto final.

— Não? — A forma como ele tinha me perguntado chamou a minha atenção para onde estávamos. Onde eu estava, para ser mais específica.

Ele havia conseguido me conduzir até o local de onde tinha pulado. Meu coração começou a falhar. Não deve ter levado nem um segundo, mas para mim pareceu uma eternidade. Olhei para seu rosto e vi um sorriso diabólico se formar. Notei suas mãos se levantarem quando percebi o que iria fazer. Tentando me esquivar, escorreguei e caí de encontro ao mar.

À medida que via a sua aproximação, mais desesperada ficava. Fechei os olhos para sentir o mar me cercar. Sufocante. Fiquei esperando a sensação de ser puxada para baixo passar e começar a ser puxada para cima, mas ela não chegava. Eu afundava cada vez mais. Lutei para não abrir os olhos. Foi impossível.

No momento em que vi a imensidão ao meu redor, fui levada de volta àquele dia, onze anos atrás. Senti novamente todo o desespero invadir meu corpo. Olhei para baixo tentando alcançar algo que não conseguia mais enxergar. Eu precisava chegar lá, não podia desistir, por isso fui entrando na escuridão do mar que me cercava.

Quando o desespero lutava a favor da necessidade do meu corpo de respirar, senti mãos me segurarem, primeiro pelas pernas, depois pela cintura e começaram a me puxar para cima. Eu não podia subir, não antes de encontrar o que procurava. Comecei a me debater para que me soltassem.



Era necessário voltar mas precisava respirar também. Desesperadamente. Fui lançada para a superfície. Busquei o ar. Meus olhos não conseguiam enxergar direito e meus músculos não reagem. Ouvei a voz de Thomas atrás de mim.

— Cathy, pare de se debater. Nós vamos nos afogar se continuar.

— Tenho de voltar, por favor, me solte. Ela está lá embaixo. Eu preciso salvá-la.

— Fique calma, estou tirando você da água — percebi, chocada, que estava delirando, que não havia ninguém lá embaixo esperando por mim. Então comecei a chorar.

## VISÃO DE THOMAS

Eu não empurrei Cathy. Ela se assustou só com a possibilidade e caiu. De início achei graça, mas já estava contando com a sua fúria. Teria de usar toda a minha capacidade de sedução para convencê-la a ficar numa boa. Fiquei observando a água, esperando a garota subir. Ela estava demorando mais do que o normal. Provavelmente tentando me pregar uma peça para que eu me assustasse e me sentisse culpado pela brincadeira.

— Ela está demorando demais — Robert, o mordomo do iate, alertou-me.

— Vou verificar o que aconteceu.

Mergulhei imediatamente, porém de um ponto mais distante. Tive medo que ela subisse justamente na hora em que eu estivesse descendo. Assim que atingi a água, fui em direção ao local em que ela havia caído. A água escura me impedia de localizá-la. Comecei a me apavorar. Desci mais duas vezes quando então percebi um movimento forte próximo de mim. Prestei bastante atenção até ver que era ela. “O que estava fazendo?” pensei desesperado ao perceber que Cathy afundava ainda mais nas profundezas.

Nadei em sua direção conseguindo alcançar suas pernas, puxando-as para mim. Depois consegui segurar seu corpo e, para meu espanto, ela estava se debatendo, tentando se livrar de mim. Prendi com mais firmeza levei-a à superfície. Quando finalmente

ficou quieta, nadei tentando chegar até a escada que dava acesso a parte mais baixa da embarcação. Toda a tripulação já estava a postos para nos ajudar. Nós a retiramos da água, eles a deitaram no chão e cobriram seu corpo com uma toalha. Assim que subi, fui para o seu lado.

— Cathy, você está bem? Fale comigo. O que houve?

Eu estava bem próximo a ela para verificar a sua respiração. Minha assistente não estava desacordada, porém mantinha os olhos fechados. Devia estar envergonhada pelo ocorrido. Levantei um pouco as suas costas para abraçá-la quando Cathy se agarrou a mim, deixando o choro vir à tona. Estava tão arrependido! Quando iria aprender a respeitar as suas vontades?

Comecei a acariciar seus cabelos, tentando confortá-la.

— Está tudo bem. Fique calma. Está tudo bem agora — fiquei repetindo isso para nós dois. Eu realmente queria acreditar que tudo ficaria bem depois da idiotice que havia feito.

Carreguei a garota, levando-a para o nosso quarto. Lá ela estaria livre do constrangimento que eu tinha lhe imposto. Da porta mesmo dispensei toda a tripulação que me seguia tentando ajudar de alguma forma. Deitei-a na cama, mas ela permanecia com os olhos fechados. “Oh meu Deus, o que eu fiz?”

— Abra os olhos — supliquei.

Cathy atendeu o meu pedido. A princípio parecia um pouco espantada, como se não estivesse reconhecendo o lugar. Quando nossos olhos se encontraram, ela desviou sua atenção para outro ponto. Eu estava numa enrascada. Tirei a toalha molhada que cobria o seu corpo e terminei de enxugá-la. Fui até o closet para buscar uma colcha para que não sentisse frio. Se ela ficasse doente, não me perdoaria. O remorso estava me corroendo.

Como se sentisse meu desespero, Cathy recomeçou a chorar, agora de maneira completamente descontrolada. Comecei a acariciar seus cabelos, me concentrando em não chorar também. Sem dizer nada, ela se levantou e foi em direção ao banheiro para tomar um banho, o que confirmei pelo barulho da água caindo do chuveiro.

Tinha muitas perguntas para fazer, porém iria esperar o momento mais oportuno, pois não queria deixá-la pior ainda. Não

entendia porque minha namorada havia tentado submergir e, principalmente, porque havia lutado para se soltar de mim quando tentei salvá-la. Com tantos questionamentos em minha mente, não pude evitar o olhar interrogativo que lancei a ela quando saiu do banho.

Percebi o seu embaraço. Apenas um roupão cobria o seu corpo, mas Cathy não demonstrava nenhum incomodo com esse fato. Estava visivelmente abatida. Sentou-se ao meu lado na cama e depois de um tempo optou por se deitar, fechando os olhos outra vez.

— Vai dormir? Não vai comer nada?

— Estou sem fome — respondeu sem vontade.

— Me desculpe. Eu não sabia que lhe faria mal. Pensei que... Enfim, não tinha ideia do que aconteceria — tentei me justificar.

— Não foi culpa sua. Eu cáí — fez uma pausa, pensando no que deveria me dizer.

Percebi a confusão em seu rosto e a luta que travava consigo mesma.

— Quer conversar? — Ela olhou para mim, ponderando o que deveria fazer nesta situação. — Hum! Acho que não — deduzi que Cathy não estava disposta devido ao seu silêncio. Eu estava errado.

— Eu nunca contei a você nada da minha vida. Sobre meus pais, minha infância — respirou profundamente. Permaneci calado, aguardando o seu tempo. — Cresci em Carson City, Nevada, fui criada por minha mãe e, em alguns momentos, por meu pai. Minha mãe conheceu meu pai quando tinha 17 anos e ele 28. Ela se apaixonou e meu pai correspondeu ao seu amor. Meus avós não queriam o namoro, pois minha mãe estava terminando o colegial, além do fato de que meu pai era bem mais velho do que ela e de ser um forasteiro que passava pela cidade. Porém eles estavam apaixonados e queriam ficar juntos de qualquer maneira. Meu pai a convenceu a morar com ele. Meus avós ficaram muito contrariados e disseram que não a aceitariam de volta.

— Meu pai trabalhava muito, num grupo industrial na Pensilvânia. Era longe de onde morávamos e ele vivia viajando a trabalho. Por isso nunca estava por perto. Minha mãe ficava muito

só. Foi quando ela descobriu que estava grávida. Meu pai ficou desesperado, ele não queria filhos, só depois eu descobri o porquê. Minha mãe passou a gravidez inteira sofrendo com a rejeição dele, que nunca a deixou, mas também não se conformou nem aceitou. Eu nasci no meio de um casamento que desmoronava. Minha mãe acreditava que quando meu pai me visse, me amaria instantaneamente. Não foi o que aconteceu. Não fui rejeitada, porém ele nunca foi um pai amoroso, muito menos presente. Cresci em meio a tudo isso. Quanto mais meu pai se distanciava dela, mais minha mãe se distanciava do mundo. Ela o amava muito, mais até do que a mim ou a ela mesma. Acredito que ele a amava também, pois nunca a abandonou. Eu preferia que tivesse ele tivesse ido embora, quem sabe assim ela se conformaria de uma vez e recomeçaria a sua vida. É por este motivo que eu não consigo compreender o que é o amor. Como uma pessoa pode amar mais ao outro do que a ela mesma? Minha mãe se esquecia de viver, se esquecia de tudo e de todos. Eu só a via feliz quando ele estava por perto.

— Ela era uma mãe muito carinhosa e tentava esconder a verdade de mim. Mas eu a ouvia chorar todas as noites. Com o tempo entrou em depressão e meu pai ficou preocupado. Eles passaram a brigar com frequência por minha causa. Ele achava que ela precisava ficar bem para poder cuidar de mim, no entanto ela só piorava a cada dia. Passou a tomar remédios controlados para minimizar os efeitos da sua doença. Um dia, quando eu tinha 12 anos, ela insistiu em me buscar na escola. Eu não queria, mas ela insistiu tanto que concordei para agradá-la. Logo que chegou percebi não estava em seu estado normal. Insisti para que deixasse o carro lá e fôssemos para casa de ônibus. Ela não concordou. O resultado foi o que você presenciou agora a pouco.

— Minha mãe perdeu o controle do carro e nós caímos num rio. Eu consegui me soltar quando o carro estava afundando. Ela bateu com a cabeça e desmaiou. Tentei ajudá-la, mas a água estava entrando rápido demais e logo precisei de ar. Fiquei desesperada, precisava soltá-la rápido, mas não conseguia. Resolvi sair do carro para respirar. Prometi a mim mesma que voltaria logo. Fui à

superfície, respirei e voltei. Só que o carro estava ainda mais distante. Eu não conseguiria ir e voltar sem respirar. Tentei descer atrás dela, mas algumas pessoas, que viram o acidente, desceram e conseguiram me tirar de lá. Eu chorei, gritei, pedi desesperadamente que alguém a salvasse, mas ninguém foi buscá-la, diziam que não a encontrariam com vida, pois já havia se passado muito tempo. Tivemos de esperar a polícia e os bombeiros para que o carro fosse retirado de dentro do rio.

Cathy fez uma pausa para enxugar as lágrimas que transbordavam de seus olhos. Peguei carinhosamente suas mãos, cobrindo-as com as minhas. Meu coração estava cheio de amor e solidariedade. Isso explicava tanta coisa. Todos os seus medos. Imaginei o tamanho do sofrimento desespero dela, quase sufoquei de tristeza. Cathy continuou.

— Alguns dias depois, fui levada para a casa de uma tia, irmã mais velha da minha mãe. Meu pai não podia ficar comigo. Na mesma semana, descobri que ele era casado com outra mulher, a proprietária do grupo industrial em que trabalhava. Eles não tinham filhos, por este motivo ela nunca poderia imaginar minha existência. Minha mãe descobriu a verdade quando soube que estava grávida. Ela o amava, além disso, não poderia voltar atrás, nem tinha mais para onde ir e duvido muito que voltasse para seus pais se tivesse a oportunidade. Meus avós só apareceram quando ela já havia morrido. Foram amáveis, se mostraram arrependidos, porém estavam velhos e cansados para assumir a responsabilidade de cuidar de mim, como desejei muitas vezes. Meu pai então propôs a minha tia que ficasse comigo, em troca ele enviaria uma gorda pensão todos os meses. Foi o marido da minha tia quem aceitou a proposta, assim eu passei a ver o meu pai uma única vez por mês, no dia em que levava o dinheiro para pagar minhas supostas despesas. Minha tia tinha quatro filhos e adorou saber que eu poderia ajudá-la com as crianças. Eu praticamente não tinha vida. Só continuava meus estudos porque foi a única exigência do meu pai.

Ela parou e ficou olhando nossas mãos unidas, algumas lágrimas ainda brotavam de seus olhos. Quando Cathy decidiu continuar a

falar, sua voz estava carregada de tristeza.

— O marido da minha tia era um doente. Quando fiz 16 anos tentou me agarrar na cozinha, enquanto a esposa dava banho nas crianças menores. Ele dizia que se era para eu acabar como a minha mãe, então deveria aprender alguma coisa da vida. Graças a Deus consegui me livrar dele, mas daquele dia em diante, passei a dormir com a porta do quarto trancada e com o colchão colado a esta, para evitar que ele entrasse. E ele tentou realmente, várias vezes. Quanto mais suas tentativas eram frustradas, mais furioso ficava, descontando nas crianças, algumas vezes na minha tia também.

— Quando estava em casa, eu fazia questão de ficar perto dela. Muitas vezes desconfiei que ela sabia das pretensões do meu tio e rezava para que ele conseguisse logo o que queria, para se ver livre dos maus-tratos. Minha tia era daquelas que não concordavam com a separação, mesmo em casos graves como aquele. Quando cresci, cheguei à conclusão de que eles se mereciam.

— Entrei para a universidade um tempo depois, podendo dar, finalmente, adeus a todos os problemas. Meu pai fez questão de pagar meu curso, assim como todas as outras despesas. Isso foi ótimo para mim, mas o nosso contato continuou sendo mínimo.

Continuei ouvindo atentamente. Eram tantas experiências difíceis. Isso justificava suas atitudes.

— Foi por isso que sempre fugi do amor. Não que não quisesse amar um dia, apenas achava desnecessário, ao menos para nesta fase da minha vida. Eu não queria um sentimento que me fizesse desistir de tudo. De mim, da minha vida, dos meus sonhos, dos meus ideais. Não queria... Não quero acabar como a minha mãe, ou, na pior das hipóteses, como a minha tia.

— Deduzi esta parte — admiti tristemente.

Essa era a sua barreira. Pessoas irresponsáveis e inconsequentes. Exatamente o que eu havia sido até agora, antes de conhecê-la. Eu não tinha a menor chance contra esta realidade.

— Sinto muito por hoje — acrescentou me pegando de surpresa.  
— Quando me vi cercada pela água outra vez, de alguma forma voltei ao dia em que perdi minha mãe. Entrei em pânico. Desculpe-me.

— A culpa não foi sua, Cathy. Em nada do que me contou. Você não teve culpa do que aconteceu hoje e nem do que aconteceu com a sua mãe. Não teve culpa do pai que teve nem do seu tio doente. Nada disso foi culpa sua. Você, infelizmente, foi uma vítima. Nem sei o que dizer. Eu... Eu fui tantas vezes difícil enquanto você segurava tudo isso aí dentro — toquei de leve seu coração. — Eu queria ter sido uma pessoa melhor para você, Cathy.

— Você não poderia ser, Thomas. O que passei não é nem de longe imaginável. Mas você tem sido incrível, em alguns momentos. E mesmo que não fosse. Eu aprendi que não podemos fugir do inevitável. Ninguém teria condições de ser indiferente ao que estou vivendo ao seu lado. Como você mesmo disse, eu devo aprender que não posso controlar tudo.

Beijei seus lábios, grato pelo que ela estava dizendo. Cathy estava com toda razão. Desde o nosso primeiro contato, naquela boate, eu sabia que não teria condições de fugir do meu destino. A forma como ela mexera comigo havia sido diferente, estava sendo diferente e, mesmo em meio a tantas dúvidas e ao turbilhão de sentimentos que envolviam meu coração, eu sabia que seria especial.

Poderia não ser para sempre, mas seria especial. Cathy tinha me mudado de tantas formas. Descobri que não era mais a mesma pessoa, que não pensava nem agia como antes. Não sabia o que era, mas queria que continuasse sendo assim.

Naquela noite, nós apenas dormimos abraçados. Não tinha deixado de desejá-la, mas meus planos tinham sido completamente mudados. Não queria apenas convencê-la, teria de conquistá-la. Iria fazê-la perceber que não era o homem que ela temia e sim o homem com quem sonhava. Cathy ficou inquieta a noite toda. Seu sono foi bastante agitado. Queria tanto encontrar uma forma de amenizar seu sofrimento. Dormi exausto.

## VISÃO DE CATHY

Estava andando por uma rua muito movimentada. As pessoas passavam por mim com pressa, sem nem ao menos olhar por onde

passava. Uma chuva fina caía do céu cinza. Percebi que estava chorando e que minhas lágrimas se misturavam à água que descia. Olhei para mim, tentando me encontrar em meu próprio corpo. Meus passos eram pesados, não sei por qual motivo eu tentava chegar a algum lugar aonde não queria ir. Ouvei um estrondo ensurdecedor. Notei que as pessoas começaram a gritar e a correr. Tentei correr também, mas meus pés afundaram no chão. Gritei desesperadamente por socorro. As pessoas não paravam para me ajudar. Caí no chão sentindo que algo iria me machucar. Acordei assustada com Thomas ao meu lado, preocupado.

— Outro pesadelo?

— Outro?

— Você teve pesadelos a noite toda — ele passou a mão em meu rosto até o meu queixo.

— Estranho — minha cabeça doía. Associei a dor à quantidade de lágrimas que tinha colocado para fora.

— Vai passar — Thomas me abraçou carinhosamente.

Fiquei incomodada. Ele estava com pena, esse era o último sentimento que queria que alguém tivesse por mim. Estava indo tudo tão bem, mas então me transformei na virgem problemática e sofrida.

— Vou levantar. Preciso comer — disse secamente.

Não queria começar outra conversa como a do dia anterior, também não queria ter mais problemas com Thomas, então acrescentei:

— Vamos? — Ele sorriu e se levantou para lavar o rosto. Enquanto me vestia constatei que estava faminta.

Tomamos café da manhã sem conversar sobre nada em especial. O acontecido no dia anterior estava praticamente esquecido, com exceção da tripulação que fez questão de perguntar, apenas por educação, como eu me sentia. Não sei dizer por qual motivo o silêncio do Thomas em relação àquele assunto me incomodava tanto. Esse era um tabu em minha vida. Um número bem restrito de pessoas conhecia a minha história justamente porque eu fazia questão de que poucos soubessem. Mas havia lhe



contado tudo e ele simplesmente agia como se nada tivesse acontecido.

Durante todo o dia, Thomas se dedicou a tentar me fazer sentir bem. Não que tivesse dito isso, no entanto suas atitudes demonstravam essa intenção. Estava extremamente atencioso, como nunca foi antes, sem contar com o carinho exagerado que despejava em mim. Muitos abraços e beijos apaixonados. Era praticamente impossível não estar o tempo todo tocando alguma parte do meu corpo. Mesmo assim era diferente.

Em momento algum senti nele o mesmo desejo dos dias anteriores. Ele me tocava com respeito, não da forma como sempre fazia, tentando me enlouquecer. Muitas vezes cheguei a pensar que o seu toque era mais uma forma de me apoiar, caso eu desmoronasse de vez, do que a necessidade de estar em contato com meu corpo. A única ideia que justificava essa atitude era o fato dele ter passado a sentir pena, não mais a paixão que sempre nos arrebatava.

A dor que senti diante dessa possibilidade não me deixou continuar com a farsa, por isso, com o passar das horas, fui ficando cada vez mais arredia com sua atenção. Ao final do dia, eu já estava pedindo a Deus para que fôssemos logo embora. Passar mais tempo ao lado do Thomas e de toda a sua compaixão estava me deixando doente.

Ele notou que me afastava cada vez mais e intensificou seus cuidados. Meu chefe realmente sabia ser irritante quando queria. Por fim, peguei um livro qualquer numa das muitas prateleiras e comecei a ler sem ao menos me interessar pelo que estava escrito. Na verdade, não consegui ler nenhuma palavra, meus pensamentos estavam fervendo impedindo-me de concentrar no que lia. Thomas ficou ao meu lado, enquanto eu continuava fingindo interesse pelo livro.

— Vai passar o resto do dia me ignorando? — Sua voz era gentil, porém, preocupada.

— Não estou fazendo isso — tentei parecer indignada.

— Está fazendo o que, então?

— Nada. Apenas lendo.

— Sobre técnicas de pescaria?

Fiquei sem saber o que responder. Estava mesmo lendo sobre pescaria? Como eu era idiota. Fechei o livro, encarando o meu chefe, procurando alguma desculpa, mas não surgiu nenhuma. Então decidi não dizer nada. Thomas riu do meu embaraço.

— Você é uma boba. Linda, sem dúvida, mas boba.

Ele me puxou para perto começando a me beijar. Era um beijo muito calmo, mas gostoso e, com certeza, mexia comigo. Todo o meu corpo reagiu à falta que sentia dele. No entanto, eu precisava saber se ele iria continuar mantendo essa distância entre nós, se o seu desejo por mim tinha acabado, então resolvi agir.

Quando nosso beijo começou a esmaecer, puxei-o para mais perto e passei minha língua bem devagar em seus lábios, de onde escapou um gemido quase imperceptível. Aproveitei nossas pernas nuas para começar a roçar meus pés em sua panturrilha. Ele me apertou um pouco mais, porém suas mãos continuavam em minhas costas. Eu queria ir além. Levantei minha perna, acariciando a sua, até que minha coxa estivesse em sua cintura. Ele desceu sua mão até minhas pernas e senti toda a minha pele se arrepiar. Queria que ele me desejasse. Queria tão desesperadamente que, quando Thomas começou a se afastar outra vez, meu coração quase explodiu de desespero.

— Não preciso de sua pena, Thomas! — Fiquei com raiva, começando a me afastar.

— Do que você está falando? — Ele me segurou, surpreso com a minha atitude.

— Não preciso que você fique comigo por pena.

— Cathy, isso é ridículo. Esse é o último sentimento que eu teria por você.

— Então por que está tão distante? Por que não me trata como antes?

Tive vergonha de perguntar o que realmente queria saber. Ele franziu os olhos me espreitando, depois um lindo sorriso se formou.

— Quer saber? Acho que você é a mulher mais malvada que já conheci. É realmente muito má. — não tinha entendido o que ele estava querendo dizer com aquela afirmação. — Você sabe o quanto

a quero e que nada vai acontecer agora, mesmo assim fica me provocando apenas para ter certeza do que eu sinto. Isso é muita maldade de sua parte.

Thomas me abraçou pela cintura me puxando para mais próximo do seu corpo e mordiscou meu pescoço.

— Como você pode saber que eu não quero agora? — Desafiei-o para ter certeza do que ele estava dizendo.

— Você quer?

— Não sei — eu sabia, e a resposta ainda era, não. Simplesmente porque não era só uma questão de querer, além do mais, ele já conhecia esta minha reação.

— Eu sei — repetiu passando a mão em meus cabelos. — Não estou desistindo de você. Apenas agora entendo melhor a sua posição. Sei que não será sempre assim. E, sobre eu estar sentindo pena, não acho que você seja digna desse sentimento. Muito pelo contrário, se antes eu já a admirava, agora muito mais. É difícil ver alguém que passou por momentos tão difíceis conseguir seguir em frente com sua vida e você conseguiu, Cathy. Tudo bem que os acontecimentos deixaram algumas marcas — Seu sorriso se tornou mais esplêndido ainda. — Mas nada que eu deva temer, ou você. E é isso. Vou precisar esperar um pouco mais. Vai ser difícil, mas eu já estou muito envolvido, então...

O alívio que senti foi tão forte que todo o meu corpo relaxou. Ele ainda me queria, era tudo o que precisava saber. Sorri em resposta.

— Desculpe. Você tem razão, eu sou mesmo uma idiota.

— E linda — acrescentou. — E de biquíni o dia todo... É muita provocação, não acha? Não sou tão forte quanto pensa — exagerou no suspiro me fazendo rir.

Com o problema resolvido, fomos procurar algo para assistir na TV. Thomas sempre se afastava quando a coisa começava a esquentar, porém, depois da nossa conversa, a situação me divertia.

— Assim você nunca vai saber se estou permitindo ou não — declarei.

— Eu sei que você não vai permitir agora — sua voz estava cheia de desejo.

— Só se você não quiser — respondi sedutoramente. Ele me agarrou com vontade. Suas carícias eram mais intensas, mais exigentes. Quase perdi a cabeça com tantas sensações maravilhosas. Thomas ameaçou tirar meu biquíni, no entanto reagi na mesma hora, evitando. Ele riu em meu pescoço.

— Viu? Eu disse que você era malvada — se afastou de mim e fechou os olhos.

— Não sou malvada.

— Ah, é claro que não! Isso que fez agora foi muito justo — a ironia dominava sua voz.

Algo surgiu em minha cabeça, não pude evitar o comentário.

— Eu confiei em você ontem. Talvez... Se você confiasse em mim também...

— Não faça isso, meu bem — foi incisivo. — Já conversamos várias vezes sobre esse assunto. Ontem você não teve outra alternativa que não fosse confiar em mim. E eu confio em você, acredite!

— Mas não me conta este maldito segredo.

— Cathy, não seja intransigente. Eu já disse. Esta história não é só minha. Existem outras pessoas envolvidas. Pessoas que trabalham com você. Não posso expô-las apenas para satisfazer sua curiosidade.

— Tá legal, Thomas! Já entendi. Mas é tão injusto!

— Você não sabe o que é injustiça.

— Não? — Levantei uma sobrancelha, interrogativamente.

— Injustiça é o que Deus fez com as outras mulheres — seu dedo indicador começou a roçar a pele das minhas costas. — Fazer você tão linda — inspirou profundamente. — Tão maravilhosa... E as outras tão comuns. Sem graça.

Tive de rir da sua tentativa de me fazer esquecer o assunto. Admito que no quesito sedução Thomas era um grande mestre. Quem resistiria a um homem como ele, suspirando daquele jeito? Meu coração parecia gelatina.

## Capítulo 12

### A Vida em Destaque

#### VISÃO DE CATHY

**D**

ois dias depois, estávamos de volta ao trabalho e a toda distância que ele nos impunha. Iríamos começar as viagens pelo mundo para divulgar o seu último filme. Outra vez em New York, onde daríamos início às *premières*. Passamos o dia nos organizando para o evento principal. Minha ansiedade era dobrada.

Naquele mesmo dia, o folheto com minhas fotos fora divulgado. Não me sentia muito segura de que fizera a coisa certa. Meia hora depois da divulgação, meu telefone não parava de tocar, sem contar com os do restante da equipe, que afirmava que trabalhava apenas para Thomas, por isso não poderiam conseguir uma entrevista comigo. Eu tinha pedido que respondessem assim. Afirmei que continuaríamos com a nossa rotina, independentemente da repercussão das fotos.

Thomas foi presenteado com minhas fotos pelos proprietários da Rony Bá. Fiquei muito constrangida com a forma como ele as admirava.

— Ficaram realmente fantásticas, Cathy. Você leva mesmo jeito para a coisa.

— Obrigada — ele tinha me elogiado na frente de todos da equipe, inclusive da Lauren, que não gostou nem um pouco.

— Mantenha a compostura, Thomas. Estamos trabalhando, não é hora para vocês ficarem de namorico.

Thomas ia responder, mas o adverti com o olhar. Ele apenas se afastou, fingindo desinteresse pelo que ela tinha dito e analisando as fotos de forma minuciosa. Fiquei feliz com a sua reação. Evitar maiores problemas era o melhor que podíamos fazer no momento, além do mais, estávamos mesmo trabalhando.

Duas horas antes do primeiro evento começamos a nossa produção. Fui para o meu quarto, lavei os cabelos, peguei um conjunto de bobes imensos e os preendi para dar volume. Meu cabelo tinha ganhado mais uma camada de luzes para a estreia. Estava muito satisfeita com sua nova tonalidade. Comecei a maquiagem. Queria algo forte, mas que não chamasse muito a atenção. Optei por clarear os olhos destacando a boca. Sabia que meu vestido seria preto, o que, para começar, era ótimo, porém não fazia a menor ideia de qual modelo eles tinham escolhido. Assim que terminei a maquiagem, Sara bateu à minha porta.

— Sua roupa chegou. Está simplesmente perfeita.

Ela abriu a caixa tirando de lá um vestido tomara-que-caia preto, com um pouco de brilho. O busto era bastante destacado do restante da roupa, as costas eram um conjunto de fitas transpassadas que deixavam algumas partes à mostra. Era lindo, sim, um sonho, mas definitivamente muito curto. Mesmo com meias disfarçando as minhas pernas, eu não conseguiria passar despercebida usando um modelo daqueles. Sara percebeu pela minha cara que algo me desagradava.

— O que foi?

— Curto demais — levantei a mão, indicando o vestido.

— Uma mulher linda como você deve ser mostrada. O único problema é que todos vão prestar mais atenção em você do que na Ethel Watson — riu, brincando com a situação.

— Sara, como vou conseguir trabalhar usando isso?

— Cathy, querida, aprenda. Uma obra-prima como esta nunca pode ser chamada de “isso”. E, relaxe, hoje você também é vitrine.

Com as costas aparecendo, eu precisaria levantar o cabelo. Pensei em prendê-lo como Mia havia me ensinado. Achei que ficaria perfeito. Soltei os bobes, fiz um rabo de cavalo que depois se transformou num coque um pouco desfeito. Soltei a frente deixando o cabelo cair em meu rosto como uma franja com duas partes, descendo pela lateral, cobrindo um pouco as orelhas. Completei o visual com um par de brincos grandes, que pendiam até quase minha clavícula e um colar da mesma coleção com um pouco de brilho. Tudo prateado.

Vesti as meias pretas e coloquei os saltos, bem altos. Por último, coloquei o vestido. Com tantas fitas eu ficaria horas tentando prendê-lo da forma correta, mas para minha sorte Dyo chegou pedindo ajuda com sua gravata. Aproveitei para pedir que me ajudasse com as fitas. Por fim, me olhei no espelho. Estava linda! Fiquei um pouco deslumbrada com o resultado.

— Nós fazemos um casal sensacional.

— Faríamos. Se você não fosse gay, Dyo.

— É verdade — riu da nossa brincadeira, mas depois completou:

— Tem mais um detalhe... Eu acredito que, mesmo que não fosse, não teria chance com você?

— Por que pensa assim? Acho você um gato, adoro estar ao seu lado, somos ótimos amigos, o que poderia faltar?

— Bom... Eu precisaria ser o Thomas — seu olhar era de cumplicidade.

Fiquei sem saber o que responder por um tempo. Não poderia admitir para ele que eu tinha um relacionamento com nosso chefe. Sempre fui contra essa possibilidade, como poderia confessar a Dyo que havia mudado de ideia?

No entanto, algo na maneira como falou deixou claro para mim que ele não tinha nenhuma dúvida. Meu amigo apenas estava me dizendo que sabia, e se sentia, de certa forma, constrangido por revelar.

— Deixe de bobagens — respondi por fim, muito sem graça.

— Acho bom você verificar do que o nosso astro está precisando. Ele consegue se atrasar todas às vezes.

— É, acho que vou mesmo.

Saímos juntos do quarto. Dyo foi ver se Helen precisava de alguma ajuda enquanto fui em direção ao quarto do Thomas. Usei a minha chave para entrar sem precisar avisar, no entanto fui surpreendida pela presença da Lauren.

— Precisando de alguma coisa, Cathy?

— Não, obrigada por perguntar — tentei ser simpática, mas acabei sendo irônica.

— O que faz aqui? Thomas ainda não está pronto.

— Cathy? — Ouvi Thomas me chamar.

A porta estava fechada. Fui até lá batendo de leve antes de entrar.

— Entre.

— Vim ver se você estava precisando de algo. Temos apenas vinte minutos para sair.

— Eu sei. Pode me ajudar com a gravata?

— Claro — fui bem perto dele e falei o mais baixo possível. — O que Lauren faz aqui?

— Ela disse que veio controlar meu horário para que eu não me atrasasse. Acho que Sara falou que você estava ocupada, então ela veio. Perguntou se eu precisava de ajuda e respondi que estava com tudo sob controle. Então continuei aqui me arrumando deixando-a na sala. Por quê? Ela disse alguma coisa?

— Não. Apenas que você ainda não estava pronto.

Thomas aproveitou a proximidade para me roubar um beijo.

— Thomas! — Falei, preocupada. E se Lauren resolvesse verificar o que estamos fazendo?

— Você está linda! Não sei como, mas conseguiu ficar ainda mais bonita. Esse é um dos modelos que foram desenvolvidos para você? — Confirmei. — Ficou perfeito! — ele me olhou com mais atenção. — É muito curto — corei com a sua observação. — Mesmo assim, ainda é lindo. Acho que vou ter muito trabalho com você esta noite.

— Ah, é. Vamos, sim. Noite cheia.

— Estou falando do trabalho que terei tentando afastar os homens da minha assistente.



— Não é para tanto.

— Claro que sim.

— Do que estão falando? Posso participar da conversa? —  
Lauren entrou no quarto, como eu havia temido.

Terminei de arrumar a gravata dele me afastando rapidamente.

— Da Cathy — Thomas sorriu olhando diretamente para mim. —  
Ela não está maravilhosa hoje?

Thomas devia estar louco. Fazer aquela pergunta justo para  
Lauren? Senti seus olhos me fuzilando.

— Sara acabou de ligar mandando apressá-lo. Precisamos ir.  
Todos estão lá embaixo esperando por vocês — percebi a  
repreensão disfarçada que ela lançava para mim, por isso me  
adiantei.

— Vamos logo então — passei por Thomas, encarando-a.

Sáímos em direção à garagem do hotel onde recebi mais alguns  
elogios do restante da equipe. O mais absurdo foi o do sem noção  
do Kendel, que definitivamente não sabia como paquerar uma  
mulher.

A *première* foi um sucesso total. Fiquei um pouco assustada com  
o assédio das fãs e com toda a loucura ao redor dos atores. Também  
fiquei entusiasmada com o trabalho. Era mesmo fascinante estar por  
trás de todo o brilho e glamour das estrelas. Ver como tudo  
funciona. Thomas precisava posar para todos os fotógrafos, por este  
motivo uma caminhada de dez segundos durou vinte minutos.  
Houve ainda diversas paradas para entrevistas.

O folheto surtiu efeito. O tempo todo ouvia alguém chamando  
por mim querendo uma foto, ou que respondesse a algumas  
perguntas. Eu não fiz nem uma coisa nem outra. Thomas se divertiu  
muito com minha atitude. Ele dizia o tempo todo que não poderia  
fazer nada, que eu tinha vontade própria. Mas a cada recusa minha  
dava mais risada estimulando os repórteres. Dei graças a Deus  
quando entramos e nos livramos de todos os flashes.

Antes e depois da exibição do filme, os atores eram cercados de  
atenção. Deu para observar que cada um tinha a sua própria equipe  
onde que todos trabalhavam procurando destacar o máximo possível

sua “estrela”. Fui apresentada a todo mundo e, de vez em quando, parávamos para trocar informações. Eu e Thomas passamos praticamente todo o tempo juntos, o que era natural, afinal ele precisava de mim para verificar, agendar compromissos além de estabelecer contatos.

O trabalho na verdade era meu, ele apenas precisava sorrir e jogar conversa fora. Eu era uma espécie de guia. Fiquei o tempo todo levando meu chefe para os lugares, apresentando-o a pessoas e cobrando certos comportamentos, que era a parte mais engraçada. Precisava conduzi-lo para o lugar adequado de acordo com cada contato feito por um dos seus agentes.

Também precisei aguentar uma fila de mulheres prontas para dividir a cama com o meu namorado naquela noite, sem contar que tive que guardar o monte de cartões de visita delas para quando ele estivesse interessado. Observei-o declinar, educadamente, cada convite além de evitar as tentativas de intimidade, o que me deixou muito feliz. Quando a insistência era grande demais, Thomas passava as mãos em minhas costas me fazendo entender que precisava livrá-lo, o que fazia de bom grado.

Lauren nos acompanhava de perto. Estava obstinada em conseguir algo de nós dois. Por isso não havia um momento sequer que conseguíssemos ficar a sós. Algumas vezes eu era chamada pela Helen ou Sara e acabava deixando-os sozinhos, o que era uma lástima e não agradava muito ao Thomas. Cheguei a presenciar algumas palavras nada amistosas do meu chefe para a sua agente. Minha curiosidade só aumentava cada vez que percebia o quanto a presença dela o incomodava. Precisava descobrir o que meu namorado estava escondendo de mim. Tinha de haver uma forma de convencê-lo a me contar.

Thomas queria que eu estivesse sempre por perto, ou pelo menos em algum lugar onde pudesse me ver. Para ele, minha presença estava estimulando o assédio. Era verdade. Começava a me sentir incomodada com alguns engraçadinhos que pensavam que podiam me tratar como uma espécie de mercadoria. Tive de usar de toda a minha paciência para fazê-los entender que estava trabalhando.

Aquela situação era insuportável, eu querendo fazer um bom trabalho e sendo elogiada apenas pelo que estava vestindo. Thomas entendeu como me sentia, pois a todo o momento ressaltava o quanto me comportava de maneira extremamente profissional. Fiquei feliz com a sua determinação em me ajudar.

Voltamos bem tarde para o hotel. Depois da *première*, ainda fomos a uma recepção, regada a muita bebida e música alta, organizada para algumas celebridades. Foi interessante observar tudo sem poder participar. Normalmente eu era quem estava no meio da pista, dançando. Agora apenas acompanhava os passos do Thomas enquanto via as pessoas fazerem o que eu faria se não estivesse trabalhando. Era estranho ver o mundo das estrelas do cinema americano por esse ângulo. Nem tudo era brilho e glamour. No final, ainda fomos jantar para comemorar, só a equipe, então estávamos liberados para beber e falar besteiras.

Chegamos esgotados. Thomas implorava por cama. Quando cheguei ao seu quarto ele já estava dormindo, me deitei ao seu lado e o acompanhei. Acordei cedo, como sempre fazia, apesar da nossa reunião acontecer somente no meio da manhã. Ele não precisaria participar, poderia descansar até a hora da entrevista que daria a um programa de TV famoso. Aproveitei para correr no Central Park com Dyo. Tínhamos combinado voltar a fazer esta atividade juntos, já que meu namorado estava definitivamente impedido de sair do hotel devido ao assédio dos fãs.

Foi a pior decisão que já tomei nos últimos meses.

Mal coloquei os pés fora do hotel e os flashes começaram, bem como a gritaria. Tentei descobrir qual celebridade estava saindo junto comigo, sem entender que todo aquele assédio era para mim. Não consegui fazer o percurso habitual, por isso fui obrigada a desistir meia hora depois. Os fotógrafos vinham na frente, querendo fotografar cada passo que eu dava. Era absurdamente ridículo.

Voltei para o hotel, furiosa. Encontramos com Helen, Thomas e Sara no apartamento que reservávamos para as reuniões. Eles estavam tomando o café da manhã.

— Ela está furiosa — avisou Dyo, alertando a todos sobre o meu mau humor.

— É um absurdo! Imaginem que... — comecei a falar, porém fui interrompida por Sara, que me mostrou uma revista.

Havia uma foto minha em destaque, junto com uma nota ao lado. Senti o sangue subindo a cabeça ao me aproximar da mesa para ver melhor.

— Seu vestido está em quase todas as revistas de moda, sem contar nas que cobriram o evento de ontem, nenhuma deixou de dar uma nota sobre você.

— Por quê?

— Não se preocupe, Cathy. Eu ganhei mais destaque do que o seu vestido — Thomas tentou amenizar o meu humor, ou a falta dele. Estava tão irritada olhando as revistas sobre a mesa que nem respondi.

— Eles estão interessados em você por causa do folheto. A marca é muito famosa, é natural que o seu vestido ganhasse a atenção deles — Helen, gentilmente, tentava fazer com que eu me sentisse melhor, destacando que a atenção era para o vestido e não para mim. Ridículo!

— Não é só isso que diz aqui, Helen.

Entreguei a ela uma das revistas que continha uma página dedicada apenas a mim. Dentre tantas asneiras, diziam que eu agora era a mais nova atração. Que além de um contrato milionário com uma das marcas mais famosas do mundo da moda, eu tinha uma coleção inteirinha desenvolvida exclusivamente para mim. E, ainda por cima, havia conquistado o coração do solteiro mais querido dos Estados Unidos da América, que também era meu chefe.

Fiquei ofendida imediatamente com a forma como ele escrevia. Depois o autor se estendeu enumerando os pontos que o levavam a crer que meu contrato tinha sido milionário. Segundo ele, era pela insistência em não me tornar pública, o que, em sua opinião, era um golpe de marketing. Além de detalhar porque tinha tanta certeza de que havia algo entre mim e meu chefe. Para piorar ainda mais a situação, acrescentou que o meu envolvimento com Thomas estava me rendendo bons lucros.

— Agora cuidamos de duas estrelas? — Lauren sempre aparecia nas horas mais inconvenientes.

Minha raiva era tanta que eu poderia matá-la. Limitei-me a ignorar sua presença.

— Não fique aborrecida, Cathy. Sempre existe alguém disposto a publicar porcarias a nosso respeito — Thomas tinha percebido a minha raiva e tentava me consolar.

— É, Cathy. Pense no lado bom da história. Você agora pode comprar cada revista dessa e mandar para os seus pais. Com certeza eles terão orgulho da filha famosa.

Lauren conseguiu me tirar do sério. Quem era ela para falar dos meus pais? Peguei a pilha de revistas sentindo vontade de atirá-las na cara dela. Caminhei em sua direção, no entanto joguei as revistas com bastante força em um cesto de lixo que estava ao seu lado. Ela se assustou com o estrondo do papel atingindo o fundo do cesto. Encarei-a com toda a raiva que podia.

— Meus pais estão mortos — disse por entre os dentes sentindo as lágrimas se formarem em meus olhos.

Saí do apartamento o mais rápido que pude. Fui em direção ao meu quarto, quando estava quase lá, ouvi os passos de Thomas atrás de mim. Ele me alcançou ainda na porta, me ajudando a abri-la. Eu tremia de raiva, as lágrimas corriam livremente pelo meu rosto. Assim que fechou a porta, me atirei em seus braços em busca de conforto.

— Acalme-se, Cathy. Você está muito nervosa. Não será sempre assim, com o tempo eles vão se acostumar e você também — eu não queria ouvir aquilo naquele momento.

— Odeio a Lauren.

— Ela é absurda, concordo com você, mas o comentário sobre seus pais... Ela não sabia. Ninguém sabe. Foi apenas um comentário infeliz.

Comecei a soluçar e meu namorado me apertou ainda mais em seus braços.

— Seu pai morreu também?

— Não. Mas é como se tivesse morrido.

Thomas suspirou e deu o assunto por encerrado. Aquele não era o momento adequado para ser curioso.

— Descanse um pouco. Logo vai se sentir melhor.

Ouvimos uma batida na porta. Eram Helen e Dyo querendo saber como eu estava. Enxuguei as lágrimas e disse a todos que estava só um pouco cansada e que iria me deitar para descansar. Todos saíram para que eu pudesse deitar, inclusive Thomas. Fui para a cama, me sentindo mais sozinha e desolada. Insisti em permanecer deitada até a hora em que precisaríamos sair para trabalhar. Quando nos encontramos, ninguém falou mais sobre o assunto. Agradei por isso. Já me sentia mais tranquila, pensando que em pouco tempo estaria nos braços do meu namorado.

## Capítulo 13

### Desilusão

#### VISÃO DE CATHY

**D**

ez dias e alguns países se passaram. Em todos os lugares acontecia o mesmo. Um enorme assédio dos fãs e da imprensa, que, aliás, continuava a especular sobre o nosso provável relacionamento, por este motivo, me via constantemente em diversas capas de revistas. “Bem-vinda ao meu mundo” tinha dito Thomas, uma vez quando questionei o porquê de tanto assédio. Suspirei desconsolada. Eu estava no olho do furacão e não havia nada a fazer. Todas as lágrimas já tinham sido derramadas, já perdera tempo demais irritada, então decidi me conformar. O cansaço ajudava a ignorar o assédio, normalmente a fadiga nos deixava acabados antes mesmo da noite começar a ficar desanimada.

Estávamos em Paris havia algumas horas, teoricamente, teríamos a tarde livre. Nem eu nem Thomas ousávamos sair do hotel. Infelizmente fui forçada a aceitar ser retida, presa na mesma prisão que ele. A única felicidade nesta história era saber que a minha situação era temporária. Meu namorado não se importava. Ele adorava. Todos os outros aproveitavam o tempo livre, que era muito raro, para dar uma de turista e sair conhecendo as cidades por onde

passávamos, por causa disso sempre tínhamos mais um tempo para ficar juntos.

Aquela tarde foi diferente.

Ninguém se atreveu a sair do hotel, apesar de estarmos em Paris, para meu desespero e do Thomas. Havíamos planejado passar a tarde juntos, aproveitando a ausência da Lauren que, com certeza, não resistiria a fazer compras. No entanto chovia muito. Então nossos amigos resolveram ficar e assistir filmes, no quarto do nosso astro, QG, como chamávamos. Os filmes seriam os mesmo de sempre, meu chefe ainda precisava vê-los para compor seu personagem. Como os outros não participaram do processo, para eles eram inéditos.

Quando cheguei, Kendel, Helen e Lauren já estavam lá. Eu fui com Dyo, que tinha ido me buscar no quarto. Thomas estava em pé, de frente para a janela. Sentei com meu amigo, que preferiu ficar na ponta do imenso sofá do quarto e deitei a cabeça em seu colo; logo ele começou a fazer carinho em meus cabelos. Meu namorado não tardou a vir ficar ao meu lado, sentando bem próximo, colocando meus pés em seu colo para massageá-los. Ficamos um tempo brincando um com o outro, quando Kendel resolveu participar da brincadeira.

— Sobrou algum pedacinho para mim? Todos estão tirando uma casquinha de você, Cathy. Quero a minha parte.

Eu e Kendel estávamos nos relacionando melhor, apesar de ainda me irritar com as suas colocações fora de hora. Passei a entender que este era o seu jeito de ser. Realmente quase nunca havia maldade em suas brincadeiras. Estendi-lhe minhas mãos, indicando que seriam a sua parte. Ele sentou no chão, pegando-as e envolvendo-as com as dele, então deu um imenso sorriso para Thomas, que protestou, brincando:

— Ah, não. O Dyo tudo bem, mas você não, Kendel.

— Por que comigo tudo bem? — Meu amigo quis saber, entrando no clima.

— Porque você não é um concorrente direto — meu namorado ria enquanto falava. — Você pode ser concorrência para Cathy — rimos livremente da sua afirmação.



Eu principalmente, pois me lembrei das várias vezes em que conversamos sobre a beleza do Thomas e Dyo me disse que, se houvesse a mínima chance dele não ser totalmente hetero, agarraria esta oportunidade como à própria vida.

— Você está muito enganado, meu caro Thomas, não foi só você que foi fisgado pelos encantos dessa linda garota — beijou a minha testa e piscou para mim, sinalizando uma brincadeira.

— Você é gay, Dyo — Thomas afirmou já evitando qualquer argumento da parte dele.

— Veja pelo meu lado. Eu adoro a Cathy! Ela me adora, é extremamente sexy, até mesmo para mim, sem contar com suas ideias sobre moda que admiro muito, agora mais do que nunca. Damo-nos muito bem, nos entendemos até demais e eu não tenho interesse sexual nela, o que é perfeito, pois assim, nossa amiga poderá continuar sustentando a bandeira de sua virgindade eterna sem o menor problema.

Dei um tapa no braço dele por causa da brincadeira e todos riram muito.

— Tá bom, a grávida aqui sou eu, mas Cathy é quem recebe todas as atenções — reclamou uma Helen ciumenta com a sua cria, então todos fomos dar um pouco de carinho e atenção a ela.

Observei que Lauren estava quieta demais. Apenas nos observava. Quando Thomas passou a mão em minha cintura, indicando o lugar ao lado dele, pensei que ninguém havia notado, no entanto percebi o olhar de raiva dela sobre mim. Fiquei incomodada. Até quando ficaríamos no ringue, apenas nos avaliando aguardando a hora de atacar? No meu caso, me defender.

A situação estava ficando insustentável, Thomas deveria se dar conta disso. Ele precisava me contar o que realmente aconteceu entre os dois para que eu soubesse o que esperar dela. Tentei não pensar no assunto naquele momento. Optei por relaxar rindo do filme pela milésima vez. O dia estava frio, a única coisa que queria era apenas poder ficar ao lado do meu namorado, me aquecendo um pouco, mas como não podia, por isso me contentei com Dyo, que ficou abraçado comigo o tempo todo.

No dia seguinte, estaríamos para casa, Los Angeles. Não, definitivamente, ainda havia muito trabalho pela frente. Iríamos para a *première* e depois haveria uma coletiva de imprensa, além de uma entrevista para um programa de TV. Agenda lotada por dois dias para logo em seguida partirmos para Barcelona. Em casa seria mais fácil tentar arrancar alguma coisa dele. Especialmente se eu fizesse algumas promessas.

À noite, conseguimos ficar juntos mais cedo. Lauren tinha ido com Sara a um jantar, depois da *première* e não poderia ficar fiscalizando a porta do quarto do Thomas. Estávamos cansados, mas não como nos outros dias. Com o ritmo acelerado de trabalho, quase não trocamos carícias. Essa noite, meu namorado estava irresistível. Seus beijos eram quentes e seus toques elétricos. A língua estava mais ousada, arriscando passear por caminhos até então proibidos.

Meus gemidos eram intensos. Quanto mais eu demonstrava estar gostando, mais Thomas ousava. Senti seus dentes se fecharem com uma leve pressão na parte do meu seio que não estava coberta pela camisola. Agarrei os cabelos dele com gosto. Suas mãos suspendiam meus quadris, forçando um maior contato com seu corpo entre minhas pernas.

— Meu bem, pare. Pare com isso — eu pedia, sem conseguir obedecer minhas próprias palavras.

— Só quando você realmente quiser que eu pare — recomeçou a beijar minha barriga, que a essa altura já estava exposta devido aos avanços que Thomas vinha fazendo.

— Então me faça parar, por favor! Não vamos fazer besteira.

— Não, Cathy. Você não quer parar, por que não continuamos e pronto? — Sua voz era manhosa, suplicante.

Eu o queria, mas existia uma condição, isso só aconteceria se conseguisse resistir a mais uma noite. Depois que ele revelasse o tal segredo, não teria mais motivos para temer.

— Não — suspirei e senti seu corpo se afastar um pouco do meu. Ele voltou para meu pescoço recomeçando as carícias. — Pare, Thomas.

— Cathy! Acabe de uma vez com nosso sofrimento — pedia em meu ouvido.

— Aqui não... Em casa — falei já com medo do que estava prometendo.

— Por que não pode ser aqui? Tem lugar mais maravilhoso e romântico do que Paris para perder a virgindade?

— Aqui, ou qualquer outro hotel, será a mesma coisa. É só uma cama entre quatro paredes. Em casa será diferente. É o nosso cantinho, a nossa cama. Quer lugar mais romântico? — Eu tentava convencê-lo e estava conseguindo.

— Amanhã estaremos em casa. Você tem consciência do que está me prometendo? — Ele sondava se eu estava falando a verdade ou tentando ganhar tempo.

— Só estou prometendo tentar. Não vou ficar travando você, vou deixar as coisas acontecerem e ver no que vai dar — seu rosto se iluminou com a possibilidade. — É melhor do que nada, ou seja, mais do que já teve até agora — Thomas riu e deitou ao meu lado.

— Tudo bem, então. Vai ser como você quiser — Ele me abraçou, permitindo que eu sentisse seu corpo ainda quente de desejo.

Eu não estava mentindo para ele. Iríamos tentar mesmo. Não podíamos mais evitar que isso acontecesse. Mesmo que Thomas não me contasse o segredo. Pensei nessa triste realidade. E se fosse algo tão ruim que fizesse me arrepender? Sinceramente, não conseguia pensar em nada que pudesse me fazer voltar atrás. Não via mais meu chefe como antes e, pensando bem, mesmo que visse, de que adiantaria? Já tinha perdido a guerra. Então relaxei em seus braços e dormi, esperando ansiosa pelo dia seguinte.

Chegamos a Los Angeles ainda cedo e nem conseguimos chegar em casa. Fomos direto para uma coletiva de imprensa. Quando acabou, estávamos esgotados. Teríamos uma pausa de algumas horas, até recomeçarem os compromissos. Thomas fora convidado para um almoço com alguns atores do filme, seria um papo descontraído nada relacionado ao profissional. Aproveitei para ficar em casa e cuidar um pouco de mim. Deus sabia o que poderia acontecer naquela noite. Fiz uma esfoliação caseira, uma massagem nos cabelos, depois fiquei arrumando algumas coisas no quarto.

Olhando para a minha imensa janela de vidro, percebi que ali me sentia em casa. Sentia saudades dela. Era exatamente como tinha dito ao Thomas: nosso canto, nosso quarto, nossa cama... Estremeci só de pensar nessa parte da casa. Ouvi uma batida em minha porta. Achei que meu namorado tinha voltado mais cedo. Fui abri-la passando a toalha no cabelo, para tirar o excesso de creme. Não era Thomas e sim Lauren. Toda a minha felicidade se esvaiu.

Ela não esperou que a convidasse para entrar. Foi passando por mim e sentou em minha espreguiçadeira, colocando algumas coisas minhas de lado.

— Espero que não se incomode com o cigarro.

Não respondi. Ela o acendeu assim mesmo.

— Vou direto ao assunto, Catherine — na voz dela o meu nome parecia um palavrão. — Eu sei que vocês estão juntos. Você pode mentir para a Sara ou para a imprensa, mas não para mim. Sabe por quê? — seus olhos sondavam a minha reação com prazer. — Conheço Thomas muito bem. Sei como se comporta quando encontra um brinquedinho novo. Conheço aquele olhar de cobiça. Aquelas atitudes que o tornam super-protetor cercando sua conquista por todos os lados — puxou um trago do cigarro, depois de soltar a fumaça, falou: — Ele não joga para perder, não é?

Não responderia. Sabia que era o que ela queria, então preferi o silêncio. Cada palavra proferida por Lauren me feria, mas eu não demonstraria. Seria forte, não daria a ela esse gostinho.

— Você não é burra. Pode até se fingir de sonsa. A coitadinha virgem que todos querem proteger — riu com sarcasmo, depois me olhou fixamente nos olhos. — Ele ainda não conseguiu o que queria, não é? Não. Claro que não. Thomas não perderia tanto tempo com alguém que já deu a ele o que deseja — era como um monólogo.

Algumas vezes cheguei a acreditar que ela tivesse esquecido que eu estava ali.

— Mas pode acreditar, quando ele conseguir, nada mais vai segurá-lo. Thomas não tem coração. Vai descartá-la como fez com todas as outras — Lauren se deliciava com suas palavras, seu sorriso era perverso.

— Saia do meu quarto! — consegui dizer.

Meu rosto estava pegando fogo de raiva. A vontade que tinha era de pular nela e arrancar aquele sorrisinho ridículo de seu rosto. Queria gritar, xingar, bater, mas ficaria apenas calada.

— Não acredita em mim? Estou falando como amiga — sorriu se sentindo vitoriosa. — Ele logo vai encontrar alguém mais experiente para se divertir enquanto espera por você. Se é que ainda não encontrou sem que você saiba.

— Cathy! — ouvi a voz do Dyo, me chamando já próximo à porta. — Por que você desligou o celular? — Ele entrou no quarto e parou de falar de imediato ao perceber o clima entre nós duas.

— Desculpe — pediu, sem graça. — Thomas está tentando falar com você e como não conseguiu, me fez vir até aqui verificar se estava tudo bem.

— Super-protetor, hein? — Lauren insinuou. Dyo era a minha salvação, ou a dela.

— Está tudo bem, Dyo, Lauren já estava de saída — fiquei observando cada gesto dela.

A mulher saiu sem dizer uma palavra. Não era mais necessário, ela já tinha destilado o seu veneno. Quando meu cérebro registrou o que seria tempo suficiente para a víbora estar bem longe, sentei na cama e desatei a chorar. Dyo ficou atordoado. Abraçou-me deixando que eu chorasse todas as lágrimas, tentando me consolar. No momento em que fiquei mais calma, ele pegou o telefone, ligou para Thomas, dizendo que estava tudo bem comigo, que meu celular tinha descarregado e que eu estava no banho. Isso o manteria mais calmo. Assim que desligou o celular, meu amigo se voltou para mim e meus problemas.

— O que aconteceu?

Contei tudo para ele. Não apenas a conversa que tinha acabado de ter com a Lauren, mas toda a minha história com Thomas. Ele ouviu atentamente, sem me interromper.

— Lamento muito por tudo, Cathy.

— O que você acha?

Minha pergunta era dúbia. Eu precisava saber se deveria confiar no que Lauren estava falando ou seguir em frente no meu relacionamento com Thomas.

— Que Lauren é uma louca.

— Então posso ficar tranquila em relação ao Thomas? — agarrei-me a essa esperança com toda a força que ainda sobrava em mim.

— Não foi o que eu quis dizer. Lauren tem os seus próprios problemas e fantasmas para resolver com Thomas. Eu não acho certo ela envolver você nesta confusão. É injusto. Você não tem culpa de ser a bola da vez.

Essas últimas palavras abriram um buraco no meu coração. Então era verdade. Existia uma grande chance de ser tudo uma mentira.

— Então você também acha que ele só está brincando comigo?

— Minha voz estava tão fraca que parecia mais um sussurro.

— Não sei o que pensar. Não posso mentir para você, Cathy. Cheguei a pensar que sim, e fui eu quem alertou a Helen. Fiquei com medo dele magoá-la tanto que você acabasse indo embora. Não queríamos perdê-la. Mas confesso que Thomas vem me surpreendendo. Pelo que me contou e pelo que eu pude perceber, ele não tem procurado outras garotas desde que vocês estão juntos. Por outro lado, não posso garantir que seja pra valer, principalmente em se tratando do nosso chefe — fez um gesto vago no ar, buscando palavras adequadas para se expressar. — Também não quero plantar nenhuma semente de esperança em seu coraçãozinho. Eu nunca vi Thomas amar ninguém, e ele pode realmente estar interessado apenas em transar com você. Principalmente por ser virgem. Isso é uma novidade que pode ter sido um grande estímulo para ele.

Minhas lágrimas voltaram a correr pelo rosto.

— Não chore, Cathy. Eu posso estar aqui falando um monte de besteiras também. Quem pode saber o que se passa no coração de um homem como Thomas? Como posso falar sobre este sentimento se nunca o vi amar ninguém? Não sei realmente o que ele pretende com você — suas palavras não atenuavam meu sofrimento. — Acho que deveria conversar com ele. Conte sobre Lauren. A única forma de resolver o problema é conversando sobre o que aconteceu.

— Não posso fazer isso. Ele vai matá-la. Prefiro eu mesma exorcizar os meus demônios.

Antes de Dyo sair, Thomas ligou várias vezes. Inventei um monte de desculpas para não falar com o meu namorado. Precisava me preparar. Dyo me ajudou muito, mas precisava se arrumar para a *première*, então saiu antes do meu chefe chegar.

Para minha surpresa, Thomas voltou para casa relativamente cedo, alegando estar cansado e precisar relaxar um pouco antes da *première*. Eu ainda estava em meu quarto quando ele apareceu. Fiquei apreensiva. Como iniciar nossa conversa? Pior ainda, como fazê-lo entender que não teria condições de cumprir a minha promessa?

— Oi! Não quis falar comigo o dia todo. Está chateada?

Estremeci. Não poderia começar com um “sim, eu estou terrivelmente chateada com você”. Então inventei uma desculpa.

— Oi. Estive ocupada o dia todo. Apenas isso — não quis prolongar muito o assunto.

Thomas não deu muita importância ao que estávamos falando. Ele estava mais interessado na nossa conversa da noite passada, mais especificamente na minha promessa.

— Acho que ainda temos um tempinho para ficar juntos — ele me abraçou carinhosamente, beijando a minha testa. Tentei me afastar, mas ele foi mais rápido e me beijou com tanto desejo que acabei cedendo aos seus apelos. Eu era sempre traída pelo meu corpo.

Ainda estava de roupão e, por baixo, usava apenas roupas íntimas leves e pequenas. Muito pequenas. Quando seus lábios deixaram os meus, ouvi sua voz, carregada de desejo.

— Que saudades de você, meu bem. Passei a tarde toda pensando em como queria estar com você, sentindo seu cheiro, seu gosto, seu corpo — dividia cada palavra com um beijo em meus ombros, pescoço e rosto. — Queria ficar aqui ouvindo os seus gemidos tão lindos e gostosos.

Eu bebia cada palavra dele como se dependesse delas para viver. Queria muito acreditar que ele estava ali por mim. Apenas por

mim. Suas mãos desceram uma manga do meu roupão, revelando uma parte do meu sutiã. Ele me beijou ainda com mais desejo.

Discretamente, Thomas tirou os sapatos, começando a desabotoar a camisa. Eu estava tão absorta em meus desejos e necessidades que só percebi quando ele a deixou cair no chão. Abracei-me ao seu corpo com mais intensidade quando o meu namorado conseguiu desatar o nó que prendia o meu roupão, revelando todo o meu corpo.

— Linda!

Ele beijava meus ombros e descia até o limite do meu sutiã. Suas mãos exploravam com vontade o meu corpo me fazendo perder o ritmo da respiração. Senti Thomas se livrar das calças me apertando com mais força ao seu corpo. Nenhuma parte do meu recusava seus carinhos. Meu namorado entendeu como uma permissão, então fui deitada na cama com muito cuidado, ele se deitou sobre mim, beijando meus lábios, depois os seios, a barriga, o umbigo, a minha tatuagem... Meus gemidos não cessavam. Meu corpo passou a ter vontade própria, se movimentando de forma a alcançar o máximo de prazer que ele pudesse proporcionar.

— Você é maravilhosa, Cathy — ele tinha se voltado até o meu ouvido, distribuindo mordidas por todo o meu corpo. — Adoro sua pele arrepiada de desejo. Adoro você todinha.

Eu o beijei, envolvendo-o com minhas pernas. Meus braços estavam agarrados em seu corpo, acariciando-o. Ele soltou um gemido gutural, agarrando minhas pernas e puxando-as para mais junto dele. Thomas se apertava em mim, não deixando nenhum espaço entre nós dois.

— Eu quero você. Quero você agora, Cathy — a urgência o dominava. Ele me beijava com mais vontade. Suas mãos se fechavam em meus cabelos — Quero que você seja minha. Só minha. Entregue-se a mim.

Ou eu parava com aquilo naquele momento, ou não teria mais volta. Senti meu corpo se recusar a atender ao comando do meu cérebro, mas fui mais forte, precisava ser.

— Não posso — não acreditei que conseguiria.

— Por quê? — Ele não parava, mas eu precisava pará-lo.



— Não posso, Thomas. Pare — fui mais firme usando as mãos para afastá-lo.

Ele entendeu meu recado e afrouxou um pouco o aperto entre nós.

— Não pare agora, Cathy, por favor! Confie em mim.

Recomeçou a me beijar nos lábios, com mais calma, mais carinho. Estava tentando me acalmar.

— Deixe-me continuar.

Pedia com paixão. Eu quase cedi.

Quase.

As palavras da Lauren ecoavam em meus pensamentos. Senti o gelo começar a dominar o sangue fervente em minhas veias. Eu precisava ser forte.

— Pare — me afastei e sentei na cama. Tentei controlar a minha respiração. Precisava ser direta.

— Algum problema? — Ele percebeu a minha frieza.

— O que você sente por mim? — fiquei tão constrangida que abaixei a cabeça, escondendo a minha insegurança.

— O quê? — Thomas ficou surpreso com a pergunta.

— Você ouviu.

Meu namorado se afastou um pouco, sentando ao meu lado na cama. Começou a passar as mãos pelos cabelos, procurando o que dizer.

— O que deu em você para fazer esta pergunta? — Ainda estava calmo. Mas seus olhos percorriam meu rosto em busca de respostas. Eu podia ver o pânico neles.

— Apenas me responda, Thomas, por favor! — Não queria argumentar com ele, só desejava saber se ele teria coragem de mentir olhando em meus olhos.

— O que aconteceu para você estar me perguntando isso?

— Nada.

— Você está mentindo.

— Eu também me reservo o direito de ter meus próprios segredos — encarei-o com determinação.

Thomas levou um tempo pensando sobre o assunto, sem desviar os olhos dos meus.

— Não sei.

Respondeu e passou a mão em meu ombro, me consolando. O silêncio fazia suas palavras ecoarem em meu coração. Ele não sabia o que sentia. Então todos tinham razão. Era tudo apenas uma diversão. Pelo menos Thomas não estava mentindo. Eu que era boba, inocente, infantil. Ainda esperava pelo meu príncipe encantado. A vergonha me atingiu como um soco no estômago.

— Cathy — falou finalmente. — Não posso mentir para você. Não sei o que sinto. Sei que nunca senti nada igual por ninguém. Gosto muito de estar ao seu lado, gosto demais! Sinto sua falta quando não estamos juntos e fico ansioso para te encontrar, mas como posso dar um nome para isso? Eu simplesmente não sei o que é.

Pensei por alguns segundos. Seria suficiente para mim? Nunca tínhamos falado de amor. Nem dele por mim e nem meu por ele. Eu por acaso o amava? Mesmo sentindo a dor que as palavras dele me causavam, podia entender o que ele estava dizendo. Também não sabia o que sentia. Ainda assim suas palavras mudavam tudo.

— Você é especial para mim, e no momento isso é tudo o que posso dizer com certeza. Não posso falar outra coisa apenas para conseguir transar com você, sei que se dissesse agora conseguiria. Não é justo. Não quero magoá-la. acredite em mim, por favor. Quero você. Não apenas pelo sexo. Adoro tudo que estamos vivendo. Se conseguir aceitar o que estou dizendo, vai ser mais fácil para nós dois.

— Tudo bem, Thomas. Você está sendo sincero, e isso para mim é o mais importante.

Eu precisava que ele soubesse para poder chorar sem me preocupar por estar sendo ridícula. Busquei forças de onde não poderia. Pensei em minha mãe e mais uma vez me comprometi a não permitir que o mesmo acontecesse comigo.

— Agora me dê licença que preciso me trocar, você também precisa se aprontar. Temos um compromisso daqui a pouco.

Ele me puxou para seus braços e me apertou com força em seu peito.

— Confie em mim — suas palavras me atingiram em cheio.

— De que jeito?

— Não mude nada entre a gente.

— Não existe nada para ser mudado, Thomas.

A nossa situação era a mesma de sempre, nada aconteceria. Não existia nada entre nós. Eu estava a ponto de começar a chorar nos braços dele.

— Ah, Cathy, o que eu faço com você? Sempre que dou um passo a frente alguma coisa acontece para me puxar dez passos para trás.

— Thomas, este não é o melhor momento para conversarmos sobre este assunto. Vá fazer a sua parte e me deixe fazer a minha. Precisamos trabalhar agora.

Levantei indo ao closet para me arrumar. Ouvei seus passos se afastarem cada vez mais e finalmente pude chorar, sem receios ou testemunhas.

## Capítulo 14

### Traição, Dor e Enfim Certezas

VISÃO DE CATHY

Q

Quando estávamos indo para a *première*, enquanto éramos apenas nós dois no carro, Thomas se aproximou timidamente e acariciou meu braço. Apenas sorri, sem muita intensidade, mas continuei olhando para frente. Não sabia como agir naquele momento. Pela manhã só pensava no que poderia acontecer quando estivéssemos juntos em casa, depois da visita da Lauren, tudo havia desandado.

Não estava magoada pelo fato dele não me amar, isso era mais do que eu exigiria de alguém como Thomas. Tudo o que estávamos vivendo atendia além do que poderia imaginar ou desejar. Repetia para mim mesma, estas palavras o tempo todo. Então por que estava doendo tanto? Por que aquela cena não parava de surgir em minha mente e suas palavras ecoavam em meus pensamentos? Se eu não sabia o que sentia por ele, por que me doía tanto o fato dele também não saber o que sentia por mim?

— Você está linda hoje. Maravilhosa!

Quando Helen apareceu com a minha roupa da noite, achei que estava de brincadeira. Era um conjunto de corpete, tão bem acentuado que eu não conseguiria respirar, uma saia um pouco

curta, de babados em três camadas, para finalizar, uma meia 7/8 preta com renda na borda, que quando eu andava ela aparecia, junto com um sapato fechado de salto agulha. Tudo preto. Fiquei vermelha antes mesmo de me vestir, só de imaginar como ficaria. A verdade é que a roupa, apesar de ser ousada, tinha ficado linda, perfeita em mim. Fiz alguns cachos nas pontas dos cabelos, o resultado ficou incrível. Agradei a Mia pelas técnicas de maquiagem.

— Podemos conversar hoje quando voltarmos? Há coisas que eu gostaria de dizer além de fazer algumas perguntas.

Sinalizei que sim. Ele beijou meu ombro, depois segurou meu queixo e virou o meu rosto para conseguir beijar meus lábios. Não lutei contra, mas também não retribuí como esperava. Thomas percebeu a diferença, porém apenas virou para frente, suspirando tristemente. Eu sabia que ele estava frustrado pelo que não tinha acontecido à tarde.

Como poderia? Parecia que todos os fantasmas tinham aparecido de uma vez só para nos impedir. Era tão confuso que eu já não sabia mais o que queria. Tínhamos voltado ao início. Meus sentimentos eram mais de afastamento do que de aproximação. Uma realidade triste, mas era a verdade. Quando voltássemos, teríamos uma conversa que provavelmente colocaria um fim em toda a nossa história. Senti meu coração ficar tão pequeno que não o encontrava mais dentro de mim.

O evento foi exatamente como os outros. Muita gritaria, muitos autógrafos, muitas perguntas. Um monte de pessoas famosas querendo participar da festa para aparecer um pouco também. Vários fotógrafos gritando por uma foto, não só dele, mas minha também. Fiquei constrangida, mas consegui passar a noite toda ocupada, a maior parte do tempo ao lado do Thomas, que fazia questão de estar ao meu lado, mesmo quando não era necessário. Parecia desconfiar do que eu pretendia.

Nossos olhares se encontravam com muita frequência e expressavam o mesmo sentimento: angústia. Thomas falava a todo o momento que queria ir para casa. Eu não. Queria prolongar a

noite. Fugir o máximo possível da nossa conversa. Estava sendo covarde, mas não podia evitar.

Após a *première*, fomos à inauguração de uma boate. O evento já estava previsto. Era na verdade uma comemoração para o elenco e alguns convidados, dentre eles jornalistas, modelos e alguns outros atores que não faziam parte do filme. Festejavam o sucesso. Era mais tempo para ganhar coragem, ou então desistir de uma vez e aceitasse as coisas como elas eram. Entender que o meu destino seria o mesmo da minha mãe. Senti as lágrimas se formando, então fui ao toalete com a desculpa de retocar a maquiagem.

Logo que cheguei à boate, escoltada por Thomas, é claro, Sara me chamou para me apresentar a alguns convidados. Havia muito interesse das pessoas em me conhecer devido ao sucesso do folheto. Vi Thomas se encaminhar para o andar de cima com Kendel e Lauren, que antes de subir me lançou um sorriso cínico. Meu sangue ferveu nas veias.

Quando enfim voltei, Thomas conversava com outro ator que estava no começo de carreira. Eles falavam animadamente sobre gravações dos seus filmes, sobre outros do momento, assim como sobre o prêmio que meu chefe recebera. A carreira dele, da mesma forma da do "meu namorado", era um sucesso, apesar de ainda estar no início. O cara era uma promessa.

Mantive certa distância, para que tivessem mais privacidade, apesar do número de pessoas ao redor, afinal de contas, eu era a funcionária, não uma amiga em comum. Meu chefe não parava de me olhar e pude notar que o tal ator ao seu lado também não. Eles se aproximaram mais e Thomas me cercou de atenção.

— Cathy, este é Irvin Campbell.

Dei a mão ao rapaz, tentando ouvir o que dizia, apesar da música alta e das conversas paralelas. Apertamos as mãos educadamente e sorri sem muito entusiasmo. Mal escutei a voz do Thomas e a do Irvin, que falava comigo como se fôssemos velhos amigos.

— Cathy, é um prazer imenso conhecê-la.

Ele ficou me olhando como se eu fosse algo comestível. Fitei meu namorado que estava visivelmente incomodado, porém não fez

nada. Consegui apenas ouvir o Irvin falando alguma coisa sobre jantarmos juntos em outra oportunidade. Fiquei surpresa com o convite tão direto, afinal de contas todos achavam que eu e o Thomas tínhamos um romance às escondidas. Ri da sua enorme cara de pau. Acho que ele entendeu como um sim. Arrependi-me de imediato.

Thomas se virou para mim e ficou me encarando com censura. Dei de ombros. O que eu poderia fazer? Dar um tapa na cara do Irvin e sair indignada? Estava trabalhando, era meu papel ser agradável, mesmo com pessoas inconvenientes como o ator a minha frente.

— Então, estou precisando de uma assistente como você para me acompanhar. Tem sido bem complicado organizar os meus compromissos.

“Tá bom”, eu pensei, “vai virar moda pegar a assistente gostosa agora”, dei risada comigo mesma da piada infeliz, e mais uma vez fui mal interpretada. Pelos dois. Thomas cruzou os braços esperando a minha próxima deixa, enquanto Irvin tirava um cartão do bolso com seus números para que eu entrasse em contato. Minha vontade era rasgar o cartão e jogá-lo em sua cara, mas guardei educadamente junto com todos os outros que havia recebido aquela noite. Finalmente alguém tirou o Irvin de lá permitindo que Thomas respirasse mais relaxado.

— Qual o seu problema? — perguntou discretamente. Olhei para ele incrédula. Eu poderia listar os meus problemas e revelá-los, mas não faria isso, ele era capaz de pensar e chegar a uma conclusão sozinho.

— Não sei do que você está falando.

— O Campbell estava lhe chamando para sair e você dando trela? — seu tom era de indignação.

— Não comece Thomas, eu não estava dando “trela” para ninguém, apenas achei graça da inconveniência dele. Além do mais, mal estava conseguindo ouvir o que ele dizia.

— É. Comigo você pegou bem mais pesado quando tentei alguma coisa, porém com ele foi toda sorrisos.

— São situações diferentes. Thomas, depois nós conversamos, eu estou trabalhando agora. Quer saber? Vá sorrir e jogar conversa fora com suas amigas, porque alguém aqui tem que trabalhar de verdade — vi seus lábios se abrirem surpresos com a minha resposta rude. Fingi não me importar.

Ele virou para frente voltando a atenção para a sua bebida. Foi quando avistei Lauren, vindo em nossa direção.

Ela estava muito bonita, com um vestido tubinho, também preto, revelando o seu corpo escultural. Ao lado dela caminhava outra mulher, que eu não reconheci. Linda, com um corpo tão lindo quanto, também usando um vestido, mas tão justo e curto, que eu não sabia como conseguia se movimentar. Ela era ruiva, seus cabelos caíam pelos ombros em cachos perfeitos. Por onde elas passavam, todos se viravam para olhá-las. Encarei Thomas apenas para verificar se a sua reação seria a mesma. Ele também as olhava, mais precisamente para a outra mulher. Nem acreditei. Fiquei furiosa. Ele era um cretino!

— Thomas, olha só quem eu encontrei perdida por aí.

Lauren praticamente jogou a mulher no colo dele. Um sorriso vitorioso estava estampado no seu rosto. E o meu havia desaparecido deixando em seu lugar uma expressão assassina.

— Sharon! — Thomas falou, sem tirar os olhos dela. Ele estava admirado.

— Thomas — a ruiva sorriu amavelmente. — Pensei que receberia uma ligação sua hoje, já que estamos na mesma cidade — ela era extremamente sedutora, o corpo se mexia junto com as palavras. — Fiquei decepcionada — fez beicinho.

— Não fique. Eu tive um dia muito cheio.

“Alguém aqui ainda lembra que eu existo?” eu gritava por dentro. Virei em direção às escadas. Precisava sair dali. Thomas me segurou pela cintura, me impedindo. O que ele queria, me torturar?

— Sharon Parker, esta é Catherine Brown, minha assistente, a culpa é dela por eu não conseguir mais tempo para ninguém — ele se divertia com a minha desgraça. Sorri sem vontade para aquela mulher que estava ali decidida a levar Thomas com ela.



— Catherine? Interessante — a tal Sharon nem se deu ao trabalho de me olhar. Eu era um ser desprezível. Um nada. E ela, pelo visto, era a bola da vez. Minha raiva estava a ponto de me sufocar.

— Não é? — Thomas riu.

— Cathy, querida, quase ia me esquecendo — Lauren começou a dizer — Sara está procurando por você. Acho que ela tem um monte de gente para lhe apresentar e algumas coisas para resolver. Thomas pode passar algum tempo sozinho com a Sharon, enquanto trabalhamos um pouco. Afinal, nós trabalhamos e ele se diverte, não é?

Lauren planejara tudo. A raiva estava estampada em minha cara. Sabia que profissionalmente não poderia me negar e que Thomas não poderia interferir. Ela era uma cobra venenosa, pronta para dar o bote. Olhei para Thomas, ele apenas suspirou, depois concordou com a cabeça. Fui procurar por Sara, furiosa. Eu tinha sido dispensada por Thomas para que ele tivesse mais privacidade com sua nova amiguinha.

No entanto Sara estava mesmo precisando de mim. Era incrível como ela conseguia trabalhar em meio àquela bagunça. Conseguia fazer muitos contatos, depois tínhamos uma semana inteira correndo para cumprir novos compromissos. Era por isso que ela era tão boa no que fazia. Thomas tinha sorte em tê-la como empresária.

Ficamos reunidos numa mesa próxima ao bar onde o som era menos estridente e poderíamos conversar com mais facilidade. De onde estávamos, eu podia ver Thomas e Sharon, distraídos em uma conversa que parecia bastante agradável já que os dois riam muito. Vi os fotógrafos se voltarem para eles fazendo com que a minha raiva aumentasse ainda mais.

Permaneci um bom tempo distante. Em alguns momentos precisava ficar tão concentrada no trabalho que acabava me esquecendo da raiva que estava sentindo do Thomas e da Lauren, principalmente.

Assim que acabamos, eu fiquei liberada para voltar para o lado do meu namorado, mas não queria. Fui procurar por Dyo, tentando arrumar alguma coisa para me ocupar e não ter de ficar perto de

Thomas. Ele que fosse feliz com sua amiga. Estava tão absorta em meus pensamentos, que não percebi Lauren se aproximar. Foi quando ela me pegou pelo ombro virando-me na direção de onde meu chefe estava com a sua amiga. Meus olhos foram diretamente para Thomas que olhava atentamente para Sharon.

— Acredito que você está lembrada do que falei hoje à tarde. Veja com seus próprios olhos o que seu Thomas é capaz de fazer.

Olhei a tempo de ver Sharon se aproximar de Thomas e beijá-lo de surpresa. Nitidamente de surpresa, porém ele não a rejeitou. Sequer ficou irritado. Sorriu para a ruiva sedutora. Meu coração quase parou naquela hora. Eu sentia um misto de raiva, medo, desprezo e infelicidade. Era tão forte que minha respiração ficou mais lenta. Antes mesmo de me livrar de Lauren para sair, meus olhos encontraram com os dele. Foi somente este momento de contato e eu saí rapidamente.

Encontrei Dyo no corredor que dava acesso a uma área nos fundos da boate. Eu estava tão transtornada que quando passei por meu amigo ele me seguiu imediatamente. Fomos juntos para os fundos. Era uma área aberta, destinada aos fumantes. Estava vazia, principalmente porque as pessoas não respeitavam essa regra e, de onde estávamos não dava para ouvir a música. Parei de frente a ele e fui falando:

— Preciso sair daqui. Agora! — minha respiração não voltava ao normal.

Eu não chorava, apenas sentia dor. O desespero me dominava. Ele me viu. Sabia que eu tinha visto o beijo deles. “Será que se importaria? Eu queria que isso acontecesse?” Não sei o que faria se Thomas aparecesse na minha frente.

— O que aconteceu? — Dyo estava angustiado ao meu lado. — Cathy, você está nervosa demais.

— Digamos que hoje ela percebeu que não é tão importante assim — Lauren apareceu do nada. Estava tão feliz com a situação que não escondia de ninguém.

— O que você fez? — Dyo começou a interrogá-la.

— Eu? — riu alto. — Não precisei fazer nada. Bastou soltá-lo ao lado de alguém com quem gostou de ir para cama, para o instinto

aflorar. Eu avisei, Catherine. Thomas não passaria muito tempo nesta brincadeirinha de criança com você.

Voltou a rir alto. A raiva me dominou. Senti o sangue ferver em todo o meu corpo. De repente a dor de ver Thomas com outra mulher não era mais tão forte ou profunda, era quase nada perto do ódio que eu estava sentindo por Lauren. Eu estava enlouquecida de raiva.

— Que nem ele fez com você não é, Lauren? — ela parou de rir imediatamente e me fitou com ódio.

A minha raiva era tanta que me fez surtar. Eu não ouviria aquilo calada. Não mais.

— Deve ter sido até pior, para tê-la deixado tão amargurada. Com tanto ódio — sorri diabolicamente. — Deixe-me adivinhar: Thomas transou com você algumas vezes e depois a dispensou, não foi? — ri alto, sem me preocupar com mais nada.

Eu estava ferida, com ódio, magoada... Ela iria me pagar.

— Não se preocupe, Lauren, querida — cuspi as palavras que ela gostava tanto de usar comigo. — Essa daí não deve ter sido ninguém. Com certeza não vai passar de mais uma noite. E, agora que eu não estou mais em seu caminho, quem sabe ele não resolve fazer mais uma caridade e lhe levar para cama para depois dar novamente um belo chute na sua bunda? Sim, porque é o mais provável, não é mesmo? Ele despreza você — meu sorriso era de vitória. Havia conseguido fazê-la perder a segurança. Eu a feri, do mesmo modo como ela me feriu.

Lauren partiu para cima de mim, mas não tentei correr da briga. Queria colocar para fora o que estava sentindo, precisava extravasar. E queria realmente partir Lauren ao meio. Apesar da diferença de tamanho, Lauren era bem mais alta do que eu, consegui segurá-la no chão por tempo suficiente para dar diversos tapas em sua cara. Ela agarrava meus cabelos, tentando me conter, mas isso não me segurava, era insignificante para mim.

Segurei seus cabelos e bati sua cabeça com força no chão. Quando estava pronta para bater novamente, Kendel me segurou por trás, puxando-me para longe dela. Eu estava enlouquecida, fora

de mim. Chutei o ar até ele me prender em um canto, sem espaço para me mexer.

— Ok, Cathy! Você já deu a ela o que merecia. Agora se acalme, por favor! Estamos num local cheio de repórteres e fotógrafos, não acredito que queira ver sua foto com o cabelo desganhado desse jeito, em todos os jornais e revistas do país amanhã, não é? — Ele brincava, mas era verdade.

De súbito me preocupei com o local onde estávamos. Olhei para mim verificando o estrago. Minhas meias estavam destruídas, dois buracos imensos deixavam meus joelhos à amostra. Tinha alguns arranhões pelos braços e meu cabelo devia estar lastimável.

— Fique tranquila. Sem testemunhas desta vez. Mas da próxima, me chame antes, para que eu possa apostar em você. Vou ganhar uma boa grana. Ninguém imagina do que você é capaz.

Tirei suas mãos de mim observando Dyo ajudar Lauren a se levantar. Eu havia feito um bom trabalho. Não iria me arrepender, ela realmente mereceu, além do mais, atingi meu objetivo. Agora ela pensaria duas vezes antes de se meter novamente comigo. E poderia ficar com Thomas se quisesse. Eles se mereciam.

Saí da boate pelos fundos. Dyo cuidaria de tudo. Liguei para Mia no caminho pedindo para dormir na sua casa, “minha antiga casa” pensei com tristeza. Chorei durante todo o percurso e o restante da noite. Até o sono me abraçar.

## VISÃO DE THOMAS

Estava com raiva dela, não o suficiente para machucá-la. Apenas brinquei um pouco com a situação. Fiquei confuso com a nossa conversa, pois sabia que estava magoada comigo, porém isso não lhe dava o direito de flertar com o primeiro que aparecesse.

Quando me perguntou o que eu sentia, não soube o que responder. Como poderia dizer que era amor se nunca tinha sentido aquilo antes? Sabia que estava apaixonado, era isso ou então estava maluco. Cathy não saía da minha cabeça, fazia-me feliz, me completava, só faltava um detalhe que logo iríamos resolver, eu tinha esta certeza.

Cathy andava estranha, desconfiada. A minha história com Lauren a deixara insegura e com razão. Mas ela precisava confiar em mim. Não poderia contar sem antes ter a segurança de que não a perderia. Não sabia como minha assistente iria reagir, sempre tão correta, tão sensível. Faria como todos os outros e me condenaria? Eu não podia contar. Ainda não. Além disso, havia outras pessoas envolvidas, além o pacto que fizéramos que me prendia a ele. Dei a minha palavra.

Estava ciente de que Cathy ficou triste com a minha resposta. Era muito difícil falar sobre sentimentos, principalmente porque eu também estava inseguro e assustado. Mas sabia que tinha pisado na bola e por isso iria tentar consertar tudo quando voltássemos. Eu diria a ela como realmente me sentia. Estava apaixonado e queria ficar com ela. Apenas ela.

Como todo trabalho, o meu também tinha partes boas e ruins. A ruim, naquele momento, era ficar longe dela e ainda ter de aguentar uns engraçadinhos achando que minha secretária estava no mercado de romances furtivos. Era só passar e levar. Eu sentia muita raiva dos seus comentários. Palavras sem um pinga de moral ou decência. Eles só a queriam para uma coisa. Envergonhei-me ao lembrar que eu também já tivera os mesmos pensamentos a respeito de Cathy. Ela era muito mais do que um pedaço de carne, mas disso eles nunca saberiam. Talvez fosse por pensar diferente agora que ela estava comigo e não com eles.

Fiquei aborrecido com a história do Irvin Campbell. Ele era mais um do meu meio que achava que podia levar qualquer mulher para a cama. Mas minha assistente estava sorrindo incentivando-o a continuar. O que Cathy estava pensando? Fiquei espantado com a situação. Confesso que meu orgulho foi totalmente ferido. A arma dela foi o ciúme. Por isso eu resolvi devolver um pouco do seu próprio veneno.

Quando vi Sharon Parker, vindo com Lauren em minha direção, pensei que poderia brincar um pouco também. Eu estava errado. Dei todas as armas para Lauren azucrinar o juízo da Cathy e ainda ganhei a Sharon grudada em mim pelo o resto da noite. Quando

minha namorada precisou sair de perto de mim tinha consciência de que estaria encarcerado por uma semana.

Ela demorava a voltar e eu já começava a ficar impaciente com as investidas de Sharon. Os fotógrafos, a postos, aguardavam por um furo. Eu estava alerta. Vi Cathy ao lado da Sara conversando com algumas pessoas, tive vontade de ir até lá, mas não podia, pois com certeza as fotos estariam em todos os jornais no dia seguinte. Seria pior. Ela ficaria com mais raiva. Era melhor evitar a sua fúria, pois eu não ganharia nada com isso. Fiquei aguentando Sharon por mais um tempo. Consegui me distrair uns minutos numa conversa de bastidores e, quando estava de guarda baixa, a garota me beijou. "Putá que pariu", eu pensei, "Cathy vai me matar".

Não poderia ser grosseiro então apenas a afastei gentilmente. Qualquer atitude minha estaria registrada em todos os tabloides no dia seguinte. Corri os olhos pela boate para me certificar de que Cathy estava tão ocupada que não havia visto o beijo. Mero engano, mais uma vez. Minha namorada estava lá embaixo, olhando diretamente para mim. A infelicidade que vi em seus olhos era tão grande que me partiu o coração. Ela virou e saiu. "Droga".

Quando finalmente consegui passar por todos que queriam falar comigo sem chamar muita atenção para a minha pressa, não a vi mais. "Droga outra vez". Encontrei Kendel e ele me disse que as duas já estavam sob controle e que tinham ido embora. Não entendi nada do que ele falou. Chamei Helen para avisei que iria embora também. Se Cathy já tinha ido eu iria logo em seguida. Precisava encontrá-la e explicar que tudo não havia passado de um engano.

Imploraria se necessário.

Estava dando tudo errado. Primeiro o fracasso da nossa tentativa de iniciar uma vida sexual, toda aquela conversa surpresa e minhas respostas sem noção. Depois, para piorar a situação, Sharon tinha aprontado mais uma das suas. Aliás, Lauren havia aprontado. Como sempre. Helen me acompanhou até o carro, porém no caminho acrescentou:

— Espero que você esteja satisfeito — não respondi. Com certeza Cathy tinha pedido para ir embora, abalada com o que vira.

Quando chegasse em casa, conversaria com ela e esqueceríamos tudo.

Cathy não estava em casa. “Droga três vezes. Onde diabos essa garota se meteu?”. Tentei ligar para o celular, mas só dava caixa. Nessas horas eu preferia que ela gritasse comigo em vez de se esconder. Falei com Dyo e ele me explicou que minha namorada tinha ido se encontrar com Mia, mas acrescentou que era para eu deixar as coisas como estavam pelo menos por aquela noite. Sem saída fiquei esperando. Tínhamos compromisso no dia seguinte então ela teria que voltar para casa. Tomei um banho e me deitei no quarto que Cathy ocupava, aguardando. Se ela aparecesse, não teria como me evitar.

Acordei com Dyo me chamando. Onde estava Cathy? Olhei para os lados tentando me situar. Ela não voltara para casa.

— Acorda, príncipe encantado. O dia já está à sua disposição — Dyo brincava tentando me acordar.

— Cadê a Cathy? Essa função não é dela? — tentei me situar, ainda com sono.

— É sim. Ela me ligou hoje cedo, pedindo para assumir essa obrigação agora de manhã. Disse que nos encontraria no estúdio à tarde — abriu a cortina do quarto, revelando a luz do dia.

— Acho que estou em maus lençóis — falei, mais para mim mesmo do que para o Dyo.

— É, acho que está — ele virou para mim, cruzou os braços me encarando com uma expressão de censura.

— Sou inocente — levantei as mãos para o alto. — A maluca da Lauren colocou aquela outra doida no meu pé a noite toda. Não tive como fugir.

— Eu sei. Pode ficar despreocupado, Cathy já deu o troco a ela — ele sorria, lembrando-se de algo.

— Como assim?

— As duas se atacaram ontem lá na boate — começou a rir livremente.

— O quê? — fiquei tenso, Lauren era bem maior do que Cathy.

Eu não me perdoaria se Cathy também estivesse fisicamente machucada, uma vez que, psicologicamente, estava arrasada. De

qualquer forma não suportaria saber que justamente Lauren tivesse machucado Cathy.

— Cathy deu uma surra na Lauren. Serviu para mostrar com quem ela não pode mexer.

Tive de dar risada também. Cathy tão pequena, dando uma surra em alguém...

— Bom, talvez eu não esteja em maus lençóis — sorri com a possibilidade.

— Não conte com isso — comentou, escondendo alguma coisa.

Realmente eu não poderia contar com isso. Cathy não me atendeu o dia todo. Resolvi esperar até nos encontrarmos pela tarde, quando ela não tivesse como me evitar.

## VISÃO DE CATHY

Aquilo havia sido demais para a minha capacidade mental. Eu não estava conseguindo me concentrar e por este motivo ficava cada vez mais irritada com as tentativas do Thomas em conversar comigo. Ele não entendia? Precisávamos separar as coisas. Estávamos trabalhando. Mesmo depois do choque tinha a obrigação de cumprir com as minhas tarefas. Depois poderíamos falar no assunto... Ou não.

Não sei se teria condições psicológicas ou coragem para ter essa conversa com Thomas. O que poderia cobrar? Como diria a ele que havia achado a situação tão absurda que a minha única vontade era sumir? Como poderia dizer que meu coração estava tão machucado que nenhuma palavra que me dissesse iria curar a ferida que me corroía cada vez mais? O pior de tudo, como conseguir conversar com meu namorado, ou ex, sem deixar que este nó em minha garganta se desfizesse num rio de lágrimas?

Havia desabafado com Mia, que entendeu todo o meu sofrimento, mas fazia questão de salientar que Thomas parecia não ter culpa, que tudo fora armação da Lauren. Ela estava com a razão, eu tinha visto que Sharon o beijara de surpresa, porém ele não reagira mal ao fato. Além do mais, meu chefe havia passado a noite



inteira despejando charme para cima da tal modelo. Nem fez questão de ficar comigo, como sempre acontecia.

E ainda existia nossa conversa antes de tudo acontecer. Não podíamos mais continuar. A minha única vontade era ir embora. Esquecer tudo o que aconteceu. Só que eu não podia ir. Precisava suportar tudo. Havia prometido a Helen e iria cumprir. Depois estaria livre para desaparecer.

Estava tão absorta em meus pensamentos que nem percebi quando a entrevista terminou e todos entraram no camarim, onde eu estava sozinha. Thomas veio em minha direção. Levantei fingindo ter alguma coisa para resolver com Helen. Ele gentilmente segurou em meu braço, falando tão baixo que apenas eu ouvi.

— Você vem comigo em meu carro e o resto da equipe no outro. Precisamos conversar.

— Não. Eu tenho algumas coisas para resolver com Helen. Não vou para casa agora — nem pretendia voltar para casa. Já havia combinado com Mia que passaria a noite com ela outra vez.

Não tive coragem de olhar nos olhos dele para responder. Senti alívio quando Eric entrou no camarim para dizer que estava tudo pronto para a nossa saída e que poderíamos nos retirar.

Quando estava pegando a bolsa ouvi Thomas chamar toda a equipe. Calmamente ele comunicou a todos que precisava conversar comigo, por esse motivo eu iria com ele no carro e o restante do pessoal deveria seguir para casa sem problemas que depois entraríamos em contato. Meu rosto ficou tão vermelho de raiva que pensei que teria um ataque ali mesmo.

— O que você está fazendo? — perguntei incrédula. — Eu não vou com você, tenho coisas para fazer.

— Resolva as suas coisas depois, agora eu preciso conversar com você — a sua voz era estável sem não demonstrava nenhuma emoção, o que me irritou mais ainda. Todos olhavam para mim, tentando descobrir o que ele estava planejando.

— Não, eu não vou. Eu. Não. Quero. Ir. — encarei-o sem pestanejar.

— Guarde a sua opinião para si mesma. Eu não estou pedindo nada, Cathy, estou ordenando. Como seu chefe, tenho o direito de

exigir. Vá para o carro e me aguarde lá.

Ele tinha dado um passo em minha direção. Estávamos tão próximos que eu podia sentir a raiva fluir do seu corpo. Estava pronta para protestar, gritar, qualquer coisa, quando Helen tocou em meu ombro me pedindo calma. Eu sabia exatamente o porquê da sua preocupação. Faltava pouco tempo para ela ter o bebê e não haveria como encontrar alguém para substituí-la. Se Thomas me demitisse, ela ficaria impossibilitada de desfrutar seus sete meses com sua filhinha. A culpa me atingiu. Sem contestar, fui em direção ao estacionamento. Não consegui conter as lágrimas que haviam se formado. Entrei no carro e cumprimentei Arnold apenas com um aceno de cabeça. Fiquei sentada lá por 15 minutos, até Thomas chegar.

Ele veio sozinho, sem Eric como sombra. Chamou Arnold dando algumas instruções. Entrou no carro em silêncio e permaneceu assim durante todo o caminho para casa. Paramos na garagem, o que normalmente não fazíamos. Vi Arnold estacionar o carro, depois se afastar sem dizer uma palavra. Quando estávamos apenas nós dois, ele me olhou fixamente, aguardando minha reação. Permaneci impassível, o olhar voltado para fora. Eu sabia que a qualquer momento tudo iria desmoronar.

E foi o que aconteceu.

— Cathy, você entendeu tudo errado. O que viu foi um engano, eu...

— Você não me deve explicações — cortei-o friamente. — Não quero ouvir suas desculpas. Não quero conversar com você nada que não seja profissional.

O nó em minha garganta se formava outra vez. Não sei como consegui ser tão fria, quando a minha única vontade era acabar de uma vez por todas com ele.

— Por que está com tanta raiva? Você mesma viu que aquilo foi uma armação da Lauren para irritá-la. Sharon me pegou de surpresa, não estava esperando e muito menos podia simplesmente empurrá-la, todos os fotógrafos iriam registrar o momento. Cathy, o que você está pensando? Que eu ficaria com outra garota depois de

tudo o que estamos vivendo? Ainda por cima na sua frente? O que pensa que eu sou?

— Pare com isso, Thomas — minha raiva ardia na garganta. — Não subestime a minha inteligência. Você estava lá com ela. Eu vi tudo desde o início. Você ficou tão absorto naquela mulher que nem me notou. Acha que não percebi o quanto estava encantado?

— Como assim não notei? Notei tanto que a vi achando uma graça do Irvin Campbell se derretendo para você. Isso não será colocado em pauta, não é? Eu ter alguma coisa com você era impossível, mas o Campbell convidá-la para jantar sem nem se preocupar comigo ao seu lado, estava tudo certo. Dentro da normalidade. E você sorria para ele. Onde estava toda a conversa sobre assédio sexual? E ainda por cima, se negando a falar comigo o dia inteiro. Como pode ser tão infantil? O mínimo que poderia fazer era conversar comigo. Resolver as coisas.

Minha raiva explodiu com aquelas palavras me fazendo começar a falar sem pensar.

— É exatamente esse o problema. Era exatamente disso o que eu tentei convencê-lo o tempo todo. Nunca poderá existir nada entre nós dois, sabe o porquê? Simplesmente porque você não tem o equilíbrio necessário. Não consegue separar as coisas. Não sabe ser profissional. A nossa vida diz respeito somente a nós dois, não à equipe. Quem você pensa que é para me expor da forma que fez? Que direito que tem para me punir por algo que eu não fiz? Ou será que fiz alguma coisa de errado em relação ao meu trabalho? Sim, porque eu estou trabalhando, ou estava trabalhando. E não me desviei um só momento, nem ontem lá na boate muito menos hoje. Por que você acha que tem o direito de me forçar a deixar meu trabalho de lado para ficar aqui no meio da tarde resolvendo problemas pessoais?

— Muito profissional a sua reação ontem com a Lauren. Não me parece uma atitude de colegas de trabalho sair aos tapas por um motivo mais do que pessoal.

— Você ainda a defende? Ok! Tudo bem. Agora você tem toda a liberdade para viver com ela e com todo o segredo a respeito do romance de vocês. Igual à idiota aqui. Pode ficar à vontade para

viver com a Sharon, Lauren e todas as pobres coitadas que se envolveram com você. Aliás, nem sei por que estou dizendo isso, você sempre se sentiu à vontade, a maior prova disso foi todo o seu interesse pela Sharon Parker ontem à noite.

Sentia muita raiva. Falava e gesticulava tanto que nem percebi que as lágrimas tinham voltado a cair. Estava me sentindo humilhada. Era exatamente o que não queria que acontecesse. A equipe inteira iria saber que eles tinham razão o tempo todo. Que a coitada da Cathy era mais uma que caiu no papo do chefe.

— O que está dizendo? Eu tentei conversar o dia inteiro e você se recusou! Tentei explicar que não havia acontecido nada. Você tirou as suas próprias conclusões, e eu não poderia correr o risco de perdê-la. Se tivesse te deixado à vontade, teria se trancado em seu quarto e não sairia antes de viajarmos, o que queria que eu fizesse?

— Não me importo com isso, Thomas! Você não entende! Perder-me por quê? O que você acha que tinha de mim? Isso é tão absurdo que nem sei como continuar. O que pensou que teria de mim? Que eu iria cair no seu conto e que me levaria para a cama?

Eu cairia. Até o dia anterior eu cairia, mas agora estava tão por baixo que precisava fazê-lo acreditar que ele não significava nada para mim. Precisava ter certeza que Thomas se afastaria de uma vez por todas.

— Eu não estava tentando nada! O que deu em você? Não há motivo para tanto drama. Cathy, você sabe que eu não tive culpa — ele passou a gritava também. — Como pode falar assim depois de tudo o que vivemos? Eu mudei por sua causa. Fiz de tudo para que confiasse em mim, para que me visse como o homem que gostaria de ter para você. Eu me tornei este homem por sua causa. Somente por você e para você. Lógico que queria que a gente transasse. Continuo querendo. Porém o sexo será apenas uma consequência natural do nosso relacionamento — pegou meu rosto entre as mãos. — Cathy, você não vê? Não acredita em mim?

Eu me afastei dele rapidamente. Não podia deixá-lo me envolver novamente em seu jogo. Estava ciente do que ele queria com essa conversa, mas Thomas Collins não teria isso de mim. Lauren estava com toda razão, Thomas só queria brincar comigo, foi o que ele fez

um dia antes. Brincou com os meus sentimentos. Eu nunca mais permitiria que me envolvesse com seus encantos, sua conversa fiada. Ele nunca mais teria nada de mim.

— Logo se vê que você não me conhece mesmo! Essa foi a pior estratégia já utilizada para conquistar uma mulher. Simplesmente porque o meu sonho não é ter um príncipe encantado, romântico e carinhoso. O meu sonho é ter um homem de verdade, com responsabilidade, principalmente, respeito pelos meus sentimentos e objetivos. O homem que eu quero nunca iria me expor como você fez. Ele jamais passaria por cima dos meus valores. Você não é o homem dos meus sonhos, Thomas, é o homem dos meus pesadelos. O que eu nunca quis encontrar, o que me tornou fria e seca por dentro, morta para o amor, morta para a vida... — Ele me interrompeu antes que eu conseguisse terminar.

— Então não sou o homem dos seus sonhos? Eu entendi o seu recado. Não sei respeitar a Cathy profissional? Sinto muito!

Havia um tom de mágoa misturado ao sarcasmo em sua voz. Ele continuou a falar, olhando bem dentro dos meus olhos:

— Apenas não tinha entendido sua prioridade, até porque, não teria como perceber, principalmente pelo fato de você muitas vezes aceitava ficar se agarrando comigo no quarto, mesmo sabendo que a equipe inteira estava do lado de fora nos aguardando para alguma reunião. Realmente muito profissional da sua parte!

— O que? — não podia acreditar no que ele estava dizendo. — Thomas, você forçava a barra todas as vezes. Eu precisava ceder ou então aquilo não acabaria nunca.

— Claro! Eu forçava a barra. Com certeza forçava. Desculpe por isso também. Apenas não percebi que você me empurrava para longe. O pior é que acreditava que suas mãos estavam me puxando para mais perto do seu corpo e não queriam me deixar — abri a boca para protestar, porém ele não me deu oportunidade, continuando a falar. — Eu sei que você gritou o tempo inteiro me pedindo para parar, no entanto eu apenas ouvia gemidos e sussurros tão quentes que me impeliam a continuar. E, muitas vezes achei que você estava enlouquecida de prazer, quando na verdade devia estar

desesperada. O seu maior pesadelo estava tentando fazer você sentir vontade de transar com ele...

Cada palavra que ele utilizava abria um buraco em meu peito. Olhar em seus olhos e ver a raiva que sentia por mim, fazia daquele momento o mais terrível de toda a minha vida. Thomas sabia ser cruel e estava sendo. Era por isso que diziam que não tinha coração. Para ele pouco importava o mal que estava me fazendo.

Foi tudo muito rápido. Antes mesmo que pudesse pensar no que estava fazendo, levantei a mão e lhe dei uma bofetada certa no rosto. Com certeza não o machucaria por fora, mas a ferida que eu queria provocar foi aberta. Thomas agora estava com a alma tão ferida quanto a minha, se é que tinha alma.

Vi as faíscas saírem de seus olhos e tive certeza de que me mataria. Imediatamente fiquei com medo da sua reação. E se ele revidasse? Um homem do tamanho dele era certamente muito mais forte do que eu. Imediatamente comecei a fugir. Abri a porta do carro e saí rapidamente em direção à escada que dava acesso a casa. Ouvei a porta bater com um estrondo, quando olhei para trás, apavorada, vi um Thomas enfurecido vindo em minha direção. Minha alma gelou! Ele me mataria, com certeza.

Meu cérebro me alertou do perigo. A única reação foi correr. Tentei manter o máximo de distância para me proteger do que viria. Abri a porta da casa, correndo em direção à escada. Se conseguisse alcançar meu quarto, estaria segura. Pelo menos por algum tempo. Ouvei seus passos atrás de mim e entrei em pânico. Ele me alcançaria com facilidade.

— Cathy! Não corra! — Ele gritava, me advertindo.

Sua voz era apenas fúria. Eu não podia parar. Seria o mesmo que suicídio. Se Thomas conseguisse me alcançar, não sei do que seria capaz. Lógico que em circunstâncias normais, respeitaria a minha vontade e mesmo irritado iria embora, mas essa era uma situação atípica. Eu tinha batido nele, além de humilhá-lo e expulsá-lo da minha vida. Tinha aberto a porta para a fera que existia dentro daquele homem frio. A que nem eu mesma sabia que existia e que estava estampada em seu rosto, correndo em minha direção.

Atirei meu corpo na direção da escada que ligava o primeiro ao segundo andar. Precisava correr o mais rápido que pudesse, ou até mesmo, além do que eu pudesse. O desespero era tão grande que minhas pernas não obedeciam ao comando do cérebro para ir mais rápido me fazendo escorregar por diversas vezes. “Merda de saltos” pensei com as lágrimas embaçando a minha visão.

Para aumentar meu pânico, quando estava no meio do primeiro lance de escadas, Thomas conseguiu me alcançar e agarrou o meu braço me puxando com força, bati as costas no corrimão. Senti uma dor profunda que quase me tirou o fôlego.

— Pare!

Ele gritava, tentando me segurar na parede. Eu me debatia, enlouquecida. Empurrei-o, afastando-me o suficiente para conseguir subir mais um pouco.

— Volte aqui! Você está louca?

A voz dele estava carregada de raiva e seus olhos, negros de ódio. Com apenas um braço ele agarrou meus ombros forçando-me a olhar para ele.

— O que você está fazendo, Thomas? Solte-me!

Eu gritava e me debatia com tanta força que consegui me libertar, empurrando-o mais uma vez para terminar de subir as escadas.

— Você não vai me dar um tapa na cara e sair impune, Cathy. Não vai mesmo! O que está pensando? Que suas ações vão ficar sem a devida punição?

Ele ficou parado no início do corredor enquanto eu conseguia correr até o seu meio. Thomas não parou porque havia desistido. Parou porque sabia que dali eu não teria mais para onde fugir. Ele sabia o que faria comigo e nenhuma porta ou grito o impediria. Mas não seria assim tão fácil. De repente toda a minha raiva acumulada transbordou. Eu estava aterrorizada, mas não iria ser fraca agora. Lutaria até o fim.

— E o que você vai fazer? — gritei desafiadoramente, do meio do corredor que dava para os nossos quartos. Eu estava cansada, triste, magoada e, acima de tudo, com muita raiva dele. — Vai me

bater também? Vai mostrar quem realmente é? Não precisa, Thomas, eu nunca me enganei a seu respeito.

Ele avançou insano em minha direção. Corri tentando chegar ao meu quarto, porém Thomas me pegou antes que eu conseguisse abrir a porta e me prensou contra a parede. Sua respiração pesada foi o único som que ouvimos por alguns segundos. Ele me olhava fixamente. Eu retribuía o seu olhar sem pestanejar. Estava alerta, atenta aos seus movimentos.

— Não vou bater em você, apesar de merecer, por ser uma garota tão teimosa e geniosa. — Com uma das mãos, Thomas segurou meus braços contra a parede acima da minha cabeça, com a outra segurou meu queixo com força. — Em vez disso, vou mostrar o que é preciso para acalmar um gênio tão difícil quanto o seu.

Vi em seus olhos o que pretendia fazer. Assisti toda sua raiva se transformar em desejo, enquanto ele desviava os olhos para a minha boca. Meu desespero aumentou. O que ele faria?

— Não, Thomas... — E ele me beijou.

Protestei, me debati. Ele soltou meus braços, permitindo que eu tentasse afastá-lo, com empurrões e tapas que não surtiam nenhum efeito em seu corpo. Mas em momento algum deixei de beijá-lo. Meu corpo não registrava a rejeição que meu cérebro enviava. A única coisa que conseguia sentir era desejo.

Em pouco tempo meus empurrões se transformaram em puxões. Meu ódio cedeu lugar para a ansiedade. Eu o queria mais do que qualquer outra coisa no mundo. Mesmo com toda a mágoa e tristeza que sentia, havia a certeza de que o queria. Já estava conformada com o meu destino. Ele tinha derrubado todas as minhas barreiras, e não tinha mais como reerguê-las.

Naquele momento entendi o porquê daquela reação tão absurda. Eu estava magoada porque ele era meu.

MEU!

E não suportaria perdê-lo para ninguém. Era isso o tempo todo. Então, como num passe de mágica, todos os meus medos sumiram, deixando em seu lugar apenas esta certeza: eu era dele e não existia mais volta. Não era mais necessário lutar.



Ele recebeu a minha mudança com desejo. Colou-se a mim e me pressionou mais ainda contra a parede. Suas mãos exploravam o meu corpo com gosto. Gemidos preenchiam o silêncio. Seus braços me suspenderam fazendo-me prender minhas pernas em sua cintura. Os lábios roçavam meu pescoço e a barba por fazer descarregava correntes elétricas durante o atrito com a minha pele. Eu queria mais! Eu queria tudo! Não existia espaço entre nós, mesmo assim tentava contrariar as leis da física forçando cada vez mais meu corpo contra o dele.

Ouvi a porta do quarto se abrir e fui levada para o seu interior. Meus olhos estavam fechados de prazer, enquanto ele segurava em meus quadris, explorando com a língua o decote que revelava os meus seios. Fui jogada na cama, na mesma hora Thomas deitou-se sobre o meu corpo fazendo movimentos que demonstravam o quanto estava excitado. Rígido de excitação. Quanto mais eu o sentia, mais o desejava.

Passei minhas mãos para dentro de sua roupa e comecei a arranhar suas costas. Sua pele se arrepiou quando ele gemeu forte, mordendo meu queixo. Eu estava enlouquecida de desejo. Puxei sua camisa e consegui tirá-la. Ele me beijava de maneira selvagem, me apertando contra si. Seus gemidos ecoavam junto com os meus pela casa silenciosa, fazendo coro. Suas mãos corriam por entre as minhas pernas me levando a gemer mais alto.

Thomas agilmente abriu o botão da minha calça, colocando a mão por dentro da minha calcinha, tocando-me como nunca tinha feito antes. Não me importei com a sua ousadia, não havia mais pudores neste momento e mesmo que existisse, eu não teria como evitar o prazer que ele me proporcionava ao tocar o meu corpo daquela forma.

Ele me acariciava enquanto seus lábios exploravam meu pescoço e meu decote. Uma onda de calor tomou conta de mim enquanto o prazer se espalhava por todos os meus poros. Agarrei-o gemendo, deixando o prazer me dominar. Foi fulminante. Senti um calor intenso explodir em meu corpo. Por um momento, não consegui pensar em mais nada, apenas me entreguei àquela sensação maravilhosa.

Logo depois um misto de satisfação e serenidade foi ocupando o espaço onde antes havia só desejo. Todo o meu corpo entrou em um nível de relaxamento nunca antes experimentado. Ele esperou que eu me acalmasse.

Suas mãos abandonaram o meu corpo por um breve momento, para depois acariciar meus cabelos, tirando-os do meu rosto, onde estavam grudados pelo suor. Abri os olhos devagar para encontrar os dele. O que vi foi um homem em conflito. Havia prazer e desejo em seu olhar, contudo havia muita tristeza também.

Por instinto minhas mãos foram ao seu rosto, acariciando-o. Nossos olhos sustentaram o contato por um bom tempo, enquanto eu presenciava seu impasse se transformar em decisão. Quando finalmente esta se formou, percebi que dentro dele a tristeza havia superado qualquer outro sentimento. Ele tinha vencido e eu perdido.

— Eu não sou o seu príncipe encantado, Cathy. Mas sou o homem que você deseja. O único que lhe dá prazer. E você foi uma idiota em não perceber isso antes.

Então Thomas levantou da cama indo embora, deixando-me sozinha naquela casa vazia, na total escuridão.

## Capítulo 15

### Medo e Descobertas

#### VISÃO DE THOMAS

**F**

iquei péssimo! Traído. Desiludido. Como ela pôde fazer aquilo comigo? Era a primeira vez que permitia que alguém fosse tão fundo em meus sentimentos e o que ela fez? Ridicularizou-me. Não acreditou em mim. Destruiu tudo, todo o meu esforço para conseguir demonstrar o que eu sentia. Eu a queria, apenas ela.

Por muito tempo acreditei ser indestrutível. Mero engano. Eu estava destruído, partido em vários pedaços. Foi exatamente por este motivo que nunca me envolvi seriamente com ninguém. Para que? Para bater de frente com uma virgem maluca que não conseguia relaxar nem se entregar?

Minha raiva era tanta que quase não conseguia conter as lágrimas, mas eu era forte, muito forte. Havia conseguido camuflar meus sentimentos por todos aqueles anos, tudo muito bem encoberto pela minha falta de interesse em algumas pessoas. Algumas pessoas. Ela havia conseguido vencer esta barreira. Tinha mudado a minha vida, me mostrado a luz onde eu só via escuridão. Fizera com que eu desejasse o que nunca imaginei que desejaria.

Fiquei em silêncio o caminho todo. Não havia mais nada a ser dito. Será que não percebeu que eu estava tão exposto quanto ela, que meus objetivos tinham sido colocados de lado juntamente com os dela? E eu que era o egoísta da história. Ri amargamente da minha situação. Dirigi que nem um louco até a casa do Dyo já com Kendel, assustado, no carro.

Eu devia estar com uma cara terrível, nenhuma brincadeira foi feita. Vai ver eu realmente dava medo, como ela já tinha me dito uma vez. Deve ser por isso que Cathy fugiu de mim, como o diabo foge da cruz.

E eu tinha ido embora. Não sei como havia conseguido sair. Não sei como tive forças para deixá-la sozinha. A única coisa que sabia era que não podia continuar. Ela havia dito que eu forçava a barra e que era por isso que cedia. Que raiva! Como pôde?

Quando Dyo e Raffaello entraram no carro, foram alertados por Kendel com um sinal para não dizerem nada. Melhor assim, eu ainda não estava em condições de conversar. Não sem demonstrar o quanto estava vulnerável. Continuei dirigindo, sem destino certo, queria apenas fugir de todos aqueles pensamentos que me puxavam de volta a casa onde a deixara.

Pelo retrovisor via o carro do Eric logo atrás do meu. "Seguranças" pensei com desânimo. Se ele tinha vindo atrás de mim, Cathy estava sozinha em casa. Provavelmente, quando eu voltasse, ela não estaria mais lá. "Talvez seja melhor assim", mentia para mim mesmo, tentando conter a dor e o desespero dessa possibilidade ser verdadeira.

A dor me sufocava tanto que só consegui dirigir mais dois quilômetros. Logo precisei encostar o carro, tentando respirar. Existia uma pedra sobre o meu peito tão pesada que obstruía minhas vias respiratórias.

Um nó imenso trancava a minha garganta me impedindo até mesmo de gritar. Fiquei ali sem vontade de pensar em nada, buscando forças para me reerguer. Foi quando ouvi o celular tocar. A esperança de que fosse ela me pedindo para voltar e esquecer tudo o que aconteceu queimou o meu coração como uma fogueira, porém esta foi apagada com um balde de gelo assim que olhei para o visor

e vi que a ligação era do Eric. Passei o celular para o Dyo. Meu segurança queria saber se estava tudo bem. Ele tinha me visto sair um pouco transtornado, por isso resolveu me seguir. Meu agente lhe explicou que estava tudo bem. Dei as costas e saí do carro. Comecei a andar em direção à praia, como se ela pudesse me devolver as forças necessárias para continuar de pé. Não tinha percebido que meus amigos estavam logo atrás de mim.

— O que você fez foi um tiro no pé — Dyo começou a falar, antes que eu conseguisse parar.

— O que eu fiz? — sentei na areia, colocando a cabeça entre os joelhos. Segurei os meus cabelos, impaciente. — Me diga, Dyo, já que você parece decidido a me dar um sermão, independentemente de eu estar disposto a ouvir ou não — realmente estava para poucos amigos.

— Não vou lhe dar sermão algum. Como se isso fosse resolver alguma coisa. Quero apenas dizer que ficamos todos em alerta. O que você fez? Demitiu Cathy? Não, acho que não. Ela se demitiu, não foi?

— Não. Não sei o que vai acontecer. Não antes de voltar para casa, o que não pretendo fazer tão cedo.

— Thomas, olhe para mim. Vale mesmo a pena? Você quer tanto levar aquela garota pra cama, que vale a pena fazê-la passar por tudo isso? Para que? Quando se cansar dela, como aconteceu com todas as garotas com quem você já se divertiu, não apenas terá perdido uma excelente funcionária como também terá expulsado de sua vida uma garota maravilhosa. Por que não sai e se diverte com uma de suas amigas que estão sempre dispostas a ser iludidas? Entenda, transar com ela será um risco enorme. Cathy está envolvida demais nesta história, tudo o que você conseguiu foi lhe causar tristeza e desespero.

— Você está errado!

— Estou? Ela é virgem, Thomas! Está aguardando seu príncipe encantado, ou qualquer coisa do tipo e ele não é você!

— Por que não? — meu coração quase explodiu de dor. — Nós somos muito parecidos. Curtimos as mesmas coisas. Nós nos entendemos. Gostamos de estar um com o outro...

Procurava desesperadamente razões para acreditar que podia dar certo. Conseguir fazer alguém acreditar que era possível. Porque tinha sido o que mais almejei nos últimos meses. Eu queria ser a pessoa que ela desejava. Havia lutado comigo mesmo para conseguir tornar isso uma realidade.

— Não é o bastante. Além do mais, se a conhecesse tão bem quanto está dizendo, jamais teria feito o que fez hoje. Nunca teria interferido na vida profissional dela. Nunca iria impor a sua vontade só pelo fato de ser o chefe, principalmente quando o assunto era pessoal — ele olhou para mim desafiadoramente.

— Ele tem razão! — Kendel se manifestou pela primeira vez. Pelo visto todos estavam contra mim. Senti vontade de enterrar minha cabeça na areia e não tirá-la nunca mais.

— Não sabia o que fazer. Isso tudo é novidade para mim também — eu me desculpava como se ele fosse o pai de Cathy. — Não queria passar por cima dela, apenas esclarecer um mal-entendido. Estava com medo! Ela não me atendia, não queria falar comigo. Se deixasse, iria fugir outra vez e eu não iria suportar.

— É. E para isso você mostrou para a garota o quanto é arrogante e egoísta? Ótimo! Agora Cathy sabe exatamente quem você é. Sinto-me mais tranquilo com tudo isso, pelo menos sei que a coitada não irá cair na sua lãbia — era exatamente o que ela tinha me dito.

Foi o mesmo que enfiar uma faca em meu coração. O que fazer para que as pessoas percebessem que não era mais a pessoa que demonstrei ser durante tanto tempo? Que agora era apenas eu mesmo e tudo por causa do que sentia por Cathy?

— Você não sabe do que está falando — a mágoa me corroía.

— A única coisa que sei é que Cathy não merece ser mais uma para a sua coleção. Acabou, Thomas. No início era até engraçado, mas ela já mostrou o seu valor para todos nós, não posso permitir que continue brincando com os sentimentos da minha amiga. Ela é diferente e você nunca vai conseguir enxergar isso.

— MEU DEUS! O QUE POSSO FAZER PARA QUE TODOS PERCEBAM QUE EU JÁ SEI DISSO? — gritei desesperado.

Meu agente congelou imediatamente.

— Dyo, me escute um minuto, por favor, já que você está aqui e me disse tudo o que pensa — tentei controlar o meu desespero. — Eu penso do mesmo jeito que você.

— Ótimo!

— Espere, eu não terminei — resolvi abrir meu coração com eles. Era o que precisava naquele momento. — No início era exatamente o que eu queria, não sabia que Catherine era virgem, no entanto tudo mudou quando soube. Na verdade hoje percebo que tudo já havia mudado antes mesmo de saber. Primeiro fiquei curioso. Era tudo tão diferente do que estava acostumado, então fui me envolvendo tanto que acabei preso. Não tenho como voltar atrás, você me entende? — suplicava por apoio.

— Não, não entendo. E, sinceramente, não acredito em você.

— Dyo alguma vez, nesses anos todos que me conhece, você me viu desperdiçar tanto tempo com alguma mulher?

— Não. Mas Cathy tem um atrativo a mais.

— Dyo, tá legal, cara! Eu morro de tesão por ela, admito, mas é diferente. Cathy é única! A forma como somos quando estamos juntos, nossas conversas, nossas brincadeiras, sem contar o fato dela ser apenas... Ela. Sua pele macia, a voz... É tudo diferente.

Lágrimas rolaram dos meus olhos me deixando tão surpreso quanto Dyo. Olhei para minha mão úmida e me senti tão frágil que poderia quebrar ao meio. Sentei abraçando meus joelhos, assustado. Meu amigo me olhava admirado, enquanto o silêncio tornava a situação bastante constrangedora. Um sorriso surgiu em seu rosto, baixei a cabeça com vergonha do meu comportamento. Não só naquele momento, mas principalmente por todos os absurdos que já tínhamos vivenciado em se tratando de mulher.

— Meu amigo, estou vivendo uma situação inédita. Você está amando?

Ele sentia prazer em constatar tal fato, no entanto eu mesmo nunca havia tentado definir o que sentia até aquele momento. Será que realmente estava amando? Nunca uma mulher despertara em mim sentimentos tão contraditórios ao mesmo tempo. Era uma sensação de angústia e prazer inexplicável. Um fogo que ardia e

gelava. Que queimava por dentro, mas não causava dor. Seria amor o que então eu estava sentindo? E como seria? O que deveria fazer?

— Eu não sei o que dizer, Dyo. Nunca me senti assim. E o pior de tudo é que ela é louca. Fez a maior confusão hoje, não quis me ouvir e pra piorar tudo ainda me deu um tapa na cara no meio da nossa discussão, depois fugiu como se eu fosse o louco psicótico. Dá para acreditar nisso? — omiti a outra parte. Cathy não precisava de mais exposição.

— Ah, dá sim! Em se tratando da Cathy, consigo até visualizar a cena — meu amigo riu da minha cara. Não existia ironia nem escárnio em sua risada, era apenas mais uma constatação.

— Do que você está rindo?

— Da situação ridícula que vocês dois criaram. Duas pessoas leigas na mesma matéria descobrindo pela primeira vez o amor. Que lindo! Dá pra escrever um livro — e voltou a rir. — Só que vocês são dois adultos. Deveriam cuidar do problema como tal e não como dois adolescentes recém-saídos do colegial. O que falta, então? Se vocês se amam, o que precisa ser feito para toda essa pressão acabar?

— Ela não está apaixonada por mim, Dyo!

Mais uma vez fiquei surpreso com a tristeza que essas palavras me trouxeram. Ela não me queria e me dera todas as provas disso. Cathy disse que eu era o seu pior pesadelo.

— Ah, está sim! Tão apaixonada que não consegue esconder de mais ninguém, Thomas. Todos nós já havíamos percebido. Por isso a estávamos defendendo-a tanto. E você já deveria ter percebido também. Dá para ver só na forma como ela te olha, ou como suspira quando você passa perto demais, ou como fica sem jeito quando estão conversando na presença de outras pessoas. Ou até em quando começa a olhar o relógio de cinco em cinco minutos, quando está chegando a hora de vocês irem embora. E, sinceramente? Todo mundo sabia que Cathy corria para o seu quarto no meio da noite. Chegamos até a fazer uma aposta para saber se nossa amiga ainda era virgem. Sinto muito por isso e nunca a deixe saber — olhei para meus amigos e vi que todos sorriam para essa realidade.



— Bom, estão todos enganados. Ela mesma me falou hoje. Não quer mais que eu encoste nela — eu lutava contra a faísca de esperança que ressurgia em meu peito.

— Ela disse? — ele parecia animado com a situação. — Vamos lá, você precisa dizer diretamente a Cathy o quanto está apaixonado — tentou me puxar pelo braço. — Tenho certeza que quando ouvir de você tudo vai mudar.

— Pode até ser. Vocês devem estar com razão. Mas não posso ir para casa agora. Ela vai me expulsar com certeza, se é que ainda está por lá — meu medo de que essa última parte fosse verdade foi tão forte que peguei o celular e comecei a discar para Cathy. Interrompi a ligação antes mesmo de completar.

— Não sei se posso fazer isso — constatei, derrotado.

O que aconteceu entre nós dois mais cedo foi forte demais. Eu não poderia resolver tudo com uma ligação, ou simplesmente aparecendo em casa com a maior cara limpa pedindo desculpas.

— Por que não? — Raffaello interrompeu minha reflexão.

— Por que ontem eu disse que não sabia o que sentia por ela. Sei que ficou decepcionada comigo. E agora, depois de tudo... Depois de toda a nossa discussão... — pensei no que poderia dizer. — Dissemos muitas coisas ruins um ao outro. Não tenho certeza se Cathy será capaz de me perdoar, nem o que dizer para mudar o que aconteceu.

— Você quer ficar com ela? — A pergunta do Kendel me fez revirar os olhos. Era lógico que eu queria.

— É o que mais quero, Kendel. Mais até do que o próprio ar.

— Então levante daí e vá atrás do seu amor. Vocês já perderam tempo demais com essa coisa de sim e não.

— E o que eu vou dizer? — perguntava mais para mim mesmo do que para ele.

— Na hora vai saber. Essas coisas não se programam. Não estamos num filme, Thomas, chegue lá e diga o que tiver vontade, ou não diga nada. Muitas vezes uma atitude vale mais do que as palavras. Só quando estiver com Cathy vai saber o que fazer.

Esse era um dos momentos raros na minha vida. Kendel finalmente falava algo que não era absurdo, nem lógico demais, nem

idiota demais. Ele estava com a razão. Estava coberto de razão.

De súbito tudo se tornou tão claro e perfeito, tão completo como nunca iria imaginar. Tinha certeza dos meus sentimentos, estava certo do que queria e não iria mais fugir nem evitar. Então o amor era assim? Corria por minhas veias como adrenalina, acelerava o coração, estimulava o meu raciocínio, guiava os meus passos. Eu estava amando. Era tão maravilhoso!

— Preciso ir para casa — uma ideia assaltou meus pensamentos.  
— Mas antes eu tenho que fazer uma coisa.

## VISÃO DE CATHY

Ele me deixou ali, sozinha. Não apenas fisicamente, mas emocionalmente também. Thomas havia desistido de mim, de nós dois. Abandonou-me. Depois de tudo o que passamos juntos, de tudo o que desejamos viver, ele me abandonou. O meu desespero era tanto que me prendeu à cama, imóvel, completamente perdida e desorientada. O que eu iria fazer agora? Ele não me queria mais.

Só de pensar nisso um buraco profundo se abria em meu coração. Logo agora que entendi que não valia mais a pena lutar contra. Não sei por quanto tempo fiquei deitada sem me mover, quando dei por mim já era noite e ele ainda não havia voltado. Mas teria que voltar. Havia uma viagem agendada para o dia seguinte. Ele voltaria. Meu coração se encheu de esperança. E se Thomas realmente não me quisesse mais? Como eu conseguiria olhar em seus olhos? A dor da rejeição era imensa.

Levantei para tomar um banho. Demorei o máximo possível embaixo d'água. Deixei que ela levasse cada pedacinho de medo que restava em meu corpo. Quando saí, minha pele já estava ficando enrugada. Fui ao closet vestir a primeira camisola que encontrei, depois voltei para o quarto vazio. Ele parecia enorme e frio.

Eu estava cansada, porém não queria me deitar naquela cama tão cheia de lembranças, tão repleta do cheiro dele. Só de olhá-la, conseguia sentir a presença do nosso calor. Como foi que tudo aconteceu mesmo? Como pude ser tão insegura? Ele estava comigo,

dava todos os sinais de que queria ficar, no entanto fui tão tola e infantil, me deixei levar pela dúvida, pelo medo.

Deixei que o medo de ser uma pessoa triste e sem vida, como a minha mãe, me tornasse exatamente o que eu mais temia. Porque era assim que me sentia naquele momento: triste e sem vida. Ele tinha ido embora levando o que havia de melhor em mim, deixando apenas essa imensa dor. Pensei em todos os sentimentos contraditórios que sentia quando estávamos juntos. Onde estavam eles? Por que desta vez eu estava tão certa do que queria? Por que não tinha mais medo?

Lembrei-me de minha mãe e de todo seu sofrimento. Só desta forma eu podia entender porque ela nunca havia conseguido abandonar o meu pai. Ela o amava demais e quando descobriu que ele já era casado com outra mulher, não havia mais como mudar o seus sentimentos. Porque, por pior que seja, não existem formas de fugir do amor, muito menos de desistir dele. Não é possível conseguir deixar de senti-lo. As pessoas mais fortes conseguem viver sem a pessoa amada, mas não conseguem arrancar do coração o amor que sentem por elas. Era assim com Lauren também.

Eu chorava, não podia evitar. Tinha sido tão burra!

Com raiva atirei o meu celular na parede. Ele se partiu em pedaços. Não me incomodei por isso. Nada mais me importava. Aproveitei o vazio da casa e decidi me deitar em um dos imensos sofás lá de baixo. Ficaria longe das lembranças do quarto.

Andava lentamente, cabisbaixa. Encarar a vida e o que sobrara para viver era extremamente triste. Thomas era tão presente, tão sólido, não conseguiria torná-lo parte do meu passado, já que ele deixara de ser o meu futuro.

Quando cheguei ao alto da escada ouvi vozes do lado de fora da casa. "Thomas voltou", pensei emocionada. "Ele voltou para mim". Precisei de me conter para não correr pelas escadas e implorar para que me desculpasse. Senti meu coração acelerar com a expectativa do nosso reencontro. Aguardei um pouco até que ele estivesse dentro de casa.

O silêncio me fez perceber que eram duas vozes e não uma, "Ele está acompanhado?" Pensei com dor. E se tivesse arrumado uma

forma de me punir, me mostrar o quanto fora idiota, infantil? De me fazer entender que o perdera para sempre? Senti meus olhos molhados e comecei a descer as escadas para tentar escutar o que diziam. Eu precisava ter certeza do que ele estava fazendo.

Assim que me posicionei para escutá-los melhor, congelei com a constatação: não era a voz do Thomas. Não era a voz de ninguém conhecido. Eram pessoas estranhas, ali na porta da frente. Desci apreensiva mais um degrau para me certificar. “Seriam paparazzi?”. Onde estava Eric? Devia ter ido com Thomas.

Desci mais um degrau ainda invisível para quem quer que estivesse na porta e fiquei bem quieta, esperando que desistissem ao perceber que não havia ninguém em casa. Quando Eric voltasse, eu contaria tudo a ele. Alguém teria de colocar um freio nestes paparazzi sem noção. Como eles podiam ter a coragem de tentar invadir uma residência? O que eles queriam? Fiquei bem quieta tentando obter o máximo de informações. Então consegui ouvir o que conversavam.

— Tem certeza que não tem ninguém? — era uma voz rouca, grossa.

Imaginei que pertencia a um caminhoneiro ou a um estivador, desses de filme mesmo. Rude e grosseiro. Não era a voz de um repórter, disso eu tinha certeza. Gelei.

— Tenho sim. Fiquei de vigia o dia inteiro. Vi quando o motorista chegou com os dois e depois de um tempo vi o atorzinho indo embora, logo atrás dele estava o segurança. Os funcionários saíram antes deles chegarem. A garota eu não vi sair. Deve estar aí dentro — a outra voz era mais fina e mais segura.

— Beleza! A casa é muito grande e parece repleta de objetos de valor. Acho que vamos faturar mais alguma coisinha com esse serviço.

— Eles riram baixo.

Meu Deus! Eram ladrões. Eram ladrões e eu estava ali sozinha naquela casa imensa. Que droga! Eric precisava ter ido com Thomas? E por que Thomas tinha levado Eric? Ele não tinha se tocado que eu ficaria sozinha, desprotegida? Lembrei-me de todas as vezes que ele havia pedido ao seu segurança para ficar, alegando

que não podia me deixar só na casa. Por que não fizera isso dessa vez? Essa foi mais uma constatação de que meu chefe desistira de mim e não se importava com nada que pudesse acontecer comigo. A tristeza quase me sufocou. O desinteresse dele tinha me atirado nas mãos de ladrões.

E se eles conseguissem entrar, o que eu faria? Pensei em gritar, mas logo lembrei que não havia ninguém para ouvir além dos próprios ladrões. A polícia. Era isso! Eu iria ligar para a polícia.

Procurei meu celular, só para me lembrar de que ele estava todo espatifado no canto do meu quarto. O telefone, apesar de sem fio, se escondia em algum lugar da sala onde, provavelmente eu não poderia pegar, pois iria me revelar para os ladrões. Pensei várias vezes no que fazer. Ouvi a porta ser forçada e entrei em desespero. Respirei mais aliviada quando percebi que eles não conseguiram abrir. Pelo menos estava do lado de dentro enquanto eles, no de fora. Alguém poderia chegar a qualquer momento, forçando-os a irem embora.

— Não podemos arrombar, esse povo importante tem sistema de alarme ligado à porta acionando diretamente a polícia. É melhor tentarmos o vidro mesmo é mais fácil e não corremos o risco de ser surpreendidos — o da voz fina falou. Meu Deus, o que eles vão fazer? Derrubar todas as portas de vidro?

— E a garota? Ela pode ouvir alguma coisa e avisar a polícia.

— Não se preocupe. Ela deve estar dormindo. Não tem nenhum movimento na casa. Nenhuma luz acesa, nem barulho. Fiquei bem alerta quanto a isso.

— Ela vale a pena?

— Se vale. É uma beleza. Um corpo de fazer cair o queixo. Você não viu as fotos?

— Não. Não vejo essas coisas... Mas se é assim, teremos um grande lucro.

Eles riram outra vez, e eu me desesperei ainda mais. Estavam falando de mim, eu era o lucro. Enfiei as unhas em minhas mãos até sentir a ferida abrir. Não podia gritar. Não podia alertá-los da minha presença. Mas podia tentar sumir dentro da casa. Ela era muito grande e com certeza não conseguiriam vasculhá-la em tempo hábil.

Pensei nas possibilidades, descartando o andar de baixo. Não teria como passar despercebida. Só existia o andar de cima. O lugar mais seguro era o meu quarto, que ficava no final do corredor. Era mais provável que vasculhassem os primeiros cômodos e nestes havia coisas de valor suficientes para deixá-los satisfeitos.

Sem fazer barulho, subi de volta. Fiquei bem quieta tentando escutar o que diziam. Silêncio. O que eles estariam tramando? Onde estariam? Todo o meu corpo ficou atento. Os meus músculos estavam tão rígidos que eu não sabia se conseguiria correr, caso fosse necessário. Foi quando ouvi um barulho vindo de baixo. “A grande porta de vidro”, pensei, em pânico. Eles disseram que era mais fácil. Eu sabia que a porta e as janelas possuíam alarme, mas e as portas de vidro? Estiquei-me para olhar sem chamar a atenção deles. Vi quando duas sombras, que deveriam ser dois homens, tiraram uma ferramenta de uma grande bolsa e a posicionaram na porta de vidro que dava acesso à piscina e à praia.

Estava muito escuro, não dava para ver como eram, apenas pude verificar que um deles era baixinho e gordo e o outro alto e forte, “estilo Kendel”, pensei amedrontada. A ferramenta fez uma circunferência perfeita no vidro, sem nenhum barulho, depois outra retirou o tampão que se formou, também de forma bastante silenciosa, abrindo uma entrada para a grande sala. Eles iriam entrar. Agora não havia mais obstáculos.

Meu cérebro mandava tantas informações ao mesmo tempo me impedindo de raciocinar corretamente. Foi tão rápido, não mais do que dois minutos para eles entrarem sem fazer qualquer alarde. Continuei congelado em pânico. Meus pés não respondiam. Precisava dominar o meu corpo, ou então eles iriam conseguir me pegar e eu sabia exatamente o que queriam. “Thomas, cadê você?”; minhas lágrimas começaram a cair.

Respirei fundo e me obriguei a voltar bem devagar para o meu quarto. Cada passo pareceu durar uma eternidade, mas enfim eu consegui chegar. Fechei a porta com o maior cuidado, trancando-a. Talvez não se dessem ao trabalho de vir me procurar. Essa era a minha esperança. Eu me agarraria a ela até o fim.

Peguei o meu computador e acessei a internet. Abri meu e-mail, digitei uma mensagem para Mia, pedindo socorro. Enviei com cópia para Dyo. Fechei os olhos e comecei a rezar para que vissem logo a mensagem. O tempo passava lentamente, eu conferia meus e-mails a todo minuto na esperança de uma resposta. Nada. Com o quarto escuro, tive medo de que conseguissem ver a luz do computador por baixo da porta, por isso resolvi desligá-lo. Se alguém recebesse a minha mensagem não iria se dar ao trabalho de responder, chamaria a polícia, pensei esperançosa.

Tive medo do Thomas chegar e ser surpreendido pelos bandidos. Só a ideia já me deixou aterrorizada. Nada poderia acontecer com ele, eu não suportaria. Então, de repente, comecei a agradecer a Deus por estar sozinha na casa. Se estivéssemos juntos e os bandidos conseguissem o que pretendiam, Thomas sofreria muito. Eu aguentaria o meu sofrimento, mas não suportaria vê-lo sofrer. Por mais que ele tivesse me abandonado, por mais que tivesse decidido não me querer mais.

Ouvi passos no corredor. Eram eles. Eu estava enganada. Nada de valor que havia no andar de baixo foi suficiente para impedi-los. Fiquei atenta aos seus passos. Percebi que estavam vasculhando cada cômodo. Cada um num tempo diferente do outro. Cada minuto que passava mais desesperada ficava. Toda vez que os passos recomeçavam, minha angústia me devastava. Eles entraram no quarto do Thomas, não demoraram nem cinco minutos por lá. Em menos tempo do que isso, estavam à minha porta. Vi quando forçaram a maçaneta, mas não conseguiram abrir. Sentei encolhida no chão do quarto. Queria poder sumir, ser capaz de desaparecer sem deixar vestígios.

— Ela deve estar dormindo. As luzes estão apagadas e nenhum barulho vem lá de dentro.

— Nada. Ela é esperta. A contratante me avisou. Deve ter percebido a nossa presença e se trancou aí dentro — eles falavam livremente, sem se dar ao trabalho de esconder que estavam ali.

— Abra esta porta, garota. Facilite as coisas para todos nós — o de voz fina falou.

Fiquei paralisada. Não conseguia parar de tremer, mas também não conseguia chorar. Eu pensava a todo vapor em busca de uma forma de escapar. Só existiam duas saídas: a porta de entrada ou a enorme janela de vidro. Pela porta era impossível e pela janela, muito arriscado. Estávamos no segundo andar, a queda poderia me machucar muito. Eu ficaria ferida, talvez até tivesse ferimentos mais graves. Ainda assim era melhor do que cair nas mãos deles. Fiquei pensando tentando decidir o que fazer.

— Docinho, não nos faça esperar muito tempo. Seja boazinha com a gente e seremos bonzinhos com você.

Não havia mais o que pensar. Tinha que agir. Olhei para o quarto procurando algo que me ajudasse a quebrar o vidro. Precisava ser grande e eu teria que ter força, pois seria apenas uma chance. Não poderia ser algo que precisasse bater várias vezes para conseguir quebrar o vidro. Pensei na espreguiçadeira, mas era muito pesada. Só o tempo que eu perderia para levantá-la seria suficiente para eles entrarem. O computador era mais leve e eu aguentaria carregá-lo. Quando estava prestes a pegá-lo, eles gritaram de fora do quarto:

— Uma porta não vai nos impedir de entrar e uma queda desta altura não irá nos deter de alcançá-la. Pense bem, ninguém precisa se machucar, aliás, você não precisa se machucar.

— ouvi mais risadas do outro lado. Eles estavam contando com a vitória. Sabiam que eu estava aterrorizada e isso parecia aumentar o seu prazer.

Eles sabiam o que eu estava planejando. Viriam atrás mim de qualquer maneira, então começaram a forçar a porta, depois a empurraram com cada vez mais força. A qualquer momento ela cederia. Não era uma porta forte, projetada para resistir a pancadas, era uma porta frágil, com a única finalidade de ser bonita. Mais uma peça de decoração para a casa perfeita.

Sem pensar, peguei o computador e o atirei com toda a força no vidro; era tudo ou nada. Os pedaços se espalharam por todo o quarto com um barulho ensurdecedor, não só da pancada do ou do vidro quebrando, adicionado a isso havia o barulho do vento, forçando a sua entrada no quarto. Eu sabia que a distância da nossa casa para a mais próxima era grande demais para alguém ouvir o



que estava acontecendo. Senti o vento, vindo do mar, entrar com força no quarto, revirando os papéis de minha mesa. A cena lembrava a ideia que eu tinha do fim do mundo.

Eu estava sangrando na mão e num dos pés por causa dos estilhaços. O sangue pingava pelo chão do quarto. Cheguei perto do buraco que agora ocupava o que antes era uma grande janela de vidro e olhei para baixo, vendo o jardim. Era mais alto do que imaginava e eu iria me machucar com certeza. O medo conseguiu ser mais forte do que a coragem de pular. Ouvei uma batida bem forte atrás de mim que me fez ter a certeza de que iriam derrubar a porta. Precisava decidir o que fazer.

Antes de conseguirem derrubá-la, corri de volta para o closet, passando por cima da cama, me trancando. Foi uma estratégia para despistá-los. Eles pensariam que eu tinha pulado e correriam atrás de mim. Assim eu esperava. Encontrei um espaço entre os vestidos longos de festa. Achei que seria o local perfeito para me esconder caso resolvessem saquear o meu quarto também. Sentei com as pernas dobradas, me espremendo o máximo possível rente à parede, permanecendo ali, sem me mover.

— A desgraçada pulou mesmo. Aquela vadia. Bem que a dona falou que ela era escorregadia. — ouvi os dois gritando dentro quarto.

— Nós vamos pegá-la. Disso eu tenho certeza — um segundo de silêncio e ele acrescentou: — Olhe no banheiro, não vejo sinal de uma queda. Se ela tivesse pulado no mínimo quebraria um pé. Não teria tempo de sumir das nossas vistas assim tão rápido. Também não tem marcas de sangue lá embaixo. Fique atento, ela pode estar escondida. Vasculhe o quarto. Não deixe passar nenhum buraco em que aquela vadia possa caber.

Merda! Eles vão me achar. Deus! Será que ninguém tinha recebido a minha mensagem?

Preso no closet, eu não teria como escapar. Quanto tempo já tinha se passado desde que Thomas saíra? Ele já devia ter voltado, com Eric, de preferência, e com a polícia, que já deveria ter sido alertada por Mia ou Dyo.

O tempo passava, e o único som que eu ouvia era das coisas reviradas e quebradas do lado de fora do closet. Então era isso? Era assim que terminaria? Essa seria a minha última imagem? Não. Minha mente se recusava a aceitar esse momento horrível. Se tivesse de morrer, e certamente iria, a última imagem que gostaria de ter, era o rosto do Thomas, sorrindo travesso para mim. Ou com seus olhos cheios de desejo. Era isso o que eu iria fazer, ficaria com ele.

Fechei os olhos e tentei pensar em coisas boas enquanto os ouvia revirar o meu quarto. Pensei no meu primeiro dia naquela casa, em toda a minha expectativa com o novo emprego. Pensei na primeira vez em que vi Thomas; meu coração recebeu essa imagem com muito calor. Sorri das ironias da vida.

Havia me guardado todos aqueles anos. Tinha recusado a aceitar o amor como parte da minha vida, evitado os momentos de prazer, afirmando para mim mesma que isso era dispensável. Eu mentia. Não só para os outros, mas para mim mesma. Queria tanto acreditar que este sentimento é desnecessário para o meu amadurecimento que acabei aceitando isso como uma verdade absoluta. Até conhecer Thomas.

Bastou olhar para ele para entender que na verdade eu esperava pela pessoa certa, aquele que seria o meu príncipe encantado, não precisava nem ser príncipe, mas precisava me encantar. Tinha me encantado com ele desde o primeiro momento. Sabia que seria dele desde o nosso primeiro beijo. Deixei as lágrimas chegarem e me senti feliz por ainda poder chorar. Realmente queria chorar, queria lamentar tudo o que deixaria de viver com ele, tudo que tinha escolhido viver apenas com o meu namorado e que não poderia mais. Agradei os momentos em que estivemos juntos e percebi o quanto fui feliz ao seu lado. Eu me sentia leve, completa.

— Ela está aqui dentro deste quatinho — porta foi forçada.

— Agora você não tem mais para onde fugir.

Ouvi as palavras ao longe. Estava conseguindo me distanciar. Uma onda de felicidade tomou conta do meu coração. Eu tinha sido feliz. Contra todas as expectativas, havia conseguido amar e ser feliz. Por esse motivo, iria ficar trancada dentro de mim, apenas com

Thomas. Ficaria revivendo todos os nossos momentos, todos os nossos sorrisos, todos os nossos beijos. Até que meu corpo sucumbisse ou até que meus sonhos se tornassem realidade. Eu era capaz de conseguir fazer isso. Era capaz de sumir dentro de mim mesma e era o que faria. Não seria deles. Seria apenas do Thomas.

Deixei meus pensamentos me levarem além do que estava vivendo. A felicidade na qual eu estava agora atrelada, não permitia que meu corpo sentisse os efeitos do tempo. Estávamos apenas nós dois. Em nenhum momento específico, em nenhuma data especial. Apenas éramos o que sempre havíamos sido um para o outro. Eu me contentava apenas em olhar os seus olhos, sorver suas palavras, em me perder em seus sorrisos.

— Cathy! — não sei quanto tempo fiquei ali, perdida dentro de mim mesma. Eu vivi e revivi tantas vezes os nossos momentos que comecei a ouvir a sua voz chamar o meu nome. Meu coração reviveu com a sua voz tão presente, tão verdadeira. “Eu morri”, pensei feliz e aliviada, “Eu consegui, Thomas, eu fui só sua”.

## Capítulo 16

### Depois da Tempestade... A Entrega

#### VISÃO DE THOMAS

V

oltava para casa, ansioso para chegar. Dyo havia tentado falar com Cathy várias vezes, mas seu celular sempre caía na caixa postal. Ela deve tê-lo desligado com raiva de mim. Sem problemas, eu iria encontrá-la. Iria buscá-la onde quer que estivesse. Não iria perdê-la novamente. Nunca mais.

Era incrível a certeza que sentia de que tudo ficaria bem. De que nós ficaríamos juntos e para sempre. Eu queria aquela mulher, e daria em troca o meu coração, que já era dela. A felicidade estava tão presente que era visível. Não havia mais dúvidas, receios ou inseguranças. Eu sabia que pertencia a ela e ela a mim. Mesmo ainda não tendo ouvido a confirmação dela. Era tão inevitável quanto o nascimento do sol todos os dias.

Quando estava chegando à casa do Kendel para deixá-lo, o celular do Dyo tocou. Pensamos que era ela. Mas para minha surpresa era o administrador do meu condomínio avisando ao meu agente, o encarregado pela minha administração, de que havia acontecido alguma coisa em minha casa. “Meu Deus, Cathy”, foi a primeira coisa em que pensei. Voei para lá sem me preocupar com

sinalização ou qualquer outra coisa. Queria chegar, ter certeza de que ela estava bem. Só assim eu voltaria a ter paz.

Ainda distante dava para ver as luzes dos carros da polícia na porta da minha casa. Comecei a tremer. Parei o carro no meio da rua e corri em direção a confusão, sem me preocupar com chaves ou documentos. Alguns policiais tentaram me deter, mas consegui passar sem maiores problemas. Eles sabiam quem eu era e a quem a casa pertencia. Os rapazes vinham logo atrás de mim. Mal comecei a adentrar o espaço, encontrei com Mia. Ela chorava desesperada. Meu coração descompassou. Minha cabeça começou a girar e meu estômago se contorceu.

— O que aconteceu? — Gritei. Não tinha por que ter cuidados agora. — Mia, cadê Cathy?

— Calma, Thomas.

— Calma? — Me desesperei. — Mia, pelo amor de Deus, cadê a Cathy? — Eu estava louco.

— Eu não sei. Ninguém sabe — ela chorava muito.

— Como assim? O que aconteceu? — Meu desespero era tanto que peguei Mia pelos ombros e comecei a sacudi-la, tentando arrancar dela alguma informação.

— Thomas, vá com calma — senti Dyo apertar meu ombro com força.

Não apenas para me acalmar, mas, principalmente, para me impedir de machucar a amiga da minha namorada. O que eu com certeza não faria, mesmo transtornado como estava. Larguei-a e recomecei a andar em direção a casa. Todos me acompanharam. Mia tentava falar enquanto me seguia.

— Ela me mandou uma mensagem pedindo ajuda. Disse que a casa tinha sido invadida. Eu chamei a polícia e vim direto para cá. O problema é que só vi a mensagem meia hora depois que ela me enviou e, entre chamar a polícia e conseguir chegar aqui, devo ter perdido mais uns vinte minutos. Cheguei logo depois dos agentes, mas ninguém conseguiu encontrá-la ainda. Reviraram a casa inteira. Parece que os ladrões conseguiram fugir, mas não há nenhum sinal da Cathy. Eles estão cogitando a hipótese dela ter conseguido sair, por isso iniciaram uma varredura pelo condomínio e arredores.

Entrei na casa atordoado. Onde ela estava? O que tinha acontecido realmente? Se havia conseguido fugir, por que ainda não avisara a polícia? E se Cathy não tivesse conseguido? E se estivesse agora em mãos de bandidos? Enquanto eu pensava, percebi a presença de um homem de estatura baixa, careca, com uma barriga que lembrava alguns desenhos animados, em que o personagem se veste de barril. Era moreno e demonstrava ser bastante ágil, o que contradizia o seu aspecto físico. Pela maneira, como conversava com os policiais, devia ser o chefe. Ao me avistar veio em minha direção e se apresentou.

— Sr. Collins? Sou o chefe de polícia, Smith — apertamos ligeiramente as mãos. Meus olhos percorreram a casa parcialmente destruída.

— O que aconteceu?

— Recebemos a denúncia de arrombamento e viemos verificar. Parece que a senhorita Brown deu o alerta para uma amiga.

— Sim, onde ela está? — Eu precisava encurtar a conversa. Dispensar tudo o que já sabia e ouvir o que não sabia.

— Não sabemos ainda. Encontramos a casa vazia. Eles fizeram um buraco no vidro da sala e entraram por lá — indicou com o dedo o local por onde os ladrões tinham entrado, o que me deixou alarmado. — Por favor, verifique se falta alguma coisa de valor na casa...

— O que havia de maior valor era Cathy, chefe, o resto não tem a menor importância.

— Entendo. A princípio, não temos sinal dela. O único cômodo que está revirado é o que me pareceu ser o quarto da senhorita em questão.

— Revirado? — Minhas pernas pareciam perder as forças.

O que eles fizeram com ela? Meus olhos foram em direção do seu quarto.

— Sim. A porta foi arrombada, a janela foi feita em pedaços, os papéis estão espalhados, o computador foi arremessado lá de cima para o jardim dos fundos. Acredito que o vidro tenha sido quebrado com ele — olhou para mim pelo canto dos olhos e depois fingiu ler

algumas anotações. — Encontramos sangue, em pequena quantidade. Ainda não sabemos de quem é e...

— E? — Eu não sabia se tinha forças para ouvir o que ele iria dizer.

— E a cama está completamente destruída. Os lençóis foram rasgados e o colchão não poderá ser utilizado novamente — calou-se como se quisesse observar a minha reação.

Passei as mãos pelos cabelos, tentando afugentar o que se passava em minha cabeça. Não era possível. Isso não poderia ter acontecido com ela. Uma dor profunda rasgou o meu peito. Eu não conseguia respirar. Procurei apoio em um sofá próximo de onde estávamos. Todos estavam ao meu lado, mas nunca me senti tão sozinho. Como fui idiota! Saí e deixei Cathy sozinha em casa, vi que Eric estava me seguindo, mesmo assim não o mandei voltar para cuidar dela. Senti-me tão inútil, tão miserável. Tão pequeno.

— Chefe — ouvi alguém chamar lá de cima — Tem uma porta no quarto que está trancada por dentro. Acreditamos que haja alguém lá, pois encontramos pingos de sangue no chão próximo à porta e uma digital, também de sangue, na maçaneta.

Eu já estava correndo pelas escadas antes mesmo do chefe dar alguma ordem. Era ela, eu tinha certeza. Iria tirá-la de lá, mesmo que ferida. Precisava estar presente quando abrissem a porta. Precisava mostrar a Cathy que eu estava com ela, independentemente do que tinha acontecido.

— Cathy! — Gritei ainda do corredor. Quando cheguei ao quarto, fiquei assustado com o caos. Meu desespero aumentou. Eles tinham machucado a minha Cathy.

— Cathy! Cathy, você está aí? — Gritava. Eu derrubaria a porta se fosse necessário. Estava pronto para fazer isso.

— Senhor, aguarde. Pode não ser ela. Pode ser o próprio ladrão escondido, com medo da represália. E pode ser também... o pior.

As palavras do policial tiraram meu chão. O que poderia ser pior? Eu não poderia perder Cathy, não deste jeito. Não agora, que conseguiria dizer o quanto a amava. Minha cabeça começou a girar. Estava certo de que não suportaria esperar mais um minuto.

— Thomas — pensei tê-la ouvido chamar meu nome.

A voz estava tão distante, fraca. Mas eu ouvi realmente. Era ela do outro lado da porta. Devia estar machucada. A raiva tomou conta de mim.

— Cathy, se estiver aí fale comigo — bati com força na porta. O desespero se apossando do meu corpo quase por completo. Ouvi a voz dela do outro lado:

— Thomas! Thomas! Estou aqui — meu coração se encheu de esperança e felicidade. Cathy estava lá.

Ouvi seus passos arrastados se aproximarem da porta.

— Cathy, você está bem? Abra a porta.

Lágrimas de alívio desciam pelo meu rosto. Ela estava realmente lá.

## VISÃO DE CATHY

— Cathy! — Sua voz estava mais forte, mais urgente, mais sofrida. — Cathy, você está aí? — Ele gritava.

— Thomas — minha garganta estava seca, abafando a minha voz.

Ele havia voltado. Tinha conseguido chegar a tempo. Eu estava livre para viver fora de mim mesma. E o melhor de tudo, para viver com ele. Senti o desespero em sua voz. Thomas estava sofrendo. Queria pedir para ele não sofrer. Queria confortá-lo.

— Cathy, se estiver aí fale comigo — abri os olhos e ainda estava lá, no mesmo lugar, encolhida no closet do meu quarto. As batidas na porta me tiraram do transe em que me encontrava. — Cathy, meu amor, me diga se você está aí — ele parecia desesperado.

— Thomas — consegui falar mais alto. — Thomas, estou aqui.

Ele estava lá. Estava comigo. Tinha voltado. Era como num conto de fadas aonde o príncipe chegava e salvava a princesa de sua torre. Do dragão. Dos bandidos. Eu tremia tanto que meu corpo parecia estar tendo espasmos.

— Cathy, você está bem? Abra a porta — ele gritava do outro lado.

Levantei com dificuldade. Meus músculos estavam em curto-circuito, o sistema nervoso abalado e o corpo todo desconectado.



Senti a cabeça girar me deixando um pouco confusa com o espaço ao meu redor. Fui até a porta para abri-la. Ele estava ali, na minha frente. Meu anjo salvador. Meu amor. Minha vida.

Recomecei a chorar sem conseguir controlar e me atirei em seus braços. Estava tão aliviada por estar com ele. Era como se tivesse acabado de acordar de um pesadelo. Meu corpo parou de reagir, me fazendo sentir a fraqueza tomar conta dele. Eu não podia desmaiar naquele momento, queria ficar com ele o máximo possível. Senti Thomas se inclinar comigo até o chão sustentando o meu corpo. Suas mãos tentavam tirar o cabelo do meu rosto, para me ver melhor.

— Cathy! Cathy, meu amor! Eles machucaram você? Eles tocaram em você? Eu os mato, eu juro que...

— Não, Thomas... Eles... Não... Tocaram... Em mim. Eu... Consegui... Fugir. Eu me escondi aqui — o choro não me deixava falar normalmente.

Enfiei o rosto em sua camisa e fiquei abraçada a ele sem querer soltá-lo. Thomas me apertava em seu corpo, acariciando minhas costas.

— Me desculpe! Não deveria ter deixado você sozinha aqui. Eu...

— Por favor! Não diga isso, você não sabia e... Você voltou. Isso é o mais importante agora.

Não podia deixá-lo assumir a culpa por aquela loucura. Ninguém poderia imaginar que aquilo aconteceria. Não havia sido culpa dele, nem minha, nem de ninguém. Assaltos aconteciam com frequência, principalmente em casas como a dele, cheia de objetos de valor. Thomas me abraçou mais uma vez e depois me beijou com força.

— Nunca mais vou deixá-la sozinha, eu juro! Nunca mais!

Nós dois estávamos chorando. Ele distribuía beijos por todo o meu rosto. Senti-me segura em seus braços. Ele não me largava. Alguém se aproximou e algo cobriu o meu corpo. Percebi que tinha sido Kendel. Ele colocou um robe em mim, só então me lembrei de que estava apenas de camisola. Agradei em silêncio o bom senso do nosso amigo, pelo menos dessa vez. Agradeceria a ele verbalmente depois.

— Senhorita Brown? — Um homem moreno e gordo se aproximou. — A senhorita está ferida?

— Não — perguntei-me como a polícia conseguira chegar a tempo.

— Sou o chefe de polícia, Smith, recebemos o alerta da sua amiga, a senhorita Mia.

“Mia!” pensei, aliviada. Fiz outra anotação mental para agradecer a ela também.

— O sangue em seu corpo é da senhorita? — Olhei para mim espantada.

Eu sabia que tinha me cortado. Tinha um corte na mão direita e um no pé direito. Havia também alguns hematomas que devo ter conseguido durante a fuga para o closet. Só não sabia que tinha sangrado tanto.

— Acho que sim, chefe Smith. Eu me cortei quando joguei o computador pela janela.

Contei a ele tudo o que tinha acontecido sob o olhar atento do Thomas e dos meus amigos que também estavam presentes. Ele não me largou durante um momento sequer, segurando a minha mão boa. Mia também grudou em mim e me acalmou quando começaram a cuidar dos ferimentos, dizendo que estava tudo bem.

Thomas conseguiu me levar para a sala, longe de toda a confusão do quarto. Antes de sair tive um vislumbre do que restava da minha linda cama, agora totalmente destruída. A ideia do que poderia ter acontecido ali fez meu estômago se contorcer e minha cabeça girar. Tentei manter a calma para que meu namorado não ficasse mais atordoado.

Ficamos um bom tempo, sentados no sofá da sala, observando os policiais subirem e descerem, recolhendo o máximo possível de evidências. Contei ao chefe Smith como tinha observado os bandidos abrirem o círculo perfeito no vidro para entrar na casa e da ferramenta utilizada por eles para tal façanha. Ele anotou tudo com bastante cuidado, procurando sempre versões cada vez mais detalhadas. Eu estava esgotada. Havia utilizado toda a minha energia até o limite para me manter segura. Precisava descansar, ou então o meu corpo não aguentaria.

Quando o chefe Smith chamou Thomas para dizer que a investigação provavelmente duraria a noite toda e a madrugada também, vi seu olhar preocupado direcionado para mim.

— Chefe Smith, não podemos permanecer aqui. Eu preciso levá-la para descansar, se recuperar do susto. Nós iremos viajar amanhã para dar andamento aos meus compromissos. O que podemos fazer?

— Bom, acho que não tem problema, Sr. Collins. A senhorita Brown precisa realmente descansar um pouco e acho que já conseguimos o suficiente dela por hoje. Vamos ficar por aqui mesmo, qualquer dúvida ou novidade, entraremos em contato com o senhor. Amanhã talvez seja necessário que a senhorita preste um novo depoimento, mas isso poderá ser providenciado ou até mesmo descartado. Acredito que vocês poderão viajar tranquilos. Tenho aqui o contato do seu advogado, ele com certeza poderá providenciar qualquer coisa que possa ser necessária para a investigação.

— Eu agradeço muito, chefe! Já providenciei a arrumação da casa para quando vocês acabarem e um vidraceiro irá fazer a troca desta parte do vidro e do quarto da Senhorita Brown.

— Eles apertaram as mãos e Thomas veio em minha direção.

— Mia, você pode subir para arrumar algumas coisas da Cathy apenas para uma noite?

— Claro!

Mia subiu para providenciar.

— Amanhã mando alguém vir até aqui buscar suas coisas para a viagem — ele falava comigo com cuidado.

— Minhas malas estão prontas. Dentro do closet. Junto com tudo que precisarei para a viagem.

— Sempre tão organizada — beijou a minha mão coberta com um grande curativo, outra vez.

— Para onde vamos? — Fiquei curiosa.

— Para o apartamento do meu pai, eu acho — Thomas ainda estava inseguro.

Dyo e Kendel ofereceram os apartamentos deles, mas Thomas disse que eu ficaria mais confortável em um ambiente mais familiar. “O apartamento do pai dele”, pensei emocionada. Era para onde

meu namorado ia quando queria pensar na vida. Aonde havia me levado uma única vez. Era o lugar perfeito. Ideal para passarmos aquela noite.

O tempo inteiro Thomas me olhava e me acariciava. Havia algo diferente em seu olhar. Mais carinho, mais cuidado além de algo novo que não conseguia identificar. Ele beijava meu rosto e meus lábios levemente, sem se importar com a presença das pessoas, por incrível que pareça eu também não estava me importando. Não queria mais perder tempo com detalhes como aqueles.

— Dyo, você poderia providenciar a nossa saída? — Thomas pediu sem querer sair do meu lado.

— Claro! Vocês vão agora mesmo? Posso levá-los em meu carro, não acho que você deveria dirigir — Thomas olhou para mim e eu concordei. — Talvez seja melhor, vocês irem para um hotel. Toda a imprensa já deve ter sido alertada, por isso acredito que não vão ter paz lá no apartamento. Seria mais fácil se Cathy dormisse num hotel e você, no apartamento, do contrário podem chamar a atenção da imprensa e aí já sabem, não é? Amanhã vão estar estampados em todos os tabloides. Acho que Mia pode passar a noite com Cathy no hotel — Dyo sugeriu.

Thomas olhou para mim, querendo a minha opinião. Eu não gostaria que a imprensa ficasse sabendo sobre nós dois, ainda não era o momento, e, para ser sincera, já tinha passado por problemas demais para precisar me preocupar com mais algum. Suspirei longamente sem saber qual decisão seria mais adequada. Não queria ficar longe dele aquela noite. A ideia de nunca mais vê-lo, de perdê-lo para sempre, ainda assolava meu coração.

Thomas entendeu meu silêncio como um consentimento, então fez sinal para Dyo, concordando com a sua sugestão.

— Um ou dois apartamentos? — Eles começaram a tratar dos detalhes. Meu coração disparou. Eu não queria ficar longe de Thomas e também não sabia como fazer para ficar perto.

— Acho que dois — sua voz era desanimada.

— Não, Thomas! — o interrompi, assustada. — Não vou conseguir dormir sozinha. Nem quero passar a noite com Mia. Deixe-

me ficar com você. Não me deixe sozinha num quarto de hotel — supliquei.

Estava realmente preocupada com o momento em que ficasse sozinha. Com certeza teria pesadelos, como sempre acontecia quando passava por momentos difíceis. Além disso, havia a minha necessidade de estar ao seu lado, mas eu não era corajosa o suficiente para declarar este detalhe em público. Thomas olhou para mim sorrindo e me abraçou, beijando meus cabelos.

— Não estava pensando em fazer isso. Eu já disse: nunca mais vou deixá-la só. Vamos ficar juntos, no hotel ou no apartamento do meu pai, não importa aonde.

Concordamos em passar a noite no hotel. Seria mais fácil por causa da imprensa, uma vez que morávamos na mesma casa e ambos estávamos impossibilitados de passar a noite lá. Dyo providenciou dois apartamentos na área mais nobre, organizou um esquema de segurança que impediria que qualquer pessoa se aproximasse. No dia seguinte todos nos encontraríamos lá.

Troquei de roupa e fui embora com Thomas. Mia estava bastante apreensiva, mas concordou em deixar meu namorado tomar conta de mim aquela noite, no entanto ele precisou jurar que a manteria informada. Fiquei agradecida quando entrei no carro e Dyo nos levou para longe de toda aquela confusão. Tentei me concentrar apenas em meu namorado, dando a devida atenção aos seus braços em volta da minha cintura. Sentir seu calor mais uma vez era tão maravilhoso que fechei meus olhos aproveitando todas as sensações que me proporcionava.

— Descanse um pouco. Quando chegarmos ao hotel, acordo você — Thomas pensou que meus olhos estavam fechados pelo cansaço. Sorri em resposta, satisfeita por ser capaz de esconder dele meus reais sentimentos. Na hora certa eu faria questão de demonstrá-los.

Ficamos no maior apartamento do hotel, que, é óbvio, era de muito luxo e bom gosto. Dyo sabia como impressionar uma mulher. Ficamos um pouco sem jeito sobre como agir dali em diante. Eu ainda estava muito abalada e Thomas continuava muito atencioso.

Andava pelo apartamento tentando deixá-lo suficientemente confortável.

Entrou no banheiro para preparar um banho, cheio de espuma e aromas, na gigantesca banheira da suíte. Fiquei fascinada. Um banho quente seria magnífico naquela hora. Comecei a tirar minha roupa sem me preocupar com sua presença, porém Thomas se virou solenemente enquanto eu me despia e só depois que estava com o corpo todo coberto pela espuma e água, ele voltou a olhar para mim novamente. Nossos olhos se encontraram e a emoção ficou à flor da pele. Era como se fosse a primeira vez que nos víamos. Muitos sentimentos se apresentaram enquanto nos fitávamos, até que ele quebrou o contato, baixando a cabeça. Fiquei confusa. Será que ainda pensava em me deixar?

Vi quando ele suspirou antes de começar a vir em minha direção. Senti um friozinho na barriga com a sua proximidade. Sem dizer uma única palavra, começou a esfregar suavemente as minhas costas. A sensação era ótima. Relaxante. Aos poucos meus músculos foram voltando ao normal fazendo-me sentir mais sonolenta. A descarga de energia havia sido grande demais. Meu corpo não suportaria mais por muito tempo. Thomas massageou meus ombros, enquanto eu ficava ali, parada, apenas sentindo as suas mãos. A sensação era indescritível.

Quando a água começou a esfriar, Thomas pegou um roupão abrindo-o para mim sem me olhar. Eu sabia o que ele estava fazendo. Queria que eu me sentisse melhor, me dar momentos bons, depois de uma sequência de momentos ruins. Aceitei de bom grado toda sua atenção e cuidados. Porém meu coração constantemente se apertava pela incerteza dos seus sentimentos.

Quando fui para o quarto me trocar ele saiu, mas deixou a porta aberta, talvez para me assegurar que estaria por perto.

Thomas estava diferente. Seus cuidados eram bem vindos e necessários, mas pareciam totalmente sem interesse, pelo menos no quesito sexual, como eu esperava. Como sempre foi, até aquela tarde, quando decidiu me abandonar. Meus olhos se encheram de lágrimas com a possibilidade dele continuar pensando assim.

Eu o ouvi falando com alguém ao telefone e, pelo que pude entender da conversa era Sara querendo saber o que havia acontecido. Coloquei uma camisola, ainda apreensiva, sentei na cama esperando por Thomas. Ele voltou ainda falando ao telefone, no entanto desta vez era com Helen, que estava apreensiva com os acontecimentos. Passou o aparelho para mim e, antes que eu conseguisse falar, depositou um beijo leve em meus lábios.

Talvez eu estivesse vendo problemas demais em sua atitude, talvez nada tivesse mudado. A esperança encheu meu coração de felicidade. Antes entendia a sensação de borboletas no estômago como uma forma apaixonada de descrever o amor, mas nunca acreditara realmente nessa ideia. Era tão verdadeira que cheguei a pensar que as borboletas conseguiriam sair e se espalhar pelo meu corpo inteiro.

Peguei o telefone para começar a explicar a Helen que estava tudo bem, que o maior estrago eu mesma tinha feito e que a polícia havia chegado a tempo. Ela estava muito nervosa com a possibilidade de ter sido um crime encomendado. Thomas tinha contado que eu ouvira os ladrões falarem que alguém teria passado as informações sobre a rotina da casa e sobre mim. Gelei com a lembrança.

Escutei o barulho do chuveiro denunciando que Thomas estava tomando banho, com a porta aberta; sorri feliz com a situação. Conversamos mais um pouco, com bastantes detalhes sobre o ocorrido, mas logo consegui desligar, prometendo que nos encontraríamos na manhã seguinte.

Alguém tocou a campainha me assustando. Thomas surgiu logo atrás de mim.

— Não se preocupe. Deve ser o serviço de quarto. Eu pedi o jantar — beijou brevemente meus lábios e saiu para atender a porta. Fiquei no quarto. Não queria que os funcionários do hotel soubessem que estávamos no mesmo apartamento. Àquela altura a notícia já devia ter se espalhado.

Thomas voltou com o nosso jantar.

— Eu não estou doente, Thomas, posso perfeitamente comer na sala — protestei, mas achei fofo ele ter levado para o quarto.

— Quer, por favor, me deixar cuidar de você? — Sorriu, em resposta.

Jantamos juntos, mas logo depois decidi dormir. Estava exausta! Thomas me acompanhou desarrumando a cama para que eu pudesse deitar, depois se deitou ao meu lado jogando os braços por cima dos meus ombros. O calor dos seus braços me esquentou imediatamente. Ele me abraçou mais forte puxando meu corpo para ficar mais próximo ao seu. Fiquei aguardando por ele tomar alguma iniciativa, no entanto, depois de algum tempo, percebi que meu namorado não fazia nada. As lembranças da nossa tarde desastrosa invadiram outra vez meus pensamentos.

Eu tinha dito coisas horríveis, sabia que ele estava magoado. Queria muito poder mudar o que aconteceu, infelizmente era impossível. A única coisa que eu poderia fazer era mostrar ao meu namorado o quanto estava errada. Deveria dizer o que realmente sentia. Não suportaria perdê-lo mais uma vez. Mas como começar?

— Não consigo acreditar em tudo que aconteceu hoje — foi a minha tentativa para conseguir começar a falar, procurando um meio para chegar aonde eu queria.

— Não vamos pensar nisso agora, Cathy — ele acariciava meu braço com movimentos leves, fazendo minha pele arrepiar. Ficamos em silêncio por um tempo. Se ele não queria conversar era porque ainda estava muito triste com tudo o que eu disse? Necessitava encontrar a coragem para dizer a ele.

— Thomas! — Chamei dengosa. Precisava dizer o que eu sentia. O medo de perdê-lo, de passar por tudo o que iria passar se a polícia não tivesse chegado a tempo, aliado à certeza adquirida de que eu pertencia a ele, me impulsionavam a falar.

— Hum! — Respondeu, sem muito interesse.

— Eu passei por muitas coisas ruins hoje.

Eu não sabia como começar. Ele respirou profundamente e beijou meu rosto, me apertando mais ainda em seus braços. Suas mãos correram para minhas costas, recomeçando as carícias.

— Eu sei meu amor. Não pense mais nisso. Não tenha mais medo — seus olhos estavam fechados.

— Eu não tenho — ele sorriu ainda de olhos fechados.



— Sempre muito corajosa — sorri em resposta e então a coragem me dominou. Era naquele momento ou nunca.

— Quando eu estava trancada no closet, sem saber o que iria me acontecer... — Senti sua respiração descompassar e suas mãos fazerem um pouco mais de pressão. — Eu fiquei pensando em você.

— Estava tão desesperada assim? — Voltou a sorrir, mas desta vez abriu os olhos, ficando de frente para mim.

— Você era o que havia de melhor para lembrar. Todas as lembranças de nós dois juntos conseguiram me afastar daquele momento horrível.

— Até mesmo os momentos ruins que eu fiz você passar por causa de toda a minha arrogância e prepotência?

A mágoa estava presente em sua voz. Ele não esqueceria com facilidade o que eu dissera. Acariciei o seu rosto, emocionada, como se quisesse afugentar toda a tristeza.

— Todos os nossos momentos foram especiais. Cada um, do seu jeito, nos trouxe até aqui. É o mais importante. E eu também tenho um número grande de momentos ruins que fiz você passar por causa da minha infantilidade. Se tivesse entendido antes, tudo teria sido diferente para nós dois.

— Do que você está falando?

— Que você tinha razão o tempo todo. Eu não posso controlar tudo o tempo todo. Também não tenho como evitar o inevitável. O que estou querendo dizer é que todo o tempo em que estive trancada naquele closet eu só conseguia me arrepender de uma única coisa — respirei fundo e levantei o rosto para olhá-lo diretamente nos olhos. — Só me arrependi do fato de ter percebido tarde demais o quanto pertencia a você. Pelo menos eu achava que era tarde demais

— baixe os olhos, tentando esconder a vergonha que sentia por admitir em voz alta o quanto o queria.

— O que você disse? — Ele perguntou sério, me encarando.

— Eu disse um monte de coisas, Thomas — estava sem graça demais para repetir.

— Eu ouvi cada palavra. Quero apenas ter certeza — seu olhar era nitidamente emocionado.

Toquei o seu rosto com carinho, sem quebrar nosso contato visual. De repente eu estava mais corajosa do que nunca.

— Eu disse que sou sua. Não tenho mais dúvidas. Todo meu medo foi embora. Sei o que quero viver e tenho a certeza de que é com você.

## Capítulo 17

### E Então, O Amor

#### VISÃO DE CATHY

T

homas me beijou. O beijo que eu havia esperado a vida inteira. O beijo apaixonado que o príncipe dava na princesa nos contos de fadas. Aquele beijo tão repleto de amor que contaminava todo o reino. Senti luzes saindo de nossos corpos. Fogos de artifícios sendo estourados num céu estrelado.

Era assim que eu me sentia. Eu estava amando. Era tão mais gostoso do que todos os outros momentos que tínhamos passado juntos. Tão mais forte do que todo o desejo que nos atingia quando encostávamos um no outro. Era seguro, real, era amor. Simplesmente amor. Sem reservas, sem pudores, sem medos. Eu era dele, esta realidade era tão certa quanto dois mais dois serão sempre quatro. Era a fórmula perfeita.

Cada toque. Cada beijo. Cada sussurro. Cada gemido. Tudo era recebido com muita satisfação em meu íntimo. Eu me sentia mais à vontade com o corpo dele e não me incomodava em dar o meu em troca. Sentia cada toque como se fosse o único, o primeiro. Ele deixou que toda sua paixão explodisse naquele momento. Tomava-

me para si como era deveria ter sido desde nosso primeiro encontro. O amanhã não me importava mais.

Não existia incerteza quanto ao que eu queria, mas existia muita insegurança quanto ao que deveria fazer. A falta de experiência pesaria muito naquela hora, mas eu precisava estar preparada. No entanto Thomas exibia muita habilidade. Em um movimento lento ele levantou o meu corpo junto com o dele, me colocando de joelhos na cama. Olhou profundamente em meus olhos, tirou a camisa, envolveu-me em seus braços pela cintura e seu corpo se colou ao meu. Sem contestar, obedeci a todas as suas exigências.

Já tinha dito que era dele, e o meu namorado havia entendido o recado, porém eu queria mais do que simplesmente dizer. Queria me dar a ele. Queria que soubesse que queria ser dele, isso exigia muito mais do que simples palavras. Então, quando o senti pegando na barra da minha camisola para tirá-la, me afastei. Ele olhou para mim confuso e, por um momento, a dúvida passou em seus olhos. Afastei as suas mãos de minha roupa para depois tirá-la. Precisava fazer desta forma. Thomas precisava saber que estava me entregando. Que não havia mais incerteza, nem volta.

Com uma das mãos, Thomas correu minhas costas, firmando o meu corpo junto ao dele, a outra passou por debaixo do cabelo, segurando a minha nuca. Beijamo-nos longamente. Quando libertou minha boca, seus lábios exploraram meu pescoço, ombros. Minha pele formigava. Senti suas mãos descendo para os meus seios, fazendo ali uma série de carícias. Gemi alto com o primeiro contato, depois seus lábios continuaram o trabalho das mãos. O prazer era indescritível.

Ele se livrou do short e deitou ao meu lado, acariciando minhas pernas, barriga, cintura, então suas mãos desceram passando entre as minhas coxas. Mais uma vez não pude evitar o gemido dengoso que se arrastou pela garganta. Thomas, muito suavemente, retirou a minha calcinha e se deitou sobre mim. Senti o peso do seu corpo sobre o meu.

Meu coração disparou.

Em nenhum momento tive dúvidas do que queria. Nem mesmo quando veio a dor da primeira vez me arrependi de ter tomado

aquela decisão. Eu sabia o que viria e estava preparada. Mas não estava pronta para a enorme habilidade do Thomas. Sua calma e paciência me deixaram completamente relaxada. Ele foi muito carinhoso, mesmo com todas as complicações de uma primeira vez, conseguiu manter presente o desejo existente entre nós dois.

Suas carícias foram se intensificando à medida que a dor cedia lugar ao prazer. Ele murmurava palavras de amor em meu ouvido que me estimulavam a continuar. Não existia mais espaço entre nós dois. Thomas me preencheu completamente, e, em pouco tempo, a dor passou a fazer parte do passado fazendo-me conhecer o outro lado do amor: o prazer.

Meu namorado me conduzia com maestria e perfeição. Seu corpo ditava os passos e o ritmo. Era como dançar: se você tem um bom parceiro, o resultado é perfeito. Entregamo-nos ao amor e o amor nos retribuiu da sua melhor forma possível. Ele estava em meus braços e eu queria mais. Beijava, acariciava, mordida, arranhava, puxava seu corpo e não me sentia satisfeita. Ele me apertava em seus braços puxando-me cada vez mais para si. Durante todo o tempo nossos olhos se encontravam e, quando acontecia intensificávamos nossas carícias, pois eles confirmavam o que queríamos.

Senti o ritmo aumentar, um desejo intenso tomou conta de mim. Gemi alto involuntariamente, deixando a sensação me dominar, como tinha acontecido à tarde, porém ainda mais forte e intenso. Thomas estava extasiado. Antes de alcançar o orgasmo, ele falou, em meu ouvido: "Eu amo você, Cathy! Amo você, minha menina!" E então também se entregou ao prazer.

Dormimos exaustos e satisfeitos, pelo menos por ora. Thomas não desgrudou o corpo do meu, apenas me ajeitou para que pudéssemos dormir mais confortáveis. Peguei no sono logo em seguida.

Eu sabia que estava sonhando, pois não existia outra forma daquela luz tão forte estar dentro do quarto com a gente. Apertei os olhos tentando enxergar o que havia por trás da claridade e só consegui identificar o formato de um corpo. Era para estar com

medo, mas não estava. Por algum motivo eu sabia que quem estava ali não me faria mal. Além do mais, era um sonho, e o que poderia me acontecer? Então levantei da cama e fui em direção à luz.

Quanto mais adentrava a claridade, mais sentia o meu corpo se desfazendo. Era uma sensação de libertação, como se a matéria cansada e desgastada estivesse sendo deixada para trás e em seu lugar ficasse só luz, renovação. Exatamente isso: como se eu estivesse me renovando. Parte do meu cérebro relacionava aquela sensação ao que acabara de viver com Thomas, porém a outra registrava que o motivo ia muito além. Quando cheguei bem perto do que identificava como um corpo, parei.

Uma enorme sensação de paz tomou conta do ambiente, imediatamente me senti totalmente relaxada. Tentei me aproximar ainda mais, no entanto fui impedida por algo mais forte do que eu. Meu coração acelerou. Por mais paz que estivesse sentindo, sabia que aquele momento era decisivo.

O que parecia ser um corpo se aproximou de mim em passos não identificáveis. Fechei os olhos, ofuscados pela claridade, neste momento fui transpassada por algo. Não senti dor física, pois a sensação era de uma despedida necessária. Como se todos os meus receios e medos estivessem me libertando. Ao mesmo tempo em que sentia a tristeza do adeus, havia o alívio por poder viver uma nova vida sem empecilhos.

Então acordei.

Estava sozinha na cama. Já era dia e o sol tentava passar através das cortinas para iluminar o ambiente. Sentei na cama, ainda confusa, para sentir uma leve pontada no pé da barriga. Sorri satisfeita, pelo menos esta parte não tinha sido sonho. Meu corpo estava um pouco dolorido, era reflexo do dia extenuante que eu tivera. Olhei pelo quarto, mas não vi nenhum sinal do Thomas. Também não ouvi sons no banheiro, deduzi que ele não estava lá. Onde estaria? Fiz menção de levantar quando minha mão esbarrou numa folha de papel, enroscada no lençol que tinha puxado para cobrir o meu corpo. Abri e reconheci sua letra.

*Meu amor,*

*Esta carta é para que não pense que a abandonei. Teremos uma reunião hoje pela manhã, decidida de última hora. Consegui convencer a todos de que você precisava descansar mais um pouco. Desculpe-me, sei o quanto como se sente por ficar de fora, mas essa é uma situação atípica.*

*A propósito, ontem, antes de tudo acontecer, eu comprei uma coisa para você, que está em uma caixinha preta embaixo do meu travesseiro. Comprei ontem à tarde, quando descobri que poderia responder à sua pergunta. Você me perguntou o que eu sentia, então gostaria de responder outra vez.*

*O que eu sinto por você com certeza é mais do que eu sinto por mim mesmo e mais do que já senti a vida inteira por qualquer pessoa. Você é tudo para mim, meu ar, minha alegria, minha tristeza, é toda a minha vontade de acordar e todo o meu desejo de dormir e sonhar. É a minha disposição para trabalhar e a preguiça para querer parar e só ficar ao seu lado. É toda a minha esperança, meus sonhos. Você é como a primavera, como a brisa do mar. Você é o que há de melhor em mim. Resumindo, você é a minha vida. Por isso descobri que não posso viver te perdendo o tempo todo, para nada nem para ninguém. Quero você na minha vida para sempre e, se você também me quiser na sua, mesmo sendo eu um sujeito tão desprovido de qualidades para ser o seu príncipe encantado, aceite este presente com amor.*

*Espero você no outro quarto.*

*PS.: Lembre-se de que todos estarão aqui.*

*Eu amo você, muito!*

*Thomas*

Coloquei a mão embaixo do travesseiro dele e encontrei a caixinha preta. Fiquei pensando em tudo o que ele tinha escrito. Thomas me amava. Como poderia ser diferente? E eu o amava também! Não havia palavras que conseguissem descrever o meu sentimento.

Quando abri a caixinha, o que havia dentro me pegou de surpresa fazendo com que lágrimas escorressem dos meus olhos. Era um lindo anel de noivado. Tão perfeito quanto a nossa noite, quanto o nosso amor e quanto seria a nossa vida. Peguei o anel e o coloquei no dedo imediatamente.

Ele havia me pedido em casamento e eu tinha aceitado.

## VISÃO DE THOMAS

Ela estava exausta, porém lutava contra isso. Apesar de ter chorado muito, de ter seu corpo sacudido por tremores quando a encontramos, ainda conseguia se mostrar bastante forte e corajosa. Era sem dúvida uma grande mulher. Senti muito orgulho da minha namorada. Amava Cathy e ela merecia todo o meu amor.

Decidi que cuidaria dela naquela noite. Na verdade cuidaria todas as noites, se Cathy permitisse. Depois de tantos temores, do desespero por tê-la perdido tantas vezes no mesmo dia, do medo de ser tarde demais eu, finalmente, não tinha mais nenhuma dúvida.

Sabia que precisava primeiro cuidar dela, por isso resolvi levá-la para um lugar mais seguro, mais aconchegante. Era importante que Cathy se sentisse bem, se é que isso era possível. Não sairia do seu lado nem por um segundo aquela noite. Percebi que minha namorada havia ficado incomodada com os argumentos lógicos do Dyo. O fato de serem lógicos, não significava que eram justos. Eu não queria deixá-la. Mesmo que fosse só por aquela noite. Não queria deixá-la nunca mais.

Mas Cathy parecia concordar com o que Dyo dizia por isso não iria impor a minha vontade. Talvez ela tenha dito a verdade quando afirmou que eu não era o homem da sua vida. Senti meu coração apertar. Contudo não iria desistir assim tão fácil, iria mostrar que conseguiria ser este homem. Queria muito ser esse homem, o que ficaria em sua vida. Apenas por este motivo concordei em deixá-la ficar no hotel sem mim, por mais difícil que fosse.

Fui surpreendido pela sua reação, me pedindo para não fazer desta forma, mesmo sabendo que todos estavam ouvindo o que dizia. Eu tinha razão, ela estava muito assustada. Sabia que em



breve Cathy iria desmoronar. Mesmo assim meu coração acelerou. A pequena possibilidade dela também me amar aqueceu a minha alma.

Fomos para o hotel no carro do Dyo. Ela ainda estava em meus braços e não parecia se sentir incomodada. Durante todo o percurso ficamos grudados um ao outro. Apenas quando chegamos nos afastamos para não chamar muito a atenção dos fotógrafos que já estavam na porta nos aguardando. Quando entramos no apartamento, percebi que Cathy não sabia muito bem como agir. Não seria a primeira vez que dormiríamos juntos, então entendi sua reação como um reflexo do que eu tinha feito à tarde.

De súbito, fiquei abatido. Gostaria de ter uma fórmula mágica para fazê-la esquecer de todas as besteiras que já fiz até aquele dia, por conta desse amor. Eu tinha sido tão egoísta, mesquinho e arrogante. Não existiam adjetivos pejorativos suficientes que conseguissem classificar minhas atitudes.

O apartamento era exatamente o que havia imaginado para ela. Precisava agradecer ao Dyo pela sensibilidade. Pensei numa forma de amenizar seu sofrimento pelas experiências recentes, então imaginei que um banho relaxante na banheira poderia lhe fazer bem. Providenciei tudo e Cathy demonstrou satisfação, começando a se despir imediatamente.

Minha namorada não me pediu para deixá-la sozinha em nenhum momento, por esse motivo, quando começou a se despir, apenas me virei. Não era necessário que ela ficasse mais exposta do que já estava, no entanto, eu ficaria de qualquer jeito. Só me virei para ela quando ouvi o seu corpo submergir na água quente. No momento em que me virei, nossos olhos se encontraram. Toda nossa paixão estava ali, presente e sustentada pelo nosso olhar.

A minha vontade era envolvê-la em meus braços e beijá-la, mas precisei me conter. Tudo havia se tornado mais difícil justamente por causa da minha incapacidade de me conter. Dessa vez faria tudo certo. Fiquei meio indeciso sem saber o que como me comportar, porém não poderia ficar parado olhando-a se banhar, então resolvi que, se ela ficasse de costas para mim, seria mais fácil para nós dois.

Era óbvio que eu estava errado. O mínimo contato com a sua pele já me despertava um desejo absurdo. Porém, ela não se incomodou com a minha aproximação, na verdade eu queria mesmo era entrar naquela banheira, mas não era o momento. “Chega de fortes emoções por hoje”, pensei, me repreendendo.

É claro que olhei seu corpo, bem discretamente, quando Cathy foi vestir o roupão. Para a minha infelicidade, minha namorada era mais do que perfeita. Precisei ficar me lembrando de que aquele não era o melhor momento. O problema era que minha mente entendia, mas meu corpo não. “Um banho gelado cairia bem agora”, pensei.

Precisei sair do quarto antes dela se trocar, o menor vislumbre daquele corpo me desviaria dos meus objetivos. Deixei a porta aberta. Cathy estava tão emocionalmente debilitada que seu corpo poderia se entregar a qualquer momento. Aproveitei que tinha saído do quarto para retornar algumas ligações. Na verdade retornei as da equipe e da minha mãe, que já tinha visto a notícia no jornal e ficara preocupada.

Meu celular estava tão repleto de ligações perdidas de números desconhecidos que fiquei assustado com a repercussão do assalto. Liguei para Sara e quando acabamos de nos falar, recebi uma ligação da Helen.

Assim que entrei no quarto, bastou um olhar para Cathy para perceber o quanto aquela noite seria difícil. Seu corpo maravilhoso estava coberto apenas por uma fina camisola de seda vermelha, ajustada nos seios e insinuando os quadris. Todos os seus movimentos eram revelados pela peça que fazia jus ao material que cobria. Aproveitei a insistência da Helen para falar com minha assistente, para tomar o meu tão desejado e necessário banho gelado.

Jantamos juntos e cogitei a ideia de assistirmos a um pouco de TV, porém desisti logo em seguida. Com certeza todos os jornais estariam falando sobre o que acontecera na minha casa. Cathy também não me parecia muito disposta. Ela foi direto para a cama, então a acompanhei, claro! Tínhamos ficado muito tempo na incerteza um do outro que eu não queria passar mais momentos de angústia longe dela.

Quando deitei, percebi que minha namorada estava um pouco inquieta, então a envolvi em meus braços para que se sentisse mais segura. Meu desejo só aumentou. "Thomas, você é um doente, a garota está debilitada, pare de pensar nisso"; minha consciência me repreendia.

Quando Cathy começou a falar, tentei impedi-la de continuar. Seria bom esquecer, pelo menos agora. Mas ela parecia querer dizer alguma coisa, então fiquei ouvindo. Fechei os olhos e me concentrei em sua voz. Falava tentando demonstrar coragem, mas eu sabia que existia um grande medo por trás das palavras. Quando me falou das lembranças, achei graça e brinquei. Depois pensei no que ela estava falando. Imediatamente percebi que se eu também estivesse em perigo, se não soubesse o que me aconteceria, gostaria que ela fosse a minha última lembrança.

Eu morreria feliz se pudesse reviver uma única vez qualquer um dos nossos momentos. Perdi-me nesses pensamentos, até ser surpreendido pelo que Cathy estava me dizendo. Ela não tinha mais medo? Era isso que estava querendo dizer o tempo todo? Minha namorada estava ali, na minha frente, dizendo que era minha?

A emoção que me tomou foi mais forte do que qualquer drama de consciência. Pela primeira vez, em todos aqueles meses que tínhamos passado juntos, Cathy estava dizendo que me queria. Melhor ainda, ela estava dizendo que era minha, que não tinha mais medo. Não era só o sexo. O que minha namorada dizia era muito mais. Ser minha envolvia o amor que ela agora afirmava sentir por mim. Envolvia a certeza que meu coração precisava. Ela também me amava, essa era a única coisa que importava. Não pude mais conter meu desejo e a beijei.

Foi o beijo mais gostoso que já dei em alguém em toda a minha vida. Não era só o desejo que me guiava, existia algo muito mais forte, muito mais mágico, existia amor, amor verdadeiro, puro, único. Eu a amava, não apenas com meu coração, mas com meu corpo inteiro, cada fio de cabelo, cada pedaço de minha pele, cada célula do meu corpo, amava aquela garota. O amor me consumia rapidamente, se apossando dos meus pensamentos, dos meus gestos.

Ali, em meio a tanta emoção e desejo, a tantas descobertas, consegui entender o porquê de tudo. Entendi o porquê da minha existência, o porquê de nunca ter sentido aquilo antes. Eu estava ali unicamente por ela. Cathy era o fim da minha incansável busca. Naquele momento percebi que tinha um coração.

De repente entendi o porquê das histórias de príncipes e princesas. Eu queria ser seu príncipe. Eu queria ser tudo para ela. Todas as fantasias, todas as alegrias, todas as realizações. Queria ser a mágica dos seus sonhos, dos seus desejos. Cathy disse que era minha e eu só queria ser dela. Para sempre.

Percebi que nossos corpos se encaixavam com tanta perfeição que juntos parecíamos entalhados da mesma madeira. Ela era perfeita para mim. Não existia mais medo nela realmente, apenas certeza do que queria. Sentia suas mãos sedosas me buscarem cada vez mais. Seus lábios se ofereciam para mim como a fruta mais suculenta de um pomar.

Eu não podia evitar o desejo que sentia, não tinha mais como evitar. Agarrei o seu corpo querendo cada vez mais estar nele e senti extasiado que ela se entregava a este desejo sem reservas. Sua coragem me impulsionava a continuar. Seu corpo era ousado e suas mãos atrevidas. Eu já estava louco com suas carícias.

Facilmente coloquei minha namorada ajoelhada na cama, para poder me livrar mais rápido das nossas roupas. Mas Cathy se afastou e por um momento pensei que tivesse arrependida e por isso voltado atrás da decisão. Eu estava determinado a compreender. Iria entender todas as suas inseguranças.

Fiquei boquiaberto quando ela simplesmente tirou a camisola e a largou no chão do quarto, deixando o seu corpo maravilhoso à mostra. Era um sinal, eu sabia. Ela me certificando da sua decisão. Estava me mostrando que queria ser minha. E eu a queria, então tomei para mim o que era ofertado como deveria ser desde o início. Deixei meus lábios vagarem por ela, seu corpo arqueou quando eles tocaram seus seios. Ouvi-a gemer com um prazer indescritível, satisfeita com minhas carícias.

Quando finalmente a penetrei, a emoção foi mais forte do que qualquer outra. Naquele instante eu tive a certeza de que ela era

minha. Só minha. Cathy não voltaria mais atrás de sua decisão. Agora éramos apenas nós dois e assim seríamos para sempre.

Eu tinha a certeza de que iria doer, como deveria ser a primeira vez de qualquer mulher, por isso me empenhei em tentar atenuar a dor o máximo possível. Concentrei-me inteiramente nela. A cada avanço do meu corpo, compensava-a com beijos apaixonados, carícias e palavras de amor ao pé do ouvido. Não tive pressa, muito pelo contrário, queria prolongar o máximo possível, queria o máximo de tempo com ela. Desejava que fosse tão perfeito para Cathy, como estava sendo para mim.

Então ela relaxou em meus braços, se entregando outra vez ao momento. Foi com imensa satisfação e surpresa que percebi que Cathy estava sentindo prazer novamente, o que fez meu desejo me dominar outra vez. Ela era realmente maravilhosa, corajosa, forte, decidida e era minha. Toda minha.

Seu corpo me seguia fielmente, aprendendo, repetindo os meus movimentos, me proporcionando um prazer inenarrável. Estar totalmente dentro dela não era suficiente. Eu a puxava cada vez mais e com mais vontade de encontro ao meu corpo. Cathy não reclamava, apenas correspondia com mais vontade. De repente vislumbrei o momento mais maravilhoso de toda a nossa relação. Confesso que fiquei tão surpreso que quase perdi o fio da meada. Cathy gemeu manhosamente, depois mais alto, então vi seu corpo se entregar ao orgasmo. Fiquei deslumbrado com o que estava vendo. Ela era linda!

— Eu amo você, Cathy! Amo você, minha menina! — Consegui dizer antes do prazer me dominar também.

Foi tão forte, tão intenso que quando acabou estava exausto. Não queria sair de dentro dela, queria ficar ali eternamente com Cathy manhosa em meus braços. Eu a beijei, retribuindo o prazer que havia me proporcionado. Depois a deixei dormir. Fiquei acordado algum tempo ainda, pensando em nós dois.

Meu sono não foi constante como o de Cathy. Acordei algumas vezes durante a noite, para verificar se estava tudo bem com ela. Peguei-me sorrindo em vários momentos, enquanto a observava dormir. Nunca, nem em minhas melhores expectativas, imaginei que

seria tão maravilhoso como foi. O prazer que senti nunca havia sentido com nenhuma outra mulher e olha que foram muitas.

Outro fator contribuía para a minha felicidade. Era infantil e machista, mas fiquei radiante ao pensar que apenas eu a teria. Que ela era somente minha. Era um tesouro que guardaria só para mim. Não que o fato dela ser virgem tivesse sido fundamental, não era. Mas Cathy seria meu primeiro e único amor, eu acreditava. Era importante que tenha confiado apenas em mim para viver aquele momento, uma grande prova do seu amor. Tive ímpetos de acordá-la para fazermos amor outra vez, porém achei melhor me conter e deixá-la descansar. Teríamos uma vida inteira, juntos.

Despertei com a campainha do quarto tocando. Saí da cama de má vontade e fui verificar quem era. Estavam todos lá, com exceção da Lauren. Graças a Deus, menos um problema. Estavam preocupados com Cathy e precisavam saber qual seria nossa posição em relação aos repórteres que já cercavam o hotel. Também precisávamos reorganizar a agenda. Agradei mentalmente ao Dyo mais uma vez pelos dois apartamentos.

— Cathy está dormindo ainda — avisei a todos, pedindo para que falassem mais baixo.

— Vamos nos reunir no outro apartamento. É ao lado.

— Cathy está aqui com você? — Sara perguntou surpresa e pude ver Dyo trocando olhares com Kendel que ria sem disfarçar.

— Está — tentei ser o mais natural possível. — Ela estava apavorada. Achei melhor vigiá-la de perto.

— Sei. Vigiou direitinho da sua cama, né? — Sara brincava comigo.

Eu sabia que estava preocupada não apenas com Cathy, mas também com Lauren.

— Vá se acostumando — sorri travesso para ela. — Cathy vai me matar por ter dito isso em voz alta — falei arrependido por tê-la exposto mais uma vez. Mas a verdade era que eu não permitiria que fosse diferente. Principalmente depois de tudo.

— Então, gente, vamos logo para o outro quarto — Dyo começou a falar. — Acho que Thomas e Cathy precisam de privacidade — piscou para mim. Mais um ponto para ele.

Entrei no quarto já me sentindo péssimo por ter que deixá-la. Mesmo por um período muito curto. Vesti-me sem a menor vontade. Cathy estava ali na minha frente, dormindo que nem uma princesa. Um breve sorriso em seus lábios indicava que estava sonhando. “Que bom”, pensei com amor. Acariciei suas costas e ela se mexeu na cama, resmungando alguma coisa. A cena era digna de uma pintura. Tão perfeita, nua, parcialmente coberta pelo lençol pérola, naquela imensa cama. Seus cabelos se espalhavam pelo travesseiro.

Eu sabia o que queria fazer, e aquela era a hora certa. Peguei um papel de carta do hotel para escrever uma cartinha explicando onde estaria, caso ela acordasse antes da minha volta e pensasse que a abandonei. Eu precisava certificá-la do meu amor.

*Meu amor,*

*Esta carta é para que não pense que a abandonei. Teremos uma reunião hoje pela manhã, decidida de última hora. Consegui convencer a todos de que você precisava descansar mais um pouco. Desculpe-me, sei o quanto como se sente por ficar de fora, mas essa é uma situação atípica.*

Pensei sobre tudo o que tínhamos vivido na noite anterior e decidi que ela merecia mais. Levantei, fui até a minha mochila, tirei de dentro dela o motivo de eu ter chegado tão tarde em casa na noite anterior e por isso não conseguir chegar a tempo de evitar o assalto. Naquela tarde eu havia pensado em tudo o que Kendel tinha dito, então decidi que não haveria forma melhor de convencê-la do meu amor. Essa foi a desculpa que dei a eles. Na verdade, eu tinha consciência de que não conseguiria mais viver sem ela. Sabia que minha felicidade estava atrelada aos seus passos e que me casar com Cathy era a certeza que teria de que ela me amava também.

Assim, peguei a caixinha preta com um anel de noivado dentro. Não sabia se Cathy iria gostar, mas achei tão adequado. As pedras eram finas: diamantes, muitos diamantes. Aquela era uma grande oportunidade.

Coloquei a caixinha posicionada embaixo do meu travesseiro, voltei para o papel onde eu tinha escrito o recadinho e acrescentei:

*A propósito, ontem, antes de tudo acontecer, eu comprei uma coisa para você, que está em uma caixinha preta embaixo do meu travesseiro.*

Olhei mais uma vez para ela e percebi que não poderia fazer isso sem antes dizer o quanto a amava. Lembrei-me da tarde em que disse que não sabia o que sentia. Ela parecia tão distante agora que estava tudo tão mais claro. Olhei para o papel e comecei a escrever, deixando o meu coração me levar:

*Comprei ontem à tarde, quando descobri que poderia responder à sua pergunta. Você me perguntou o que eu sentia, então gostaria de responder outra vez.*

*O que eu sinto por você com certeza é mais do que eu sinto por mim mesmo e mais do que já senti a vida inteira por qualquer pessoa. Você é tudo para mim, meu ar, minha alegria, minha tristeza, é toda a minha vontade de acordar e todo o meu desejo de dormir e sonhar. É a minha disposição para trabalhar e a preguiça para querer parar e só ficar ao seu lado. É toda a minha esperança, meus sonhos. Você é como a primavera, como a brisa do mar. Você é o que há de melhor em mim. Resumindo, você é a minha vida. Por isso descobri que não posso viver te perdendo o tempo todo, para nada nem para ninguém. Quero você na minha vida para sempre e, se você também me quiser na sua, mesmo sendo eu um sujeito tão desprovido de qualidades para ser o seu príncipe encantado, aceite este presente com amor.*

Rezei para que ela aceitasse. Eu queria intensamente que ela aceitasse. Finalizei a carta.

*Espero você no outro quarto.*

*PS.: Lembre-se de que todos estarão aqui.*



*Eu amo você, muito!*  
*Thomas*

Fui embora do quarto já sentindo saudades dela. A sensação do amor era mesmo incrível. A ausência do outro era uma dor física. Quase palpável. Mesmo estando a poucos metros de distância. Fui embora com o coração cheio de esperança. Eu sabia que em breve estaríamos nos braços um do outro novamente.

## Capítulo 18

### Presos ao Segredo

#### VISÃO DE CATHY

O

uvi o murmurinho de todos já da porta. Bati, meio sem graça. Não sabia o que estavam pensando da situação. Tinha dito que não havia nada entre Thomas eu e, de repente, estávamos dormindo juntos e ainda por cima, noivos. Tudo bem, já dormíamos juntos antes disso, mas às escondidas. A essa altura dos acontecimentos todos já estavam sabendo. Fiquei envergonhada só de pensar nas brincadeiras do Kendel.

E ainda havia a aliança em meu dedo, que todos com certeza iriam perceber. A pequena fortuna que Thomas tinha me dado como prova do seu amor. Não pude deixar de sorrir feliz com toda a situação.

Cogitei a ideia de tirar a aliança, enquanto não combinasse com Thomas o que diríamos. Pensei melhor decidindo que não era mais hora de ter medo. Além disso, ele poderia entender como uma recusa ao seu pedido. Eu não queria que existissem dúvidas entre nós dois.

Quem abriu a porta foi Sara, que me abraçou surpresa com a minha presença.

— Pensei que você iria dormir o dia todo — disse, me levando para o interior do apartamento. Era exatamente igual ao nosso. Sorri para ela como resposta.

Vi Thomas encostado na janela de braços cruzados me olhando atentamente. Meu coração acelerou. Suspirei visivelmente. Seu sorriso tomou conta de todo o rosto. Ele era lindo! Tão perfeito! Agora que eu sabia que o amava, meu corpo não conseguia mais reprimir a vontade de ficar ao seu lado. De tocá-lo, beijá-lo. E acredito que meu olhar fazia questão de demonstrar isso.

O silêncio no quarto foi embaraçoso. Todos pararam para ver a intensidade do nosso olhar. Não existiam mais segredos. Baixei a cabeça, constrangida. Helen foi a única que tentou disfarçar, me abraçando com carinho.

— Fiquei tão preocupada com você! Não gosto nem de pensar no que poderia ter acontecido.

— E teria acontecido mesmo. Você precisava ver a camisola que ela estava vestindo. Nenhum ladrão resistiria a tanta provocação — Kendel falava, enquanto colocava na boca uns biscoitos servidos numa mesa posta com o necessário para um bom café da manhã. Meu corpo congelou ao me lembrar das palavras dos bandidos na porta do meu quarto.

— Cala a boca, Kendel! — Thomas e Dyo falaram ao mesmo tempo.

Thomas estendeu a mão para mim, e involuntariamente, gravitacionei em sua direção. Todo o gelo foi derretido pela possibilidade de estar em seus braços novamente. Eu não conseguia mais me lembrar do porquê de estar tão apreensiva há poucos minutos. Ele me tocou de leve acariciando o meu rosto. Fechei os olhos e não resisti. Beije seus lábios ali mesmo, na frente de todos. Na frente da Sara. Ele correspondeu com amor me puxando para mais perto.

— Espere aí. O que é isso? — Kendel brincava com a situação. — Thomas, você precisa dar um jeito nessa sua assistente. Ela está muito saidinha — ele ria.

—Kendel, acho que nós deveríamos ter medo dela, agora que é a namoradina do chefe. — Dyo entrava na brincadeira lembrando-

me de todas as vezes que falei que não queria ser tachada assim. Era embaraçoso.

Eles brincavam, porém meus olhos só viam Thomas sorrindo para mim todo feliz.

— Como você está? — Sussurrou no meu ouvido, acariciando minhas costas.

— Perfeita. Não poderia estar melhor. Senti sua falta — respondi também aos sussurros para que os outros não ouvissem.

Ele pegou na minha mão sentindo o anel em meu dedo. Seu sorriso ficou ainda maior, se é que era possível. Vi lágrimas se formarem em seus olhos e ele lutou contra essa reação. Minha emoção era quase visível também.

— Acho que vocês precisam ter medo mesmo — respondeu à provocação dos rapazes. — Até porque Cathy não é a minha namoradinha — falou sério e, por um momento todos pareciam constrangidos. Eu sabia o que ele ia fazer. Após uma pausa, fiz dei a minha permissão, e ele continuou: — Cathy é a minha futura esposa — voltou a sorrir. Sua voz era orgulhosa. — Ela aceitou meu pedido de casamento. Sou o homem mais feliz do mundo.

Thomas me beijou apaixonadamente. Fiquei vermelha de imediato com os gritos e aplausos dos nossos amigos. Após todos os comentários e brincadeiras, decidimos que precisávamos continuar com a reunião. Muitas coisas precisavam ser ajustadas, além do que ainda iríamos viajar.

A reunião se estendeu mais um pouco, pois precisávamos nos reorganizar. Todos os meus aparelhos eletrônicos estavam destruídos. Dyo já havia passado numa loja antes de ir para o hotel e comprado outro celular para mim. Agradei meio sem graça, apesar de ninguém saber que eu mesma destruíra o meu, num ataque de fúria que não tinha nada a ver com o assalto.

Eric estava com minhas malas, que, graças a Deus, já estavam arrumadas e guardadas no closet, quando precisei me trancar lá. Meu pen-drive estava dentro da bolsa com todos os meus documentos. Ainda bem que tinha feito *Backup* antes de tudo acontecer. Nenhuma perda considerada drástica. Thomas conversava com Dyo sobre a compra de um computador mais avançado para

mim, assim como um notebook para que eu conseguisse dar andamento ao trabalho.

Enquanto isso eu conversava com Sara e Helen sobre a agenda. Tínhamos perdido o voo da manhã e precisávamos estar às 20h em Barcelona, então teríamos que nos apressar. Fiquei sabendo através da Sara que Lauren tinha embarcado mais cedo para organizar as coisas por lá. Respirei aliviada por ela não estar presente, não queria nem pensar na sua reação quando souber do noivado. Thomas ainda me devia uma explicação.

Conseguimos passagens para Sara, Helen e Kendel para partirem quase imediatamente. Eu, Thomas, Eric e Dyo, iríamos depois. Ainda teria que conversar com a polícia para mais alguns esclarecimentos. Vi Sara chamar Thomas para uma conversa particular, fiquei curiosa e também um pouco apreensiva. Será que ela tinha ficado irritada com o nosso relacionamento? Quando voltaram, Thomas tentava disfarçar seu aborrecimento.

— Por favor, lembrem-se de que vão chegar quase na hora do evento, então estejam preparados. Não teremos muito tempo para produzi-los — Sara falava para nós três. — Cathy, dê um jeito nesse cabelo e viaje com ele arrumado. Seu vestido estará no seu quarto quando você chegar — olhei para Thomas. Ficaríamos em quartos separados? Por quê? Resolvi não protestar, por ora.

— Vai dar tudo certo. Não se preocupe — tentei fazê-la relaxar um pouco. — Vou cuidar de tudo por aqui.

— Ótimo! É bom ver você de volta ao trabalho tão rápido.

Ficou decidido que falaríamos para os repórteres apenas o essencial sobre o incidente. Não contaríamos nada a respeito do noivado. Eu queria manter a minha vida longe dos holofotes mesmo sabendo que uma hora iriam saber. Despedimo-nos e fui direto para o quarto, enquanto Thomas ainda resolvia algumas coisas com Helen. Dyo ficaria com o outro apartamento o restante do tempo, ele também iria sair para providenciar as coisas que Thomas tinha pedido para comprar.

Fiquei no quarto esperando Thomas. Aproveitei para conferir minhas malas e separar o que usaria durante a viagem. Após tudo arrumado, o que não me tomou quase tempo nenhum, minha

cabeça começou a vagar pelos últimos acontecimentos. Senti as borboletas no estômago quando pensei que, enfim, tinha encontrado alguém que me fez derrubar as barreiras do meu passado.

Eu havia descoberto o amor, ou o amor havia me descoberto. A minha noite foi tão perfeita que era difícil acreditar que não estava sonhando. Relembrei suas carícias, seus sussurros de amor em minha pele e constatei admirada, que tinha conseguido realizar o meu sonho. Tinha sido perfeito! Algo para me lembrar com carinho, não para me arrepender um dia. Thomas mais uma vez tinha provado o quanto era maravilhoso.

Quando ele entrou no apartamento, meu coração acelerou. Mesmo não existindo mais barreiras entre nós, me senti temerosa. Nem sempre a coragem ganhava lugar de destaque em minhas atitudes, aquele era um desses momentos. O que deveria esperar estando sozinha com ele? Fiquei envergonhada. Na noite anterior tínhamos agido conforme a emoção, porém naquele momento eu não sabia como agir. No entanto, desejava muito estar outra vez com o meu noivo da mesma maneira.

Thomas entrou, tirou o celular do bolso, deixando-o com o cartão de acesso ao quarto num aparador próximo à porta. Olhou para mim e sorriu tranquilamente. Eu sorri em resposta, não tão tranquila quanto queria aparentar. Ele estava bem calmo e eu, muito tensa. Caminhou em minha direção, sem dizer uma palavra, para me beijar apaixonadamente. Eu podia sentir cada parte da sua excitação. Meu corpo amoleceu cedendo ao desejo e ao amor, que agora se mostrava mais forte, inabalável. Pronto, era o que precisava para recuperar toda a coragem do dia anterior.

— Você tem certeza? — Perguntei, querendo me certificar.

— Você não? — Claro que eu tinha certeza. Era o que mais queria no mundo.

— O que estou dizendo é que não precisa casar comigo só porque transamos. Quer dizer... Eu também quis o que aconteceu. Você não me forçou a nada — tentava fazê-lo entender que o casamento não deveria ser uma compensação. Ele riu e me beijou com paixão.

— Vou me casar com você porque te amo! E não tenho dúvidas quanto à vontade de passar o resto da minha vida ao seu lado. Agora... Se você não sentir o mesmo, se quiser esperar mais um pouco... Eu vou entender e respeitar sua decisão — havia angústia em suas palavras. Reconheci nelas o mesmo medo que eu sentia de perdê-lo, de perder o seu amor.

— Thomas, eu amo você! Não tenho a menor dúvida e acredito que já lhe dei todas as provas possíveis — o sorriso maravilhoso voltou aos seus lábios e seus olhos se fecharam de prazer com as minhas palavras. — Eu quero me casar com você, não porque transamos, mas porque você é o homem da minha vida. Não quero perdê-lo mais uma vez por causa da minha infantilidade — voltou a me beijar com carinho, depois de um tempo me mantendo em seus braços, falou:

— O que quer fazer nesse tempo livre? — Sussurrou em meu ouvido.

Eu sorri, envergonhada. Não tinha coragem de dizer em voz alta o que queria fazer durante todo o meu tempo livre. Então baixei os olhos e aguardei pelas suas sugestões.

— Seu desejo é uma ordem — ele estendeu o meu corpo e eu preendi minhas pernas em sua cintura. Em segundos, estávamos na cama, em menos tempo ainda, já tínhamos nos livrado das roupas.

Era incrível como a minha vida sexual que, tinha começado há tão pouco tempo, já me deixava tão à vontade. Talvez meu período de estágio com Thomas tenha colaborado para que eu me conscientizasse do que meu corpo necessitava e gostava. Por isso, apesar do pouco tempo nos entendíamos tão bem que havia harmonia entre nossos desejos. Bastava um toque, um olhar e já sabíamos o que o outro queria.

Estávamos deitados na cama com nossos corpos semicobertos pelo lençol, que escondia parcialmente nossa nudez. Eu estava sobre o peito do Thomas, enquanto ele acariciava meus cabelos, me deixando sonolenta.

— Eu amo tanto você, Cathy. Tive tanto medo de perdê-la — estava pensativo.

— Não vamos mais pensar nisso, meu amor — repeti as mesmas palavras que ele tinha usado para me acalmar na noite passada, enquanto eu tentava dizer o que sentia.

— Não estou falando apenas do absurdo de ontem. Estou falando de todos os momentos em que quase a perdi por ser tão intransigente — suas mãos afagaram meus ombros. — Nem acredito que estou aqui com você. Depois de ter feito tanta besteira, é difícil acreditar que mereço o seu amor.

— Thomas, não pense assim. Eu também fiz absurdos para evitar o que sentíamos. Nós dois erramos e daí? Nada conseguiu impedir o que estamos vivendo agora. Nem eu nem você conseguimos evitar o amor que estamos sentindo. Além do mais, qual relacionamento é perfeito? O nosso não poderia ser diferente, senão não seria de verdade. E os acertos só existem por causa dos erros. Estamos tendo a chance de acertar aprendendo com os erros. Vamos ficar juntos e isso já é um grande começo.

Thomas beijou meus cabelos, afagando-os.

— Você é perfeita, sabia?

— Não — respondi sorrindo. — Você me ama, não é a pessoa mais indicada para falar das minhas imperfeições.

Olhei para a janela e percebi assustada que, quando estávamos juntos eu me esquecia do tempo, das obrigações e das necessidades. Por isso dei um pulo quando olhei o relógio. Tínhamos menos de duas horas para nos aprontar e estar no aeroporto. Levantei rapidamente do seu peito, já esquematizando o que faria para conseguir cumprir o horário. Seria um fiasco se Thomas não conseguisse chegar à *première* de Barcelona. Com certeza milhares de fãs deviam estar acampadas na porta do cinema havia dias, só aguardando por uma possível foto, um autógrafo, ou mesmo para apenas vê-lo passar rapidamente.

— Por que a pressa? — Thomas brincou comigo por eu ter saído da cama.

Olhei para ele, deitado, o corpo quase todo à mostra. Apreciei seu peito largo e os braços fortes. Suspirei. Eu queria ficar mais tempo deitada com o meu noivo, mas não podia. O dever me



chamava. Mas Thomas estendeu a mão, me chamando de volta e eu não resisti.

— Temos que parar, Thomas — eu tentava falar entre seus beijos e carícias.

— Não tenho forças, Cathy. Você me deixou esperando por uma eternidade. Estou tentando recuperar o tempo perdido — ria.

— Vou pegar uma fraqueza deste jeito — protestei, porém estava deliciada com o apetite sexual do meu noivo. — Tenho que levantar para arrumar o cabelo, ou a Sara me mata no aeroporto.

— Seu cabelo é lindo de qualquer jeito — ele tentava me segurar na cama com beijos e carinhos cada vez mais intensos.

— Vou levantar agora! Levante-se também e vá fazer alguma coisa — decidi assumir as rédeas senão ele conseguiria me convencer.

— Como o que, por exemplo? — levantou uma sobrancelha, cinicamente. — Tenho uma assistente tão competente que não me sobra nada a fazer que não seja esperar por ela.

— Que tal começar com um banho para adiantar o seu lado? — voltou a me beijar.

— Podemos tomar banho juntos? — Pediu dengoso. — Você vai ter que lavar os cabelos, não é? Então? — Tenho que admitir, Thomas sabia argumentar.

Não tive como negar a ele aquele pedido. Tomamos banho juntos e nos atrasamos mais um pouquinho.

Precisei improvisar com o cabelo. Sequei o máximo que pude, depois fiz algumas ondas, passando uma pomada própria para dar volume e com o dedo fiz uns cachos, prendendo-os com grampos por um tempo. Graças a Mia, eu tinha um grande arsenal de técnicas de beleza. Quando tirei os grampos, lindos cachos grossos caíram sobre meus ombros. Estava perfeito. Thomas ficou o tempo todo me assistindo brincar de salão de beleza sem demonstrar impaciência. Enquanto esperava o tempo certo para soltar os cachos, aproveitei para interrogá-lo sobre a conversa que ele e Sara tiveram mais cedo.

— Será que nada passa despercebido por você, Cathy? — Ficou um pouco apreensivo, começando a passar as mãos pelos cabelos, enquanto pensava na melhor forma de começar a falar. — Basicamente ela conversou sobre o de sempre — fez um gesto vago com as mãos. O que me levou a pensar se ele estava tentando me esconder a história. — Queria saber até que ponto eu estava realmente envolvido com você e falou novamente sobre os riscos disso acabar mal, ou seja, o mesmo de antes — eu sabia que havia algo mais.

— Mesmo depois disso? — Levantei minha mão, mostrando a aliança.

— Não foi uma espécie de recriminação. Foi mais como estivesse verificando, mesmo.

— Tem algo mais, Thomas. Posso ver em seu rosto. Existe alguma coisa escondida nesta história.

— Bem... — ele hesitava. — Não sei como você vai reagir — confessou.

— E você estava pensando em me dizer quando? Na última hora?

— Não sei. Acho que agora mesmo. Só estava escolhendo o melhor momento — riu nervoso.

— Estou pronta para a bomba. Já tenho experiência suficiente para aguentar qualquer tipo de choque — incentivei-o a continuar, brincando com os fatos da noite passada.

— Sara me pediu para esconder o nosso noivado da Lauren, por enquanto — disse rápido demais, observando atentamente minha reação.

— O quê? — Fiquei indignada com a informação. — Que mistério é esse que agora interfere até em meu noivado?

— Era por isso que não queria contar. Você agora vai querer entrar em outra história.

— É claro que vou. Por que preciso esconder dela que estamos juntos? O que existe nesta história que é mais importante do que a nossa felicidade? Se ela não consegue se conformar pelo fracasso do relacionamento de vocês dois, o problema não é meu. Você deveria ter resolvido isso antes, Thomas.

— Nada é mais importante para mim do que a sua felicidade — ele descartou o que eu tinha falado depois, evitando maiores explicações. Com a ponta do dedo, começou a acariciar meu braço, tentando me distrair.

— Então não precisamos atender ao pedido dela — desafiei-o.

— Cathy, não é por Lauren. É pela Sara, que é madrinha dela, minha empresária e também amiga. Entenda.

Suspirei e comecei a dar as costas, mas ele me segurou.

— Se é tão importante para você, então vamos fazer do seu jeito, certo? Só não fique aborrecida. Estamos felizes e nada vai atrapalhar nossa felicidade.

Tinha que admitir. Ele era incrível! Eu não poderia deixá-lo se indispor com Sara só por causa da minha birra com Lauren.

— Não faço questão, Thomas. Apenas acho um absurdo você continuar escondendo de mim o que aconteceu entre vocês. Qual é o problema? Não deveríamos ter mais segredos. Eu confiei em você e contei tudo da minha vida, seria mais justo se você fizesse o mesmo.

— Isso é injusto. Não é certo me cobrar. Eu confio em você sobre tudo da minha vida, mas esse problema não é apenas meu. Já expliquei várias vezes que existem outras pessoas envolvidas, não posso revelar o segredo da vida dessas pessoas. Tudo que está relacionado apenas a mim você já sabe.

Soltei-me dos seus braços e fui sentar na cama, enquanto fingia que organizava os meus documentos perfeitamente organizados. Ele logo estava à minha frente.

— Alguém já disse que você tem um gênio muito difícil?

— Sim. Várias vezes.

— E que quando você empaca em uma coisa é muito difícil desempacar?

— A que mesmo você está me associando?

— A uma criança birrenta.

Desviei o olhar fingindo não me importar mais com ele.

— Cathy, olhe para mim — ele exigiu a minha atenção, e eu não dei. — Vai me ignorar? — Estava se divertindo com a minha reação. Thomas era irritante quando queria. — Tá bom! Então acho que

— Você não vai se importar se eu fizer isso — sentou ao meu lado e começou a beijar meu pescoço, arrepiando imediatamente a minha pele. Eu tentava ser forte, fingindo não me importar, então ele passou a mão para dentro do meu roupão, tocando a minha cintura com cuidado. Comecei a suspirar revelando a minha incapacidade de ser indiferente a ele. Meu noivo deu risada da minha reação.

— Agora eu já existo?

— Existe. Pare. Temos que ir embora.

— Olhe para mim, então — olhei-o interessada. — Eu amo você! Acredite em mim quando digo que não existe ninguém mais importante do que você na minha vida.

— E seus pais? — Eu já estava vencida.

— Tá bom! Você e minha família estão no mesmo patamar.

Tive que rir e o clima entre nós dois suavizou, para a minha felicidade. Não queria que meu mau gênio começasse a interferir em nosso relacionamento.

A saída do hotel e a chegada ao aeroporto foram extremamente difíceis. Os repórteres não deram sossego. Queriam de qualquer maneira uma declaração. Escondi a mão no bolso do meu jeans para que a aliança não aparecesse em nenhuma foto. Thomas se manteve um pouco distante, não me tocando em nenhum momento, tentando não chamar a atenção para o nosso relacionamento. Eric organizava a segurança ao nosso redor para que conseguíssemos chegar ao embarque. Uma loucura total.

Sentamos juntos no avião, porém continuamos despistando os curiosos sem demonstrar afeto em público. Este era um papel que meu noivo interpretava muito bem. Achei perfeito. Se conseguíssemos agir sempre desta forma, seria ótimo.

Enquanto ouvíamos música, fiz um pequeno balanço da minha vida. Fiquei feliz pelo resultado. Eu tinha tudo o que mais queria: Thomas, um emprego que adorava, amigos maravilhosos, além de uma vida sexual esplêndida, ou pelo menos um esplêndido começo de uma vida sexual. Sorri, satisfeita. Era possível ser tão feliz assim?

Peguei uma agenda para fazer algumas anotações necessárias na organização da nossa rotina. Eu não tinha trabalhado o dia inteiro e precisava adiantar algumas coisas. Thomas tirou a caneta de

minha mão e escreveu, na página que estava aberta: *Você me faz feliz como nunca fui. Te amo! PS.: Já estou com saudades. T. Sorri*, tentando conter a felicidade que sentia com suas palavras, para não chamar a atenção da comissária que estava próxima a nós dois. Fechei a agenda, encostei-me à cadeira, fechando os olhos. A minha felicidade era plena.

Viajamos por mais alguns dias pela Europa, porém já encontrávamos prestes a voltar para a América. Estávamos na Inglaterra, fazendo a divulgação do filme, como em todos os outros países, tinha sido incrível! Eu e Thomas desenvolvíamos uma sincronia maravilhosa: durante o dia, quase não nos tocávamos. Falávamos muito um com o outro, apenas sobre assuntos relacionados ao trabalho, à noite, nos entregávamos ao nosso amor. A distância do dia nos deixava ansiosos pelos nossos momentos de mais tarde. E era sempre maravilhoso.

Era nossa última *première* na Europa, Thomas me deu um beijo rápido a alguns metros do local onde o nosso carro iria parar. Durante toda a noite nos dedicamos ao trabalho. É claro que nem tudo era isso. Não podíamos evitar os olhares que trocávamos um com o outro. Era muito divertido o clima entre nós dois e a forma como disfarçávamos na frente dos outros. Mesmo assim as pessoas percebiam que existia algo além do profissional.

Éramos harmoniosos. Trabalhávamos em uma sintonia perfeita sempre com muito cuidado e carinho. Thomas fazia questão de me elogiar em suas entrevistas, sempre falava de mim de uma forma um pouco mais íntima do que simples colegas de trabalho fariam. Eu entendia o seu lado. Era praticamente impossível nos referirmos um ao outro sem a cumplicidade que nos cercava, sem o carinho e a admiração existentes.

Antes de voltarmos para o hotel, Kendel nos convidou para jantar. Toda a equipe iria. Confirmei que iríamos, mesmo sabendo que Thomas tinha pressa de voltar para o quarto. Eu bem sabia o porquê. Senti um arrepio na espinha só em imaginar.

Fomos para um restaurante bastante reservado onde a conversa fluía animadamente. Até Lauren estava mais sociável naquela noite.

Percebi que ninguém fazia nenhuma referência ao meu noivado, ou ao meu relacionamento, então deduzi que Sara havia feito o mesmo pedido a todos. Eu tinha prometido a Thomas que atenderia ao pedido de Sara, então me comportei. Coloquei outro anel no dedo junto com o de noivado, para disfarçar um pouco e não chamar muita atenção. Seria provisório. Além do mais, estávamos em público.

Ele tinha sentado em uma ponta da mesa, optei por ficar um pouco mais afastada, ao lado do Dyo. Engatamos uma conversa animada, com meu amigo o tempo todo, me provocando com o assédio da imprensa e a possibilidade de outros trabalhos do mesmo tipo do folheto. De vez em quando, eu olhava para o Thomas, que também me fitava de tempos em tempos. Era tão intenso que me sentia puxada para ele. Comecei a sentir calor. Minha pele queimava com o seu olhar. No final da noite comecei a apressar a todos. Queria voltar logo para o hotel.

— Está cansada? — Thomas perguntou casualmente, quando eu entrei no seu quarto mais tarde. Teríamos que continuar a fazer desta forma, para que Lauren não percebesse.

A cada dia eu detestava mais aquela mulher e a situação que eu concordara em viver. No entanto não poderia deixar passar em branco o meu aborrecimento. Ainda bem que, depois da surra que dei nela, suas insinuações desapareceram. Lauren quase não falava comigo, só quando necessário e sobre assuntos que envolviam o nosso trabalho.

— Mais pelo fato de ter que gastar a minha energia me escondendo da Lauren do que pelo trabalho de hoje — fiz biquinho, emburrada.

Thomas riu da minha birra.

— Já conversamos a respeito disso — ele me abraçou por trás e começou a afastar meu cabelo do pescoço, jogando-o para frente. — Falta pouco tempo e estaremos livres. Depois ela será um problema só da Sara.

— E então você irá me contar o que aconteceu?

Thomas suspirou e encostou a testa em minha nuca.

— Sabe? Lá no restaurante eu tive a impressão de que você estava ansiosa para voltar para o hotel. Acho que me enganei.

— Não seja dramático, Thomas. Eu estava realmente doida para estar aqui com você — virei para ele começando a fazer o mesmo jogo que ele fazia comigo. Beije seu pescoço, passando a língua levemente em alguns pontos e mordiscando em outros. E deu certo, constatei satisfeita. Ele fechou os olhos saboreando as carícias. Deixei minhas mãos explorarem seu corpo da mesma forma como ele explorava o meu.

— Você aprende rápido — falou num sussurro.

— Isso é ruim? — Desabotoei sua camisa colocando a minha mão por dentro.

— De jeito nenhum — ele me puxava para si com desejo. — Pensei que esta noite você estaria cansada depois da tarde que tivemos.

Ri travessa para ele.

— Pensei em nossa noite a tarde toda — abri a sua calça e acariciei o pé da barriga, passando os dedos pela barra da cueca. Ele gemeu baixinho.

— Meu Deus! Eu estou criando um monstrinho — Thomas desceu o zíper do meu vestido, deixando-o cair no chão.

Beijamo-nos longamente, apreciando cada contato. Meu noivo demonstrava extrema excitação. Ele entrelaçou as mãos em cada lado da minha calcinha. Eram na verdade duas tiras bem fininhas, por isso, sem muito esforço puxou as duas, rompendo-as.

— Thomas! — Ralhei surpresa enquanto ele arrancava do meu corpo o que tinha sobrado da peça.

— Você é maravilhosa! — Recomeçou os beijos em meu pescoço. — Adoro sua pele. Seu gosto.

— Mas, pelo visto, odeia a minha calcinha — brinquei fazendo-o rir. Thomas desceu a mão puxando-me pelos quadris para mais perto.

Estávamos de pé, próximos a um móvel que servia de bar e guarda-utensílios ao mesmo tempo. Thomas estava apoiado num banco alto de madeira e eu totalmente apoiada nele.

— Vamos pro quarto — disse, já sem fôlego.

— Pra que? Tudo que quero fazer com você posso fazer aqui mesmo.

Meu noivo me virou de costas distribuindo carícias por todo o meu corpo. Suas mãos pressionaram meus seios com ardor, enquanto os lábios beijavam minhas costas, mas eles desceram por minha pele, parando entre as minhas pernas. Eu estava ofegante. Necessitava dele em mim. Girou rapidamente, deixando-me apoiada, ainda de costas, no banco em que ele estava. Ouvi suas calças caírem e pude sentir seu corpo nu.

Ele não tinha pressa. Queria me enlouquecer primeiro, por isso levantou um pouco a minha perna, para que me apoiasse no banco também e enfim me possuiu. Gememos alto, ao mesmo tempo, ao primeiro contato. Thomas me puxava, mas logo em seguida me afastava, fazendo-me entender qual seria o ritmo.

Atingi o orgasmo primeiro com todo o corpo estremecendo com a sensação. Ele gemia satisfeito com o resultado e logo em seguida também gozou, apertando-me contra ele.

Fomos dormir exaustos.



## Capítulo 19

### Revelações, Incertezas e Sofrimentos

#### VISÃO DE CATHY

**D**

ois dias depois nossa vida estava uma loucura. Viajamos para o Texas para iniciarmos as gravações externas. Thomas estava radiante com esse novo papel. Esperava realizar um ótimo trabalho e com isso se destacar ainda mais como ator. Chegamos cedo, pois tivemos uma reunião demorada com todos os envolvidos no projeto. No final Thomas foi para outra reunião com o psiquiatra que o ajudaria com algumas observações sobre o perfil do seu personagem. Minha presença não era necessária. Fui para o ônibus-camarim destinado a o meu astro, organizar algumas coisas. Thomas só voltaria no fim do dia. Algumas pessoas vieram falar comigo sobre o que necessitavam que eu fizesse para que meu noivo cumprisse com sua programação.

Ele mal chegou e já precisou sair correndo para outra reunião com o pessoal do figurino, onde fariam as últimas provas. Não tinha sido difícil escolher as roupas. Era um filme atual, então estas seriam parecidas com o que ele costumava usar no dia a dia. Também não participei dessa reunião. Apenas recebi algumas recomendações. E assim passamos nosso primeiro dia no Texas, quase sem nos

encontrarmos. À noite, recebi um documento contendo a rotina do Thomas para os próximos dois dias, além do script das cenas que seriam rodadas.

Fui primeiro para o hotel e fiquei em meu quarto arrumando minhas coisas. Seria mais tranquilo ficarmos juntos já que não teríamos Lauren na nossa cola. Então fui para o quarto dele sem me preocupar em ser vista. Thomas estava em mais uma reunião, com o elenco do filme. Fiquei deitada assistindo à TV enquanto esperava por meu noivo. Nem percebi que tinha pegado no sono. Acordei com Thomas deitando ao meu lado.

— Oi — falei, ainda sem saber se estava ou não dormindo.

— Oi, amor — respondeu com carinho — Abandonei você o dia todo.

— Tudo bem. Faz parte da loucura que concordamos em viver — abracei seu corpo buscando calor, apesar da noite estar quente.

— Estou muito cansado. Você se importa se só dormirmos? — Sua voz revelava o seu estado.

— Acho que vamos ter algumas noites como essa — respondi, prevendo o que nos aguardava. Ele apenas riu e me abraçou, dormindo logo em seguida.

Acordamos com o sol ainda escondido. Thomas levantou atordoado. Tínhamos uma reunião bem cedo com o diretor, John, e alguns atores que participariam das primeiras cenas a serem gravadas.

— Desculpe por ontem — Thomas estava constrangido. Dei risada.

— Ah! Eu nunca pensei que seria sempre fácil — ele riu.

— Mesmo assim. Temos quanto tempo? — Já estava cheio de segundas intenções.

— Nenhum — ri do seu desapontamento.

Descemos para tomar café no restaurante do hotel e lá encontramos algumas pessoas da equipe. Logo Thomas estava envolvido em conversas sobre o trabalho. Fomos para a reunião, onde me limitei a fazer algumas anotações para passar a ele quando necessário. Assistimos a partes de filmes e terminamos já na hora do almoço. Conversamos sobre alguns detalhes e, pela tarde, meu

chefe teve mais um encontro com alguns dos atores além do psiquiatra.

Fiquei a tarde toda no hotel, reunindo documentos, resolvendo coisas com Sara e Helen, mas sem estar ao lado do meu noivo. Quando ele chegou, veio em minha direção, me agarrando.

— Estou trabalhando, amor — tentava me livrar de seus braços, mas a saudade não permitia.

— Vou deixá-la trabalhar, prometo, mas depois. Estou louco de saudades. Quero recuperar a noite passada.

Fizemos amor, cheios de saudade, porém logo precisei voltar ao trabalho. Thomas saiu em seguida para outra reunião exaustiva. Arrumei nossas malas, deixando suas roupas sobre a cama. Iríamos viajar para a Flórida, rumo a *première*.

Fomos rapidamente para o aeroporto, onde finalmente pude aproveitar para dormir durante o voo. Era mais fácil em um jato particular. Thomas também dormiu toda a viagem. Fomos acordados pela comissária de bordo. Seguimos rapidamente para o hotel, onde encontramos toda a equipe. Lauren nos olhava de forma diferente. Parecia bastante aborrecida, porém não tive tempo para tentar desvendar o motivo da sua irritação. Só percebi que estava diretamente ligada a mim e a Thomas.

Fomos para a *première*, animados por estarmos juntos de nossos amigos outra vez, mesmo que só por algumas horas. Thomas estava muito feliz por conseguirmos manter a agenda, por isso foi especialmente carinhoso com as fãs. Eu admirava a sua determinação. Ele era um homem incrível.

Corremos para o aeroporto, onde o jatinho nos aguardava para voltarmos ao Texas. Apesar de cansados não dormimos. Ficamos conversando sobre os acontecimentos da noite, enquanto eu fiquei deitada em seu peito e ele acariciava os meus cabelos.

— Você percebeu algo diferente na Lauren hoje? — Perguntei, fingindo desinteresse.

— Não percebo, nem vejo, nada na Lauren. Praticamente não me dou conta de que ela existe — Thomas ficou um pouco aborrecido. Achei estranho.

— Não entendo por que você aceita trabalhar com ela se isso o incomoda tanto. Se existe um problema entre vocês dois, por que você ainda a tolera?

— Primeiro porque não existem mais problemas entre nós, a não ser a implicância que ela tem com você. Segundo porque não posso simplesmente retirar uma pessoa da equipe apenas porque tive problemas de cunho pessoal com ela, terceiro e mais importante, porque ela não trabalha para mim.

— Não? Eu achei...

— Ela trabalha para Sara. Eu apenas aceito a sua presença.

— Continua sendo estranho.

— Eu sei, mas é o máximo que posso dizer no momento.

— Esta história um dia ainda vai acabar nos separando.

Senti meu peito apertar com essa afirmação. Eu não queria que nada nos separasse, só esse pensamento já me fazia sofrer. Thomas me apertou em seus braços, como se isso pudesse impedir nossa separação.

— Por que você acha isso? Eu pensei que o nosso amor seria o bastante para nos manter sempre juntos.

— Nem sempre o amor é suficiente. Existe toda uma questão moral e de princípios que pode provocar a separação de pessoas que se amam.

— Eu nunca acreditei que o amor fosse um sentimento racional — meu noivo brincava, mas dava para perceber que a minha afirmação o preocupava.

— Porque não é o único sentimento que une as pessoas — ele segurou o meu rosto com as mãos e me beijou, refletindo o seu medo.

— Não quero perdê-la, Cathy. Eu amo você!

— Eu amo você também.

— Então vamos esquecer esse assunto.

— Se você me contasse, eu teria condições de decidir o que fazer. Sem saber o que aconteceu fico perdida, no escuro. Não vai ser fácil acreditar no que me disser depois.

— Depois do que?

— Quando que eu descobrir o que aconteceu através de outra pessoa. Não vai ser a sua versão, então há um sério risco de acabar interpretando tudo da forma errada.

— Se alguém tiver que lhe contar essa história, esse alguém sou eu. E você precisa acreditar apenas em mim e em mais ninguém.

— A Lauren pode me contar. Eu acredito realmente que ela está ansiosa pela oportunidade. E, se isso acontecer, talvez eu não tenha condições de acreditar em você já que a única coisa que faz é me esconder a verdade.

Thomas ficou calado, refletindo sobre o que eu tinha dito e, por um instante, acreditei que me contaria.

— Eu dei minha palavra a Sara. Não posso contar, Cathy. Não agora. Mas vou, quando essa loucura toda acabar. Eu prometo — não falei mais sobre o assunto. Só o fato dele resolver me contar, independentemente de quando, era o suficiente para mim.

Ficamos o restante da viagem falando sobre outras coisas, como as gravações do próximo filme. Chegamos ao Texas com o dia nascendo. Fomos direto para o hotel tomar café e depois tive reunião com o pessoal da produção, sobre o que faríamos nos próximos dois dias. Thomas foi para outra com mais dois atores principais e John. Só nos encontramos no final da tarde. Dormimos um pouco e saímos para fazer a primeira cena, noturna e externa.

Eu fiquei um tempo observando meu chefe trabalhar, depois me tranquei no seu ônibus-camarim para responder aos e-mails e conversar com o pessoal da equipe. Thomas só foi liberado de madrugada, com o dia quase nascendo. Corremos para o hotel para dormirmos um pouco. Quando acordamos, já passava do meio-dia. Meu noivo estava manhoso, com preguiça de levantar e aproveitava para ficar me agarrando, tentando me manter na cama com ele.

— Thomas, eu preciso ir. Tenho que verificar algumas coisas antes de você sair para gravar as próximas cenas. Você ainda deve estudar as suas falas.

Eu queria ficar com ele, mas precisava realmente sair, ou então não conseguiríamos partir para Sidney, onde passaríamos três dias em eventos como a *première*, convenção de fãs e a coletiva de imprensa, além de muitas festas. Depois voaríamos de volta para o

Texas e encerraríamos a primeira parte das gravações. Só precisaríamos voltar após quinze dias. O que seria ótimo.

— Cathy, amor, estou sentindo sua falta. Não estamos tendo tempo para nós dois — ele me segurava, distribuindo beijos pelos meus seios e pescoço.

— Eu sei, mas nós sabíamos que seria assim. Falta pouco. Vamos para Sidney hoje e lá a nossa rotina vai dar uma maneirada. Agora preciso realmente ir — ele me soltou e eu comecei a levantar para fugir da tentação.

— Estou me sentindo como antigamente, quando você ainda era virgem, só me deixava na vontade e eu tinha que me conformar.

Dei risada da sua queixa. Meu noivo parecia uma criança mimada quando não conseguia o que queria.

— Eu te amo. E acredite que estou com tanta vontade quanto você. Porém precisamos ser responsáveis. Então vou tomar um banho e o encontro no restaurante, tá bom?

— Não tenho outra alternativa, ou tenho?

— Não amor, não tem.

Tivemos mais um dia de trabalho cansativo e nos encontramos no hotel já na hora de sair. Thomas estava impossível. Mal humorado, reclamando de tudo, inclusive de que eu não estava dando a ele a atenção que precisava.

— Tudo isso porque precisa de sexo? — Questionei logo depois do avião decolar.

— Não preciso de sexo. Preciso fazer amor com a mulher da minha vida. Passei meses esperando para ter você, agora estamos juntos e impedidos de ter um ao outro.

— Não estamos impedidos. Estamos cansados. Você chegava exausto e dormia. A culpa não é minha.

— Nem minha. E você só me acordava quando estava em cima da hora de pular da cama para trabalhar.

— Thomas, você está esgotado. Precisa descansar.

— Eu preciso de você. O resto é consequência.

— Vamos resolver seu problema em breve — disse confiante, ao perceber a comissária de bordo entrando para nos servir. Quando ela saiu, Thomas continuou:

— Vamos chegar já com coisas para fazer, só teremos tempo para nós depois da *première* e da festa, ou seja, de madrugada. Isso se você não alegar que estamos cansados e que precisamos descansar — foi impossível não rir do que dizia.

— Você alega que está cansado, eu apenas concordo.

— Cathy, você está cansada agora?

— Não. O que você está planejando? — Tive medo de perguntar.

— Nem pensar, Thomas. Temos que manter nossa imagem além do mais a comissária entra aqui o tempo todo para nos observar e... — Ele já estava me beijando e me puxando para a sua poltrona.

— Pare com isso, Thomas. Não.

— Sim — afirmou incisivo, colocando a mão por baixo da minha saia.

— Não — eu neguei decidida, tirando suas mãos de mim. — Você está maluco? Estamos num avião. Não quero dar a ninguém motivos para falar da minha vida.

— Deixe de ser tão certinha. É só trancar a porta de acesso e estaremos com a área toda só para nós dois.

— Não, Thomas. De jeito nenhum.

Mas ele já estava me agarrando novamente, e meu corpo, claro, cedia a seus encantos.

— Por favor, Thomas. Não faça isso. Não me dê motivos para ficar irritada com você.

— Você não vai ficar com raiva de mim por causa disso — retrucou, ainda tentando arrancar a minha calcinha e descer a poltrona ao mesmo tempo.

— Vou. Pode apostar.

— Então vamos para o banheiro.

— Não.

— Cathy, decida-se. Ou aqui ou no banheiro. Mas eu quero você agora — falou como uma ordem e, meu corpo simplesmente amoleceu seduzido pela sua disposição e necessidade, ao invés de obedecer à minha mente e afastá-lo, para que Thomas soubesse que não podia me dar ordens dessa maneira.

— No banheiro — decidi, por fim.

Descemos em Sidney com o dia já em ritmo acelerado. Thomas estava mais tranquilo. Também, depois da nossa aventura no banheiro do avião, deveria mesmo se sentir no mínimo calmo. Dyo foi nos buscar no aeroporto e nos levou direto para uma entrevista numa conceituada revista do país. Meu chefe foi muito agradável com a repórter e brincou com os boatos sobre o nosso relacionamento, afirmando que seria muito sortudo se conseguisse alguma coisa de mim e que eu já o havia ameaçado com um processo por assédio sexual. Dei risada, mas não pude deixar de me sentir constrangida com a revelação desse fato da nossa história. Apesar da insistência da profissional, não quis dar nenhuma declaração.

À noite saí do meu quarto às pressas, para verificar como Thomas estava se saindo com a sua produção. Estava um pouco perdida em meu figurino extremamente sexy. Um tubinho branco totalmente colado, revelando todo o meu corpo. Eu havia adorado essa roupa no dia das fotos, mas seria difícil conseguir trabalhar com ela. Coloquei um casaco de pele sintética por cima, evitando assim expor tanto as minhas curvas. Quando estava chegando ao quarto dele, dei de cara com Lauren no corredor, fumando. Não era o lugar mais apropriado para isso, mas parecia que ela montava guarda com a desculpa do cigarro. Tentei passar direto, mas foi impossível.

— Cathy! — Enfatizou o sarcasmo ao falar o meu nome.

— Lauren — respondi secamente, tentando passar para o quarto do Thomas.

— Não pensei que você seria capaz de perdoar Thomas depois dele ter ficado com a Sharon Parker, naquela noite na boate — recebi suas palavras como se fosse uma facada. — Pelo visto você não se preocupa muito com fidelidade. Talvez esse fato facilite as coisas entre vocês.

— Você está falando da sua armação na boate em Los Angeles? Desculpe, Lauren, não tenho tempo a perder com suas tramas. Acho que deixei bem claro quando lhe dei aquela surra no mesmo dia — observei seus olhos virarem duas labaredas de fogo.

— Não pense que não vai ter volta.

— Estarei pronta. Quando você quiser.



— Acho que está na hora de você saber de algumas coisinhas a respeito do Thomas.

— Algum problema? — Não percebi que Thomas tinha saído do quarto e vindo em nossa direção.

Sustentamos nosso olhar por um longo tempo.

— Cathy? — Thomas segurou meu braço me tirando do transe.

— Cathy está querendo algumas informações, Thomas — Lauren estava com um sorriso demoníaco no rosto.

— Informações? — Thomas olhava para mim, interrogativo.

— Vamos embora — falei, sem me dar ao trabalho de responder.

Sáímos imediatamente em direção ao quarto dele. Graças a Deus, Lauren não nos acompanhou. Thomas, assim que fechou a porta, começou a falar.

— O que você estava fazendo? Eu disse que contaria, por que você foi perguntar para a Lauren?

— Eu não fiz nada disso.

— Não? E que informações eram essas que você queria dela?

— Por que você tem tanto medo dela me contar? — Eu estava muito incomodada com a situação então resolvi confrontá-lo.

— Porque pensei que tínhamos concordado que eu mesmo contaria quando estivéssemos longe de tudo. Muito me admira você ter ido até ela para saber. Não confia mais em mim?

— Eu não fiz isso. Ela estava montando guarda no corredor e começou a me atacar quando tentei passar. Não procurei saber de nada, foi ela quem disse que iria me contar.

— Então você decidiu ouvir o que Lauren tem para dizer? E a nossa conversa no avião?

— Eu não decidi nada. Ela começou a falar enquanto impedia minha passagem.

— E você aproveitou para acabar logo de vez com essa história.

— Não vou discutir com você, Thomas. Não vale a pena.

Ele ficou me observando caminhar pelo quarto, procurando alguma coisa para fazer. Em nenhum momento olhei de volta em sua direção. Era tão absurdo não saber do que se tratava. Isso permitia que Lauren se sentisse à vontade para fazer o que estava fazendo. E, ainda por cima, éramos obrigados a fingir que não existia nada

entre nós na presença dela, algo que eu duvidava muito que ela já não soubesse. Thomas me segurou pelo braço quando passei por ele, abraçando-me em seguida.

— Fique longe dela. Tá bom?

— Impossível. Trabalhamos juntas. Encontramo-nos o tempo todo.

— Cathy, estou falando sério. Não quero você tendo este tipo de conflito com Lauren. Ela não é confiável.

— Thomas. Estou lhe dando a chance de acabar com todo esse mistério. Faça logo isso.

— Já conversamos o que tínhamos para conversar.

Ouvimos alguém bater à porta e eu fui abrir. Era Kendel, avisando que já poderíamos sair. Fomos à *première*, porém em nenhum momento, voltamos a conversar, nem sobre esse assunto, nem sobre qualquer outro. Eu estava muito irritada e, ao que parecia, Thomas também, o que tornava tudo ainda pior. Após a *première* fomos para a festa em um restaurante, no entanto ficamos penas calados, um ao lado do outro.

— A rotina está acabando com os dois. Onde está o ânimo? — Brincou Dyo, percebendo o clima.

— Trancado em minha mala — respondi, sem muita vontade de brincar. Thomas deu risada da minha resposta, amenizando um pouco nossa irritação.

— Acho que podemos ir embora agora, Dyo. Já cumprimos o nosso papel por hoje — informou.

— Eu quero ficar — desafiei.

— Não quer, não — devolveu, olhando em meus olhos pela primeira vez na noite.

— Quero, sim. Não estou cansada para voltar ao hotel.

— Não precisa estar cansada. Apenas estar disposta — retrucou, com um sorriso safado nos lábios, prolongando seus olhos em meu corpo.

— Hei! Não quero saber os detalhes sórdidos da vida de vocês — Dyo nos lembrou da sua presença. Eu estava muito envolvida na minha conversa com Thomas para dar atenção ao que meu amigo dizia.

— Vá sonhando!

— Não vou continuar brigado com você, principalmente por causa da Lauren.

— Mas eu vou.

— Vamos embora que eu acabo logo com essa sua birra.

— Não vou — eu agia igualzinho a uma criança mimada.

— Cathy! — Thomas me advertiu. — Não vamos dar motivos para os paparazzi de plantão comentarem amanhã.

— Por que acha que eu faria isso?

— Porque vou agarrá-la aqui, na frente de todos — parei um minuto sem saber o que responder.

— Vamos embora — concordei, olhando diretamente para Dyo. Não queria dar ao Thomas o gostinho da vitória.

No meio da noite eu já havia me esquecido completamente o que nos levava àquela discussão.

Pela manhã, ainda bem cedo, fui até o meu quarto buscar o notebook para verificar algumas coisas. Prometi ao Thomas que voltaria em menos de um minuto, então ele continuou na cama me esperando. Passei pelo corredor, sustentando um sorriso tão grande que era impossível esconder a minha felicidade. O mundo me parecia tão perfeito!

Entrei no quarto e aproveitei para responder a um e-mail da Mia, que estava ansiosa com o noivado fazendo questão de organizar tudo. Precisei dizer a ela, mais uma vez, que não sabíamos quando seria o casamento. Estávamos cheios de compromissos para cumprir, conseguir uma folga na agenda para um casamento, mesmo sendo o nosso, era quase impossível. No entanto, para que minha melhor amiga não ficasse triste, disse que ela poderia ir planejando que quando eu voltasse, conversaríamos sobre o assunto. Peguei o notebook voltando correndo para Thomas.

Encontrei a porta aberta. Havia me esquecido de bater, ou Thomas abrira para que eu entrasse de uma vez? Entrei em silêncio e ouvi alguém discutindo com ele no quarto. Lauren. Constatei. Fiquei em dúvida sobre o que fazer. Ou entrava de uma vez e acabava com a discussão, ou aguardava e descobria do que estavam

falando. Resolvi aguardar então consegui ouvir sobre o que discutiam.

— Eu não sou burra, Thomas. Você acha que não sei de vocês dois. Vi o anel na mão dela — Lauren estava com raiva. — Não adiantou nada o fato de ninguém falar sobre o assunto.

— Estou pouco me importando para o que você acha, Lauren.

— Se fosse verdade, você não estaria escondendo de mim esse noivado ridículo.

— Só evitamos contar a você porque Sara me pediu. Se dependesse de mim já teríamos contado para o mundo inteiro.

Silêncio.

— Vá embora, Lauren. Você não percebe que nem deveríamos ter esta conversa agora?

— Por quê? A sua Cathy pode voltar a qualquer momento, não é? Eu vi quando ela saiu toda feliz. Ótimo! Vamos ver o que vai achar sobre o que eu tenho a dizer. Será que ela continua com você depois que eu contar a verdade? Quero saber se continuará com aquele arzinho superior de felicidade plena.

— Não se atreva! — A voz dele modificou. Ficou tão severa que tive certeza que ele poderia matá-la ali naquele momento. Pensei se Thomas seria realmente capaz de fazer isso.

— Ela não diz que ama você? Então vai ser forte para encarar o seu passado mórbido.

Ouvi som de briga entre os dois e quase entrei no quarto para evitar o pior.

— Eu mato você, ouviu? Se for envenenar Cathy com as suas loucuras, eu mato você. Não se atreva a atrapalhar a minha felicidade — não reconhecia Thomas nessas palavras. Era tão ameaçador que até eu fiquei com medo dele.

— E a minha felicidade, Thomas? A que você arrancou de mim. A felicidade que não me deu o direito de ter — ela chorava.

— EU NÃO FIZ NADA, SUA LOUCA! — Thomas gritou e depois parou por um tempo.

— Você fez tudo sozinha. Criou essa falsa felicidade sozinha — mais um tempo em silêncio. — Saia, Lauren. Agora.

Deixei o quarto antes dela e sair. Precisava saber de tudo e seria já. Não existia mais a menor possibilidade desse segredo continuar existindo. Thomas não queria me contar, pelo menos não enquanto ainda estivéssemos no ritmo de trabalho em que estávamos, mas eu não poderia mais esperar o tempo dele. Sem pensar em mais nada entrei no quarto da Lauren e fiquei aguardando sua volta.

Ela estava visivelmente abatida. Abriu a porta, sem nem olhar para dentro do quarto e seguiu em direção ao sofá. Eu estava de pé próxima à janela. Quando me viu seus olhos endureceram. Lauren me odiava. Ótimo! Seria mais fácil fazê-la falar.

— O que faz aqui?

— Ovi sua briga com Thomas.

— Deu para escutar a conversa dos outros atrás das portas, Cathy? — Abriu um sorriso diabólico e acendeu um cigarro.

— Vocês estavam gritando. Eu escutaria até mesmo do meu quarto — não me deixei intimidar.

— Seu quarto? — riu — Corta essa. Todo mundo sabe que vocês dormem juntos. Se está aqui para sustentar essa mentira, pode ir embora.

— Não estou aqui para falar sobre isso, Lauren. E não tenho mais nada para esconder. Pelo que ovi da conversa você já sabe de tudo — fiz uma pausa, observando sua reação. Nada mudou em sua expressão. — Quero saber o que aconteceu. O que vocês tanto escondem de mim.

— Você não ouviu o que ele disse? Thomas vai me matar se eu contar. Além do mais é algo que só diz respeito a nós dois. Faz parte da nossa história — Lauren sentiu o maior prazer em afirmar que eles tiveram um passado em comum.

— Não me parece que essa história tenha algum valor para Thomas — rebati com veemência.

Ela sorriu com tristeza.

— Você pensa que sabe de tudo, não é? Tão tola! — Fez uma pausa, pensativa. — Eu também vivi o que está vivendo agora, Cathy. A alegria do primeiro amor. O prazer de estar na cama dele. O deslumbramento com os carinhos, a atenção exagerada que ele faz questão de dar, tudo isso já foi meu.

Senti-me mal ao ouvir suas palavras. Por um instante me arrependi amargamente de ter desenterrado essa história. Algumas vezes é melhor deixar as coisas como estão. Eu aprendi isso naquele momento. Porque sabia que, independentemente do que ela fosse revelar, eu estava destinada a abandonar Thomas. Imediatamente um buraco imenso se abriu em meu peito. Lauren percebeu o meu desânimo e se sentiu mais à vontade para continuar.

— Você não sabia que ele também já me amou? Não, tenho certeza que não. Seu noivinho deve ter dito que você era única — riu alto. — Eu também já ouvi muito estas palavras dele. Principalmente na cama. — suspirou com a lembrança. — Realmente não sei o que ele viu de tão interessante em tirar a sua virgindade. Thomas sempre gostou de mulheres experientes. Mulheres que acompanhavam seu fogo. Eu sabia fazer as coisas exatamente da maneira como ele gostava — ela o conhecia muito bem e ouvir esta verdade foi horrível. Saber que todo o apetite sexual dele não era unicamente por mim. Havia sido assim com todas as outras.

Pensei que iria cair e me apoiei no aparador. Lauren havia conseguido me atingir bem fundo. Eu não conseguiria impedi-la de continuar.

— Ele adorava ir pra cama comigo. Exigia-me isso, querida. Queria-me sempre. O tempo todo. — Ela estava se deliciando com a tortura. — Você não é especial, Cathy. Durante os eventos, ele também demonstrava ansiedade para voltar ao hotel para ficarmos juntos.

— O que aconteceu? — Eu tinha que perguntar. Estava me afogando e sentia necessidade de me agarrar a algum peso para afundar ainda mais rápido. As lágrimas lambiam minha face. Era impossível evitar.

— O mesmo que vai acontecer com você. Ele me deixou — absorvi suas palavras como se fossem uma profecia que há muito eu sabia que seria cumprida.

— Primeiro começou a dar desculpas, depois a sair com outras mulheres. Foi difícil no início, mas Thomas sempre tentava me acalmar com promessas e, a verdade é que, de vez em quando, era

para mim que ele voltava. Até que um dia descobri que estava grávida.

— O quê? — Foi como um soco no estômago. Meu ar faltou. Ela olhou para mim triunfante.

— Era isso o que ele escondia de você? Imaginei desde o início que Thomas não teria coragem de contar essa parte. Até a mais fria das mulheres não ficaria indiferente ao que ele me fez.

— Vocês têm um filho? — Eu não podia acreditar. Como ele tinha conseguido esconder algo tão sério de mim. Como ele conseguiu estar todo aquele tempo ao meu lado, sem que eu nunca sequer imaginasse a existência de uma criança?

— Não mais — a mudança em sua voz me assustou. Lauren caiu em uma profunda tristeza. Seu semblante não era mais de triunfo, era de desespero. — Quando ele soube que eu estava grávida, disse que não era dele. Falou para eu tirar a criança.

Impossível.

Eu não podia acreditar no que ela estava me contando. Thomas podia ter milhares de defeitos, mas não faria uma coisa dessas. Não o meu noivo. Não o homem que ele fez questão de me mostrar. A não ser que fosse verdade o que a estatística apontava. Se ele estivesse realmente interessado em apenas uma coisa. Thomas seria capaz de criar um personagem só para mim. Só para me convencer. Fiquei horrorizada com a constatação. Como ele poderia ser tão cruel?

— Ele se recusava a me ouvir. Estava louco. A existência do nosso filho fez com que aflorasse o que existia de pior em sua personalidade. É por isso que dizemos que ele não tem coração. Rejeitou o próprio filho. Alguns dias depois de eu ter contado sobre a gravidez, ele apareceu no hotel com uma garota que havia conhecido em uma das suas farras. Levou-a para seu quarto. Foi naquela noite que eu perdi meu bebê.

Ela chorava muito com a confissão. Eu não sabia o que fazer e também não podia continuar ali. Abri a porta indo embora. Parei no corredor sem saber que direção tomar. Queria falar com Thomas, dizer que eu sabia de tudo, exigir uma explicação. Ao mesmo tempo,

queria me trancar em meu quarto e chorar até todas as dúvidas cessarem.

Decidi pelo quarto. Não poderia, nem conseguiria, ouvir a versão dele agora. Não com tantas dúvidas sobre o que queria fazer. E, principalmente, não depois dele ter se recusado tantas vezes a me contar todo aquele absurdo.

Agora entendia o porquê. Era monstruoso demais para que eu entendesse. Ele sabia que se eu soubesse, nunca mais confiaria nele para ser meu namorado, meu noivo. Estava horrorizada. Uma parte de mim dizia que mesmo que fosse verdade, e era bem capaz de ser, era importante levar em consideração que Thomas havia mudado. Eu era testemunha da sua mudança. A outra parte me dizia que ele não passava de um grande mentiroso e que tinha escondido tudo para poder aproveitar o máximo possível do que estávamos vivendo. Isso, sim, era muita crueldade.

Abri a porta do meu quarto e me tranquei. Em menos de dez minutos Thomas estava lá. Primeiro tocou a campainha; como não atendi, começou a ligar para o meu celular. Sem resposta, mandou uma mensagem dizendo que sabia que eu estava no quarto porque podia ouvir o toque do meu celular. Sem muita vontade levantei para abri a porta. Precisava dizer que já sabia de tudo.

Eu devia estar acabada, pois ele me olhou assustado.

— O que aconteceu, Cathy? — Tentou me abraçar, o repeli, deixando-o confuso. — Cathy, o que aconteceu?

— Eu já sei de tudo — minha voz saiu tão baixa e fraca que ele demorou a entender do que eu falava. Quando, por fim conseguiu chegar ao ponto, pude ver sua fúria e desespero.

— Quem contou a você? — Fiquei calada. — Foi ela, não foi? Eu sabia que Lauren iria fazer isso. Que droga! Eu vou matar aquela louca — ele estava extremamente nervoso.

— Você realmente achou que seria melhor não me contar? Por quanto tempo conseguiria me esconder todo esse absurdo, Thomas?

— Cathy, me escute, ela não sabe do que está falando. As coisas não aconteceram da forma como ela contou.

— Tenho certeza que não. Você não pode ter essa capacidade. Não pode ser duas pessoas ao mesmo tempo. Custa-me acreditar



que o Thomas que eu amo, com quem quero me casar, construir uma família, é o mesmo Thomas da história da Lauren, mesquinho, egoísta... — Eu estava a ponto de explodir. — Vá embora, Thomas!

— O que? — Ficou assustado. — Você vai aceitar a versão dela sem nem mesmo escutar a minha?

— Não agora — recomecei a chorar, indecisa sobre o que fazer.

— Cathy, você precisa me ouvir — Thomas começou a se desesperar. — Nós combinamos que eu lhe contaria. É a minha versão que você precisa ouvir.

— Por quê? — Deixei a raiva me dominar. — Por que tenho que ouvir a sua versão? Quantas vezes eu quis ouvi-la. Quantas vezes avisei que isso poderia acontecer e você não quis me escutar? Por que agora eu preciso ouvi-lo?

— Porque a minha versão é a verdadeira — estava desesperado. Ele sabia que seria muito difícil desfazer o que Lauren tinha feito. — Você tem que me ouvir.

— Não, Thomas. Agora não. Vá embora! — Ele precisava me deixar sozinha, para que eu pudesse pensar.

— Cathy, eu amo você! Nós nos amamos! Você não pode jogar fora tudo o que vivemos por causa de uma louca que inventa uma história absurda.

— Inventa? Então vocês nunca transaram? Ela não esteve na sua cama nem por uma vez, Thomas? — Comecei a gritar, descontrolada.

— Eu nunca disse isso — tentou me segurar pelos ombros para que eu parasse, mas eu estava enlouquecida.

— Você nunca disse nada. Você me escondeu esse lixo como se fosse possível mantê-lo embaixo do tapete para sempre.

— Pare com isso, Cathy. Pare, por favor!

— VÁ EMBORA — gritei.

Ele ficou surpreso com minha reação. Demorou um pouco para se recuperar. Depois vi o seu olhar endurecer.

— Tá certo! Você não quer me ouvir, mas eu sei quem vai — dizendo isso, ele se lançou porta afora como um animal. Seu rosto era puro ódio. Do meu quarto pude ouvir seu grito.

— LAUREN! — gritava no corredor indo em direção ao quarto dela.

Fiquei desesperada pensando no que ele iria fazer. Como ela não abriu a porta, Thomas começou a esmurrá-la. Sara saiu do quarto dela correndo em direção a ele, porém não conseguiu detê-lo. Dyo e Kendel tiveram que segurá-lo ou meu chefe iria derrubar a porta. Helen assistia a tudo de longe, com a mão na barriga. Eu fiquei na porta congelada com a reação dele, que gritava para Lauren sair.

— Thomas, cara, se acalme. Você vai se prejudicar — Dyo tentava acalmá-lo sem sucesso. — O que aconteceu?

Ele se soltou dos rapazes e foi em direção a Sara. Por um momento pensei que iria atacá-la, mas se deteve parando em sua frente.

— Faça com que ela desminta tudo, ou não vou mais respeitar o nosso acordo, Sara. Faça-a contar a verdade à Cathy, agora — ele estava desesperado.

Sara entendeu o que tinha acontecido e olhou para mim envergonhada.

— Thomas, fique calmo. Tudo vai se resolver.

— Eu não quero mais a Lauren perto de mim. Não a quero mais se intrometendo na minha vida o tempo todo. Eu a quero longe da minha vida. AGORA.

Ele olhou para mim e depois se voltou para Sara.

— Se Cathy me deixar, vou matar Lauren, está me ouvindo? Acabo de vez com essa doida.

Sara lançou um olhar reprovador para ele.

— Parte dessa loucura também é culpa sua, Thomas. Não se esqueça! — enfatizou suas palavras fazendo-o recuar.

Ele se voltou para mim, desesperado.

— Cathy, me escute — as lágrimas corriam pelo seu rosto.

— Não posso Thomas, não agora — eu também chorava. — Preciso esfriar minha cabeça... E você também. Não vamos conseguir conversar desse jeito. Sara tem razão. Ficar aqui gritando não vai resolver nada. Me dê um tempo...

— Não. Não é justo. Não posso deixar que ela nos destrua.

Ele tinha razão. Não era justo mesmo. Mas eu precisava desse tempo. Havia pedido tanto a ele para me contar o que tinha acontecido e Thomas o tempo inteiro se negou a fazê-lo. Como poderia acreditar nele? Além do mais, o que poderia me contar de tão diferente? Que acreditava mesmo que o filho não era dele? Só de pensar em suas justificativas já começava a ficar com raiva. Seria impossível conversarmos enquanto estivéssemos tão fragilizados.

— Pode até não ser justo, porém é o que eu preciso nesse momento.

Ele tentou protestar, mas já sabia que não haveria chance de conversarmos. Então baixou a cabeça, indo embora para seu quarto acompanhado por Dyo e Kendel. Quando fechou a porta, Sara estava olhando para mim.

— Precisamos conversar, Cathy. Mas agora tenho que tirar Lauren daqui antes que Thomas cumpra sua promessa.

Concordei. Helen entrou em meu quarto junto comigo tentando me consolar. Comecei a arrumar as malas, pois iríamos viajar em breve. Não queria ficar parada pensando besteiras. Trabalhando, a minha cabeça funcionava melhor.

— Você vai embora?

— Não. Prometi que não iria e não vou.

— O que vai fazer em relação a vocês dois?

Olhei para a minha aliança e desatei a chorar. Como tudo podia terminar assim. Há alguns minutos eu me sentia tão feliz que nada poderia me atingir. Porém, pouco depois, estava ali, à deriva, em um oceano imenso, sem saber para que lado remar. Helen me abraçou carinhosamente.

— Não posso me intrometer porque essa história não me pertence, Cathy, mas não posso vê-la sofrendo tanto sem dizer nada.

— Como pode ser verdade, Helen? Não consigo acreditar e ao mesmo tempo acho tudo tão plausível — chorava que nem uma criança. Os soluços sacudiam meu corpo.

— Não sei o que ela contou a você. É bem provável que uma parte seja verdade. Thomas, antes de te conhecer, era terrível — parou para pensar no que falar. — Não posso acrescentar muitas

coisas, até porque o que sabemos é a versão de cada um. Porém devo dizer que mesmo Thomas sendo um mulherengo sem coração, como todos diziam, eu nunca vi, nem soube, dele ter sido irresponsável. Não acredito que tenha mandado Lauren tirar o bebê.

— Obrigada, Helen — abracei minha amiga buscando conforto.

— O restante ele ou a Sara terão que lhe contar. Acho que você deveria ouvi-lo. É mais do que justo.

— Eu sei. Mas não posso ouvir o que Thomas tem a me dizer sem que antes esteja mais forte, ou então vou julgá-lo. Se eu tiver que conversar com ele agora, sei que não vai ter nada que possa me dizer que vá me fazer ver as coisas de forma diferente. Além do mais existe o interesse dele em reverter a história a seu favor para nos manter juntos. Prefiro esperar até conversar com Sara, para ter uma visão mais ampla de todos os fatos.

— E o que vocês dois vão fazer?

— Por enquanto vamos apenas deixar a poeira baixar. Temos muito trabalho pela frente. Vamos fazer o que temos de fazer.

— Posso dizer isso a ele? Acredito que está sofrendo muito — Helen queria o melhor para a gente.

— Pode. Diga que eu pedi para ele se acalmar. Que, assim que conversar com Sara, ouvirei a versão dele.

— Digo sim, querida.

Sara entrou no meu quarto, visivelmente abatida.

— Cathy, você se incomodaria se conversarmos quando você chegar ao Canadá? Eu vou precisar levar Lauren embora para me certificar de que ela não vai aprontar mais nada.

— Tudo bem, Sara.

Quando ia saindo e voltou com uma expressão preocupada.

— Escute o que o Thomas tem para lhe dizer. Ele ama você — fez uma pausa. — Lauren está doente, Cathy — e saiu do quarto.

Pedi para Helen verificar se Thomas tinha feito suas malas e também dizer-lhe para não nos fazer perder o voo. Eu iria conversar com ele depois.

Fomos para o nosso último evento em Sidney, coletiva de imprensa. Thomas estava bastante desanimado e abatido. Por várias vezes se desconcentrou e durante muito tempo, manteve a cabeça

baixa. Eu fiz um grande esforço para acompanhá-lo. Foi muito difícil para nós dois. Não conseguia esquecer o que Lauren tinha me contado. Dyo tentava mantê-lo no clima necessário, ao mesmo tempo, longe de mim. Não que eu tivesse imposto, mas ele não conseguiria ficar ao meu lado sem tentar falar sobre o assunto, então todos tentavam evitar nosso contato.

Saí do quarto tentando carregar as minhas malas até o carrinho. Eu tinha feito de tudo para não pensar em nada, mas era impossível. Sentia-me morta! Como podia uma felicidade tão grande e absoluta ser destruída em poucos minutos? Há algumas horas estávamos nos braços um do outro jurando amor eterno, fazendo amor como loucos. Como ele tinha permitido que as coisas chegassem àquele ponto? Se tivesse me contado antes, não teria me deixado abater tanto pela versão dela. Saber a verdade através do meu noivo, porque ele teria confiado em mim.

Mas não foi o que fez, ele me escondeu a verdade o tempo todo. Se o que Lauren falou não era o que realmente aconteceu, por que Thomas se deu ao trabalho de escondê-la de mim por tanto tempo?

Helen e Sara achavam que eu deveria me resolver com ele. Eu não estava tão segura disso. Até me encontrar com Thomas no corredor, cabisbaixo, tirando as malas do quarto para colocar no carrinho também. Nós nos olhamos, pude ver o quanto aquilo o estava destruindo. Seus olhos estavam inchados e vermelhos, sua aparência era de quem não dormia há dias. Eu devia estar da mesma forma. Senti uma vontade enorme de abraçá-lo. De dizer que tudo iria ficar bem, no entanto meus pés estavam grudados no chão e minha boca trancada. Não conseguia reagir. Meu noivo me amava mesmo. Independentemente do que tinha vivido de ruim com Lauren, ele me amava. A questão era: eu conseguiria viver com aquela realidade? Não sabia a resposta.

Dyo fez menção de vir me ajudar com as malas, mas Thomas tomou a frente e conseguiu me alcançar antes que eu tivesse qualquer reação. Sem dizer uma palavra, pegou as malas de minha mão para colocá-las no carrinho. Depois voltou para me ajudar com a de mão. Desta vez ele falou comigo.

— Você está bem? — Sua voz estava muito baixa. Ele me olhava como se estivesse se desculpando por falar comigo.

— Não poderia estar.

— Eu sei. — Fez uma pausa sem se mover. — Posso falar com você um minuto?

— Thomas... — Eu ia começar a me explicar quando ele me interrompeu.

— Não vou tomar o seu tempo, Cathy. Só preciso lhe perguntar uma coisa, vou ser rápido.

Fui de volta para o quarto, ele me seguiu em silêncio. Estava tão cansada que tive vontade de deitar de volta na cama ficando ali por tempo indeterminado. Entrei no quarto e ouvi a porta se fechar atrás de mim. Virei-me esperando que ele falasse. Thomas estava bem atrás de mim. Muito próximo. Senti minha cabeça girar.

— Thomas, eu já disse, não quero ouvir o que você tem a dizer agora. Eu...

— Cathy, eu só preciso saber de uma coisa — calei-me para que ele pudesse continuar. — O que eu faço agora?

Não entendi aonde ele queria chegar. Como assim? Ele percebeu a interrogação em meu rosto e começou a se explicar.

— Não sei qual é a nossa posição. Você não quer me ouvir, porém Helen me avisou que vai fazer isso quando se sentir menos magoada e tiver condições de não me julgar. Então pensei que tinha terminado comigo, mas ainda está usando o anel de noivado. Estou confuso.

— O que você quer que eu diga?

— Preciso saber como me comportar em relação a você. Em relação a nós dois — seus olhos suplicavam.

— Não quero decidir nada agora, Thomas. Foi por isso que não tirei o anel — ele se afastou começando a andar pelo quarto. — Se eu tiver que tomar uma decisão agora, você sabe qual será.

— Foi por isso que eu não quis contar a você, Cathy. Por medo de perdê-la.

— Se você tivesse contado, eu agora saberia em quem acreditar.

— Você não confia em mim?

Fiquei sem saber o que responder. O meu silêncio o derrubou.

— Eu não sei — vi seus olhos se encherem de lágrimas. — Thomas, eu não deixei de amá-lo, apesar de tudo. Estou muito confusa. Estou muito triste! Tudo o que ela falou me atirou num poço sem fundo — minhas lágrimas voltaram a escorrer. Sentei na poltrona e enterrei o rosto nas mãos.

— Não é verdade, Cathy. Eu não sei o que ela disse, mas não é verdade.

Tive que rir. Como ele podia dizer aquilo? Ele nem sabia o que Lauren havia me contado. E, se tinha alguma noção, como poderia dizer que era mentira?

— Como ficaremos agora?

— Não sei — estava começando a ficar nervosa. — Nesse momento só sei que preciso de um tempo.

— Quanto tempo?

— Não tenho ideia. Podemos conversar no avião? Estamos atrasados.

Ele me abraçou desesperado.

— Eu vou respeitar seu tempo, Cathy. Vou respeitar a sua vontade, mas não demore, por favor! Não posso ficar muito tempo sem você. Eu amo você, minha menina!

O sofrimento dele me pegou desprevenida. Por impulso o abracei e comecei a soluçar também. Estávamos mais uma vez juntos, não pela felicidade e nem pelo amor, mas pelo sofrimento. Quando saímos do quarto, estávamos mais calmos. Não tínhamos decidido nada, mas eu já tinha algumas certezas.

Dyo nos acompanhou ao aeroporto. Tive receio da hora em que estaríamos sozinhos, indo para o Texas. Ninguém estaria lá com a gente para evitar a conversa tão indesejada. E foi exatamente o que aconteceu.

— Cathy... — Ele começou a falar.

— Thomas, por favor. Não vamos falar sobre esse assunto agora. Por ora eu já disse tudo o que tinha a dizer. Pedi um tempo e você concordou.

— Por quê?

— Porque não é o momento. Você precisa descansar. Será um dia difícil amanhã. Chegaremos já na hora de gravar e vamos

embora para o Canadá assim que as gravações terminarem.

— E você acredita que eu vou conseguir descansar? Minha vida virou de cabeça para baixo e você acredita mesmo que eu vou conseguir deitar e dormir?

— Você precisa tentar. Seja profissional, Thomas. Amanhã terá que se concentrar no seu personagem. Faça um esforço.

— Cathy, olhe para mim.

Tive que olhar. No mesmo instante as lágrimas voltaram a escorrer de meus olhos. Estava tão ferida que não conseguia evitar que elas transbordassem mostrando o que estava sentindo. Eu ainda o amava. Mesmo com todas as dúvidas e medos. Mesmo com a incerteza de quem ele realmente era. Ainda o amava e me torturava por isso.

— Você também está infeliz. Por que temos que prolongar nosso sofrimento?

— Porque não sei o que pensar a respeito dos acontecimentos.

— Então deixe eu lhe contar o que realmente aconteceu.

— Engraçado. Você fez tanta questão de me esconder e agora está desesperado para me contar. Se eu tive que esperar tanto, se fui obrigada a seguir suas regras, por que você agora não pode fazer do meu jeito?

Thomas entendeu o que eu disse, mesmo assim não deixou de rebater:

— Porque a situação é bem diferente. E porque estou desesperado, com medo e, sinceramente? Estou perdido. Sem rumo — fechou os olhos e deixou as lágrimas caírem pelo canto. Eu apenas observei o seu sofrimento tentando conter o meu. O que poderia fazer?

— O que me dói mais é o fato de você não levar nada do que vivemos em consideração. Mesmo que fosse verdade tudo o que Lauren lhe contou, e não é, mesmo assim, você não deveria jogar fora tudo o que vivemos. Dei a você todas as provas possíveis do meu amor, Cathy. Nunca escondi que, antes de você entrar em minha vida, eu não era a melhor pessoa do mundo, no que diz respeito a relacionamentos, mas também não era a pior. Apenas não queria compromisso com ninguém e nunca escondi isso de nenhuma



mulher. Lauren não foi uma exceção, nunca foi enganada, ela sabia exatamente como eu pensava.

— Eu não joguei nada fora, Thomas.

— Então o que?

— Não posso ouvir o que tem para me contar porque você irá contar a história olhando o seu lado, isso é lógico. Mas Sara sabe de toda a verdade e está disposta a me contar. Acredito que ela poderá me dar uma visão mais imparcial dos fatos, depois poderei ouvi-lo e questionar o que achar necessário.

Ele ficou calado por um tempo, analisando minhas palavras. Seu silêncio foi tão demorado que por um momento pensei que tivesse adormecido. Até que ele abriu os olhos e voltou a falar.

— Você vai ouvir a Sara?

— Sim.

— E você só depende da verdade para resolver seus problemas em relação a nós?

— Sim — respondi, cansada de repetir o óbvio.

— Então tudo bem. Tudo o que Sara vai contar é a verdade e é exatamente igual ao que eu contaria. Se você ouvir o que ela tem para dizer, em pouco tempo estaremos bem outra vez. — ele falou como se estivesse tirando um peso do peito.

— Depende muito de qual seja a verdade.

— Vou deixar Sara contar, Cathy. Mais uma vez vou deixar as coisas acontecerem como você quer.

## Capítulo 20

### Problema Sempre Vem Acompanhado de Mais Problemas

VISÃO DE CATHY

T

homas não conseguiu dormir bem. Constantemente levantava inquieto. A viagem, que já era longa, parecia nunca acabar. Eu também não consegui dormir. Em muitos momentos sentia sua falta, apesar dele estar bem ao meu lado. Foi uma tortura. Quando chegamos, Thomas teve que ir logo para uma reunião e depois para as gravações. Não consegui fazê-lo se alimentar direito, confesso que eu mesma também não conseguia engolir nada.

Após um longo dia de filmagens, finalmente conseguimos embarcar para o Canadá. Viajamos em silêncio. Não tive coragem de não sentar ao seu lado, isso iria feri-lo mais ainda, então me sentei em silêncio e assim permaneci até o último segundo. Não ouvimos música juntos, como sempre fazíamos. Thomas estava tão cansado que conseguiu dormir durante algum tempo, um sono profundo.

Mas foi breve demais para o meu gosto e para o que ele necessitava. Quando o avião estava aterrissando, Thomas segurou a minha mão, como sempre acontecia nessa hora, para me deixar mais tranquila. Eu aceitei o contato sem manifestar nenhuma emoção. Ele a largou tão logo o avião pousou.

Fiquei satisfeita por meu chefe estar cumprindo seus compromissos sem transtornos. Lauren havia sido afastada da equipe e Sara ficara de nos encontrar em breve. Eu queria muito ouvir a versão dela da história. Só então teria condições de conversar com ele. Fiquei trancada no quarto, aguardando a hora certa de sairmos. Estava tentando evitar encontros desnecessários com Thomas.

Fui conferir mais uma vez meus e-mails, mas fiquei surpresa com um que eu nunca imaginaria receber. Abri a mensagem com receio do que poderia conter. Fiquei chocada com o seu conteúdo. A verdade é que um problema nunca vem sozinho. Deus só poderia estar me testando. Como podiam acontecer tantas coisas ao mesmo tempo? Desliguei o computador tentando encontrar uma maneira de resolver mais essa questão.

Encontrei Sara assim que saí do quarto para organizar nossa saída do hotel. Eu sabia que precisávamos daquela conversa, mas temia muito ouvir o que ela iria me dizer. Por outro lado, havia um problema mais grave do que o meu com Thomas para solucionar. Esse, sim, era algo que conseguiria sugar todas as minhas forças. Meu “noivo” estava chegando de algum lugar com Dyo e iam em direção aos seus quartos, quando Sara resolveu me chamar.

— Cathy, eu lhe devo uma conversa — indicou o caminho para o seu quarto. Imediatamente Thomas adotou uma postura mais tensa. Ele sabia que aquele seria o seu julgamento. Respirei profundamente, sustentando seu olhar e fui em direção ao quarto da Sara.

Entrei e sentei no sofá esperando por ela. Sara parecia cansada e abatida. Não era para menos. O personagem principal da história era sua afilhada, além de secretária.

— Cathy. Nem sei o que dizer. Sinto muito por tudo.

— Você não teve culpa, Sara.

— Eu sei meu bem. O que não me impede de me sentir culpada. Se eu tivesse afastado Lauren do Thomas de vez, nada disso teria acontecido. Ele está péssimo! E você também.

— E você também — completei.

— É, estou. Lauren é minha afilhada, e eu a amo muito. Ela é filha única de minha irmã mais nova que morreu no parto, por aí você já pode imaginar a profundidade dos problemas dela. E dos meus também. Apesar de tudo é uma ótima profissional. Tive que afastá-la da equipe e não sei como vai ser de agora em diante.

— Eu praticamente a obriguei a me contar, Sara. Ela não teve culpa.

— Não a defenda, por favor! Eu sei tudo o que aconteceu entre vocês, a perseguição, a briga na boate, as visitas inesperadas, tudo. Ela está transtornada. Acha que você roubou Thomas dela. Lauren está doente, Cathy.

— Posso deduzir então que o que ela me contou não é totalmente verdade.

— Provavelmente não.

— O que aconteceu realmente?

— Não sei exatamente o que ela contou a você — Sara respirou fundo. — Mas estes são os fatos. Eles tiveram um caso ou um relacionamento, não sei como classificar o que houve. No início, acredito que Thomas achou divertido ter alguém tão próximo, ao alcance das mãos. Eu sabia que não daria em nada, então não me preocupei. Ela também era vivida e sabia cuidar da própria vida. Eram parecidos. O sexo era um prazer e as pessoas, colecionáveis. Por isso se deram tão bem no início. De repente as coisas desandaram. Não sei bem como aconteceu. Quando percebi, Lauren estava obcecada pelo Thomas e ele não estava nem aí para ela.

Fiquei confusa. Sara estava dizendo que Thomas era indiferente a Lauren, como a história que ela me contou poderia ser verdadeira?

— Ela falou que Thomas jurava amor. Que era parecido com a forma que age comigo — repetir aquelas palavras me deixava ainda mais triste.

— Duvido muito, Cathy. Não estou tentando amenizar as coisas pro seu lado nem pro dele. Nunca tinha visto Thomas apaixonado. Antes de você ele só se divertia com as mulheres. Por isso ganhou a fama de "sem coração". Isso me dói muito. Se ele não tivesse brincado com os sentimentos da Lauren, talvez existisse alguma

chance disso não acabar tão mal — Sara também acreditava que ele me amava. Meu coração aqueceu com essa possibilidade.

— Thomas sabia que ela estava apaixonada?

— Ele não levava a sério o que Lauren dizia. Mesmo assim continuou dormindo com ela uma vez ou outra. Na maioria das vezes, minha afilhada fechava o cerco e ele acaba cedendo. Era prático e confortável.

— Ele ficava com ela e saía com outras mulheres?

— Nunca foi diferente, Cathy. Thomas nunca a quis de verdade. Eles apenas curtiam juntos quando estavam com vontade.

— Mas...

— Eu sei. Lauren disse que eles namoraram. Ela realmente acredita nisso.

— Não estou entendendo — e não estava mesmo.

— Lauren criou o seu próprio mundo com Thomas. Onde ele era apaixonado e tudo mais que ela contou a você.

— E ele tinha ideia disso?

— Thomas alimentou a loucura dela por um tempo. Depois cansou e foi viver a própria vida.

Baixei a cabeça, tentando entender o que ela me dizia. Como assim? Lauren acreditava em tudo o que ela me dissera, mas era mentira. Thomas sabia e mesmo assim continuou alimentando a loucura dela. Era tudo inacreditável demais.

— Sinto muito. Ele não é nenhum santo. O passado é difícil. Mas eu não posso afirmar que será assim com você. Thomas realmente te ama. É só olhar para ele e ver o quanto está destruído — estremei com as lembranças.

— E o filho que eles teriam. Ela me disse que ele a mandou tirar — eu tentava continuar a minha linha de raciocínio.

— Não sei se foi verdade. Quando Lauren foi informar a Thomas sobre a existência deste filho, nem eu estava sabendo deste fato. Só depois ela me procurou para contar o que tinha ocorrido.

— E ele?

— Ele me disse... Garantiu-me que não existia nenhuma possibilidade do filho ser dele.

— Mas eles estavam transando, então...

— Thomas me jurou que nunca tinha transado com ela sem camisinha.

Respirei aliviada com a informação. Eu tinha transado sem camisinha algumas vezes com Thomas. Podia até me lembrar da nossa conversa outro dia. Ele havia me garantido que eu era a primeira mulher com quem agia desta forma. Inclusive me pediu para procurar meu médico para providenciar um anticoncepcional, e assim pudéssemos continuar sem usá-las. Pelo menos nisso eu podia confiar.

— Ela ficou muito triste com a rejeição dele. Pensou que com um filho ele iria querer ficar com ela, formar uma família. Coitada!

— Mas quem era o pai deste filho, afinal?

Sara mais uma vez hesitou sobre o que poderia realmente me contar e acabou cedendo à necessidade de esclarecer totalmente as coisas.

— De ninguém, Cathy... Esse bebê nunca existiu.

Meu queixo caiu. Como assim nunca existiu? Eu vi a dor dela ao falar da criança que tinha perdido. Como alguém poderia inventar um sentimento tão verdadeiro?

— Ela mentiu forçando a barra para ficarem juntos? — Estava tentando juntar as peças.

— Não. — Sara me olhou, sondando se deveria mesmo me contar toda a verdade.

— Sara, eu preciso saber. Não existe a possibilidade de você me esconder mais nada.

Ela respirou profundamente, mas decidiu continuar. Sabia que eu estava com a razão. Essa história estava me afastando do Thomas e só ela poderia reverter isso.

— Você já ouviu falar de gravidez psicológica? — Fiz que sim sem dar uma palavra. Era muito fora da realidade.

— Ela realmente acreditou que estava grávida. A menstruação deixou de vir, teve todos os sintomas. Até eu acreditei que era verdade. Só tinha dúvidas se era do Thomas ou se ela tinha engravidado de outro para forçar a barra, como você mesma chegou a pensar. Era o mais lógico naquela situação.

— Como vocês descobriram?

— Na noite em que ela achou que tinha perdido o bebê, viu Thomas chegar com uma garota e enlouqueceu. Fez um escândalo no quarto dele. Foi horrível! Lauren estava descontrolada, gritando que ele não se importava com o próprio filho. Acho que você consegue imaginar a capacidade dela em fazer essas coisas.

Fui obrigada a concordar mais uma vez com Sara.

— Eles brigaram feio, e Lauren destruiu o quarto dele, depois começou a se sentir mal. Ficamos assustados porque ela começou a perder sangue. Muito sangue. Demos entrada no hospital como se estivesse realmente perdendo o bebê. Thomas se assustou e ficou o tempo todo ao meu lado. Recebemos a notícia juntos. O médico diagnosticou uma gravidez psicológica depois de constatar a inexistência da criança. Ele fez o que precisava fazer, recomendou um tratamento com um especialista no assunto e deu alta a Lauren, assim que ela começou a dar sinais de melhora. Quando fomos contar, minha afilhada não acreditou. Disse que Thomas estava querendo puni-la e se safar da responsabilidade e ainda me acusou de ser conivente — fez uma pausa para acender um cigarro e recuperar sua capacidade de raciocínio.

— Thomas foi muito humano, Cathy, fez questão de pagar todos os exames para descobrir o que realmente estava acontecendo com Lauren, acompanhando de perto todo o processo. Ele pagou os melhores especialistas. Todos os médicos e exames atestavam a mesma coisa: Lauren nunca esteve grávida. Eu fiquei com um enorme problema em minhas mãos, não poderia deixá-los trabalhar juntos novamente, então preferi me afastar um pouco da carreira dele, deixando Helen como minha substituta nos momentos em que estivesse longe. Passei a trabalhar mais em minha agência, levando Lauren comigo.

Fiquei por um tempo pensando em tudo o que Sara estava me contando. Se aquela fosse a versão verdadeira, e parecia ser, Thomas não era totalmente inocente, mas também não era culpado. Ele havia agido errado com Lauren, mas não iria julgá-lo por isso. A nossa história era diferente e eu não tinha o direito de duvidar. Os erros dele do passado não invalidavam o nosso amor. Mas então por que ele não quis me contar logo que ela voltou?

— Por que Thomas se recusou a me contar? Seria tão mais fácil para nós dois agora.

— Porque eu pedi. Não é nada pessoal, Cathy. Na verdade ninguém da equipe sabe dessa história além de mim e dele e, claro, de você, agora. No dia em que soubemos a verdade pedi ao Thomas para não contar. Isso iria puni-la pelo resto da vida. Todos iriam taxá-la de louca. Lauren ainda é jovem, tem muito para viver. Acreditei que iria superar seus problemas se eu a mantivesse longe dele por um tempo.

— Ele concordou — afirmei, reconhecendo o meu Thomas nesta confusão toda.

— Concordou. Só não assumiu o filho. Mas disse para todo mundo a versão que tínhamos combinado: ela estava grávida e havia perdido o bebê. É lógico que todo mundo pensou que Thomas era um canalha por não assumir a paternidade. Ele aguentou tudo sozinho e nunca falou a verdade para ninguém. Devo essa a ele.

Eu estava aliviada. Era um peso gigantesco retirado das minhas costas. Senti muita pena da Lauren. Ao final de tudo, ela devia estar sofrendo muito vendo Thomas me dar o que ela queria para si o tempo todo. Deve ter sido muito difícil.

— Errei em trazê-la de volta, descobri desde o primeiro dia. Achei que minha afilhada tivesse superado. Confesso que a principio pensei que Thomas estava se divertindo com você e que seria mais uma para sua lista. Eu estava errada nesse ponto também, percebi no mesmo dia. Ele defendia o direito de estar com você, nunca o vira fazer isso. Helen já havia me alertado. Lauren ficou louca quando percebeu a ligação entre vocês. Mais uma vez, Cathy, me desculpe por ter deixado as coisas irem tão longe.

— Tudo bem, Sara. Você não pode assumir a culpa por ninguém. Obrigada por me contar.

O alívio de ter o amor ele por mim confirmado mais uma vez era muito grande. Por outro lado ainda havia alguns pontos que precisávamos esclarecer. Não poderiam existir mais segredos entre nós. Não tinha mais espaço para isso. A minha confiança tinha sido abalada e era difícil dizer a extensão dos danos causados à estrutura do nosso amor. Além de tudo, havia o meu mais novo problema a



ser resolvido. Precisaria passar um tempo afastada para resolvê-lo e com certeza Thomas reagiria de uma forma ruim quando soubesse.

— Você vai falar com ele agora?

— Não, ainda não. — Precisava reunir forças para conversar com ele sobre o que planejava fazer.

Ela me olhou, interrogando o porquê da minha decisão.

— Não estou me sentindo muito bem. Estou indisposta. Amanhã converso com ele. Preciso coordenar melhor meus pensamentos antes de conversarmos.

— Você deveria descansar um pouco.

— Vou fazer isso quando voltar.

Levantei para ir embora, mas uma ideia se formou em minha cabeça.

— Sara, posso tomar mais um pouco do seu tempo? — Todo o meu plano de repente já estava arquitetado em minha mente e eu precisava colocá-lo em prática o quanto antes. O tempo agia contra mim.

Fomos à *première* e nos encontramos com Melissa, Nicholas e outros amigos do Thomas, que fizeram questão de estarem presentes para homenageá-lo. Não era o melhor momento para fingirmos estar tudo bem, ainda assim colaborei com ele, principalmente porque agora sabia de toda a verdade. Não contamos nada a ninguém, por isso passei uma boa parte da noite sorrindo para a minha futura sogra, que estava eufórica com o noivado.

Thomas estava ansioso, pois sabia que eu tinha conversado com Sara e que provavelmente já sabia toda a verdade. Para ele isso significava que tudo voltaria às boas entre nós. Eu não tinha condições de pensar em como seria a nossa conversa.

A noite estava fria, meus pés estavam doloridos, sentir dor de cabeça, e fiquei tão cansada que poderia deitar no chão da boate e dormir sem me importar com o lugar. Tínhamos comparecido apenas para marcar a presença do Thomas na festa. Ele ficou ao meu lado o tempo todo. Melissa não nos acompanhou e os amigos dele estavam tão entretidos na comemoração que não perceberam o meu abatimento.

— Você está péssima — Thomas falou, me puxando para os seus braços.

Eu estava me sentindo péssima mesmo. Todo o peso dos acontecimentos vividos nos últimos dias havia desabado sobre mim de uma só vez. Parecia que a qualquer momento meus joelhos iriam ceder. Foi apenas por isso que aceitei ser abraçada por ele naquele momento na frente de todos e também por causa da decisão que havia tomado mais cedo.

— Vamos embora — disse, ao perceber o meu estado. Eu não tive ânimo para protestar.

Quando chegamos ao hotel, Thomas ficou em dúvida sobre o que fazer, se me levava para o quarto dele ou se me deixava ir para o meu. Eu disse a ele que estava bem, só precisava dormir um pouco, e fui sozinha para o quarto que estava ocupando, deixando um Thomas derrotado na porta do seu. “Amanhã vai ser ainda mais difícil para ele”, pensei desolada.

## Capítulo 21

### Sem Mais Segredos

#### VISÃO DE THOMAS

**F**

oi muito difícil voltar para o quarto sozinho. Ela estava presente em minha vida, em meus pensamentos, em meu corpo. Eu sabia que Sara havia conversado com minha namorada, noiva... Já nem sabia mais, e contado toda a verdade, mas Cathy não falou comigo. Nenhuma palavra, nenhum gesto, nada. Se ao menos me dissesse o que estava planejando.

Dormir foi quase impossível. A falta que ela fazia era enorme. Eu a queria comigo mesmo magoada, mesmo sem falar, sem me deixar tocá-la. Apenas a queria ali. As lembranças das nossas noites brincavam com a minha mente como fantasmas.

Pensei em Cathy e em como ela estava abatida aquela noite! Mesmo assim, ainda tão linda. O frio castigava meu corpo tão acostumado ao calor do nosso amor. Como será que estava sendo para ela aquela primeira noite, de fato, longe de mim? Será que também sentia a minha falta? Será que ainda me amava como eu a amava? Até que ponto Lauren conseguira abalar seu amor por mim? Eram tantas dúvidas. A incerteza do nosso destino invadia meus pensamentos.

Acordei com Helen em meu quarto, “Como era antes de Cathy entrar em minha vida”, pensei amargurado. Lembrei o primeiro dia em que ela tinha ido me acordar, a surpresa ao vê-la em um lugar tão íntimo e o desejo quase incontrolável que senti, que passei a ver como os nossos primeiros momentos de amor. A tristeza me atingiu em cheio. Helen percebeu meu estado de espírito.

— Decepcionado?

— Não. Na verdade eu já imaginava que Cathy não teria coragem de vir.

— Eu não a deixei vir, Thomas. Ela se sentiu mal a noite toda e hoje pela manhã, quando fui ver como estava, fiquei preocupada. Já solicitei um médico.

— Cathy está doente? — Comecei a levantar.

— Calma! Ela precisa descansar um pouco. Acho que finalmente está sentindo o estresse causado pelos últimos acontecimentos. Cathy estava sendo forte demais. O corpo humano não suporta uma carga tão grande.

— Quero vê-la — eu iria de qualquer jeito, mesmo sabendo que ela ainda não me queria por perto.

— Pelo menos lave o rosto. Fique apresentável — levantou para ir embora, mas hesitou, voltando-se para mim. — Teremos reunião em vinte minutos. Dyo foi ver como ela está — Helen se manteve em pé, olhando para mim como se quisesse dizer mais alguma coisa.

— O que foi? — Perguntei já com medo da resposta. Pela cara da Helen, eu sabia que algo de muito ruim estava por vir.

— Sara está mandando Cathy de volta para casa — ela parou para ver a minha reação.

— Com autorização de quem? — As palavras saíram arrastadas entre os dentes devido a raiva que sentia. Como podiam fazer isso comigo?

— Acalme-se, Thomas. Ela não está sendo demitida.

— Não me interessa! — Eu estava prestes a sair de qualquer jeito e chamar Sara para uma conversa.

— Espere. Deixe-me terminar, está certo? — Parei sem paciência para ouvi-la. — Cathy está precisando descansar, de verdade. Está muito debilitada, Thomas, nós estamos com medo. Em duas

semanas ela vai estar sozinha com você nas gravações do novo filme. Se não parar agora, pode ser pior mais tarde. Eu não vou poder acompanhá-lo e toda a equipe já está com os compromissos organizados. Pensamos que estas duas semanas poderiam servir para Cathy descansar um pouco e voltar mais disposta.

— Não. — Eu não iria permitir que Cathy fosse embora.

— É pelo bem dela.

— Não vou autorizar. Podemos cuidar de Cathy aqui mesmo. Reduzimos seu ritmo de trabalho ou até mesmo a retiramos temporariamente de suas atividades, mas ela vai continuar aqui — tentava desesperadamente arrumar desculpas para que não deixá-la ir.

— Ela quer. — Helen parecia se desculpar pelo que estava dizendo. Pegou em meu ombro, me apoiando. — Na verdade a ideia foi dela.

Parei chocado. Cathy queria ir embora, queria ficar longe de mim. Senti um buraco se abrir no chão. Então era isso? Estava tudo acabado? Mesmo depois dela, saber toda a verdade? Saí do quarto decidido a ir ao dela. Estava prevendo uma discussão, porém fui pego de surpresa ao ver Cathy sentada no sofá da sala do meu apartamento, entre Sara e Dyo. Ela me olhou brevemente e abaixou a cabeça. Estava pálida.

— Cathy, você vai embora? Vai me deixar? — Fui falando sem me preocupar com as pessoas na sala. Eu estava diante dela, que nem levantava a cabeça para me olhar.

— Não, Thomas. Vou apenas dar um tempo. Preciso descansar, me recuperar dos últimos acontecimentos.

— Não pode fazer isso aqui? — Minha voz suplicava que ela ficasse.

— Não. Eu preciso descansar e não viver novos problemas a cada dia.

— Você não pretende voltar, não é? — A certeza me assaltou. Ela olhou para mim, triste pela minha constatação.

— Eu vou voltar, Thomas.

— Eu sei que não vai. Está arranjando uma desculpa para me fazer entender e permitir a sua partida. Eu não vou permitir — o

desespero tomou conta de mim. Tinha consciência que não teria como detê-la se essa fosse realmente a sua vontade, mas precisava tentar.

— Você não pode decidir por mim.

— Por que você não me diz logo a verdade, Cathy?

— Você não é a pessoa mais indicada para cobrar verdades, Thomas.

— Por que você não pega logo uma faca e enterra no meu coração de uma vez? Isso seria muito mais humano de sua parte. Mesmo depois da Sara ter lhe contado toda a verdade, você não consegue acreditar em mim? Não pode me perdoar? Onde está o grande amor que dizia sentir?

Ela levantou em fúria e se lançou contra mim.

— Você não entende nada, mesmo. Eu não estou deixando de acreditar em você, apenas preciso de um tempo para assimilar tudo, você não entende porque é um egoísta, um mimado...

Cathy parou de falar levando uma mão na testa e com a outra buscou apoio no sofá. Sua respiração ficou acelerada. Ela estava passando mal. Fiquei desesperado.

— O que você está sentindo?

Fui em direção a ela, sem me importar com mais nada. Cathy não estava bem, era visível. Eu não podia continuar com a nossa briga, por mais que significasse perdê-la.

— Indisposta. Devo ter comigo algo estragado.

Passei a mão em seu rosto, procurando mais informações. Ela não se afastou do meu carinho, no entanto, mantinha os olhos baixos.

— Por que não se deita um pouco? Vou pedir um suco e levo para você — não deveria ter começado aquela briga, pensei, amargurado por mais uma vez ter lhe causado problemas.

— Não, tudo bem. Não estou conseguindo manter nada no estômago mesmo — ela respondeu um pouco mais calma.

— Enjoada? — Lancei um olhar para Helen e ela correspondeu à minha preocupação.

— É. Um pouco — Cathy falava inocentemente.

Fiquei pensando sobre o assunto. Estávamos juntos há pouco tempo, se ela estivesse no período fértil era bem capaz de ser realmente o que eu estava pensando. Para minha surpresa a felicidade encheu meu coração. Um filho! Seria maravilhoso!

— Cathy, o que exatamente você comeu?

— De ontem para hoje, praticamente nada. Por quê?

— Como pode estar enjoada por algo que comeu se não comeu nada?

Ela parou por um tempo tentando entender aonde eu queria chegar. Vi seus olhos encontrarem a minha resposta.

— Eu estou apenas indisposta, cansada e com certeza estressada também — ela tentava justificar. Qual era o problema? Se estivesse grávida, eu iria adorar.

— Cathy, existe alguma possibilidade... — Helen começou a perguntar, mas Cathy a interrompeu.

— Não. — Ela olhava para mim. — Nenhuma possibilidade.

Helen me olhou, querendo fazer a mesma pergunta, tamanha foi a teimosia de Cathy.

— Existe sim, Helen — respondi à sua pergunta silenciosa, sustentando o olhar indignado que Cathy lançava para mim.

— Não tem, não — seu rosto ficou todo vermelho.

— Você sabe que tem, deixe de ser tão teimosa — deixei a minha impaciência voltar à nossa conversa. Como ela podia negar? Um filho não era uma brincadeira.

— Me deixe em paz, Thomas — Cathy disse furiosa, se afastando em direção a porta. No meio do caminho, foi interrompida pela fraqueza. Tentou se apoiar numa parede, mas acabou apagando ali mesmo.

Corri em sua direção, desesperado.

— Cathy! Fale comigo, Cathy!

Ela logo recuperou os sentidos, porém ainda estava bastante debilitada para levantar. Eu a carreguei nos braços levando-a para a minha cama. Por sorte o médico chegou logo depois e começou a examiná-la. Após um tempo ele perguntou o óbvio: quando foi a sua última menstruação. Fiquei satisfeito. Pelo menos para o médico ela não poderia negar essa possibilidade.

— Não me lembro, doutor. — Evitou me encarar.

— Como não se lembra, Cathy? — Me intrometi na conversa, tentando forçá-la a admitir. — Todas as mulheres sabem controlar estas coisas. Tenho certeza que você não seria diferente — ela me lançou um olhar fulminante.

— Vamos fazer um beta-HCG então, para eliminar esta hipótese — disse o médico, percebendo o impasse.

— Ou diagnosticar — falei para o médico, que concordou comigo.

— Eu não estou grávida — Cathy foi incisiva.

Fiquei péssimo com a rejeição dela diante da possibilidade. Eu tinha sido tão ruim em sua vida ao ponto dela nem querer pensar na hipótese de ter um filho comigo? Seria tão horrível assim estar grávida de um filho meu? A tristeza foi avassaladora.

— Existem muitas possibilidades para os seus sintomas. Você pode estar estressada. Isso é bem normal em seu meio. Ou com algum problema mais sério, então eu deduzo que deva querer ficar com uma das duas primeiras opções.

— Aposto tudo o que tenho na segunda, doutor.

Ela lançou um olhar triunfante para mim. O médico coletou as amostras de sangue e mandou um auxiliar levá-la ao laboratório. Foi embora dizendo que mandaria os resultados pela tarde. Recomendou a Cathy repouso, boa alimentação e, caso fosse necessário, voltaria.

Permaneci no quarto observando seu comportamento. Não conversamos. Quando todos saíram, pois precisavam dar prosseguimento às suas atividades, aproveitei e me sentei ao seu lado na cama. Ela continuou calada.

— Foi tão ruim assim tudo o que nós vivemos? — A pergunta a pegou de surpresa.

— Por que você acha isso?

— Porque você quer me deixar a qualquer custo — não tinha coragem de olhar para ela. Estava acabado, derrotado.

— Thomas, olhe para mim — ela pegou em meu rosto e eu obedeci. — Não vou deixá-lo. Vou apenas ficar essas duas semanas



afastada do trabalho e voltarei para continuarmos com o programado.

— E nós dois? — Cathy ficou calada. — E se você estiver grávida? Vai embora levando o meu filho para longe de mim? — Meus olhos se encheram de lágrimas com essa possibilidade, e uma dor dilacerante tomou conta do meu peito. Respirei fundo para conseguir continuar.

— Por que este filho faria diferença? — Ela destacou o “este” me fazendo lembrar da história que Lauren tinha contado.

— Lauren nunca esteve grávida, Cathy. Você agora sabe a verdade.

— Mas você não sabia disso durante todo o tempo.

Ela me cobrava uma explicação. Percebi que aquele era o momento de resolver as coisas. Finalmente poderíamos dar um fim ao nosso problema de uma vez por todas, assim eu esperava.

— Você quer saber se é verdade que eu a mandei tirar o filho, não é? — Ela assentiu. Respirei fundo e continuei. — Eu tinha certeza de que o filho não era meu, por todos os motivos do mundo, mas ela insistia que era, então discutimos. Foi horrível. Joguei um monte de verdades na cara dela, Cathy, não me orgulho do que fiz, mas as coisas funcionavam de forma diferente para mim. Eu sabia de um monte de coisas sobre Lauren, inclusive que tinha dormido com Kendel e Raffaello na mesma época, então mandei que os procurasse para assumir o filho dela. Estava com raiva e ela insistia muito. No final começou a dizer que contaria tudo à imprensa, que eu havia renegado meu filho permitindo que ela se tornasse mãe solteira. Falei que existiam muitas formas de resolver o problema. Ela me interpretou de maneira errada e começou a dizer que eu mandei que tirasse o bebê.

— Foi horrível o que você fez — ela estava sendo dura, porém não estava me condenando.

— Eu sei. Até hoje me sinto péssimo por tudo o que aconteceu. Sinto pena dela e me sinto culpado também. Talvez por isso tenha deixado todos me acharem um crápula.

— E se ela estivesse grávida mesmo?

— O filho não seria meu.

— E se fosse?

— Se houvesse qualquer possibilidade do filho ser meu, eu assumiria, Cathy. Não era o que queria, mas uma criança, um filho, não pode responder pelos erros dos pais. Eu errei com Lauren, mas nunca faria o mesmo com um filho.

— E o que exatamente quer para você, Thomas?

— Eu me acho ainda jovem para ser pai, mas quero uma família, estar com a mulher que eu amo, criar nossos filhos como um reflexo desse amor — estava falando dela. De todos os nossos planos e do meu sonho de passar o resto da minha vida ao seu lado.

— É por isso que você quer tanto que eu esteja grávida?

— Também — respondi sem pensar. Ela ficou me esperando terminar o meu pensamento. — Tá bom. Confesso que me senti feliz com essa possibilidade, principalmente porque você ficaria comigo outra vez. Se você estivesse grávida, não iria me abandonar, como está pretendendo fazer.

Ela ficou em silêncio algum tempo e depois começou a rir. Era uma risada baixinha, rouca, mas que me fez bem ouvir.

— Qual é a graça? — Perguntei, rindo junto.

— É a primeira vez que eu vejo um golpe da barriga às avessas.

— Tem razão. E então... Se você estiver grávida?

— Eu não estou, Thomas — levei a mão à testa e revirei os olhos para a teimosia dela. Cathy riu novamente. — Você alguma vez já me viu menstruada? — Neguei com a cabeça.

— Nós dois dormimos juntos há muito pouco tempo, Cathy, não teria como observar.

— Dormimos a tempo suficiente para pelo menos dois ou três ciclos menstruais.

— O que você está querendo dizer?

— Estou dizendo que não menstruo desde os meus 18 anos — olhei para ela assustado. — Não precisa se assustar, não há nada de errado comigo, apenas optei por não menstruar mais. Eu tomo anticoncepcional de forma contínua desde então.

— Confesso que estou muito surpreso. Você nunca me falou nada a respeito. Nunca me disse que tomava anticonceptivo.

— Nunca falei o contrário também.

— Ainda assim. Existe uma pequena margem — já me sentia derrotado. Queria apenas arranjar desculpas para ela não continuar insistindo em ir embora.

— Eu não vou embora. Vou voltar. Prometo.

— Não posso permitir. Não posso viver sem você — peguei suas mãos e as beijei com carinho. — Eu amo você! Não me deixe!

— Eu amo você também!

Aproximei-me dela com cuidado, atento a sua reação e beijei seus lábios com cautela. Cathy não me rejeitou, então beijei com mais vontade, ela retribuiu. Beijamo-nos longamente. Era um beijo repleto de saudades.

— Que falta senti de você, minha menina — disse entre o nosso beijo, envolvendo-a em meus braços. Ela me beijou com mais intensidade, passando as mãos em meus cabelos. Meu corpo inteiro reagia ao dela. A falta que me fizera era cobrada agora como uma necessidade física e emocional. — Eu não quero perdê-la. Não quero ficar longe de você.

— Não vai me perder.

Estávamos sentados na cama, nossos corpos estavam o mais próximo possível. Eu a puxava para mim. Suas mãos apertavam as minhas costas. Fui deitando-a vagorosamente no colchão. Nossos lábios não desgrudavam. Ouvimos uma batida leve na porta e me levantei rapidamente. Era Helen. Tinha vindo trazer algo para Cathy comer e queria saber como ela estava se sentindo. Ficamos todos sem graça. Logo Helen saiu, me fazendo prometer que faria Cathy comer.

Helen nem bem fechou a porta e Cathy me chamou de volta para si. Beijei seus lábios com paixão, mas depois me afastei contra a minha vontade, vendo-a protestar.

— Você está muito fraca agora, amor. Preciso cuidar de você e não prejudicá-la.

— Estou fraca de saudade, o único remédio que preciso é você — ela estava tão manhosa, carinhosa e receptiva, como eu gostava. Pedia meu amor com aquele seu jeitinho que me obrigava a atender todos os seus desejos.

— Paciência. Primeiro preciso alimentá-la, senão vai desmaiar em meus braços outra vez.

Tentava em vão me desvencilhar dos seus abraços e beijos, mas não conseguia resistir à vontade de fazer amor com a mulher da minha vida. Apesar do pouco tempo separados o efeito da sua ausência tinha sido devastador para meu corpo. Eu precisava dela como um viciado precisa das drogas.

— Não tenho fome — Cathy sentou em meu colo, cruzando as pernas em minha cintura. — Senti tanto a sua falta, meu amor — ela me enlouquecia com aquelas palavras.

— Antes me deixe cuidar de você, Cathy — já estava derrotado.

Minhas mãos percorriam avidamente seu corpo, sentindo-a se mexer sensualmente. Ela me derrubou sobre a cama, posicionando-se por cima.

— Não, eu quero agora. É desse cuidado que eu preciso. Quero você, Thomas, por favor!

Não resisti mais aos seus apelos, deixando me conduzir conforme seu desejo. Nossos corpos estavam tão necessitados um do outro que o gozo nos dominou em poucos minutos. O que não significava que nosso desejo estivesse saciado. Obriguei Cathy a comer e, assim que ela terminou, fizemos amor outra vez. Ficamos assim até o fim da tarde, sem ninguém interromper.

No final do dia, estávamos na cama abraçados. Cathy estava bastante pensativa. Fiquei aguardando que compartilhasse seus pensamentos comigo. Seu silêncio começou a me preocupar.

— Podemos esquecer essa ideia de você ir embora? — Tentei ganhar um pouco da sua atenção. Queria muito saber o porquê dela estar tão calada.

Cathy levantou o corpo se cobrindo com o lençol e procurou o meu olhar. Pela forma como me fitou, tive certeza de que nada iria fazê-la mudar de ideia. Respirei fundo, tentando encontrar meus melhores argumentos para impedi-la.

— Por quê?

— Thomas. Depois de todo o problema que tivemos porque você tinha um segredo, percebi o quanto isso é perigoso para nós dois. Não deve existir espaço para segredos em nossa relação —

concordei. — Eu preciso ir. Surgiu algo e preciso realmente me afastar. Não quis dizer ao restante da equipe o que está acontecendo então aproveitei o fato de estar precisando de um descanso para fazer isso sem prejudicar ninguém.

— Qual é o problema, Cathy? Como posso ajudá-la a resolver?

— Acredito que a única forma de você me ajudar será me deixando ir.

Senti um nó se formar em minha garganta. E se ela fosse embora e não pudesse mais voltar? Que tipo de problema tiraria Cathy de mim?

— Não vai me contar o que está acontecendo?

— Meu pai.

Olhei-a admirado. Como o pai dela poderia ser um problema? Eles nem tinham mais contato. Cathy inclusive se considerava totalmente órfã.

— Recebi um e-mail ontem. Ele está doente, Thomas. Pelo que entendi já está em um estágio terminal — vi lágrimas se formarem em seus olhos e sua luta contra elas. — Ele vai morrer, não há nada mais que se possa fazer.

— Você pretende visitá-lo?

— Ele pediu para que eu fosse me despedir. Pela primeira vez em minha vida ele parece fazer questão de me ver. Precisarei ir até a casa onde vive com a esposa.

Cathy estava assustada com a possibilidade daquele encontro. O pai dela a escondera da esposa sua vida inteira e agora, ao que parecia, o segredo da sua existência fora revelado.

— Eu vou com você.

— Não. É importante que fique e cumpra seus compromissos.

— Mas você precisa de mim, é uma causa justa. Não posso deixá-la passar por tudo sozinha.

— Não, Thomas. Eu tenho que fazer isso sozinha. Obrigada.

Por mais que me doesse, conseguia compreender o quanto era importante para ela enfrentar mais aquele fantasma do seu passado. Abraçamo-nos enquanto fiquei tentando convencer meu coração que era necessário deixá-la partir.

— E quando você vai?

— Amanhã.

— Já?

— Ele pode morrer a qualquer momento.

— Quando você volta?

— Tudo depende de como as coisas vão se resolver por lá. Acredito que ficarei afastada por no máximo duas semanas. Irei, com certeza, encontrá-lo no Texas, para acompanhar as gravações.

— É muito tempo — constatei. Se fosse mesmo necessário ela ficar esse período afastada, eu precisava entender.

— Eu sei.

— Pensei que ficaríamos juntos no meu aniversário — a ideia já havia sido descartada depois do que Cathy me contou.

— Seu aniversário? Meu Deus! Eu acabei me esquecendo, amor, me desculpe. Foram tantas coisas de uma vez só que não me lembrei desse detalhe.

— Tudo bem. Vamos ter outros aniversários juntos — não queria que ela ficasse triste por precisar partir.

— Vou tentar voltar a tempo.

— Tudo bem, amor. Demore o tempo que achar necessário.

— Você vai voltar aqui pro Canadá, não é?

— Vou. Minha mãe faz questão.

— Tentarei voltar, amor. Prometo.

Era um momento complicado para fazer qualquer tipo de exigência. Não apenas por causa dos dias turbulentos que tivemos em que quase a perdi, mas principalmente porque ela estava vivendo uma situação familiar realmente crítica. Eu fazia parte do grupo seleta que conhecia a sua história e sabia o quanto seria difícil para Cathy encarar mais aquele problema, para piorar mais a situação, ela precisava fazer isso sozinha. Então me esqueci do meu aniversário, que era um grão de areia perto de tudo o que ela teria de enfrentar.

Saí do quarto para buscar comida para nós dois quando vi um recado da Helen preso no vidro.

*"Os resultados já saíram. Ligue-me quando quiser saber.*

*Amor,*

*Helen.*”

Liguei para ela imediatamente.

— E então? — Perguntei assim que ela atendeu.

— Vocês fizeram as pazes?

— Acho que sim. E os resultados?

— Qual você quer saber primeiro?

— Ela está grávida?

— Não. Está feliz ou triste com isso?

— Triste, com certeza. Isso significa que Cathy pode estar doente.

— Você realmente queria um filho?

— Claro.

Ela riu do outro lado da linha.

— E os outros resultados?

— Bem. Eu já liguei para o médico, para ele me explicar melhor.

— O que ela tem, Helen? Pare de me enrolar.

Ela riu outra vez.

— Cathy está estressada, como já sabíamos e com anemia, isso sim é novo.

— O que ele disse?

— Ela precisa relaxar, descansar um pouco.

— Eu já providenciei isso — falei travesso, brincando com o fato dela agora realmente estar relaxada e eu também. Helen riu mais ainda.

— Você não muda, Thomas, vou sentir sua falta enquanto estiver de licença.

— Eu também. E o que mais o médico falou?

— Prescreveu umas vitaminas. Eu já providenciei.

— Ótimo. Formamos uma boa equipe.

— Concordo com você — Helen fez uma breve pausa depois falou: — Acredito que Cathy desistiu de ir embora.

— Não. Nós já concordamos que ela precisa. Vai ser por pouco tempo — tentei ser otimista, para esconder a minha tristeza. Também precisava ser convincente com a versão que Cathy havia passado para todos.

— Você concordou? Mal consigo acreditar.

— Não posso lutar contra a vontade dela, por outro lado, Cathy precisa realmente descansar para poder me acompanhar nas filmagens.

— E você? Como está se sentindo em relação a isso?

— Triste, mas otimista.

— Sinto muito!

— Não sinta. Nós estamos juntos outra vez, é o mais importante agora. Vamos nos encontrar em duas semanas e não nos lembraremos mais do que aconteceu.

— Espero que sim.

Desliguei o telefone, já imaginando como seriam os dias sem Cathy por perto. Como ela viveria tudo que a esperava sem nenhum apoio. Peguei alguns ingredientes para sanduiches na geladeira e os preparei depois voltei para o quarto com as novidades, disfarçando a minha infelicidade.

## VISÃO DE CATHY

Acordei me sentindo bem melhor. Todo o enjoo do dia anterior tinha ido embora e, apesar de ainda me sentir fraca, estava mais disposta. Thomas não estava no quarto. Ele tinha me acordado mais cedo para me dar os comprimidos prescritos pelo médico e avisar que estava indo para as entrevistas agendadas. Eu concordei em ficar no hotel para descansar mais um pouco e arrumar minhas malas para a tão fatídica viagem. Só de pensar já ficava apreensiva. “Só Deus sabe o que me espera”.

Fiquei na cama, com preguiça de levantar, ou falta de coragem para encarar a vida, contudo precisava de um banho e de algo para comer. Iria procurar por Dyo, não sabia se ele estava no hotel ou tinha ido com o Thomas? Ficar sozinha não estava nos meus planos. Precisava de alguém para conversar besteiras e me ajudar a esquecer dos problemas que eu iria enfrentar.

De banho tomado e após descobrir que Dyo também estava com meu noivo, desci para o restaurante do hotel, sozinha. Fiquei numa mesa distante e me concentrei no que queria comer. Depois de ter



feito o pedido, percebi alguém se aproximando, fiquei surpresa ao ver Irvin Campbell à minha frente. Ele me olhava como se eu fosse algum tipo de celebridade. Seus olhos brilhavam.

— Posso acompanhá-la? — Perguntou com uma voz patética de galã de novela.

— Não seria mais adequado você perguntar se estou esperando alguém?

— Eu estava observando e vi você fazendo o pedido, logo, não está esperando ninguém para jantar. Posso? — Pensei duas vezes.

Thomas iria arrancar a cabeça do Irvin e talvez a minha também. Por outro lado, não queríamos chamar atenção para nós dois, *eu* não queria, para ser mais precisa, então não haveria mal algum em jantar com um conhecido que apareceu por acaso. Reconheço que, para quem não queria ficar sozinha com seus problemas, ter o Irvin como companhia durante o jantar era uma ótima alternativa.

— À vontade.

— Não consigo entender como uma mulher tão linda está sempre sozinha. É por isso que associam você ao Thomas — apenas sorri.

Será que ele não estava enxergando o anel em meu dedo?

— Você nunca sai sem ele? Não curte com seus amigos?

— Sim. Quando tenho algum tempo livre.

— E isso acontece com frequência? — Ele estava rindo. Já sabia qual seria a resposta.

Thomas nunca me perdoaria, mas Irvin Campbell era muito bonito, principalmente quando sorria. Era encantador. Não era como o “meu Thomas”, no entanto era alguém para se suspirar.

— Não. Meu trabalho toma quase meu tempo inteiro.

Dei a ele a resposta que esperava ouvir. Eu estava tranquila, por isso era fácil sorrir e responder às suas perguntas descabidas sem maiores preocupações. Além do mais, era praticamente impossível ser indiferente ao seu sorriso, por isso conseguia sorrir livremente em resposta.

— Vou pedir para Thomas lhe dar mais algum tempo livre. Quem sabe assim consigo um encontro? — Piscou para mim.

Não pude evitar a risada. Imaginei Irvin indo pedir ao Thomas mais tempo livre para que eu pudesse sair com ele. Agora sim meu noivo iria arrancar a cabeça dele. Já podia até visualizar toda a cena em minha cabeça.

— Não perca seu tempo, Irvin. Eu adoro meu trabalho e adoro não ter tempo livre.

— Deve existir um bom motivo para se sentir assim.

— Existe — passei as mãos em meus cabelos para que ele percebesse meu anel de noivado. Ele nem notou.

Jantamos e conversando um monte de besteiras. Ele me falou do seu trabalho e eu falei um pouco do meu. Quando acabamos, Irvin pediu uma bebida, eu apenas fiquei para acompanhá-lo. Estávamos falando das vantagens e desvantagens da nossa profissão, o tema relacionamentos entrou na pauta.

— Não acredito que seja tão difícil quanto você diz, Cathy — Irvin tentava rebater meus argumentos sobre a dificuldade de manter um relacionamento no nosso meio.

— É complicado quando os dois não são do mesmo meio, mas acredito que seja ainda pior se um dos dois tiver uma profissão que não tem nada a ver com o meio artístico. De qualquer forma, acredito que, para dar certo, um dos dois sempre terá que ceder.

— Mas isso acontece em qualquer relacionamento.

— Claro. Mas se você namorasse uma dentista, por exemplo, quando estivesse filmando ela teria de escolher entre acompanhá-lo ou ficar muito tempo sem vê-lo. Entende o que estou dizendo?

— O sacrifício não seria só da parte dela. Eu com certeza teria que fazer alguns também.

— Isso porque ela não existe de verdade — afirmei, rindo da minha incapacidade de acreditar que ele faria sacrifícios num situação dessas.

— Veja pelo meu ângulo. Se eu tivesse uma assistente como você, por exemplo — ele acrescentou rapidamente, para que eu não vetasse o seu argumento. — Seria bem mais fácil fazer dar certo. Você estaria sempre ao meu lado e nós dois conseguiríamos trabalhar sem que um tivesse que se anular por causa do outro.

— Não é tão simples. Existem milhares de empecilhos que com certeza o fariam desistir de manter um relacionamento desse tipo.

— Cathy, você é uma das mulheres mais bonitas que já conheci. Não acredito que existam motivos que me fariam desistir de você, caso eu tivesse uma oportunidade.

— Irvin, eu...

— Interrompo? — Thomas apareceu do nada. Seus olhos estavam fixos em mim. Senti-me constrangida com a situação. Será que ele tinha escutado o que o Irvin falou?

— Thomas! — Foi só o que eu consegui falar.

— Claro que não, Thomas — Irvin já estava apertando a mão dele e indicando o lugar para ele sentar. — Encontrei sua assistente sozinha e resolvi acompanhá-la no jantar, sabe como é uma mulher tão bonita não pode ficar sozinha por aí — piscou para mim outra vez.

Na frente do Thomas? Não acredito. Tomara que o meu noivo realmente arranque a cabeça dele.

— Concordo com você, Irvin — Thomas afirmou, educado. — Uma mulher linda como Cathy não deve ficar sozinha, nunca. — Passou as mãos em minhas costas de forma protetora. — Sempre aparece algum idiota para fazer gracinhas. — Meu Deus do céu! O que Thomas estava fazendo?

— Rapazes, eu não sou nenhuma garotinha. Sei muito bem me defender — tentei evitar o pior.

— Não parece! — Os dois falaram ao mesmo tempo. Lancei um olhar inquiridor ao Thomas.

— Ainda mais depois de toda a notoriedade que ganhou com as fotos. Acho que a imprensa realmente gostou de você. Já pensou em seguir a carreira artística? Leva jeito.

— De forma alguma. Estou bastante satisfeita trabalhando com Thomas. A carreira artística dele é a única que me interessa no momento — pronto, talvez fosse o suficiente para ele não se sentir tão ameaçado.

— Nossa! Que fidelidade. Mais um ponto para você, Cathy. Isso faz de você a assistente dos sonhos de qualquer artista. Não me admira que Thomas seja tão super-protetor.

Thomas mordeu o lábio inferior, deixando-me em alerta. Era óbvio que ele rebateria as investidas do Irvin.

— De qualquer forma, Irvin, Cathy não é mais apenas minha assistente. Ela agora é também minha noiva.

Thomas estava se divertindo com a cara do Irvin. Pude ver seu prazer em dizer que estávamos noivos. Observei a reação do Irvin e vi que ficou um pouco surpreso, mas rapidamente conseguiu se recompor.

— Sério? Não tinha percebido. Cathy, você não falou nada sobre o noivado e nós conversamos muito durante o jantar. — Irvin realmente queria que Thomas arrancasse sua cabeça.

— Eu não sou a celebridade aqui. Minha vida não é pública — disse isso mais para Thomas do que para o coitado do Irvin.

— Só me resta desejar felicidades, então. Cuide bem dessa garota Thomas, você é um homem de sorte.

— Eu sei — ele respondeu e virou para beijar meu rosto. Agradei por estarmos longe dos olhares públicos. — Vamos subir? — Perguntou, com a maior cara de paisagem. — Estou com saudades — falou baixo, mas deu um beijo em meu pescoço para Irvin ver.

— Ah! — Olhei para o meu acompanhante sem saber o que dizer.

— Tudo bem! Eu também já deveria estar em outro lugar. Tchau, Cathy, obrigado pela noite. Espero encontrá-la em momentos como este novamente. Thomas!

— Tchau, Irvin — eu estava rindo, quando Irvin saiu do restaurante. — Você mereceu o que ele disse.

— Eu não fiz nada — ele parecia tão inocente que eu nunca conseguiria culpá-lo.

— Por que fez isso? Tinha que contar para ele? O que deu em você?

— Ele é um idiota que não perde nenhuma oportunidade de tentar levá-la para cama.

— Thomas! — Levantei indignada e fui embora do restaurante. Thomas estava logo atrás de mim.

— Não fique aborrecida, tá bom? Eu precisava botar um freio nele.

— Sério? — Fui irônica.

— Não faço mais, prometo.

Não iria conseguir ficar muito tempo brigada mesmo, então sorri fazendo as pazes. No outro dia eu estaria longe, nós dois já tínhamos passado muito tempo afastados para que sustentasse a minha irritação.

— Como você está?

— Bem. Estou tentando não pensar em nada agora. Vou ter tempo de sobra depois. Quando chegar o momento. Agora só quero esquecer.

Ele tinha entendido a minha posição. Eu nunca fui o tipo de pessoa que gostava de ficar se lamentando pelos cantos.

— Fez o que durante o resto do dia? — Desconversou.

— Dormi. Acordei na hora de descer para jantar.

— Então, está bem descansada? — Colocou uma mão em minhas costas e desceu o dedo por minha coluna até quase os quadris.

— Estamos em público — lembrei a ele.

— Não tem ninguém olhando — continuou, brincando com sua mão em meu corpo.

— Você deveria descansar.

— Eu vou.

— Ah! — Fiquei um pouco desanimada.

— Depois que cansar você de novo — mordi os lábios já pensando em como ele me cansaria.

## Capítulo 22

### Exorcizando Os Fantasmas Do Passado

VISÃO DE CATHY

**N**

o dia seguinte, levantei cedo tomei banho e comecei a me organizar para a viagem. Thomas estava triste, no entanto tentava parecer forte. Fiquei pensando se ele fazia isso para que eu me sentisse melhor. Era muito gentil da sua parte, tomar essa atitude. Seria difícil encarar uma separação outra vez, mesmo tendo certeza de que em breve estaríamos juntos novamente.

Fizemos tudo o que tínhamos para fazer em silêncio. Quando fechei minhas malas ele se ofereceu para levá-las até o carrinho que já me aguardava do lado de fora do quarto. Thomas saiu e eu fiquei sozinha com meus pensamentos.

Estava morrendo de medo dessa viagem. Teria que enfrentar os fantasmas do meu passado outra vez, isso me aterrorizava. Não seria apenas um encontro com o meu pai, seria o meu último encontro. Era extremamente difícil entender que estava viajando para assistir sua morte. Na verdade, nunca pensei que isso pudesse acontecer um dia. Não que ele não fosse morrer, essa era a lei da vida, mas nunca imaginei que estaria presente ou até mesmo que seria comunicada.

Para piorar, iria visitá-lo na casa onde morava com a esposa, a que tinha sido traída por minha mãe e que nunca poderia saber da minha existência. Como seria? A dúvida me deixava apreensiva. De qualquer forma eu teria que ir, não havia como evitar.

— Tem certeza do que está fazendo? — Thomas interrompeu meus pensamentos.

— Não. Mas não posso deixar de ir — fui em sua direção, abraçando-o com força, enterrando meu rosto em seu peito.

— Deixe que eu vá com você, Cathy.

— Não. Por favor! Não posso deixá-lo fazer isso. Vai dar tudo certo.

— Mas você está com medo e eu quero estar ao seu lado para apoiá-la.

— Você vai estar comigo o tempo todo. Só de saber que posso contar com você já é o suficiente. Vamos manter o que combinamos.

— Tá bom — Thomas passou as mãos em minhas costas, me tranquilizando.

— Já falou com Mia?

— Não. Ela também não se conforma que eu vá sozinha. Vou ligar para ela do aeroporto — Olhei para o quarto, verificando se não tinha me esquecido nada. — Vamos?

Thomas me envolveu em seus braços mais uma vez e nos beijamos demoradamente. Senti as lágrimas escorrerem pelos cantos dos meus olhos, mas não me importei. Eu sentiria a sua falta.

— Eu amo você, não se esqueça — sussurrou em meu ouvido.

— Espere por mim — supliquei, apesar de saber que ele esperaria até mais do que eu poderia imaginar.

— Sempre.

Saí do quarto ainda chorando para encontrar todos me aguardando. Abracei cada um com carinho, agradecendo todo o amor e cuidado que tiveram comigo. Por fim, me despedi do Thomas mais uma vez com um beijo enquanto enxugava as duas lágrimas que escaparam de seus olhos.

Thomas não me acompanhou ao aeroporto. Preferimos assim para que a imprensa não se voltasse para mim e acabasse

descobrir a minha história. Também era o melhor para nós dois. Seria difícil nos despedirmos sem nos tocar.

Viajei para Harrisburg, Pensilvânia. Eu estava cansada, contudo não consegui dormir. A expectativa me tomava fazendo com que a viagem parecesse muito mais longa do que realmente era. Quando cheguei ao aeroporto, peguei um táxi e fui para o hotel onde havia feito reserva. Não era necessário que eu fosse imediatamente à casa do meu pai. Não havia confirmado que iria, então ninguém me aguardava.

Entre no quarto simples, tomei um banho demorado, como sempre fazia quando queria protelar algo. Escolhi um jeans escuro e uma camisa preta com mangas. Coloquei um par de botas cano longo, preendi o cabelo em um rabo-de-cavalo frouxo. Pensei em pedir algo para comer, mas desisti quando constatei que não conseguiria engolir nada enquanto não encarasse de frente o meu problema.

Liguei para a recepção solicitando um táxi. Deitei na cama por alguns minutos enquanto aguardava. Quando o telefone tocou avisando que o veículo já estava disponível, peguei a minha bolsa e saí o mais rápido possível com receio de que a covardia me impedisse.

Entre no carro entregando o endereço em um pedaço de papel para o motorista. Fizemos uma viagem longa. Não conseguia me concentrar na paisagem, apesar de ficar o tempo todo olhando pela janela. Enquanto fazia o percurso que me levaria ao meu pai, as lembranças dançavam à minha frente. Lembrei todos os natais que passei sozinha com minha mãe, ele nunca estava nas principais datas, apesar de fazer questão de mandar vários presentes.

Não conseguia pensar num único momento que tivesse contado com ele ou tivesse me sentido segura simplesmente pelo fato dele existir. Ter um pai nunca havia sido um ponto forte na minha história, muito pelo contrário, era muito difícil conseguir não vincular a sua imagem a tudo de ruim que aconteceu com minha mãe e, conseqüentemente, comigo. Agora estava indo encontrá-lo. Atendendo ao seu último pedido, e não tinha ideia do que deveria estar sentindo.



O motorista me informou que tínhamos chegado. Paguei a corrida para só então parar para olhar a propriedade à minha frente. Era uma mansão, bem maior do que a casa do Thomas. Rodeada por um muro alto. O táxi tinha me deixado em frente a um portão. Cheguei perto, procurando por um interfone ou algo que me fizesse entrar contato com alguém.

Uma pessoa abriu o portão assim que me aproximei. Era um homem magro e alto, vestido todo de preto com um cão, também grande, preso por uma coleira.

— Pois não, senhorita?

— Sou Catherine. Vim a pedido do meu... Do Sr. Jonas Brown.

— O Sr. Brown encontra-se impossibilitado de receber visitas.

— Eu sei. Mas acredito que não sou propriamente uma visita.

— Aguarde um momento. Entrarei em contato com a Sra. Brown.

Aguardei enquanto ele entrava em contato com alguém através de um interfone. Enquanto isso observei mais um pouco a propriedade. A casa era linda. De arquitetura antiga, possuía um jardim esplendoroso, com flores coloridas. Era tudo muito bem cuidado. Depois de um tempo, o mesmo homem que havia me pedido para aguardar voltou, me convidando a entrar.

— Estão aguardando na sala principal, logo à frente.

Andei alguns metros de uma calçada que levava à entrada da casa, subi alguns degraus, antes de bater à porta uma moça simpática a abriu, cumprimentou-me já indicando o caminho para a sala principal. Quando cheguei, fui recebida por uma mulher muito bonita e bem vestida. Apesar do olhar triste e abatido, deu um sorriso educado, mas sincero.

— Catherine! Que bom que pôde vir. Seu pai ficará muito feliz em vê-la.

Ela veio em minha direção, me abraçou carinhosamente, no entanto sem muita intimidade.

— Ah! Que falta de educação a minha. Sou Samantha, a esposa do seu pai.

A revelação me pegou totalmente de surpresa. Eu não sabia o que esperar da visita ao meu pai moribundo e ser bem recebida pela

sua esposa estava totalmente fora de qualquer expectativa.

— Prazer, Samantha — respondi, tentando entender o que ela pretendia.

— Você é mesmo muito bonita, Catherine. Eu tenho acompanhado algumas notícias a seu respeito. Parece que tem sido agraciada pela mídia.

— Não acredito que “agraciada” seja a palavra mais correta.

— Eu entendo — desculpou-se educadamente. — Acredito que queira ver o seu pai agora.

— Primeiro, gostaria de saber o que aconteceu, se não for um problema para você, Samantha.

— Não. Claro que não. Que cabeça a minha. É claro que você não está informada a respeito da doença do seu pai. Vamos nos sentar um pouco, enquanto explico.

Eu sentei em um sofá imenso muito confortável que me indicou com a mão e ela em uma poltrona um pouco mais afastada.

— Seu pai tem um câncer linfático. Do tipo mais agressivo — começou a falar optando por não medir as palavras. Fiquei um pouco chocada com a sua revelação. — Nós descobrimos há quatro anos, quando fazíamos uma viagem ao Caribe e ele não se sentiu bem. Após todos os exames, o câncer foi diagnosticado. Ficamos desolados, mas nunca desistimos. Seu pai teve os melhores tratamentos possíveis.

Enquanto ela falava, eu observava a maneira como se expressava. Não existia em seus gestos nenhuma agressividade ou mágoa com a minha presença. Ela tratava a situação de uma forma muito bem resolvida e tranquila. Involuntariamente comecei a me sentir mais à vontade.

— Infelizmente tudo o que fizemos não foi o suficiente. Não lhe resta muito tempo. Por isso decidimos procurá-la. Era a vontade dele. Fico feliz que tenha atendido.

— Obrigada — falei, com sinceridade.

Não apenas pela situação que ela teve a boa vontade de me contar, mas principalmente pela forma cortês como estava me tratando. Eu era a prova real de que meu pai não havia sido um bom

marido, nem para ela, nem para minha mãe. E, mesmo assim estava ali, sendo educada e até mesmo amável comigo.

— Posso vê-lo agora?

— Claro! Ele está no quarto. Eu a levo até lá.

Atravessamos outras salas e passamos por corredores extensos. Subimos uma escada que nos levava ao segundo andar, depois de passarmos por mais algumas portas, ela finalmente parou em frente a uma delas.

— Sei que há muito tempo que não se encontram e... que não é fácil para você estar aqui depois de tantas coisas ruins. Não sou a pessoa mais indicada para lhe falar sobre como deve ser a sua relação com o seu pai, porém, por favor, Catherine, seja gentil com ele. São os seus últimos momentos.

Entendi o que ela estava me pedindo. Eu não podia piorar as coisas.

— Não se preocupe, Samantha. Não estou aqui para julgar ninguém.

— Obrigada — humildemente me agradeceu.

Abri a porta com cuidado e olhei para dentro. Por um momento senti vontade de fugir, porém Samantha estava bem atrás de mim e eu não me sentia à vontade para lhe causar qualquer transtorno. A sua gentileza tinha me desarmado completamente. Dei um passo à frente podendo ver um quarto amplo, muito claro e muito bem decorado. No centro, estava a cama de madeira real, deitado sobre ela um homem, muito magro e frágil. Totalmente careca com um respirador estava preso ao seu rosto contribuindo mais ainda a sua aparência frágil. Ao lado da cama, mais alguns aparelhos ligados ao seu corpo. Uma mulher robusta vestida toda de branco, a sua enfermeira, deduzi, veio em nossa direção.

— Ele ainda dorme, Senhora.

— E a febre? — Samantha se inteirava dos cuidados necessários com o seu marido.

— Continua alta, mas estabilizou.

— Já sabíamos que seria assim. Essa é Catherine, a filha do Sr. Brown.

— Prazer, senhorita.

— Prazer — respondi, sem conseguir tirar os olhos da figura que estava na cama. Tão debilitada. Custava acreditar que aquele era o meu pai. Antes tão cheio de vida, tão bonito. — Posso voltar depois, então. — Não queria que ele piorasse com a minha presença.

— De jeito nenhum. Vamos acordá-lo — Samantha tomou a frente e foi em direção à cama. — Jonas — chamou carinhosamente. — Jonas, querido, acorde. Tenho uma surpresa. — meu pai abriu os olhos e assim que fixou na mulher à sua frente seu sorriso se abriu. Vi naquele rosto descarnado o lindo sorriso que ele dava à minha mãe todas as vezes que chegava em casa. Senti meus olhos marejarem com a lembrança. — Você tem uma linda visita.

Meu pai olhou para Samantha que sorria carinhosamente para ele que não entendia do que ele falava. Depois seus olhos começaram a percorrer o quarto e encontraram os meus. Meu coração descompassou com a ansiedade. Fiquei em silêncio aguardando sem saber como agir.

— Cathy? — Ouvi sua voz debilitada chamar. Não consegui esboçar nenhuma reação. Uma mistura de emoções tomou conta dos meus pensamentos.

Aquele homem à minha frente era o meu pai, o mesmo que eu esperei durante tantas noites, o mesmo que eu simplesmente deixei de esperar, o mesmo que durante anos pensou que pagar as minhas contas era o suficiente. O mesmo que eu decidira apagar da minha vida há muito tempo atrás.

— Catherine — ouvi Samantha me chamando e voltei a minha atenção para ela. — Venha. Aproxime-se para que seu pai possa vê-la melhor.

Involuntariamente, comecei a andar em sua direção. Quando cheguei perto o suficiente, parei.

— Filha — mais uma vez a voz fraca do meu pai me chamou.

— Oi, pai — era como se eu tivesse voltado no tempo. Como quando ele aparecia em casa, me chamando para saber como eu estava me saindo na escola e como estava me comportando com a minha mãe.

— Você está diferente. Mais bonita, madura.

— Eu cresci.

— Estou vendo.

Ficamos em silêncio. Eu travava uma luta interna comigo. Uma parte minha queria confrontá-lo, perguntar por que ele tinha escolhido se manter afastado, por que nunca tinha sido um pai de verdade? A outra queria apenas ficar ali, quieta, deixando as coisas acontecerem.

— Venha mais perto. Sente-se aqui comigo.

— Não vai machucá-lo?

— Não. Venha, por favor — ele estendeu a mão e a manteve estendida até que eu colocasse a minha sob a sua.

— Acho que vocês precisam conversar — Samantha levantou para nos deixar sozinhos.

Eu fiz menção de impedi-la. A simples ideia de ficar a sós com ele me deixava aterrorizada. Não sabia o que fazer nem o que dizer.

— Vou buscar algo para você beber, Catherine, e ligar para o seu médico, Jonas, vamos ver o que ele pode fazer com relação a essa febre.

Eles se olharam com carinho, então ela se foi, juntamente com a enfermeira. Ficamos de mãos dadas nos olhando, enquanto o silêncio imperava no quarto. Depois de um tempo, comecei a me sentir incomodada.

— Obrigado por ter vindo — ele reiniciou a nossa conversa. — Eu não esperava que atendesse ao meu pedido. Estou muito feliz.

— Não esperava que fosse querer me ver. Principalmente aqui, na sua casa — eu não devia, mas era impossível fingir que as suas decisões não tinham me feito mal.

— Eu sei. Sinto muito, Cathy. Sinto muito mesmo.

Mordi os lábios. Era muito fácil ele se arrepender naquele momento, pois estava no final da sua vida e, provavelmente, com medo do que o aguardava do outro lado. Respirei fundo para me acalmar, afinal estava sendo dura demais com o meu pai.

— Sei que não é fácil estar aqui, que não deve ter sido fácil para você desde sempre. Eu tomei muitas decisões difíceis em minha vida, infelizmente, a maioria delas atingiu você diretamente.

“Você não tem a menor ideia do quanto me atingiu”, pensei amargurada. Nossa conversa era inevitável e difícil.

— É. Parece que sim — se iríamos mesmo conversar sobre o que aconteceu, eu seria o mais sincera possível com ele.

— Catherine. Eu sei que errei muito com relação a você. Não vou ficar me justificando nem tentando amenizar a situação.

— Obrigada.

— Pode não significar nada para você, mas eu amei muito sua mãe, assim como amo a Samantha. Entenda, eu era casado com Sam antes de conhecer sua mãe. Pode ser absurdo o que vou dizer, porém me apaixonei por ela imediatamente. Quando sua mãe engravidou, fiquei desesperado. Sam é uma mulher incrível e não merecia isso. Eu fui o errado, não ela.

— Nem a minha mãe.

— Nem a sua mãe, com certeza. A culpa foi toda minha, eu assumo. O fato é que não podia magoar a Sam nem abandonar a sua mãe. Então tentei fazer as coisas da forma que acreditei ser a melhor possível.

— Não é assim que se cria um filho. As coisas não funcionam dessa maneira.

— Cathy, me perdoe. Eu tentei fazer o melhor. Nunca abandonei você. Fiz questão de lhe dar tudo o que fosse necessário.

— Pai, o dinheiro nunca foi importante, quer dizer... Obrigada por tudo o que você fez pensando em meu melhor, mas... — Senti as lágrimas rolarem pelo meu rosto. — O dinheiro nunca substituiu o que eu precisava de fato.

— Eu sei...

— Não, não sabe. Você nunca soube. Você nunca esteve lá para saber. A minha mãe morreu quando eu tinha doze anos e fiquei sozinha no mundo.

— Minha filha, eu...

— Não, pai, não me peça mais nada, por favor! Eu estou aqui, não estou? Isso deveria ser o bastante.

Sustentamos o nosso olhar. O meu cheio de mágoa, o dele cheio de arrependimento e tristeza.

— É sim, Cathy. É o bastante.

— Desculpe pai, eu não queria...

— Tudo bem. Como disse, não pedi para você vir aqui para justificar meus erros. A única coisa que eu precisava era lhe dizer que sei que errei, mas nunca foi por falta de amor.

Parei, chocada com a sua afirmação.

— Cathy, você é a minha única filha, eu a amo. Sempre amei. Não demonstrei da forma correta e não posso morrer sem deixar claro que o que fiz, todas as minhas escolhas, foram por amor a vocês três: a você, a sua mãe e a Sam. Foram escolhas erradas, eu sei, mas nunca por falta de amor. Apenas precisava dizer-lhe.

Ouvimos alguém bater à porta e nos calamos. A enfermeira entrou no quarto para preparar a medicação que deveria ser ministrada naquele momento.

— Vou sair agora. É melhor o senhor descansar um pouco.

— É só o que faço — sorriu para mim, como sorria em minha infância. — Vou ver você novamente?

— Sim. Eu não vou embora.

Saí do quarto e, assim que fechei a porta atrás de mim, deixei o choro me dominar. Levei as mãos ao rosto, me entregando às lágrimas. Senti mãos carinhosas me envolverem, constatei assustada, que era Samantha. Seus braços me envolviam, me confortando. Eu estava me sentindo tão triste e sozinha que aceitei sua oferta amistosa.

— Calma querida. Nós sabíamos que seria difícil. Não é fácil perdoar quando as feridas são tão profundas. Acredite, eu entendo tudo o que está passando.

Meu celular vibrou em meu bolso e me afastei para verificar a chamada. Era Thomas. Olhei para Samantha, me desculpando.

— Tudo bem. Estarei esperando por você no jardim — ela saiu quando atendi ao telefone.

— Thomas — fiquei aliviada por estar falando com alguém em quem podia confiar.

— Cathy? Tudo bem? Você está chorando?

— Acabei de encontrá-lo. Foi um tanto quanto difícil — comecei a enxugar as lágrimas com as mãos.

— Meu amor, eu sinto muito. Queria tanto poder estar aí com você.

— Tudo bem, não se preocupe, vou ficar bem, juro.

— E ele, como está?

— Bem debilitado.

Expliquei a Thomas a situação do meu pai e depois contei como tinha sido a nossa conversa. Meu noivo como sempre, me confortou. Conversamos sobre como andavam as coisas no trabalho e ele fez questão de me colocar a par de tudo. Despedimo-nos com a promessa de que ligaria no dia seguinte. Quando desliguei já estava me sentindo melhor. Fui ao jardim encontrar com Samantha que estava sentada em uma mesa posta com diversos tipos de guloseimas, sucos e chás. Quando olhei para a comida, me dei conta de que estava morrendo de fome, a hora do almoço havia passado há muito tempo.

— Cathy, posso chamá-la assim?

— Claro.

— Sente-se. Coma alguma coisa.

Peguei um pão doce e me servi de um pouco de café. Fiquei observando timidamente aquela mulher desconhecida até alguns minutos, que parecia fazer questão de me tratar muito bem, mesmo sendo eu quem era.

— Você deve ter muitas perguntas — assenti lentamente com a cabeça em resposta à sua afirmação. — Acredito que uma delas é sobre o porquê de eu não estar incomodada com a sua presença. — Mais uma vez confirmei apenas com um aceno de cabeça. — Primeiro porque não acredito que você tenha qualquer espécie de culpa, segundo, porque eu amo seu pai e, se fui capaz de perdoá-lo, devo conviver com minhas escolhas.

Senti meus ombros se encolherem com o que eu estava ouvindo. Mesmo que ela não me culpasse, eu sabia que o simples fato de ter nascido me tornava culpada de alguma coisa.

— Entenda, Cathy. Não tenho nenhum tipo de medo em relação a você. Eu e seu pai somos casados há 25 anos. Sou dez anos mais velha que ele. Quando o conheci ele era um funcionário recém-contratado. Eu estava com 35 anos, acabara de herdar a empresa, estava sozinha e um pouco perdida sem saber como fazer para manter tudo funcionando. Seu pai havia acabado de se formar na



universidade, estava cheio de energia e ideias novas. Começamos a trabalhar juntos e nos apaixonamos. Tive medo, é claro, seu pai era muito jovem, eu já conhecia bastante do mundo para acreditar em relacionamentos instantâneos. Mas me apaixonei loucamente por ele, por isso logo nos casamos. Seu pai com o tempo acabou assumindo a empresa em meu lugar, graças a ele, estamos muito bem até hoje.

— Eu não sabia.

— Claro que não. Deixe-me continuar: Não posso ter filhos, isso sempre foi um problema grande para mim. Queria lhe dar uma família, apesar dele nunca ter feito questão de uma. Seu pai sempre foi um grande homem. Uma pessoa admirável. Tão logo assumiu as empresas, foi obrigado a se ausentar com muita frequência. Sua posição exigia longas viagens. Acredite quando eu digo que nunca tive motivos para desconfiar do meu marido. Ele sempre se mostrou um homem apaixonado, seu romantismo nunca se apagou, sempre teve um grande cuidado e muito carinho comigo. Cercava-me de atenção. Era um homem tão dedicado à empresa e a mim, que seria impossível acreditar que poderia existir outra família fora do nosso casamento.

Fez uma pausa bebendo um pouco do seu suco

— Só quando descobrimos sua doença ele resolveu me contar a verdade. Sua mãe já falecera há muitos anos e ele ainda se culpava pela morte dela. Não posso lhe esconder que, no princípio, senti raiva, mágoa, tristeza, todos os sentimentos que assolam uma mulher traída. Ainda mais por ele ter tido um filho, algo que sempre quis dar a ele e nunca consegui. No entanto, eu ainda o amava tanto quanto no primeiro dia em que o vi. Quando finalmente consegui analisar a situação com mais tranquilidade, só existiam duas soluções: ou eu iria abandoná-lo ou viveria com seu pai os seus últimos anos de vida. Acho que dá para saber qual foi a minha escolha.

— Entendo. Mesmo assim não consigo compreender. É difícil para mim, assimilar o seu comportamento comigo.

— Eu sei. Mas procure entender. Escolhi continuar com seu pai, o amor da minha vida e não remoer mais o passado, principalmente

porque tínhamos pouco tempo para ficarmos juntos. Escolhi viver da melhor maneira possível esses últimos anos. E a minha escolha envolve você. Não posso culpá-la e na verdade acredito que você seja a maior vítima. Até eu tenho minha parcela de culpa.

— Você? Como? Você nem sabia da minha existência.

— Mas foi porque eu me recusava a conseguir superar o fato de não poder gerar filhos que seu pai não teve coragem de trazê-la para casa quando sua mãe morreu, era o mais certo a fazer.

Fiquei calada. Olhando os fatos pela ótica dela, eu podia ver a parcela de culpa de todos envolvidos, até a minha, que me calei e aceitei todas as decisões do meu pai sem questionar ou protestar.

— A vida é tão incrível e maravilhosa, Cathy. Olha só que presente esplêndido ela está nos dando. A oportunidade de resgatar, resolver todas as diferenças. Todos nós estamos tendo essa oportunidade. A doença de seu pai, apesar de ser um fato triste, serviu para nos fazer ver as coisas sob outro ângulo. Seu pai se culpou a vida inteira pelas escolhas que fez e por nunca ter conseguido fazer nem você nem sua mãe feliz. Eu me senti triste a vida toda por não poder lhe dar filhos, e você... Bem, você conhece muito bem os seus fantasmas. Hoje estamos todos aqui para exorcizá-los.

— Não entendo do que você está falando, Samantha.

— Seu pai vai morrer, Cathy. Vocês estão tendo a chance de viver mais alguns momentos juntos. Não desperdice essa chance que a vida está lhe dando.

Desviei os olhos dos dela ao perceber aonde estava querendo chegar. Não era tão fácil quanto parecia, no entanto era extremamente coerente. Fiquei pensando sobre o que eu realmente queria. Se meu pai morresse naquele momento, o que teria acrescentado à minha vida além de mais um punhado de mágoas? E se eu resolvesse mudar a minha história, nem que fosse por apenas alguns minutos ou horas, ou o tempo que ainda nos restasse juntos? Se optasse por viver momentos melhores quando o pior acontecesse, com certeza me sentiria mais leve e feliz. De alguma forma minha decisão já havia sido tomada.

— Samantha. Eu preciso ir. Está ficando tarde e ainda tenho uma série de coisas para fazer. Nem desarrumei minhas malas.

— Você não vai ficar conosco?

— Eu volto amanhã.

— Cathy. Eu pensei que você ficaria hospedada aqui. Mandei preparar um quarto.

— Ah! Nem tinha pensado sobre isso. Estou hospedada num hotel próximo ao aeroporto. Deixei as minhas coisas lá.

— É muito distante. Se alguma coisa acontecer no meio da noite como conseguirá chegar a tempo? — Fiquei em silêncio, refletindo sobre o que ela estava dizendo. Eu queria ficar, porém as minhas coisas estavam no hotel e eu precisava delas. — Façamos o seguinte: Mando o motorista levá-la, você pega as suas coisas e volta. Ficaremos todos satisfeitos — concordei.

No dia seguinte acordei bem cedo e com uma ideia formada na cabeça. Encontrei com Samantha na sala onde o café da manhã foi servido. Conversei com ela sobre o que havia pensado. Ela ficou muito empolgada, tratando de providenciar o necessário. Após me certificar de que tudo estava conforme planejado, fui até o quarto do meu pai. A enfermeira estava terminando de lhe aplicar uma medicação. Entrei cuidadosamente.

— Bom dia, pai — disse baixinho, para não assustá-lo.

— Cathy, você ficou mesmo — a emoção era nítida em suas palavras.

— Eu disse que ficaria. Como está se sentindo hoje?

— Como nos outros dias, com a exceção da alegria que você trouxe ao meu coração esta manhã.

— Que bom — chamei a enfermeira pedindo para que começasse a organizar tudo para a nossa saída. Meu pai ficou curioso para saber a respeito do que eu conversava com ela.

— Vai sair?

— Vamos. O dia está lindo lá fora. Achei que você gostaria de dar um passeio no jardim comigo.

— Adoraria, mas acho que não será possível.

— Você precisa acreditar mais em mim, pai — pisquei travessa para ele. — Eu sempre consigo o que quero — não pude deixar de notar o brilho de felicidade em seus olhos. No mesmo instante soube que estava fazendo a coisa certa.

Com a ajuda de alguns empregados, conseguimos removê-lo cuidadosamente do seu quarto, juntamente com o aparelho que o ajudava a respirar e o levamos para uma cadeira de rodas que nos aguardava do lado de fora. Samantha tinha preparado uma mesa com sucos e frutas. Assim que meu pai foi acomodado na cadeira passei a conduzi-la, demos início assim ao nosso passeio. O sol estava bastante agradável, o que o fazia levantar o rosto absorvendo o máximo que podia do seu calor. Passeamos em silêncio um longo tempo. Quando paramos próximo a uma roseira aproveitei e me sentei à sua frente num banco do jardim.

— Obrigado, minha filha — as lágrimas escorriam de seus olhos, foi impossível conter as minhas.

— Vamos ficar chorando que nem duas crianças ou vamos aproveitar o momento?— Brinquei com a situação tentando deixar o clima mais ameno.

— Tem razão. Então conte-me sobre você. Estou sabendo que está trabalhando com um ator famoso, porém as revistas e jornais parecem acreditar que há algo mais do que um trabalho.

— Você tem acompanhado as fofocas das revistas? — Ele deu risada.

— Não me resta muito o que fazer já que estou preso numa cama o tempo todo. E então? É verdade o que dizem?

— É sim — nem acreditei que confessei com tanta facilidade. — Estamos noivos.

— Cathy, isso é maravilhoso, minha filha. Você não tem ideia do quanto esta notícia me alegra — eu também estava me sentindo feliz por ter uma família com que pudesse compartilhar os meus momentos. — E ele merece você? Acho bom merecer — ri da sua tentativa de ser um pai de verdade.

— Ele é maravilhoso, pai.

— Pelo brilho em seus olhos, acredito que sim. E quando pretendem se casar?

— Não sabemos ainda, nossa agenda anda meio apertada, estamos aguardando o melhor momento para que tudo saia perfeito.

Meu pai ficou em silêncio, me analisando.

— Gostaria de poder estar presente — disse por fim. — Talvez não mereça conduzi-la ao altar, mesmo assim ficaria satisfeito só em assistir ao seu casamento.

— Eu adoraria, pai — nós dois sabíamos que ele não sobreviveria para realizar esse desejo, porém a simples ideia nos aquecia o coração.

Ficamos o restante da manhã passeando e conversando sobre as nossas vidas. Em 23 anos eu nunca havia passado momentos tão agradáveis ao lado do meu pai. Entendi o que Samantha queria me dizer no dia anterior. A vida era mesmo fantástica.

No final da manhã a enfermeira levou-o de volta ao quarto. Já tínhamos ultrapassado o limite da sua capacidade e ele precisava descansar, apesar de alegar estar suficientemente bem para mais algum tempo juntos. Prometi visitá-lo assim que descansasse um pouco. Eu e Samantha ficamos providenciando o necessário para executar o restante do nosso plano no dia seguinte.

À noite, fui visitá-lo, mas ele estava bastante agitado. Tivera náuseas durante a tarde e estava sentindo dores. Fiquei bastante preocupada, no entanto Samantha me informou que esta reação era comum nesse estágio. Questionei se deveríamos manter nossos planos, ela disse que era de suma importância que continuássemos. Fui dormir bastante preocupada com o estado do meu pai.

No dia seguinte, logo pela manhã, o médico foi visitá-lo e constatou que seu quadro estava se agravando. Meu pai tinha dito que queria terminar os seus dias em casa, não havia mais nada que o médico pudesse fazer a não ser tentar aliviar as suas dores. Passei a manhã lendo para ele um livro que estava em sua cabeceira. Pela tarde eu e Samantha preparamos a casa para mais uma surpresa.

Quando a noite começou a cair, os empregados foram novamente buscá-lo no quarto, dessa vez o colocaram na sala, em frente à lareira, numa poltrona bastante confortável. Tivemos o cuidado de vendar os seus olhos para não estragar a surpresa.

Quando finalmente o deixamos ver, ele ficou um longo minuto sem conseguir dizer uma palavra.

Tínhamos enfeitado toda a sala para o natal, apesar de estarmos em agosto. Era uma festa completa, com presentes, árvore, ceia, tudo o que a data pedia.

— Vocês nunca passaram um natal juntos — Samantha começou a se justificar. — Pensamos que essa poderia ser uma grande oportunidade.

Meu pai ainda não falava. As lágrimas rolavam pelo seu rosto sem cessar.

— Pai, você se transformou em um velho chorão — brinquei com ele, tentando conter um pouco a sua emoção. O médico alertara que ele poderia nos deixar a qualquer momento, então estávamos todos preocupados, apesar de sorrindo e festejando. — Espero que não seja muita emoção, pai. Precisamos de você forte para a hora dos presentes — eu lutava contra a minha própria emoção.

— É maravilhoso! — Finalmente falou. — Como eu sempre sonhei.

— Então... — Samantha tentava animar a nossa reunião. — Aqui está o seu gorro, Papai Noel — ela colocou um longo gorro vermelho na cabeça do meu pai, que imediatamente começou a rir.

Todos os empregados da casa participaram da nossa confraternização. Passei a maior parte da noite sentada próxima ao pé do meu pai, observando enquanto todos tentavam fazer daquela festa um natal verdadeiro. Jantamos juntos e tentamos cantar algumas músicas natalinas sem muito sucesso. Na hora dos presentes, não sabia muito bem como agir. Samantha havia providenciado tudo, eu não tinha participado dessa parte, então nem sabia o que meu pai iria ganhar.

— Jonas, meu amor. Este presente tive o cuidado de escolher em nome da Cathy. Confesso que foi o mais difícil, mas enfim encontrei algo que seria perfeito. Cathy me perdoe por invadir sua privacidade. Ontem pela tarde você me mostrou um álbum de fotografias suas, que serviam de linha do tempo, são momentos que não voltam mais. Tomei a liberdade de fazer uma cópia de cada uma

delas. Fiz um álbum para o seu pai. Achei que seria o melhor presente, dar a ele os anos que perdeu ao seu lado.

Não fiquei aborrecida pelo que a Samantha fez. Foi perfeito! Eu mesma teria feito se tivesse tido a sua sensibilidade. Levantei-me indo em sua direção e pegando a embalagem de suas mãos a entreguei ao meu pai.

— Pai, espero que este presente consiga eliminar todas as nossas diferenças. Com ele você passa a fazer parte dos momentos em que estive ausente — a emoção me dominou e eu o abracei com força. Permanecemos abraçados, como deveria ter sido a vida inteira. De repente me dei conta de que nada mais importava. Minhas mágoas não doíam mais.

— Agora, Cathy, este é o seu presente — olhei desconfiada para o enorme embrulho em suas mãos. — Foi mais fácil que o do seu pai. Ele me deu as dicas quase todos os dias desde que me contou da sua existência.

Peguei o embrulho e comecei a rasgá-lo imediatamente. Fiquei chocada com o presente: um enorme urso de pelúcia, aquele dos sonhos de qualquer garotinha. Marrom-escuro, com uma mancha mais clara na cara e na barriga. Tinha um laço vermelho no pescoço e cheiro de morango. As lembranças da minha infância invadiram minha mente. Eu estava voltando no tempo para finalmente ser a sua filhinha. Abracei meu brinquedo como uma criança e voltei para o lado do meu pai, emocionada. Beije o seu rosto com carinho e sentei próximo aos seus pés mais uma vez.

O restante da noite fluiu como qualquer festa de natal. Conversamos bastante, enquanto meu pai folheava o seu álbum, eu contava para ele histórias de cada fase da minha vida. No final da noite, nos despedimos com um “boa-noite” repleto de amor. Samantha me abraçou agradecendo os momentos maravilhosos sem saber que eu é que deveria agradecer a ela por me proporcionar esta chance única.

Fui para o meu quarto e liguei para Thomas. Ele não atendeu. Olhei para o relógio e deduzi que deveria estar no meio da convenção de fãs de Estocolmo. Peguei meu urso indo para a cama abraçada a ele.

Acordei no meio da noite com batidas na porta do meu quarto. Levantei atordoada, após conferir as horas, 2:46h da madrugada, fui atender. Era Dorothy, a enfermeira. Meu pai falecera enquanto dormia. Voltei para o meu quarto ainda sem saber o que fazer. Sentei em minha cama enquanto absorvia a notícia. Meu celular começou a tocar naquele momento, eu atendi, sem nem me dar ao trabalho de saber quem era.

— Cathy? Acordei você?

— Thomas? — Arfei, reconhecendo nele meu porto seguro.

— Esqueci o celular no hotel. Desculpe-me! Cheguei agora e vi que você tinha ligado.

Comecei a chorar descontroladamente. Toda a emoção retida com a notícia finalmente veio à tona. Permiti que meu corpo extravasasse a dor que estava sentindo. Thomas entendeu meu desespero e ficou em silêncio, apenas me fazendo companhia. Não sei quanto tempo fiquei chorando ao telefone. Assim que senti que conseguiria recuperar meu equilíbrio, as lágrimas cessaram.

— Sinto muito, amor! — Thomas falou por fim, sem que eu precisasse informá-lo do acontecido.

— Tivemos os melhores dias de nossas vidas. Pelo menos conseguimos enterrar nossas mágoas e construir algo bom.

— Quer que eu vá encontrá-la? Eu posso fazer isso, vou para o enterro e volto em seguida.

— Não sei como vão ser as coisas. É melhor você ficar, mesmo assim, obrigada.

— Eu amo você.

— Eu também.

Conversamos mais um pouco, mas precisei desligar para procurar por Samantha. Eu queria ajudá-la no que pudesse. Sem dúvida estava sendo mais difícil para ela do que para mim. Encontramo-nos no corredor quando ela saía do quarto deles. Estava visivelmente abalada, mas firme. Abraçamo-nos e choramos juntas. Algumas pessoas começaram a chegar a casa, logo minha madrasta foi cercada de atenção por amigos e parentes. Quando o sol nasceu, tudo já havia sido providenciado. Fui até o meu quarto e liguei para Mia, contando o ocorrido.



— Que bom que vocês conseguiram mudar o rumo da história. Fico feliz por você.

— Eu também, Mia. Nunca imaginei que as coisas se resolveriam desta forma.

— E você? Como está sendo perdê-lo, agora que acabou de ganhá-lo?

— Não sei ainda. Acredito que vai ser mais tranquilo do que seria se eu não tivesse permitido tudo o que aconteceu.

— Gostaria muito de estar ao seu lado agora, amiga. Não consigo me conformar em deixá-la aí sozinha. — Mia era a melhor de todas as amigas que uma garota poderia ter. Eu era grata pelo seu amor por mim.

— Não estou sozinha. Estou com a Samantha. Tem sido reconfortante. Fique tranquila.

— E quando volta?

— Vou tentar voltar amanhã, mas ainda não conversei com Samantha a respeito, então não tem nada confirmado.

— Me dê notícias.

— Claro.

O velório foi o momento mais difícil e complicado. Uma cerimônia longa e cansativa. Todos eram estranhos. Fiquei ao lado da Samantha o tempo todo. Mas em nada facilitou a minha presença, principalmente quando ela me apresentava como a filha do Jonas, as pessoas me olhavam surpresas. Graças a Deus minha madrasta não se deu ao trabalho de explicar nada. Fiquei muito agradecida por isso.

Quando me aproximei do caixão para me despedir, pouco antes da cerimônia acabar e finalmente podermos enterrar o meu pai, percebi que, escondido no forro ao lado do corpo, estava o álbum de fotografias que tínhamos dado a ele na noite anterior. Olhei para Samantha procurando respostas.

— Era só o que faltava para a vida dele ser completa. Quero que leve como ele este momento maravilhoso que teve ao seu lado.

Aceitei a sua decisão. Após o enterro, voltamos para casa que estava repleta de amigos do meu pai. Continuei ao lado da Samantha até o último minuto. Quando ela se retirou para

descansar, aproveitei e fui para o meu quarto também. No outro dia pela manhã, acordei ainda exausta. Após conversar por alguns minutos com Thomas, desci para o café da manhã mesmo sem fome alguma. Passei pelo jardim em que ficamos juntos conversando e me surpreendi com a felicidade que essa lembrança me trazia.

Samantha não estava na sala para me acompanhar. Perambulei um pouco pela casa, aguardando que ela aparecesse, mas isso não aconteceu. Os empregados disseram que a esposa do meu pai estava muito abatida e que não tinha saído do quarto. Resolvi ir até lá. Era o mínimo que poderia fazer por alguém que me tratou com tanto carinho. Bati na porta entrando logo em seguida. O quarto parecia outro sem ele e seus aparelhos. Samantha estava de pé na janela, observando o mesmo jardim que eu estivera um pouco antes. Quando ela me viu, veio em minha direção e me abraçou.

— Como você está? — Perguntou, preocupada.

— Bem. E você?

— Não sei ainda. São vinte e cinco anos com ele ao meu lado e agora simplesmente tenho de aceitar que o amor da minha vida não vai mais estar comigo.

— Entendo. Eu também me senti assim quando perdi a minha mãe.

— Deve ter sido mais difícil. Você ainda era uma criança e foi tudo tão intenso — apenas sorri com sua afirmação. Na verdade não acreditava que tivesse sido mais ou menos difícil, era apenas difícil, independentemente da circunstância. Ninguém nunca está preparado para a morte, anunciada ou não.

— A ausência de quem amamos é sempre difícil qualquer que seja a situação.

— Você tem razão — ela voltou a olhar para a janela. — Cathy, o nosso advogado me procurou hoje cedo. Parece que Jonas deixou algumas orientações a serem seguidas após a sua morte. Ele pediu para nos encontrar em dois dias, depois de estarmos mais recuperadas da perda.

— Nós?

— Claro! Você é da família. Só existimos nós duas como parte interessada.

— Ah, Samantha, acho que não. Não existe nada em relação a este ponto que me interesse.

— Vamos primeiro ouvir o que ele tem a dizer. Por favor, Cathy, pelo menos me faça companhia. Já é bem difícil tendo você, imagine sozinha.

— Está bem.

Dois dias depois nos encontramos com o advogado, Sr. Mason, um homem de estatura mediana, com um bigode fino e muito bem penteado, cabelos negros com alguns espaços aparentes em seu couro cabeludo. Não era propriamente magro, também não poderia ser considerado gordo e se vestia elegantemente. Seus gestos deixavam clara a sua posição social. Samantha tinha me explicado que o Sr. Mason era amigo da família há muitos anos e era seu advogado desde a morte dos seus pais.

O Sr. Mason fez questão de nos encontrar na mansão, como uma forma de poupar Samantha de mais aquele sacrifício. Acomodamo-nos no escritório, antes utilizado pelo meu pai enquanto aguardávamos o advogado fazer o seu discurso de praxe. Conversamos sobre o destino da empresa, que havia algum tempo, estava sendo administrada por um sobrinho da Samantha, Peter, desde que meu pai foi obrigado a se ausentar para cuidar da saúde.

Após um longo tempo me explicando como a empresa funcionava e listando todos os bens do casal, fui informada de que, a partir daquele momento, eu estava sendo incluída no testamento da Samantha como sua herdeira juntamente com Peter. Isso significava que, quando Samantha também não estivesse mais entre nós, eu seria a sócia majoritária do grupo empresarial que Samantha e o marido possuíam, uma vez que, as ações pertencentes ao meu pai estavam automaticamente sendo passadas para o meu nome, assim como tudo o que antes pertencia apenas a ele. Fiquei chocada.

Olhei para Samantha em busca respostas e ela estava totalmente de acordo com o que havia sido determinado. Pelo que entendi, minha madrasta e meu pai conversaram anteriormente

sobre essas decisões e ela concordou com tudo o que ele havia sugerido.

— Não posso aceitar. Sinto muito, Samantha, é muito generoso da sua parte, porém não posso aceitar. Não quero aceitar.

— Pense melhor, Srt<sup>a</sup> Catherine, esta herança e a de Samantha a deixarão em uma posição financeira bastante confortável.

— Eu tenho uma situação financeira confortável, Sr. Mason. Tenho um trabalho que me satisfaz, com um salário excelente, além do que ganhei com o contrato das fotos que não foi gasto até hoje. Ser rica nunca fez parte dos meus sonhos nem desejos.

— Estamos falando de um pouco mais do que se tornar rica, Srt<sup>a</sup> Catherine. É um valor consideravelmente alto para ser ignorado. Além do mais é sua herança por direito.

— Eu não aceito. O que preciso fazer para abrir mão de tudo?

— Sr. Mason, eu poderia conversar com Cathy, a sós, por alguns minutos?— Samantha interrompeu o meu diálogo com o advogado.

— Certamente. Quando estiverem preparadas avisem-me.

Assim que o Sr. Mason saiu, Samantha segurou em minhas mãos e começou a falar.

— Cathy, qual o problema em aceitar o que seu pai deixou para você? Não existe mais ninguém para receber o que ele passou a vida construindo e não podemos deixar tudo se perder.

— Sam, eu nunca fiz parte dessa história. Não contribuí em nada com a construção desse império. Aliás, foi justamente a existência dessa determinação dele que fez com que nos separássemos.

— Você está enganada, Cathy. O seu pai errou muito, não apenas com você, mas quem nunca errou? Já conversamos sobre a maravilhosa oportunidade que tivemos de resolver todas as nossas diferenças antes de... Antes dele nos deixar. Seu pai fez por você também e era sua vontade que herdasse tudo.

— Ele queria me compensar e isso não é necessário. As diferenças foram resolvidas, eu não preciso herdar uma fortuna para acreditar que ele me amou de fato.

— Eu sei que não. Mas veja o outro lado. Eu também não sou mais nenhuma garotinha. Seu pai já se foi e não tivemos filhos.

Peter tem sido fantástico cuidando de tudo, mas precisamos e queremos que os negócios continuem em poder da nossa família.

— Peter é da família.

— Não propriamente. Ele é filho de uma prima em segundo grau. Minha família não é muito grande. Você é a nossa única herdeira direta.

— Eu não sou da família, Sam.

— Claro que é, Cathy. Por favor! Não nos abandone agora. Eu acabei de encontrá-la, não posso aceitar que saia da minha vida tão rápido.

Aceitei o que estavam me propondo, com uma ressalva. Peter continuaria no comando. Eu não tinha a menor intenção de me tornar uma executiva, além do mais, possuía uma carreira ao lado do Thomas e era assim que queria continuar a minha vida. Haveria algumas mudanças. Passei a fazer parte do conselho administrativo e teria que participar das reuniões. A minha conta bancária também mudaria drasticamente. Mas esse era um ponto em que eu ainda não queria pensar.

Precisei passar três dias assinando documentos e me familiarizando com a minha nova situação. Seria necessário um tempo bem maior para conseguir me situar, mas precisava ir embora. Minha vida estava me esperando e eu ansiava por voltar para ela.

— Não posso acreditar que você já vai nos deixar — Samantha estava bem triste com a minha partida.

— Sam, eu adorei conhecê-la. E não estou abandonando você. Terei que voltar com frequência, por causa da empresa.

— Eu sei. Estou sendo egoísta. Sei que já ficou mais do que pretendia e que existe alguém esperando você com muita saudade também.

— Pois é — concordei timidamente. — Amanhã é o aniversário dele. Eu queria estar presente.

— Aniversário? Ah, isso muda tudo, meu bem. É importante para ele que você esteja ao seu lado.

— Com certeza. Já estamos distantes há muitos dias. Precisamos um do outro agora.

— Entendo. Vou sentir a sua falta.

— Você nem vai ter tempo. Estarei de volta antes mesmo que você se dê conta...

Abraçamo-nos, emocionadas. Samantha era uma mulher incrível, sua capacidade de amar incondicionalmente tinha mudado bastante a minha maneira de ver o mundo. Sua presença passou a ser importante em minha vida, apesar dela acreditar no contrário. Eu só tinha a agradecer por tudo o que havia me proporcionado nos últimos dias.

— Você vai amanhã bem cedo? — Perguntou, enxugando as lágrimas.

— Vou, sim. Quero tentar chegar a tempo para a festa que a mãe dele está organizando.

— Então acho melhor deixa-la terminar de arrumar as suas coisas. A viagem será longa e cansativa, você precisa descansar bastante, não queremos que chegue com cara de ontem, depois de tantos dias separados.

Dei risada e deixei que ela se fosse. Seria difícil ir embora, contudo o meu coração ansiava por meu noivo. Presenciar todo o amor e dedicação da Sam pelo meu pai fez com que a minha necessidade de Thomas só aumentasse. Queria ir para casa e começar uma vida ao seu lado. Tínhamos passado por tantos momentos complicados e, para piorar, precisei viajar antes mesmo de nos recuperarmos. Eu tinha ainda mais motivos para acreditar que valia a pena ficar ao lado dele. Então meu corpo passou a necessitar disso como necessitava de ar.

No dia seguinte, após todas as despedidas e agradecimentos, finalmente estava em um avião voltando para os braços do homem que eu amava, agarrada ao meu mais novo companheiro, meu gigantesco urso de pelúcia. Não tinha conseguido avisar da minha chegada, então resolvi não ligar mais, chegaria de surpresa. Quando o avião pousou, meu coração acelerou. Estava de volta a Quebec, onde tínhamos nos despedido alguns dias atrás. Apressei-me a pegar um táxi, com medo de ser reconhecida.

Parei em frente à casa da mãe do Thomas e observei as pessoas paradas do lado de fora conversando. Eram poucas, porém todas

desconhecidas. Paguei o táxi, aceitando ajuda para retirar as malas. Assim que comecei a carregá-las, Nicholas apareceu para me ajudar.

— Cathy! Que surpresa! Thomas disse que você não poderia vir.

— Eu não consegui avisar da minha chegada — passei a mala para ele, que me tomou nos braços, com carinho.

— Sinto muito pelo seu pai. Thomas me contou — falou, discretamente.

Fiquei constrangida, mas se meu noivo confiava em seu melhor amigo para falar sobre os meus problemas, eu teria de confiar em seu julgamento, então não fiquei aborrecida.

— Obrigada — respondi, no mesmo tom. — Onde Thomas está?

— Passei por ele na entrada da cozinha, conversando com uma prima.

Fui naquela direção, passando antes por algumas pessoas desconhecidas e outras que eu havia sido apresentada rapidamente na *première* alguns dias atrás; todas se viraram para me olhar com meu imenso urso a tiracolo. Avistei Thomas parado à porta, conversando com uma garota de cabelos negros e curtos, alta e bem magra. Ela parecia jogar charme para ele, que demonstrava estar embaraçado com a situação. Fiquei parada onde estava, sem coragem de interromper a conversa deles até que Melissa saiu da cozinha e me viu.

— Cathy! — Disse um tanto quanto alto demais, chamando a atenção de muita gente que estava por perto, inclusive do Thomas, que imediatamente olhou em minha direção. Nossos olhares se encontraram e, na mesma hora tive a certeza de que nada mais importava, só queria estar ao lado dele.

— Cathy! — Thomas fez coro à sua mãe e veio em minha direção, deixando irritada a garota ao seu lado.

— Eu tentei avisar, mas... — Ele me tomou nos braços, em um abraço apertado e cheio de emoção e carinho.

— Que saudade!

Falava entre meus cabelos. Eu também o abracei com força, absorvendo o máximo que podia da sua presença. Estava morta de saudades. Minhas mãos tocavam suas costas, seus braços, seu

rosto, seus cabelos, como se estivessem verificando se estava tudo como eu tinha deixado. Thomas teve a mesma reação.

Apesar de toda saudade e emoção, não nos beijamos. Não o reprimi, apenas estávamos em tamanha sintonia que não ultrapassávamos as barreiras em público.

— Onde coloco as malas? — Nicholas chegou, carregando a minha bagagem. Thomas me olhou sem saber o que responder.

— Eu decidi vir de última hora e não tive tempo de procurar um hotel — admiti a minha falha.

— No meu quarto — respondeu sem tirar os olhos dos meus. Concordei. Não teria como reprimir a vontade que eu tinha de ficar com ele naquela noite, mesmo que fosse na casa da mãe dele.

Nicholas começou a subir a primeira mala e Thomas foi ajudá-lo ainda segurando a minha mão. Subimos para o seu quarto onde o melhor amigo do homem da minha vida a colocou minhas coisas próximas à cama saindo em seguida, alegando que tinha que ajudar Melissa com os pratos. Antes dele sair, meu noivo já estava me beijando calorosamente. Toda a falta que sentia dele estava sendo cobrada pelo meu corpo, por minha alma.

Agarramo-nos tão fortemente que nossos corpos estavam colados um ao outro, formando um só. Eu não tinha forças para parar nem queria, contudo sabíamos que ele precisava dar atenção aos seus convidados. Por isso fomos deixando o calor das emoções, diminuir, finalizando com um beijo carinhoso. Quando Thomas conseguiu se afastar um pouco, ficamos nos olhando com carinho.

— Você não avisou que vinha — ele me cobrou.

— Não consegui falar com você ontem o dia todo, nem hoje pela manhã, então resolvi vir e pronto.

— Ótimo! Não poderia ser mais perfeito.

— Parabéns! — Cerquei-o com meus braços mais uma vez procurando seus lábios.

— Obrigado.

— Desculpe, não comprei nenhum presente — admiti, sem graça.

— Você é o meu maior presente e o único que eu precisava — voltou a me beijar.



— Mas você estava sendo muito bem tratado na minha ausência — ele me olhou interrogativamente. — A garota lá embaixo. Estava cuidando muito bem de você.

— Não seja tola, ela é minha prima.

— Sei — Thomas deu risada e abraçou a minha cintura.

— Fale sério. Ela é só uma garota. E não tem nem a metade do seu charme — envolveu-me com seus braços, me puxando para cama.

— Thomas, precisamos descer. O que as pessoas vão pensar?

— Vou mandar todos embora agora mesmo — ri da sua brincadeira.

— Não vou embora novamente. Teremos muito tempo um para o outro. Agora precisamos agradar às outras pessoas.

Ele concordou, permitindo que finalmente descêssemos de volta para a sua festa. Melissa veio imediatamente em minha direção, cercando-me de carinho. Descobri que Thomas tinha contado para ela também a minha história e sobre o falecimento de meu pai. Então percebi que não ficava mais irritada nem constrangida pelo fato das pessoas saberem da minha vida complicada. Agradei mentalmente a Samantha por mais essa superação.

Eu e Thomas não nos desgradamos em nenhum momento, mesmo mantendo a distância normal como fazíamos em público. Ele estava visivelmente mais bem disposto e alegre e eu estava muito feliz por poder estar lá, apesar de a sua prima me lançar olhares assassinos o tempo todo. Achei graça.

Fiquei até tarde ajudando Melissa a arrumar toda a bagunça que os amigos do Thomas deixaram pela casa. Meu noivo e o padrasto estavam limpando o jardim, enquanto eu e sua mãe cuidávamos da parte interna. Com tudo no lugar, nos despedimos e fomos nos deitar.

Todos nós estávamos exaustos devido ao excesso trabalho. Melissa estava eufórica com a minha presença e já tinha planejado ficar o dia seguinte todo ao meu lado para resolvermos algumas coisas do casamento. Concordei com seus planos, apesar de saber que não haveria chance disso acontecer tão cedo.

Quando cheguei ao quarto, Thomas já estava lá me esperando. Dei-lhe um beijo leve indo direto para o banheiro tomar um banho quente. Quando saí, estava mais bem disposta. Apesar do frio coloquei uma camisola fina, contando com a ajuda do aquecedor para me manter em uma boa temperatura. Eu queria estar desejável para meu noivo depois de tanto tempo. Ele me olhou cheio de desejo e admiração.

— Não está com frio? — Seus olhos corriam meu corpo.

— Não. — Menti para não estragar meus planos. Fiquei em pé ao seu lado fingindo desinteresse em deitar. Ele me agarrou e puxou para si, jogando o seu corpo sobre o meu.

— Você está tão linda, estou com tanta saudade! — Suas mãos já estavam percorrendo o meu corpo e rapidamente me senti aquecida.

Fizemos amor até o cansaço nos adormecer. Pela manhã senti as consequências da minha travessura. Estava tão frio que pensei que meus ossos se partiriam depois de congelados. Thomas nos cobriu com mais *edredons* e ficou agarrado a mim, rindo dos meus tremores. Quando consegui levantar, tomei um banho bem quente e me vesti o mais protegida possível do frio.

— Já ia me esquecendo — começou a falar quando estávamos nos preparando para sair do quarto. — Comprei uma coisa para você.

— É seu aniversário e eu que ganho presentes?

— Meu aniversário foi ontem — pegou um embrulho grande de dentro do seu closet e me entregou. Pelo formato da embalagem, eu já sabia do que se tratava. Era um violão. Abri o embrulho e comecei a namorar o meu presente antes mesmo de tirar algumas notas dele.

— É lindo, Thomas!

— Pensei em você quando vi na loja e decidi comprar. Assim poderá me mostrar mais um pouco do que conhece de música durante nossas viagens, além de me presentear sempre com a sua linda voz — nos beijamos.

Eu estava tão animada com meu mais novo violão que me esqueci do frio e da fome.

— Toque um pouco — Thomas percebeu a minha ansiedade para usar o meu presente.

Sem parar para pensar, posicionei o violão e comecei a tocar para ele, que ficou sentado ao meu lado me observando com um enorme sorriso no rosto. Após algumas músicas, Melissa veio ao quarto nos chamar para comer. Depois disso só tive tempo para meu noivo no final do dia.

Melissa me encheu de atividades, ocupou todo o meu dia com programas que no geral envolviam o casamento, como visitar algumas lojas específicas sobre o assunto. Eu e Thomas ainda não tínhamos decidido nada, nem mesmo onde seria, mas não quis estragar a festa dela. O problema maior seria com Mia, quando eu voltasse para casa com as novidades e ela percebesse que eu havia permitido que Melissa fizesse o que não permitira a ela.

À noite, aproveitamos que Melissa estava cuidando do marido e dos filhos e ficamos juntos um pouco. Meu noivo estava inquieto, e eu sabia que isso significava que tinha algo para falar, mas não sabia por onde começar. Fiquei conversando sobre nenhum assunto específico, deixando que ele conduzisse a nossa conversa da forma que achasse mais apropriada, para abordar o que era do seu interesse. E assim aconteceu.

— Então... — Ele começou. — Quer dizer que agora você é tão rica que pode inclusive parar de trabalhar? — Tentava aparentar desinteresse.

— Sou. Mas não pretendo parar.

— Por que não?

— Não tenho interesse em deixar de trabalhar com você — respondi sem enfatizar nada. Eu sabia que esse assunto era importante para ele, então fazia do seu jeito. — A não ser que você não queira mais trabalhar comigo.

— Quero trabalhar com você para sempre, sabe disso. Mas como será?

— Como tem sido até agora. Nada vai mudar.

— Mas você precisará estar presente para administrar seus negócios.

— Não necessariamente. Tenho quem faça e, sinceramente, só aceitei para não decepcionar Samantha. Ela tem sido ótima comigo, achei que aceitando a sua oferta estaria retribuindo todo o carinho que tem demonstrado por mim.

Thomas ficou pensativo. Eu entendia qual era o problema.

— Não vou embora. Escolhi passar a minha vida ao seu lado e é assim que vai ser, mesmo que para isso eu seja obrigada a ouvir milhares de mulheres histéricas gritando por você todos os dias e várias outras lutando por um espaço em sua cama.

Ele relaxou um pouco com o meu comentário.

— Tem certeza? Não quero que você desista de nada por minha causa.

— Não é por você — falei debochada. — É por mim. Existe emprego melhor do que o meu? Viajo o mundo todo sem gastar nada, vivo como uma celebridade, ganho muito bem, e ainda por cima tenho o direito de levar o meu namorado comigo. Eu sou mesmo muito sortuda.

— Seu noivo, não se esqueça. Futuro marido talvez seja mais apropriado — Thomas ficou totalmente tranquilo, mais relaxado após a nossa conversa, e eu, muito feliz com a minha vida.

O restante da semana, apenas curtimos um ao outro. Thomas me cercava de cuidados, carinho e atenção. Tínhamos voltado à nossa bolha de felicidade e nada parecia abalá-la. Algumas vezes me pegava pensando na Lauren, nunca com mágoa, sempre com pena. Guardei o segredo deles como se fosse meu e realmente o era. Nunca falávamos sobre o assunto. Tínhamos combinado enterrar os problemas, estávamos felizes assim.

Depois de duas semanas sem trabalhar, eu estava de volta à minha rotina. Viajamos para o Texas para mais dois meses de gravações exaustivas e muito trabalho. Já estava totalmente familiarizada com o trabalho durante as filmagens e Thomas estava fazendo a parte dele brilhantemente. Dividíamos nosso tempo de forma harmoniosa, trabalhávamos e namorávamos com a mesma dedicação.

Após dois meses praticamente sem existir para o restante do mundo, voltamos para casa. Teríamos vinte dias de folga e então

voltaríamos para mais um mês de gravações em estúdio para encerrar a nossa participação no projeto.

Quando chegamos em casa estávamos aliviados. Thomas queria vendê-la e comprar outra quando terminássemos o filme. Eu não deixei. Tínhamos vivido tantas coisas boas ali que as ruins nem me assustavam mais. Gostava dela. Era a nossa casa. Ele concordou, mas instalou um sistema de segurança tão completo que acredito que nunca mais iríamos ter problemas com ladrões.

Assim que chegamos, Mia ligou querendo marcar para sairmos à noite. Thomas também queria, pois tínhamos ficado tanto tempo longe de todos que estávamos loucos de vontade de revê-los. Não que Kendel, Raffaello e Dyo tivessem ficado longe, mas nossos encontros eram raros e esporádicos, além de corridos. Precisávamos de uma farra para marcar a nossa volta para casa. Decidimos sair todos juntos. Iríamos para a mesma boate, onde tínhamos nos visto pela primeira vez. Sugestão do Thomas.

Estava indo para o meu quarto quando Thomas me puxou pelo cinto da calça.

— O nosso quarto é aqui — apontou para o dele.

— Ainda não casamos.

— Estamos casados há tanto tempo que até perdi as contas — me abraçou com carinho. — E nunca fizemos amor aqui em casa — falou já me arrastando para dentro do quarto.

Era verdade. Estávamos juntos há tanto tempo e nunca tínhamos ficado como namorados naquela casa. Nossa vida sexual começou em meio à nossa rotina de trabalho, desde então não voltamos para a nossa casa. Eu não tive a sensibilidade do Thomas para perceber o quanto aquela situação deveria ser especial para nós. Porém, sempre haveria chance para corrigir os erros.

— Então, vamos realizar uma fantasia sua? — Comecei a criar um clima.

— Se formos contar o quanto que eu desejei você nesta cama, sim. Mas teremos de transar pela casa toda, porque eu tive muitas fantasias aqui com você — ele já tinha se livrado da camisa e tirado os sapatos.

— Para mim não existe problema algum. Seu desejo é sempre uma ordem, chefe.

Ele me agarrou e beijou com vontade, levantando meu corpo pelos quadris.

— Sempre quis transar com a minha assistente — começou a levantar minha camisa, apoiando-me na parede, para que meu corpo não escorregasse.

— Eu sempre quis transar com meu chefe — joguei essa para ele, que parou surpreso me olhando.

— Essa é nova.

— Nova? Você fazia o que queria de mim sempre e diz que essa é nova? — Agarrei seus cabelos, buscando por seus lábios. Ele me jogou na cama e ficou em pé, me observando.

— Você sempre me repelia. Deixava-me louco e depois me mandava embora — levantei uma perna, coloquei o pé em seu peito, para que tirasse a sandália de salto fino.

— Você me deixava louca. Eu sempre tinha de lutar muito para conseguir mandá-lo embora. — Começou a morder meus dedos do pé, fazendo cócegas. Eu dei a outra perna a ele.

— É mentira sua, Cathy, só está tentando me deixar animado — vi a minha sandália ser atirada longe.

— Eu sempre estava prestes a ceder quando o mandava embora. Se você insistisse mais um pouco, ia acabar deixando — levantei o corpo um pouco e desabotoei meu jeans. — Você sempre aceitava e ia embora. Acho que não me queria tanto assim — fiz charminho. Ele arrancou meu jeans e se livrou das calças dele.

— Como pode dizer isso? Você sempre me deixou louco. Desde o primeiro dia lá na boate. Eu te quis naquele momento.

— Mas não fez questão de ter — eu estava pirraçando, enquanto sentia seus lábios em meu corpo.

— Você, que não cedia nunca. Fez jogo duro comigo — sua língua começou a percorrer a borda da minha calcinha, me deixando sem respiração. — Sou louco por sua tatuagem.

Fazer amor com Thomas sempre foi muito bom, mas ali, em sua cama, era um prazer diferente. Naquele lugar nos desejamos mais do que tudo e nunca tivemos um ao outro. Era a concretização do

nosso amor. Deitados naquela cama, éramos o desejo encarnado. Meu noivo ficou louco, me possuindo com vontade. Seus lábios não pararam um só minuto, e suas mãos me apertavam, causando um prazer indescritível.

O quarto foi uma missão realizada. Exploramos todos os seus lugares. Fizemos amor na poltrona, na mesa, no chão, nas paredes e na cama. Eu sempre me perguntava se era assim para todas as pessoas. Se o desejo era sempre tão forte. “Para mim nunca foi assim antes” Thomas me respondeu, quando perguntei a ele se o nosso apetite sexual era normal. Fiquei deliciada.

Fomos para a boate encontrar nossos amigos, já um pouco atrasados, com Mia e Dyo ligando de dez em dez minutos para nos apressar. O local continuava o mesmo. Foi como voltar no tempo. Eles escolheram uma mesa mais reservada no andar de cima, para que eu e Thomas ficássemos mais à vontade.

— Quando vamos a esse casamento? — Daphne perguntou, logo que chegamos.

— Em breve — Thomas fica orgulhoso quando o assunto era o nosso casamento.

Conversamos e rimos muito com os casos engraçados que aconteciam nas filmagens. Também falamos sobre meu novo status com a herança deixada pelo meu pai e do meu relacionamento com Samantha, que tinha se tornado uma grande amiga. De uma hora para a outra e de uma forma bastante natural, o tabu que era o meu relacionamento com o meu pai deixou de existir, então passei a me sentir confortável em conversar com as pessoas que eu amava sobre este assunto.

Foi muito divertido, para variar, as minhas amigas tentavam me deixar bêbada. Thomas ria das brincadeiras permitindo que elas me obrigassem a beber.

— É para lembrar aquela noite. Vamos realizar mais essa fantasia minha — murmurou ao meu ouvido, revelando o seu plano.

— Você quer transar com uma mulher bêbada? — Brinquei fingindo irritação.

— Não. Quero transar com a mulher linda que eu conheci aqui e que levou meu coração junto com ela quando fugiu bêbada — o que

poderia dizer?

Naquela noite realizei mais uma fantasia dele. Com muito prazer.

Na manhã seguinte, dormimos até quase meio-dia, depois fomos caminhar na praia, de mãos dadas. Os problemas tinham ficado no passado havia tanto tempo que nunca parávamos para analisá-los. Eu apenas me entregava à minha vida perfeita, ao lado do meu futuro marido perfeito. Ficamos um bom tempo assim. Namoramos um pouco na areia e depois tomamos banho de mar juntos. No fim da tarde, estávamos agarrados na piscina da casa. Não tínhamos feito amor o dia todo, e eu estava adorando o clima de namoro entre nós dois. Só atijando para depois deixar queimar.

Era tão bom ter um dia inteiro para nós. Sem ninguém por perto, sem obrigações. Era uma delícia ficar com Thomas na piscina sem me preocupar com mais nada e, principalmente, sem esconder o nosso amor. Em alguns dias nossa vida voltaria ao normal. Cada vez que me lembrava sentia mais vontade ainda de ficar agarrada ao meu noivo.

Éramos tão ligados que não conseguíamos ficar longe um do outro. Até na hora de ler um livro, líamos juntos e ao mesmo tempo. Eu achava uma graça, e por mais estranho que pareça, conseguíamos ler o livro inteiro assim. Dois dias depois de tanta liberdade, fomos surpreendidos por Sara, que apareceu bem cedo com a novidade. Estávamos estampados em todas as revistas. Uma inclusive mostrava Thomas e eu nos beijando na piscina. Não poderíamos mais negar o nosso relacionamento.

Ele deu risada das fotos. Eu fiquei chocada.

— Não conseguiríamos esconder por mais tempo — ele justificava seu riso.

— Nós vacilamos Thomas. Não deveríamos ter ficado tão à vontade — fiquei irritada. Não queria minha vida exposta daquela forma nos tabloides.

— Cathy, você é minha mulher, não poderia ser diferente. Agora eles querem saber sobre você também. Relaxe.

— Não sabia que vocês já tinham casado — Sara comentou brincando com a colocação dele.

— Ele está com essa ideia agora.



Thomas encostou-se ao sofá e ficou observando as fotos.

— O que vamos fazer?

— Vamos declarar logo que nos amamos, estamos noivos e moramos juntos. Não aguento mais não poder tocar em você quando estamos trabalhando.

— Mesmo depois do casamento, nós vamos continuar agindo desta forma. Trabalho e prazer são duas coisas distintas, não se esqueça. E não quero declarar nada.

— Não temos mais como negar — ele me lembrou, colocando uma revista na minha frente.

— Também não precisamos confirmar.

— Tá bom! Então vamos agir naturalmente e com o tempo vão perder o gosto pela notícia.

— Thomas finalizou sorrindo, demonstrando estar bastante à vontade com os últimos acontecimentos.

Apesar de não ter sido um problema para ele, decidi que não sairíamos mais de casa. Depois das fotos nos demos conta da quantidade de paparazzi por todos os lados tentando nos clicar. Ficamos em casa trancados três dias inteiros. É claro que tínhamos muitas coisas para fazer. Exploramos, afoitos, o restante da casa.

Ao final desses três dias estávamos na sala de vídeo deitados no chão, cobertos por um lençol apenas, conversando a respeito do casamento e da família que queríamos formar. Resolvemos ensaiar bastante antes de “encomendarmos” uma criança de verdade.

Já estávamos vestidos quando o celular de Thomas tocou. Era Sara, muito nervosa. Thomas colocou no viva-voz para que eu pudesse participar da conversa.

— Thomas. Temos um problema grave.

— O que aconteceu?

— Lauren enlouqueceu novamente.

Trocamos um olhar rápido.

— O que ela fez? — Thomas perguntou.

— Sumiu. Depois daquelas reportagens que confirmavam o relacionamento de vocês, ela pirou. Pensei que por estarmos distantes acabaria ficando tudo bem, mas ontem Lauren só falava que você a havia traído e que iria se vingar. Eu conversei com o

médico dela e resolvemos interná-la, mas, quando ele chegou com a equipe hoje cedo, minha afilhada havia desaparecido.

— Sara o que podemos fazer para ajudá-la? — Perguntei, preocupada com o que poderia ter acontecido a Lauren.

— Estou preocupada com vocês, Cathy. Ela está descontrolada. Pode tentar fazer alguma coisa.

— Não se preocupe, Sara, a casa está segura. Vamos ficar bem. — Thomas permaneceu tranquilo. Eu não estava tão certa quanto a isso. Para ficarmos mais à vontade, reduzimos os horários dos empregados e a quantidade de seguranças. Ficamos apenas com o necessário para manter os paparazzi afastados da casa, o que não era um número muito grande. Apenas três considerando Eric.

— Thomas, não é só isso. O problema é ainda maior. Vasculhei o quarto dela à procura de alguma pista e achei seu diário. Descobri uma coisa terrível — Sara fez uma pausa. — Foi ela quem pagou aos bandidos para assaltar sua casa, naquele dia. Ela queria que machucassem Cathy — ficamos sem reação.

## Capítulo 23

### A Vingança de Lauren

#### VISÃO DE CATHY

**N**

ão se preocupe, Cathy — Thomas tentava me acalmar. — Já falei com o Chefe Smith, e Sara ficou de escanear o diário da Lauren e mandar por e-mail para a delegacia. Ele vai conseguir um mandado de busca. De qualquer forma, ele vai enviar uma viatura para nos ajudar com a segurança. Dyo já providenciou o hotel e irá nos encontrar lá. Kendel está vindo para cá e Eric está contratando mais alguns seguranças para nos acompanhar durante as filmagens. Sara vai embarcar o mais rápido possível para nos encontrar no hotel. Vai dar tudo certo.

Eu estava em nosso quarto tentando arrumar as malas. Nem conseguia acreditar que mais uma vez Lauren estava nos criando problema. Quando isso iria terminar? Quando a vida parecia estar seguindo seu caminho, aparecia alguma coisa para bagunçar tudo outra vez.

— Fique tranquila! — Thomas me abraçou, disfarçando o seu nervosismo. — Não acredito que ela consiga fazer alguma coisa. Nem acredito que consiga se aproximar de nós.

— Ela sempre consegue, Thomas. Lauren está transtornada. Mantê-la apenas afastada não é o bastante. Pense bem, se ela conseguiu contratar aqueles ladrões para me fazerem mal, do que mais será capaz?

Ele não respondeu. Eu sabia que havia concordado comigo. Era impossível prever o que Lauren estava planejando fazer. O pior é que ela estava em vantagem com relação ao tempo, pois só ficamos sabendo das suas intenções há poucos minutos, enquanto a louca teve muito mais do que isso para planejar e executar o seu plano, qualquer que seja ele.

Thomas desceu levando nossas malas para o carro, enquanto eu terminava com a nossa bagagem de mão. Os empregados já tinham sido liberados antes da ligação de Sara, por este motivo estávamos sozinhos na casa. Havia dois homens rondando e Eric saíra para resolver sobre o aumento da segurança pessoal. Eu estava muito nervosa. Quando terminei, fiquei observando a paisagem através da janela de vidro. Seria um lindo pôr-do-sol e não estaríamos lá para contemplar. Quantas coisas mais Lauren conseguiria arrancar de nós dois?

— É realmente um lindo cenário. — me virei surpresa com sua presença. Como ela conseguiu entrar? Senti meu coração acelerar.

— Lauren!

— Achou que tivesse se livrado de mim? — riu debochada.

— Como conseguiu entrar? — Minha cabeça só conseguia pensar em Thomas. O que ela teria feito com ele?

— Eu sempre consigo o que quero. Esqueceu? — Fiquei muda. Lauren tinha ouvido minha conversa com Thomas. — Vai viajar? — Permaneci calada. Aquela louca podia tentar qualquer coisa contra mim e eu estava indefesa. — Os cuidados que vocês tiveram com a segurança da casa foram inúteis. Tenho acesso a todas as informações sobre vocês. Foi muito fácil entrar, depois apenas aguardei o momento certo para agir. Thomas nunca a deixava sozinha. Vocês me fizeram esperar por muito tempo. Fiquei surpresa com a exposição. Namorando na piscina? Que vacilo, hein? Ele nunca fez isso, apesar de sempre gostar de ser visto com mulheres bonitas. Nunca se expôs tanto.

— Lauren, você está doente, precisa de ajuda. Deixe-nos ajudá-la.

— Eu não estou doente. Não sou louca! — ela estava descontrolada. Seus olhos eram demoníacos, sua boca formava um ângulo que dava a ela as feições de uma besta enfurecida. — Se você nunca tivesse surgido em nossas vidas, ele ainda estaria comigo. — percebi seu objetivo naquela hora. Ela queria apenas a mim, ou já teria se revelado e atacado Thomas também.

— Eu não tenho culpa de nada. Nem conhecia vocês quando tudo aconteceu, Lauren. Pare e pense.

— Mas você apareceu quando ele já estava se esquecendo. Iria ficar comigo, estava triste pela perda do nosso filho — levou a mão à barriga, acariciando-a como se ali tivesse realmente existido uma criança. — Ele queria formar uma família comigo — sua voz era quase infantil.

— Lauren, seu filho nunca existiu — tentei trazê-la de volta para a realidade, enquanto ganhava tempo para pensar em alguma coisa. — Foi tudo sua imaginação. Mas você ainda pode mudar sua história. Deixe-me ajudá-la.

— Você é uma desgraçada, Cathy — Lauren tirou uma arma de suas costas e a apontou para mim. Fiquei congelada. Qualquer movimento poderia fazê-la perder a cabeça. Meu cérebro funcionava a todo vapor, tentando encontrar uma saída. — Está com medo agora? Onde está toda sua coragem de antes? Lembra-se da surra que me deu lá na boate? Eu não me esqueci.

Com a mão livre, Lauren me deu um tapa no rosto, pegando-me desprevenida. Caí desequilibrada no chão. Eu estava assustada demais para revidar e, mesmo que não estivesse, não poderia reagir com ela armada.

Lauren se aproximou e chutou a minha barriga com muita força. O ar faltou, logo comecei a ver tudo girando. Ela iria me matar, eu tinha certeza. Mas antes iria se divertir. Mais um chute. Esse atingiu a minha cabeça. Senti o bico fino da sua bota tentar ultrapassar o meu couro cabeludo. O chute deveria ser em meu rosto, mas percebi a sua intenção e consegui me virar a tempo, no entanto,

quando fui atingida, a dor quase me fez desmaiar. Vi pontos negros se formando, então não consegui mais fixar as vistas.

Lauren agarrou o meu cabelo forçando-me a levantar. Senti os fios serem arrancados da cabeça com força. As lágrimas se formavam. Onde Thomas estaria?

— Preste bastante atenção, Catherine, porque não irei repetir. Eu sei que Thomas está na garagem arrumando as coisas para vocês fugirem. Posso acabar com ele também. Seria uma pena, mas farei isso se ele tentar me impedir de acabar com você. É o que quer? Um enterro duplo? Seria muito comovente. Romeu e Julieta da atualidade — ria, diabolicamente.

Neguei com veemência. Ela continuou:

— Vamos descer em silêncio e entrar num carro que está lá fora me aguardando. Faremos uma pequena viagem com aqueles meus amigos que vieram fazer-lhe uma visitinha, os mesmos que você se negou a receber. Entendeu?

Senti meu coração descompassar. Lauren estava fora de si. Ela havia levado para lá os mesmos ladrões que tentaram me fazer mal alguns meses atrás, para que pudessem, finalmente, concluir o trabalho contratado. Minhas pernas falharam diante do que iria me acontecer. Entrei em desespero.

— Não, Lauren — estava tão desesperada que minha voz saiu um pouco mais alta. Eu estava prestes a gritar. Seria melhor morrer nas mãos dela, do que suportar o que ela pretendia me fazer passar.

— Cale a boca! Se você tentar alertá-lo, mato você e depois ele também. Entendeu?

Mais uma vez assenti em silêncio. Lauren encostou o revólver em minha cintura me abraçando de forma a manter-me presa ao seu corpo e começamos a sair do quarto. Qualquer movimento mais ousado da minha parte poderia fazê-la disparar. Seus passos eram seguros. Eu tremia. A certeza da morte não me assustava, o que me deixava em pânico eram as circunstâncias. Ela estava louca, completamente desequilibrada. Era certo que iria me machucar muito antes de me matar.

— Me matar não vai mudar as coisas, Lauren. Só vai torná-las ainda mais difíceis. O problema não sou eu, nem Thomas. É você.

Entenda que me tirar de cena não vai fazê-lo querer você de volta.

— Tem razão. Mas vou matá-la assim mesmo. Thomas vai sentir como é a dor de perder a pessoa amada. Se ele a ama tanto quanto diz, seu sofrimento será insuportável, como o meu. Mais uma vez seremos iguais.

Descemos as escadas com passos calmos quando fomos surpreendidas por Thomas parado na porta de uma das salas. Seu olhar era impassível. Mantinha os braços cruzados no peito. Olhava fixamente para Lauren. Em nenhum momento seus olhos se voltaram para mim. Não sei o que foi mais forte, o alívio pela ajuda em impedir Lauren de me levar, ou o desespero pela presença do meu noivo, que poderia levá-la a reações mais drásticas. Senti a sua mão se fechar mais forte em minha cintura. Estava tensa.

— Não tente nada, Thomas. Eu a matarei aqui mesmo. É o que você quer? Ver sua linda Cathy morta? — Lauren estava furiosa com a presença dele. Tirou o revólver da minha cintura e o pressionou em minha cabeça.

— Thomas, vá embora! — Eu implorava. Não queria que ela o ferisse.

Ele nem olhou para mim, continuava encarando fixamente Lauren.

— Vou matá-la! Eu juro! — Ela pressionava ainda mais o revólver em minha cabeça, fazendo-me gemer com a pressão.

— Não se dê a esse trabalho. Ela nem vale a pena — Thomas estava com olhos sinistros e esboçava um sorriso demoníaco. Não o reconheci. O que ele estava tentando fazer?

— O que? — falamos juntas, incrédulas com o que ele estava falando.

— Lauren, não estrague sua vida por tão pouco. Deixe a coitada em paz — falava naturalmente. Nenhum sinal de nervosismo em sua voz.

Percebi de imediato que ele estava falando a verdade. Eu não valia a pena. Thomas não se importava com o que aconteceria comigo.

— O que você quer dizer, Thomas? — Lauren buscava respostas para uma mudança tão repentina. Ela também havia percebido o

desinteresse dele pelo meu destino, isso a estava confundindo.

— Ah! Por que a surpresa, Lauren? Você entendeu o meu jogo antes do que qualquer um. Soube desde o princípio o que eu queria com ela. Não poderia ser diferente. Sabe por quê? Porque somos iguais. Ninguém me conhece melhor que você — ria, se divertindo.

Nenhuma dor que eu senti superava a das feridas abertas por aquelas palavras. Minhas lágrimas caíam, revelando o tamanho da minha dor.

— Mas, você...

— Eu sei. Eu briguei com você diversas vezes. O que há de errado nisso? Nós sempre brigamos e isso nunca nos impediu de ficarmos juntos — ele olhava para Lauren com desejo. Minhas feridas ficaram mais profundas.

Lauren começou a andar me arrastando com ela em direção às portas de vidro. Tentava não ficar de costas para a entrada da casa. Estava em dúvida sobre o que ele dizia, mesmo assim afrouxou um pouco a pressão do revólver em minha cabeça. Eu não tinha nenhuma dúvida. Ele não estava fingindo. Qualquer pessoa que conhecesse Thomas saberia que o que dizia era a verdade. Só eu havia acreditado que aquele homem tinha mudado por mim.

— Além do mais, você sabe como fico quando quero alguma coisa, ou alguém e você estava me atrapalhando. Confesso que fiquei furioso, mas agora que já tive o que queria, nem me lembro mais dessas pequenas coisas.

— Você está mentindo, Thomas. Está tentando me distrair. Não tente! Eu vou matá-la de qualquer maneira. Desista. Não vou deixá-la livre para depois você me abandonar e voltar para os braços dela.

A risada dele preencheu a sala.

— Tá bom! Então mate! — parou e ficou olhando desafiadoramente para Lauren. — Se eu amasse realmente a Cathy, já teria me atirado em você para detê-la. Iria me importar por você estar machucando-a. E, no entanto estou aqui, me divertindo. Da mesma forma que você.

— Jure que é verdade — ela estava cedendo.

— Lembra-se como eu adorava quando você ficava com ciúmes? Fazia-me desejar você ainda mais. Jogávamos muito bem com



nossos sentimentos. Era deliciosa a forma como terminava.

— E o noivado? O anel que você deu a ela?

Sua voz estava cheia de esperança. Enquanto a minha estava morta. Eu já não me importava com o que iria me acontecer. Como pude me enganar tanto? Como pude acreditar nele, em seu amor? Involuntariamente meus olhos se voltaram para o anel em meu dedo, a lembrança da nossa primeira noite e do pedido de casamento invadiu meus pensamentos.

Como aquilo pode ter sido uma mentira?

— Lauren, o que eu posso dizer? Eu confesso que o fato da Cathy ser virgem me deixou curioso e excitado. Queria apenas levá-la para cama me divertir um pouco. Mas Sara interferiu, por isso precisei encenar todo esse teatro para conseguir o que queria, sem me indispor com toda a equipe. Você sabe, “Paris vale uma missa”, a virgindade dela valia um anel caro.

Eu não conseguia mais olhar para Thomas. Minha tristeza me afundava cada vez mais em um oceano profundo. Senti o anel pesar e tive ímpetos de arrancá-lo do meu dedo.

— Sabe de uma coisa? Foi divertido. Vê-la tentar me acompanhar, ser competente na cama. Acreditar nas coisas que eu dizia — ele fez uma pausa, procurando a forma correta de dizer, e depois sorriu maleficamente. — Ela nunca conseguiu. Eu já estava entediado. Cathy nem se compara a você, ao seu fogo, a sua experiência, sua sensualidade. Você sabe que foi a melhor mulher que já tive na cama. Por causa disso nunca a deixei de verdade.

Os soluços romperam de minha garganta. Por que ele não a deixava me matar?

— Deixe essa coitada ir embora logo de uma vez Lauren — pediu impaciente. — Estou ficando irritado com esse choro. Vamos matar nossa saudade.

Seus olhos eram sugestivos. Thomas levantou a mão para ela, chamando-a. Fui jogada em direção à porta de vidro que dava acesso à piscina e caí no chão sem forças para me levantar. Lauren foi ao encontro dele, esperançosa. Tinha conseguido o que queria. Eu não passava de mais uma diversão para ele. Queria poder fugir

naquele momento, contudo meus pés não tinham forças para correr, meu cérebro não conseguia comandar o meu corpo.

Olhei uma última vez para Thomas. Foi neste momento que o senti vacilar. Ele olhou ligeiramente para o lado, em direção à porta de entrada e eu o segui imediatamente na mesma direção. De onde estava pude ver a sombra de Kendel. Meu coração quase parou. Ele estava tentando me salvar. Estava enganando Lauren e a mim. Nossos olhos se encontraram pela primeira vez, e tive certeza dos seus planos. Thomas estava desesperado.

Lauren se aproximou com cuidado e ele a beijou nos lábios com desejo. Suas mãos foram descendo pelas costas dela em direção à arma que escondia. Iria tentar desarmá-la. Foi uma péssima estratégia. Se eu conseguia ver Kendel, com certeza ela o veria em breve. E foi o que aconteceu. Sem que Thomas esperasse, Lauren o empurrou com raiva.

— Seu desgraçado!

Ele caiu de costas quando ela levantou a arma para atirar nele. Meu desespero foi enorme. Lauren não podia matá-lo, eu não permitiria. Levantei e me atirei em sua direção. Ao mesmo tempo Kendel correu ao seu encontro para impedir, porém, antes que ele conseguisse alcançá-la, ela se virou para mim e atirou várias vezes, até ser interrompida pelo choque com o corpo do Kendel.

— NÃO!

Ouvi a voz de Thomas ecoar pela sala ao mesmo tempo em que sentia algo me empurrar para trás com toda força, me atirando contra a porta de vidro que tomava todo o fundo da casa. Passei por ela com facilidade. Senti os vidros se quebrando em minhas costas quando caí na área da piscina. Meu corpo praticamente não sentiu o impacto da queda. Era como se eu não estivesse mais lá porque simplesmente não sentia mais nada.

O barulho ecoava em meus ouvidos, no entanto não conseguia distinguir os sons. Fiquei deitada por um tempo indefinido, contemplando o céu. Estava escuro. Eu não enxergava as estrelas, meus olhos estavam fixos na escuridão. Não havia dor, só me sentia exausta e muito fraca, não conseguia me levantar.

— Cathy! Cathy, não! Não, amor, não! — Thomas estava comigo.

Eu podia ouvi-lo, porém não conseguia vê-lo. Ele estava chorando? Meu corpo tentava obedecer aos comandos do meu cérebro e parecia não existir nenhuma ligação entre eles. Estavam desconectados.

— Thomas — consegui dizer, depois de um tempo tentando encontrar a minha voz. Mesmo conseguindo falar, o tom parecia irreconhecível aos meus ouvidos. Eu não conseguia encontrar conexão entre qualquer parte do meu corpo.

— Calma, amor, vai ficar tudo bem. Você vai ficar bem, eu prometo! — Ele chorava muito, deduzi que eu estava muito machucada. Eu iria morrer.

— Tive tanto medo! — Senti minhas próprias lágrimas escorrendo em meu rosto. — Tive medo de você não me amar mais.

— Como você pôde pensar uma coisa dessas? Estava tentando salvá-la. Ela iria matar você, eu precisava fazer alguma coisa.

— Eu sei amor. Agora eu sei — senti uma dor profunda no lugar onde deveria ser a minha barriga.

Da forma como estava me sentindo a única coisa que eu conseguia perceber era que estava sentindo dor. Muita. Uma dor dilacerante. Insuportável. Era praticamente impossível identificar de onde vinha. Gritei involuntariamente. No mesmo instante, Thomas se desesperou ao meu lado.

— Calma, Thomas, a polícia já chamou a ambulância. Não podemos removê-la, é perigoso. Pelo amor de Deus, não toque nela — reconheci a voz do Kendel e fiquei aliviada. Nada havia acontecido com ele também.

No mesmo instante em que meu corpo conseguiu registrar a dor aguda, diversos outros pontos foram sendo identificados. Eram lugares distintos e cada um doía a sua própria maneira, formando um conjunto sólido de dor. A escuridão se intensificou fazendo-me não saber mais se estava escuro ou se meus olhos estavam fechados.

— Cathy, fique comigo, por favor! Seja forte, amor, eles já estão chegando. Só espere mais um pouco. Não desista.

— Dói muito! O que aconteceu? — Chorei com mais intensidade.

— Fique tranquila. Aconteceram coisas ruins, mas você vai ficar bem. Eu sei que dói. Você está muito ferida. Vai passar, assim que a ambulância chegar.

Respirar estava ficando cada vez mais complicado e difícil. O sabor de sangue inundava a minha boca, tornando-se cada vez mais forte. A dor que sentia estava cedendo ou talvez eu estivesse simplesmente me acostumando com ela. De repente um frio intenso começou a se instalar desviando minha atenção, tirando-a das dores que sentia.

— Estou com frio, Thomas.

Eles fizeram silêncio. Comecei a imaginar que na verdade eu não tinha dito nada, apenas sentido vontade de falar, pois o silêncio se prolongou por muito tempo. Depois ouvi uma voz familiar, mas não conseguia identificar de quem exatamente ela era.

— Ela está perdendo muito sangue e rápido. Por isso o frio.

— Vamos levá-la agora — Thomas falava, com urgência. Senti suas mãos tocarem meu corpo procurando o melhor ângulo para me levantar. A dor se intensificou fazendo-me gemer em protesto.

— Não faça isso. A bala pode ter se alojado em alguma região comprometedora. Você pode matá-la mais rápido ou comprometer algum órgão. O melhor a fazer é aguardar. Confie em mim. Eles estão chegando.

Thomas chorava sem parar. Minha vontade era de confortá-lo. Eu devia estar morrendo mesmo, do contrário ele não estaria tão desesperado. Se eu iria morrer, então precisava dizer ao amor da minha vida que estava tudo bem.

Em tão poucos anos, a vida já tinha me mostrado diversas situações ruins, por isso eu quase desisti de conhecer o que ela me oferecia de melhor. Graças a Thomas, tive a chance de viver, de não desistir do amor. Ele tinha sido a melhor coisa que me aconteceu. Estar ao seu lado era uma mistura de sentimentos e todos me levavam para um único lugar, a felicidade. Então, se iria morrer agora, morreria muito feliz.

— Tudo bem, Thomas! Vai ficar tudo bem — eu dizia. — Apenas fique comigo. Não me deixe.

— Eu nunca vou deixá-la, Cathy. Você vai ficar bem. Nós vamos ficar bem. Vamos nos casar e ter filhos. Vamos ser felizes como sonhamos, meu amor. Apenas seja forte.

Sorri para esses planos. Eu tinha certeza de que nunca conseguiríamos concretizá-los, mas ficar ali, sonhando com ele ao meu lado aliviava a dor.

Eu o amava tanto! Amava tudo nele. Todos os seus olhares e seus sorrisos. Todas as suas falas e gestos. Todos os seus toques e beijos. Eu simplesmente o amava como ele era, sem acrescentar mais nada. Minhas forças estavam se esvaindo. Tentei abrir os olhos para vê-lo pela última vez. Novamente o buscava em minhas lembranças para me confortar no vazio da morte. Mais uma vez iria ficar fechada em meu mundo apenas com Thomas, o amor da minha vida. Só que dessa vez seria para sempre. Senti um sorriso se formar em meus lábios.

— Thomas.

— Estou aqui amor.

Meu corpo afundou aos poucos no oceano profundo que antes tentava me engolir. Suas águas geladas abraçavam-me puxando para baixo. Lutei para manter a cabeça de fora. Eu não podia afundar, não antes de dizer o que eu queria. Abri os olhos com o que me restava de forças e encontrei os dele, molhados, me encarando. Thomas estava bem perto. O suficiente para que eu conseguisse gravar na memória cada pedacinho dele.

— Eu amo você!

E meu corpo foi engolido pelas águas. Ainda pude ouvi-lo me chamar, porém sua voz parecia muito distante, não conseguia mais ficar ali com ele. Não conseguia mais respirar, então me entreguei ao oceano escuro que me tragava.

## VISÃO DE THOMAS

Nossos olhos se encontraram, tive a impressão de que ela sorria. Seu rosto continuava deslumbrante. Cathy apagou naquela hora. Ela disse que me amava e se foi. O desespero me dominou imediatamente. Lauren havia conseguido atingir os seus objetivos,

só então consegui entender o que ela havia dito mais cedo quando ainda ameaçava matar a Cathy. A dor de perder quem se ama é insuportável. É impossível conviver com ela. Era como se algo dentro de mim tivesse se partido em milhares de pedaços.

Kendel me puxou para longe da minha noiva, impedindo-me de tocá-la. Gritos desesperados saíam de minha garganta, sem que eu tivesse permitido sua saída. Ele me segurou no chão até que eu não conseguia mais gritar nem me debater. Apenas minhas lágrimas faziam parte de mim naquele momento. No chão, com Kendel me segurando como uma pedra, eu apenas conseguia olhá-la, deitada, imóvel. Parecia dormir.

Vi os paramédicos chegarem se debruçando sobre a mulher que eu amava como numa cena de filme onde todos se movem em câmera lenta. O tempo demorava a passar. Vi que tentavam reanimá-la. Colocaram um colete para mantê-la na posição correta e a levaram para longe de mim. Não sabia para onde. Só então Kendel afrouxou seu aperto. Eu me olhei reconhecendo em minhas mãos e minha camisa o sangue dela. Foi única coisa que ficou comigo. Nada mais.

— Vamos, Thomas — Kendel estava me levantando do chão. — Temos de acompanhá-la.

— Eu vou com vocês — Dyo surgiu do nada ao meu lado. Eu nem havia percebido que ele estava por lá. Apenas aceitei ser conduzido. Eu precisava ficar ao lado dela, onde quer que ela estivesse.

## Capítulo 24

### O Retorno à Vida

## VISÃO DE CATHY

A

brir os olhos foi mais difícil do eu podia imaginar. Aconteceu tudo tão rápido, que eu nem conseguia entender o que tinha se passado. Eu afundei em um oceano escuro e frio enquanto me despedia de Thomas. Apesar de me sentir afundando, meu corpo parecia flutuar. Fiquei assim por um tempo indeterminado. Ouvia vozes ao meu lado, porém não sentia ninguém nem entendia o que diziam. Meu cérebro alternava entre a tentativa de entender o que estava acontecendo e de se entregar. Todos os meus movimentos assim como as reações eram involuntários.

O estranho era que não me movia, mas sentia todos os meus movimentos acontecerem normalmente, como se fossem dois corpos num só. Se era assim, então eu poderia fazer as duas coisas. Percebi que apenas com este pensamento comecei a me levantar, reconhecendo que estava sentada sobre algo frio. Estava bastante escuro, mesmo assim conseguia enxergar meu corpo e cada detalhe da sala em que me encontrava. Procurei por algo que me ajudasse a ficar de pé, encontrei apoio numa cadeira encostada ao lado da cama onde estava deitada.

Comecei a ouvir algo parecido com música, só não conseguia entender se pessoas cantavam ou se era o som vindo de um rádio. Fui até a porta que estava fechada e a abri. Esta dava para um enorme corredor escuro. Saí do quarto, mas fiquei parada, tentando decidir o que deveria fazer.

No fundo do corredor havia uma luz bem fraquinha, de lá vinha a música que eu estava ouvindo. Conseguia entender melhor a minha posição, podia também ouvir pessoas conversando animadamente e risadas alegres vindo da mesma direção da música. A paz que sentia olhando para aquele lado me impelia a andar naquela direção. Quem sabe Thomas estaria lá, me esperando?

A mínima menção ao seu nome me fez sentir uma pontada forte na barriga, onde eu deveria estar machucada. De súbito levei a mão ao local onde antes havia só dor.

“Cathy, amor, sei que está me ouvindo. Os médicos disseram que agora só depende da sua vontade. Que está apenas dormindo e vai continuar até sentir que pode voltar. Eu sei que você é capaz de fazer isso. Sei que quando tem medo de qualquer situação se fecha até ter a certeza de que está segura.”

Ouvi a voz de Thomas e comecei a procurar desesperadamente por ele. A dor em sua voz fez meu coração se contorcer, lágrimas vieram aos meus olhos. Eu o procurava, mas não o encontrava.

“Hoje faz dez dias que você está dormindo. Não quero apressá-la, sei que precisa de tempo e devo respeitar, pois quando chegar a hora certa, você vai voltar. Fique o tempo que precisar, amor, mas, por favor, volte para mim.”

Podia ouvir a voz de Thomas bem próxima. Ele ainda chorava. Falava em dez dias. Foi tanto tempo assim? Parecia que tinha apenas fechado os olhos e, logo em seguida, aberto novamente para a escuridão vazia. Como podem ter se passado dez dias? Escutei seus soluços e me desesperei. Ele estava tão triste! Precisava dizer que estava tudo bem. Que estava tentando encontrá-lo.

Mais uma vez olhei para a luz que vinha na outra direção, esta estava mais forte. Talvez, se eu fosse até lá conseguisse ajuda para encontrar Thomas.

“Eu sinto tanto a sua falta, meu amor! Sinto falta do seu sorriso, da sua voz, dos seus olhos. Sinto falta até de quando você ficava aborrecida comigo. Está sendo tão difícil que ando ansiando até pelas nossas brigas.”

Eu sabia que ele estava ali, mas onde? Como faria para encontrá-lo?

— Cathy! Querida, volte — uma voz muito familiar, vinda de algum ponto mais próximo ainda de mim, me alcançou como uma brisa leve e calma. Eu tinha certeza de que conhecia a pessoa, mas não conseguia identificar quem era. A única coisa que sabia era que uma forte sensação de paz me atingiu, fazendo toda dor desaparecer. — Volte querida.



Olhei para a luz cada vez mais próxima, instantaneamente meu corpo começou a relaxar, tomado pela sonolência. Eu precisava voltar. Por ele, por nós. Não podia abandoná-lo. Juntei toda coragem que me restava e me esforcei para andar de volta à escuridão. Contra todos os meus medos. Sabia que venceria.

Então abri os olhos para uma luz intensa que me forçou a fechá-los de volta, devido à claridade. Novamente tentei abri-los conseguindo progredir um pouco mais. Repeti o processo até finalmente chegar ao ponto de mantê-los abertos. Certa de que havia conseguido voltar, tentei reconhecer o ambiente varrendo-o com os olhos. Eu estava em um quarto claro, simples e harmonioso. Thomas estava ao meu lado. Com a cabeça baixa, apoiada nos braços sobre a cama. Ele não percebeu que eu estava de volta.

— Sinto tanta falta de ver os seus olhos, de ouvir sua voz, sua risada...

Seu choro encheu a sala. Olhei em volta e vi uma janela de vidro próxima à minha cama, que dava para outra sala, onde estavam algumas pessoas. Reconheci Mia encostada no vidro, sendo consolada por Dyo. Ela foi a primeira a me ver. Ficou um tempo sem compreender o que estava vendo. Sorri para ela. Sua cara de confusão era ótima! Eu teria que me lembrar de dizer isso a minha amiga depois.

Mia colocou uma mão no vidro, chamando a atenção do Dyo, que rapidamente percebeu que eu estava acordada. Ele fez sinal e logo as pessoas se aglomeravam na janela. Helen, Daphne, Kendel, Raffaello, Stella, Anna, Melissa e Samantha. Estavam todos lá. Eu podia ver em cada olhar a felicidade por me encontrar acordada. Como era bom vê-los também. Meu coração ficou repleto de amor.

Olhei de volta para Thomas, ele ainda estava de cabeça baixa. A movimentação na outra sala chamou a sua atenção quando ele olhou para o grupo na janela de vidro. Reconheci o homem que eu amava mesmo com as olheiras, o cabelo despenteado e a barba por fazer. Ainda assim era o meu Thomas, o meu amor. Eu conseguira. Havia voltado para ele e nada mais nos separaria. Finalmente seus olhos fitaram os meus e nos reencontramos.

— Oi — eu disse, sorrindo para ele.

— Oi — ele respondeu, emocionado.

Olhar o mar outra vez da minha janela de vidro era sempre uma felicidade. Mesmo com tantas lembranças difíceis, eu ainda amava aquele lugar. Ele sempre seria único. Era o onde eu tinha aprendido a aceitar todo o amor que tentava sufocar. Foi ali que não apenas encontrei o amor, mas, principalmente, o amor havia me encontrado.

Sozinha no quarto podia contemplar a minha vida de perto. Naquele fatídico dia, graças a Deus, Lauren conseguiu me atingir com apenas três tiros, apesar de ter descarregado a arma. Um atingiu o abdômen causando uma hemorragia que por pouco não me matou. Outro pegou em cheio no meu ombro esquerdo, o que me rendeu um bom tempo de fisioterapia e um passou de raspão pelo meu pulso direito, sem danos significativos.

Quando eu fui arremessada contra a parede de vidro, os estilhaços me cortaram em várias partes do corpo. O que contribuiu para a perda de sangue e me fez passar por várias cirurgias para que não ficassem marcas espalhadas em mim.

Kendel tinha conseguido segurar Lauren. A polícia chegou logo em seguida, para prender uma mulher totalmente desequilibrada. A tentativa do Thomas de me salvar tinha acabado com o pouco que restava da saúde mental dela, por isso foi internada em uma clínica psiquiátrica de onde espero que nunca mais saia. Sara diz que até hoje ela se arruma esperando por Thomas. Acredita que ele irá buscá-la quando se cansar de mim. Felizmente esse dia nunca chegará. Os ladrões conseguiram fugir quando deram pela presença da polícia e ainda não foram encontrados.

Dyo e Sara chegaram a casa logo depois da polícia. Eles estavam no hotel nos aguardando e, quando perceberam que estávamos demorando demais, foram até a casa, temendo o pior. Mia e as meninas só ficaram sabendo do ocorrido depois. Dyo ligou avisando-as e todas foram imediatamente para o hospital. Mia avisou Sam, depois de muito se perguntar se deveria ou não ligar. Por fim decidiu que era melhor que Samantha soubesse através dela do que pelos jornais. Sam desembarcou em Los Angeles no dia seguinte,

determinada a não sair do meu lado enquanto eu não estivesse totalmente recuperada.

Thomas pensou que eu havia morrido no momento em que apaguei. Meu noivo entrou em desespero. Só ficou sabendo que eu ainda estava viva quando chegou ao hospital e foi informado de que me encontrava, naquele momento, na mesa de cirurgia. Ele não saiu do meu lado um minuto sequer. O que já era de se esperar. Aquele era o meu Thomas. O homem que me amava mais do que a ele mesmo e que eu também amava mais do que a mim mesma.

Mia me contou o quanto foi difícil convencê-lo a tomar banho, comer, andar um pouco, respirar... Ela disse que meu noivo ficava ao meu lado conversando comigo, que nem estava quando acordei. Às vezes, cantava ou lia, outras deitava a cabeça no meu travesseiro e colocava o fone em meu ouvido para que eu escutasse com ele as nossas músicas, como sempre fazíamos nas viagens.

Ainda fiquei algum tempo no hospital, porém consegui convencer Thomas a viajar para as gravações. Faltava pouco para terminar, depois ele poderia dedicar todo seu tempo a mim. Meu noivo concordou, mas não ficou distante. Juntos, conseguimos organizar um esquema que lhe permitia estar em casa de tempos em tempos, pelo menos estávamos juntos.

Antes das filmagens acabarem, eu já estava de volta ao trabalho. Não totalmente, mas conseguia fazer algumas coisas em casa mesmo.

O incidente ganhou proporções internacionais, desta forma nosso relacionamento acabou sendo confirmado. Quando saí do hospital, uma multidão de repórteres me esperava. Também ganhei uma legião de fãs que rezavam pela minha recuperação, mandavam cartas e *e-mails* desejando força. Fiquei admirada com o carinho de todos.

Helen saíra de licença-maternidade logo depois do que aconteceu e Dyo precisou me substituir. Não era o planejado, mas não havia outra solução naquele momento. Sara estava muito triste com a situação, chegando a cogitar deixar a equipe, Thomas e eu conseguimos convencê-la de que não seria necessário, que fazíamos

questão de continuar trabalhando com ela. Depois de muita insistência a empresária do meu noivo acabou cedendo.

Passei um bom período tentando convencer o médico a me liberar para viagens. Aleguei necessidade da minha presença para resolver alguns problemas, porém a verdade era que quase dois meses já tinham se passado, eu não aguentava mais de saudades de Thomas. Seu amor era fundamental para a minha recuperação.

As gravações tinham sofrido atrasos por causa da recusa do meu noivo em sair do meu lado, por este motivo ele precisava trabalhar quase o dobro, para recuperar o tempo perdido. O que só o afastava ainda mais de mim.

— Você tem certeza, Cathy? — Samantha tentava me convencer a esperar. Ela estava com medo que algo me acontecesse, mas eu me sentia totalmente recuperada.

— Tenho, Sam. Já recebi alta, então não vejo motivos para ficar longe dele nem mais um dia.

— Você já esperou tanto. Por que não tem mais um pouco de paciência? Ele nem vai conseguir lhe dar atenção, você só irá atrapalhar indo sem avisar — Mia corroborava com Sam para que eu esperasse mais alguns dias.

— Mia, eu não aguento mais — argumentei, como uma criança birrenta.

Eu sabia que elas tinham razão. Thomas estava trabalhando e, se eu aparecesse, ele iria se recusar a continuar no mesmo ritmo. Meu lado profissional me acusava de estar sendo leviana com sua carreira. Após pensar muito e me corroer pela culpa de estar colocando a minha vontade acima do que realmente deveria ser feito, sufoquei a minha necessidade e concordei com minha madrastra e minha melhor amiga.

Seria por pouco tempo, apenas mais alguns dias e ele estaria de volta. Dyo também tinha conseguido convencê-lo a não vir tão frequentemente, pois, se Thomas conseguisse intensificar o trabalho, as gravações terminariam no prazo programado. Por causa disso já estávamos há sete longos dias um longe do outro, só voltaríamos a nos ver em quinze. A saudade quase me fez mudar de ideia e correr para junto do meu noivo.

— Vamos fazer o seguinte... — começou Mia com um plano completamente esquematizado. Achei perfeito e claro, concordei imediatamente.

Quinze dias depois, eu estava mais do que ansiosa.

— Calma! — Mia falava, pela milésima vez. — Vai dar tudo certo.

Saí de casa deixando Mia e Sam cuidando de tudo na minha ausência e fui para o aeroporto buscar Thomas, que finalmente estava de volta. Fiquei no carro esperando, enquanto Eric o conduzia até onde eu estava. Ele entrou ainda agitado pelo assédio dos fãs e dos fotógrafos, por isso, no primeiro segundo, não percebeu minha presença. Depois seus olhos se arregalaram surpresos. Sorri largamente para o homem perfeito à minha frente.

— Cathy! — Sua voz era carregada de saudade.

Ele fez menção de se aproximar, mas hesitou. Observou-me verificando o meu estado até ter certeza de que estava tudo bem, então se aproximou com cuidado. Seu sorriso era deslumbrante. Ele levantou a mão, tocando com carinho meu rosto. Depois me beijou com cuidado, evitando me machucar. Eu me agarrei ao seu corpo mostrando que não tínhamos porque temer, ele respondeu com ardor ao contato.

Quando finalmente conseguimos nos afastar o carro já estava estacionando. Thomas olhou pela janela sem entender.

— Para onde vamos?

— É a minha vez de sequestrá-lo — respondi brincalhona, lembrando a primeira vez que tínhamos viajado no seu iate.

— Não precisa me sequestrar. É só dizer o que quer. Eu atendo com todo meu amor — ele me beijou mais uma vez.

— Então vamos embarcar, porque eu quero um monte de coisas.

— Seu desejo é sempre uma ordem.

Embarcamos para uma viagem de dez dias a bordo do seu lindo Lunasea. Apenas eu, Thomas, a tripulação, o mar e o nosso amor. Não esperamos muito tempo para nossa atenção se voltar totalmente para o quarto.

O dia em que Lauren quase me matou tinha sido o último dia que fizemos amor. Então não podíamos mais esperar. Thomas entrou

no quarto depois de mim, pois precisava dar algumas ordens à tripulação. Adiantei-me indo me preparar para a nossa primeira noite juntos depois de um longo tempo.

— Oi — Thomas falou me abraçando assim que entrou.

— Oi — respondi, com o coração transbordando de amor.

Não precisávamos conversar. Nossos olhos já diziam tudo o que queríamos falar um para o outro. Beijamo-nos com desejo e eu simplesmente me deixei levar pela maravilhosa sensação de amá-lo sem precisar ter os pés no chão.

Estar com Thomas naquele momento era a certeza da liberdade que o nosso amor tinha nos proporcionado. Não havia incerteza nem medo, apenas amor. Thomas me deitou na cama com carinho, se desfazendo das nossas roupas e eu me rendi a ele, sem me importar com o rumo que tomaríamos, porque eu sabia que, se tivesse que me perder, com certeza seria com o homem da minha vida.

Thomas sempre teve razão. É impossível fugir do inevitável e para mim era inevitável amá-lo.

## Agradecimentos

S

ão tantas as pessoas especiais que tornaram este sonho possível que não haveria como deixá-las de fora. Então agradeço a Mário Bastos, meu grande amigo e irmão, por ser a primeira pessoa a acreditar em mim. Sem o seu apoio, eu não escreveria nem a primeira página. Ao meu marido, Adriano, o sacrifício e o apoio tão necessários nos últimos momentos. Aos meus irmãos Sandra, Thaisa, Tarsila, Igor e Ivan, apenas por existirem; amo vocês. Aos meus termômetros, Marla Costa, Assucena e Drica, pelo amor que tiveram com esta obra e pela ajuda sempre bem vinda. Às meninas do NRP e do KHBR, em especial, Camila, Sandra, Tati Mendonça, Sueli Vieira, Vanessa, Bethy, Gaby, Ana Paula, por todo o amor e carinho que tiveram por mim e por minha obra. As novatas e não tão menos importantes: Renata, Marcia Fraguas e Tati Cabral. O apoio de vocês foi fundamental para que este sonho se tornasse realidade, por isso este livro é nosso. A dois amigos especiais, Aldemir, meu editor, por acreditar na importância desta obra e a Vitor Hugo Ribeiro, escritor e grande companheiro nas horas vagas, além de ser um grande incentivador.

A todo vocês me eterno obrigada!

# Traições

## Porque a Vida Não é Um Conto de Fadas

### A irresistível continuação de Segredos

#### Capítulo 1

#### Comemorando a Vida

#### VISÃO DE CATHY

**A**

cordei sozinha deitada sobre pétalas de rosas vermelhas. Imediatamente sorri para as lembranças da noite anterior. Thomas me fez uma linda surpresa para comemorarmos nosso primeiro ano juntos. No dia 18 de Junho do ano 2000 quando ele finalmente descobriu que eu era virgem e decidimos ficar que poderíamos iniciar um relacionamento. Ri sozinha relembrando todos os acontecimentos que fizeram com que eu rompesse minhas barreiras e me entregasse a ele. Foram circunstâncias difíceis, mas, como diz o ditado popular: "Há males que vêm para o bem."

Levantei me sentindo leve. Feliz. As lembranças da noite anterior eram as melhores possíveis, Thomas não estava na cama, pelo visto, nem no quarto. Tínhamos passado a noite no apartamento do pai dele, onde um dia meu noivo me levou para demonstrar o quanto eu era especial para ele. Eu lembrava muito bem da vontade que sentia de voltar ao local e compartilhar os seus momentos.



Thomas preparou uma noite maravilhosa para o nosso aniversário, com direito a jantar romântico, músicos, rosas, joias e algumas brincadeiras. Claro que o que mais me interessou foi o prazer que ele me proporcionou quando finalmente nos amamos e o homem da minha vida derramou sobre mim uma chuva de pétalas de rosas vermelhas, isso depois de me fazer enlouquecer passando gelo em meu corpo quente. Foi fantástico!

Estávamos nos despedindo de nossa rotina agitada de divulgação e promoção do seu novo filme. Alguns dias antes, estivemos em Cannes exibindo-o, sem concorrermos a nada, no entanto já era uma grande honra. Depois a correria normal que a carreira de ator exigia. Principalmente um ator como Thomas que estava no auge da carreira, aclamado pelos melhores diretores e amado por milhares de fãs.

Meu trabalho ao lado dele só aumentou com a ausência da Helen, que preferiu se afastar de vez do grupo para poder passar mais tempo com sua filha Sophia, eu estava acumulando minhas tarefas e as dela, ou seja, estava sobrecarregada. Dyo também ficou com mais responsabilidades tendo em vista que, o que antes ficaria com Lauren, fora atribuído a ele.

Meu amigo passou a se desdobrar por um número maior de localidades que deveria cobrir como agente de Thomas. Por estes motivos estávamos todos implorando por alguns dias de paz e descanso. Eu e meu noivo já planejáramos tudo: Férias merecidas. Só nós dois. Nada mais.

Levantei da cama e, puxando o lençol cinza de seda pura que Thomas providenciara para a nossa grande noite, cobri o meu corpo. Depois ri comigo mesma. "Eu estava sozinha, para que me cobrir?" Larguei o lençol levantando de vez quando me deparei com minha imagem no imenso espelho localizado estrategicamente para dar uma longa visão da cama. Perguntei-me se isso teria sido uma ideia do pai de Thomas e, se tivesse sido, já me sentia envergonhada só de pensar nos seus motivos, ou se foi mais uma grande ideia de Thomas para apimentar nossa noite. Corei só de imaginar a forma como ele nos assistiu durante a nossa longa sessão de amor.

A minha missão era descobrir o que ele estava aprontando já que havia sumido do quarto sem me avisar. Coloquei um roupão e descii as escadas em direção à sala. Eu não precisava me preocupar em encontrar algum desconhecido. O apartamento estava vazio. Passei pelos sofás imensos, convidativos, reconhecendo largada em um dos seus cantos, a camisa que Thomas usara na noite anterior, quando começamos a nos animar.

Encontrei-o na varanda observando o sol nascer. Fui ao seu encontro. Vestindo apenas uma bermuda verde, descalço e sem camisa, Thomas era a encarnação da beleza. Havia um cigarro em uma de suas mãos, o que me desagradou um pouco. Ele sentiu minha presença antes que eu conseguisse alcançá-lo. Virou-se para me receber em seus braços. Suspirei ao ver o sorriso maravilhoso em seus lábios.

- O que faz aqui sozinho?

- Desculpe! Não queria que sentisse a minha falta – beijou meus lábios com carinho.

- Posso desculpá-lo, porém isso vai depender do tempo que vai demorar a voltar para a cama – levantei meu rosto exigindo mais dos seus lábios nos meus.

- Posso voltar agora mesmo, estou aqui há algum tempo.

- Alguma decisão difícil? – lembrei-me da primeira vez em que estive naquele apartamento, quando Thomas me disse que era para lá que ia quando precisava pensar em coisas antes de tomar uma decisão.

- Na verdade não. Estava aqui pensando... Ontem fez um ano que estamos juntos...

- E?

- Estamos noivos há mais ou menos o mesmo tempo...

- Aonde você quer chegar, Thomas? Seja direto.

Estava frio, eu pretendia voltar logo para a cama, pois ansiava por continuarmos com a nossa comemoração.

- Nós ainda não marcamos a data do casamento.

- Isso é muito importante para você? – Fiquei intrigada com a colocação dele.

Realmente não havíamos marcado a data e nem parado para conversar sobre esta prioridade em nossas vidas. Também, não tivemos muito tempo nos últimos meses para pensar na organização de uma festa. E sinceramente, não estava em minha lista de prioridades.

- E para você não?

- Claro que sim – falei imediatamente para certifi-cá-lo de que não tinha dúvidas da minha escolha. – Apenas ficamos sem tempo livre, mas podemos decidir agora. É só você me dizer a sua preferência.

Seria mais fácil saber por onde começar se Thomas simplificasse as coisas me ajudando em alguns detalhes. Comemorações nunca foi o meu forte. Eu nunca tive uma festa de aniversário, nunca havia organizado uma para ninguém e não fazia a menor ideia de como fazer um casamento. Graças a Deus havia Melissa, Mia e Sam para cuidarem de tudo por mim.

- Não é tão simples assim. Precisamos primeiro saber que tipo de festa vamos querer, para podermos decidir qual será a melhor época do ano.

“Nossa!” Pensei aflita. Começava a acreditar que os papéis estavam invertidos, eu era o homem sendo prática e Thomas a noiva ansiosa, preocupada com os mínimos detalhes. Tive que rir dos meus pensamentos, mas fiquei triste ao mesmo tempo. Seria ótimo se tivesse uma mãe que me ajudasse e apoiasse para tornar este momento realmente especial. Minha mãe não teve tempo de viver estas coisas comigo. O que veio depois dela estava muito longe de ser uma mãe até Sam entrar em minha vida. Infelizmente havia situações que não poderiam ser revertidas.

- Não pensei nisso. Acho que devemos escolher uma data que nos agrade e depois decidimos qual o tipo de festa mais adequado. Na verdade eu nem consigo pensar em uma grande festa. Acho que deveríamos fazer algo pequeno e simples, sem chamar a atenção da mídia. O que você sugere?

- Pensei em novembro. – Thomas realmente estava interessado em discutir os detalhes.

- Vou pensar numa data.

- Não demore – bom... Ele realmente era a noiva ansiosa. Precisei segurar uma gargalhada.

- Por que a pressa? Não existe nada num casamento que já não tenhamos vivido. Moramos juntos, trabalhamos juntos, dormimos juntos... – enlacei sua cintura com meus braços sugerindo qual o meu maior interesse no momento.

- Existe sim. Mas o que importa verdadeiramente não é isso. Eu quero oficializar a nossa relação. Contar para o mundo que esta mulher maravilhosa tem um dono.

- Outra vez com esta história de dono?

Ele riu alto e começou a me beijar de maneira mais ousada. Como sempre, meu corpo se entregou sem nenhuma resistência. Voltamos para o quarto que estávamos ocupando e fizemos amor. Depois dormimos nos braços um do outro.

Voltamos para casa no final da tarde. Thomas queria ficar no apartamento por mais alguns dias, porém eu queria voltar para nossa casa e organizar as coisas para os últimos compromissos, além do mais teria que abandoná-lo por algumas horas. Iria me encontrar com minhas amigas: Mia, Anna, Daphne e Stella.

Como havíamos voltado de uma longa viagem de divulgação do seu último filme, queríamos passar algum tempo longe de tudo até começarmos um novo trabalho. Algumas propostas surgiram, mas nada que precisássemos decidir com urgência. Assim poderíamos dedicar alguns meses ao nosso amor e aos preparativos do casamento. Por este motivo eu estava ansiosa para rever as minhas amigas. Não havia visto muito as garotas nos últimos meses, com exceção de Mia. Com as minhas férias ao lado do Thomas, acabaria ficando por um bom tempo sem vê-las.

Decidimo-nos por um restaurante francês bastante aconchegante numa rua próxima da casa onde eu vivia com Thomas. Desde Lauren tentou me matar ele não se sentia confortável com o fato de eu estar distante e sem seguranças. Como detestava sair acompanhada de sombras, optei por um lugar seguro, perto de casa. Como se isso fosse fazer alguma diferença caso seu antigo caso resolvesse fugir do manicômio onde estava confinada.

Só o fato de me lembrar dela fazia com que a minha pele se arrepiasse de medo.

Encontramo-nos no restaurante e a alegria nos dominou imediatamente. Eu sentia falta das minhas amigas e a recíproca era verdadeira, constatei satisfeita. Ficamos conversando animadamente por bastante tempo. Conteí sobre a viagem, os lugares por onde tínhamos passado, falei sobre a vontade do Thomas de marcar logo a data, a minha felicidade com o casamento.

Mia nos contou sobre alguém que conhecera, um rapaz bastante interessante, dono de uma pequena empresa de software que estava ganhando bastante notoriedade no mercado. Pelo que dizia, tudo dava a entender que eles poderiam engatar um romance a qualquer momento. Ela estava bastante empolgada. Fiquei mais do que feliz pela minha melhor amiga, que era uma pessoa incrível e merecia conhecer alguém à sua altura.

Stella ainda não tinha se decidido sobre uma proposta para fazer mestrado em Londres e estava às voltas com este passo importante para a sua vida. Empenhei-me em incentivá-la. Eu sabia o quanto era importante para ela dar continuidade aos seus estudos e, para ser bem sincera, também gostaria de voltar a me dedicar aos meus, entretanto a vida com Thomas não me permitiria fazer o mesmo, por enquanto.

Daphne havia recebido uma promoção na empresa de marketing em que trabalhava, por este motivo vivia viajando muito, o que fazia com que também se distanciasse do nosso grupo. Ela estava muito feliz com o seu desenvolvimento profissional e isso contava bastante para que todas nós compreendêssemos a sua constante ausência, principalmente eu, que nos últimos tempos, estava mais ausente do que qualquer uma delas.

Mas nem todas as notícias eram boas. Anna passava por um momento profissional bem difícil. Todas nós tentávamos ajudar na medida do possível. Ela foi demitida da empresa de publicidade em que trabalhava e, desde então, não conseguira encontrar outro emprego. Ninguém sabia ao certo o que havia provocado sua demissão, no entanto respeitávamos o fato dela não querer falar sobre o assunto. Quando fosse a hora com certeza nos contaria. O

fato era que, por causa das dificuldades que estava passando, estava cada vez mais nervosa, arredia e agressiva. Especialmente comigo.

- Nem todo mundo consegue ganhar na loteria como você, Cathy, ainda mais tantas vezes, como aconteceu no seu caso. – Anna rebatia nossas tentativas de ajudá-la, ou mais propriamente, as minhas tentativas.

- Não sei do que você está falando, Anna – busquei ser o mais natural possível evitando uma discussão maior entre nós. Ela era minha amiga e eu não via motivos para brigarmos, principalmente enquanto passava por um momento tão difícil.

- Tá bom, Cathy! Você consegue o emprego perfeito, o namorado perfeito, a herança perfeita e acha que engana quem com esta conversa de que as coisas não são bem assim?

- Desculpe, Anna, eu não sabia que minha felicidade a incomodava tanto. Só quero que você lembre que eu precisei vencer muitas batalhas para conseguir o emprego perfeito, quase perdi a minha vida para ficar com o namorado perfeito e, para que eu recebesse a herança perfeita, precisei perder o meu pai. – Minha paciência estava quase esgotando.

- Cuja existência nunca fez muita diferença para você.

Senti as lágrimas se formarem devido às recordações difíceis. Anna estava sendo especialmente cruel, e o que é pior, sem a menor necessidade. Resolvi que aquela era a minha deixa para ir embora.

- Bom... Acho que chegou a minha hora. – olhei para as minhas outras amigas que pareciam constrangidas com nossa pequena discussão.

- Ah não, Cathy! Ainda é cedo. – Stella ficou realmente irritada com a minha ida.

- Meia noite, Stella. Se não voltar para casa agora a mágica vai acabar me transformando outra vez na gata borralheira, meu carro vai virar abóbora e Arnold um ratinho – brinquei com minhas amigas tentando amenizar o clima. – Teremos tempo Para mais um encontro. Só vamos viajar em vinte dias. Thomas tem ainda alguns trabalhos para fazer na cidade.

Assim que terminei de falar meu celular vibrou, peguei para atender certa de que era Thomas. Sorri para as meninas com a constatação.

- Acho que agora é mesmo hora de ir – Mia afirmou ainda um pouco aborrecida com a provocação de Anna.

- Já estou voltando, amor – atendi prevendo o que ele diria.

- Está tarde, Cathy, você sabe como eu fico...

- Eu sei, Thomas. Já estou me despedindo das meninas.

- Estou esperando. Amo você!

- Eu também.

Desliguei o celular me desculpando com minhas amigas. Thomas havia ficado super-protetor depois do incidente. Eu às vezes me sentia um pouco sufocada com sua vigilância exagerada, apesar de saber que havia motivos para tal atitude. Abracei as meninas, inclusive Anna e fui embora, prometemos nos encontrar em alguns dias, com exceção da Daphne que estaria viajando a trabalho.

Quando cheguei, Thomas já me esperava na entrada da casa. Suspirei pesadamente ainda dentro do carro. Não queria que ele percebesse o quanto me sentia incomodada com seus cuidados excessivos.

- Voltei inteirinha, sem faltar nenhum pedaço.

- Fico muito feliz por isso. – sorriu daquela forma esplêndida e me lembrei do porquê de não conseguir me sentir incomodada pela sua atenção exagerada quando estávamos juntos. Joguei-me teatralmente em seus braços, levantei uma perna e meu rosto, como faziam as divas do cinema, fechei os olhos aguardando por um beijo. Ele riu satisfazendo a minha vontade.

- Eu sentiria a falta de qualquer pedacinho que faltasse. Amo você todinha, sem tirar nada – beijou meu pescoço causando arrepios em minha pele. - Como foi o seu encontro?

- Muito bom, apesar da Anna. Estava com muita saudade das meninas.

- Eu sei – pegou em minha mão e começou a andar em direção à sala. – Por que apesar da Anna?

- Ela está com todos os problemas do mundo e resolveu me usar como válvula de escape. – Sentei no sofá para soltar as fivelas que

prendiam minhas sandálias ao calcanhar.

- Como assim? – Thomas estava muito interessado na minha noite. Achei muito fofo.

- Ela me disse algumas coisas sobre eu ter toda a sorte do mundo e ela não ter nenhuma. Resolvi não entrar no clima dela, aproveitei a deixa para vir embora.

- Fez muito bem. É tarde. Não é hora de uma mulher comprometida estar na rua. Principalmente com amigas solteiras. – Thomas falava em tom sério, porém eu sabia que estava brincando tentando não me deixar mais intrigada com as atitudes da Anna comigo.

- Mia não é mais solteira. – Respondi na tentativa de despertar um pouco da sua curiosidade.

- Ah não? Quem é o sortudo?

- Não conheço ainda, mas pensei em convidá-los para jantar, o que acha?

- Acho ótimo!

- Vou fazer isso – levantei e fui em direção à escada que dava acesso ao nosso quarto. Thomas me acompanhou.

- Sam ligou para seu celular?

- Não. Por quê?

- Ela ligou aqui para casa. Queria falar com você e eu disse que tinha ido se encontrar com as garotas. Falou que ligaria para você no celular. Fiquei um pouco preocupado. Era bastante tarde e Sam parecia nervosa.

Olhei para o relógio, era quase uma hora da madrugada.

- Amanhã bem cedo ligo de volta para ela.

Pela manhã, assim que Thomas resolveu me deixar sair da cama, fui procurar o telefone para tentar falar com Samantha. Ela não estava em casa e não atendia o celular. Liguei para o escritório para conseguir alguma informação a seu respeito e foi lá mesmo que a encontrei.

- Sam, o que aconteceu? Thomas disse que você está querendo falar comigo?

- Eu sempre quero falar com você minha querida, não é nenhuma novidade.



Respirei mais aliviada. Ela parecia bastante tranquila, o que me permitia afastar hipótese de qualquer problema dos meus pensamentos.

- Você me deixou preocupada. Pensei que havia acontecido alguma coisa.

- Na verdade aconteceu, mas temos tudo sob controle.

- Temos? É alguma coisa relacionada às empresas?

- Sim. Peter sofreu um infarto ontem à noite, está tudo bem com ele, apesar de permanecer internado e necessitar de cuidados. Os médicos disseram que ele terá que se afastar dos negócios por um tempo. Ficamos um pouco desorientados. Não existe ninguém da família, além de você, para substituí-lo.

- Ai meu Deus, Sam, você sabe que não entendo nada disso, como poderei ajudar em alguma coisa? Também tenho meus compromissos com Thomas, ainda não estamos liberados. Sinto muito, mas não poderei ajudá-la – a angústia estava querendo me dominar. Não gostaria de deixá-la na mão, mas não existia nenhuma possibilidade de me tornar uma executiva a esta altura do campeonato.

- Eu imaginei que iria dizer isso – sua voz estava bastante leve. Fiquei mais relaxada de imediato. – Acabei de sair de uma reunião com o conselho administrativo. Foi sobre isso que tentei avisá-la ontem à noite, como você não estava, resolvi que faríamos esta reunião mesmo sem sua presença.

- Tudo bem. O que vocês decidiram?

- Tivemos que decidir um monte de coisas, inclusive qual seria sua participação. Peter tinha agendado diversas reuniões de negócios que seriam extremamente vantajosas para as empresas, então não podemos adiar ou deixar passar estas oportunidades. Decidimos que dividiremos a presidência em dois cargos de igual poder pelo tempo em que o Peter estiver ausente. Contudo elegemos uma única pessoa para supervisionar os dois cargos, e já escolhemos os seus devidos ocupantes. Será quem comandará tudo, porém o trabalho será facilitado devido à divisão de responsabilidades. É para isso que precisaremos de você.

- Não posso assumir esse cargo, Sam...

- Eu não pediria isso a você Cathy. Nós estamos dividindo da seguinte forma: uma sede será a de Nova York. Sei que não poderá acompanhar o trabalho o tempo todo, mas precisaremos de você em alguns momentos, principalmente porque a outra sede será em Los Angeles. Já temos a pessoa que irá coordenar os cargos da presidência, só precisamos que você o acompanhe em algumas situações, seja um pouco mais presente. Não é nada que vá interferir em sua vida.

- Em vinte dias estarei viajando para a Suíça com Thomas serão as nossas tão esperadas férias. Não estarei aqui.

- Cathy, estamos precisando de você. Sinto muito, mas terá que adiar sua viagem. Desculpe-me! – Pensei duas vezes sobre o que deveria responder, mas optei por aceitar o que Sam estava me pedindo, afinal eu era a dona e deveria apoiá-los quando necessário.

- Isso vai me criar um problemão com Thomas. Terei que dar um jeito. Mas conte-me, quem irá ocupar o cargo?

- É um jovem que dirige algumas de nossas empresas. Ele é muito competente e, como estava em constante contato com Peter, tem uma grande experiência com o que vai encontrar pela frente. Roger Turner é o nome dele.

Parei um tempo tentando assimilar o que ela estava me dizendo. Roger Turner. Só podia ser uma brincadeira do destino. Este era o nome de meu ex-namorado. Será que era a mesma pessoa? Só com a menção do seu nome eu, involuntariamente, revivi muitos anos da minha adolescência quando só podia contar com o Roger.

Depois que nos separamos nunca mais tínhamos nos encontrado. Ele havia entendido, mas não foi possível evitar a mágoa que ficou com o nosso rompimento. Por este motivo nunca mais havia me procurado.

- Cathy! Você continua aí? – Sam chamava a minha atenção devido ao silêncio que se fez após a revelação.

- Claro Sam. Apenas fui pega de surpresa. Conheci um Roger Turner há algum tempo.

- Se for a mesma pessoa será ótimo. Pelo menos vocês poderão pular a fase de adaptação.

- É.

Desliguei o telefone já pensando no tamanho do problema que teria com Thomas por causa das últimas novidades. Primeiro, a necessidade de adiarmos a nossa tão esperada viagem, mesmo que fosse por pouco tempo e, segundo pelo reaparecimento de mais este assunto do meu passado.

Roger não era um fardo para mim, muito pelo contrário. Ele havia sido um grande companheiro, meu melhor amigo, além de meu namorado. Este era o grande problema, eu não havia contado ao Thomas sobre a existência de um ex-namorado e, sinceramente, não tenho a menor ideia de qual será a sua reação. Precisaria pensar na melhor forma de contar ao meu noivo.

Três dias depois resolvi convidar Mia e seu novo namorado para jantar em nossa casa. Thomas convidou Dyo, tendo em vista que ele e Mia eram grandes amigos também, e este perguntou se poderia levar um amigo. Por causa disso, formamos um grupo bastante animado de seis pessoas.

Henry Dahmer, o namorado de Mia, era um homem de 30 anos muito elegante, que dava gosto de se olhar. Alto, moreno, olhos azuis, pele bronzeada, um verdadeiro Deus grego, e era todinho da minha amiga. Mia estava fascinada com a atenção que ele a dava e com a facilidade com que tinha se adaptado ao grupo.

O amigo do Dyo, Maurício Lecter, era uma figura engraçada de se ver, baixinho, porém possuía um corpo bastante definido, cabelos castanhos curtos num corte moderno e olhos que acompanhavam a cor do cabelo. Suas sobrancelhas eram tão grossas que quase se tocavam o que dava ao seu rosto, levemente arredondado, a ideia de masculinidade. Aparentava ser mais velho do que Dyo e também mais maduro, centrado. E era inconfundivelmente gay. Eu e Thomas achamos que existia algo entre eles, apesar de toda a discriminação de ambos. Fiquei feliz pelos meus amigos. Era como se mais um ciclo estivesse se fechando, com todos felizes no amor.

Depois do jantar ficamos na área da piscina conversando sobre nossas vidas. Dyo e Thomas se ocuparam em contar para Henry e Maurício a nossa história de amor. Eu e Mia ríamos dos comentários e fazíamos alguns acréscimos aos fatos contados. Minha amiga dedicava o seu tempo em dizer ao meu noivo quanta sorte ele teve

em me encontrar, ressaltando que existia uma longa fila aguardando por uma oportunidade.

Thomas disfarçava, mas estava visivelmente incomodado com as declarações de Mia. Ele nunca escondeu o seu lado ciumento e possessivo. O que me deixava um pouco mais tensa. Existia um lado da minha vida que ainda não tínhamos conversado e eu sabia que logo teríamos que abrir esta gaveta.

Não sei de como a conversa começou, mas, de repente, eu estava ouvindo Thomas se gabar afirmando que tinha sido o meu primeiro namorado, destacando a palavra "namorado", para que não houvesse dúvidas. Falava também do quanto lutei contra o que sentia por medo do desconhecido. A resposta saiu, tanto de mim quanto de Mia, simultaneamente e sem aviso.

- Não foi, não – me arrependi de imediato e, a julgar pelo olhar que Thomas me deu, sabia que não teria como voltar atrás. A gaveta não foi apenas aberta, foi escancarada.

- Isso é novidade para mim – ninguém percebeu, porém eu conhecia meu noivo muito bem. Sabia que ele estava furioso com a minha revelação. – Por que você nunca me falou a respeito disso? Imaginei que já tivesse ficado com outros caras, mas namorado mesmo... – ri sem graça permitindo que eu visse o fogo por trás dos seus olhos. Tremi. Estava em sérios apuros, era um fato.

- Por que nunca me perguntou. Em nenhum momento eu disse que nunca tive outro namorado.

Thomas ficou calado por um tempo depois continuou conversando com o grupo como se nada tivesse acontecido. Estremeci pensando no que aconteceria depois que todos fossem embora, quando ele finalmente poderia demonstrar o que sentia.

A reunião continuou até a madrugada, após muito vinho e risos, todos resolveram que estava na hora de ir. Depois das despedidas, dei a desculpa de que precisava recolher as coisas e levar para a cozinha. Thomas não contestou, ficou na varanda fumando um cigarro. Demorei o máximo que pude tentando evitar nossa conversa. Não queria que ele ficasse aborrecido comigo, por isso preferia conversar apenas quando já estivesse com todas as justificativas prontas.

Quando saí da cozinha todo o andar de baixo já estava com as luzes apagadas. Respirei aliviada. Ao menos não precisaríamos entrar em um assunto tão delicado, no meio da madrugada. Fui direto para a escada na esperança de encontrar Thomas já dormindo em nosso quarto.

- Cathy – estremei com sua voz vinda da varanda. – Está fugindo de mim? – Virei em sua direção sem muita vontade e tentei recompor as minhas feições para não demonstrar o meu desespero. Tenho certeza que não consegui.

- Não tenho motivos para fazer isso - sorri para ele tentando amenizar a situação.

- Você me deve uma explicação.

- Sério? Sobre o que? – Era ridículo fingir que não sabia, mas eu não conseguia pensar em nada melhor para dizer.

A minha única vontade era correr e me trancar no quarto. Ridícula e infantil era pouco para descrever como estava me comportando. Qual era o absurdo no fato de ter um ex-namorado? Mesmo nunca tendo mencionado o assunto ou dado a entender que ele existiu algum dia. Isso era apenas um detalhe, não era? Eu esperava conseguir convencer Thomas disso.

- Sobre o seu ex-namorado. O que eu nunca soube da existência. – ele estava calmo, contudo eu já podia antever que essa conversa não terminaria bem.

- E isso é um problema para você? – lógico que eu sabia qual seria sua resposta, porém por algum motivo desconhecido, estava tentando bancar a idiota.

- Claro. – Ele me encarou com severidade. Pronto. Passei a ter a certeza que esse seria um problemão.

- Não deveria ser. Você teve um monte de ex-namoradas, algumas com instinto assassino e eu nunca fiz disso um problema para nós – permaneci com o sorriso débil no rosto.

- Não?

Tudo bem. Eu tinha feito sim. Havia inclusive me proibido de ficar com Thomas por causa das suas aventuras amorosas. E, literalmente, infernizei a sua vida por causa do romance misterioso

com Lauren. O que quase nos separou. Desisti de fugir do assunto decidindo encarar logo a situação de frente.

- Amor, eu nunca achei necessário contar. Aliás, nem lembrava mais. Não teve importância alguma, o que existe de mais essencial em toda a minha história, vivi com você. – Thomas avaliou a minha mudança súbita, mas não se deu por satisfeito. Era tão ridículo dizer que nem me lembrava de ter tido um ex-namorado.

- Quando aconteceu? Quando terminou? Quanto tempo ficaram juntos? – Oh, droga! Eu estava muito enrascada.

Respirei fundo tentando responder sem deixá-lo ainda mais irritado. Claro que meu noivo percebeu a minha relutância.

- Cathy, acredito que já deixamos para trás a fase dos segredos – ok! Era melhor responder de uma vez.

- Seis anos – senti minhas mãos começarem a suar.

- Seis anos? – Thomas perguntou um pouco alto demais. – E você tem a coragem de dizer que não foi importante? – seus olhos estavam arregalados pela revelação.

- Thomas, pare com isso – sentei na poltrona colocando o rosto entre as mãos. Eu estava ciente de que seria uma conversa difícil.

- Você é inacreditável, Cathy. Se fosse eu quem tivesse escondido uma história dessas estaria furiosa comigo. – Ele andava de um lado para o outro passando as mãos pelos cabelos, como um animal raivoso e enjaulado.

- Você está furioso comigo. E também não pode reclamar assim, você me escondeu a sua história por bastante tempo.

- Eu nem sei o que dizer. Quem é esse cara? De onde vocês se conhecem? O que aconteceu? Existe mais alguém que eu precise saber ou vou ser surpreendido com mais revelações.

- Calma, Thomas! – Puxei o ar, levantei e fui sentar na poltrona próxima a ele. – O que quer saber exatamente?

- Tudo.

- Conheci o Roger quando fui morar com minha tia, depois da morte da minha mãe. Ele era mais velho, eu tinha doze anos e ele dezessete. Nós nos tornamos amigos de imediato. Ele era a única pessoa que eu conhecia, por isso ficamos tão próximos. Estudávamos na mesma escola e íamos juntos todos os dias até que

ele foi para a faculdade. Quando fiz quinze anos ele se declarou para mim e eu achei que era o mais lógico a fazer.

- Lógico?

- Thomas, não preciso explicar mais uma vez, que antes de você, nunca amei outra pessoa. Gostava do Roger, ele era um grande companheiro e, para o momento que eu estava passando, era muito reconfortante ter por perto alguém que me queria. Eu me sentia segura ao lado dele, apenas isso.

- E você realmente quer que eu acredite que ficou seis anos com uma pessoa que não amava?

- Quero sim. Você só tem duas opções: acreditar ou não acreditar. Eu estou dizendo que a única coisa que sentia pelo Roger era amizade e gratidão. Achava que poderia se transformar em amor, afinal as pessoas dizem que a convivência pode fazer de uma grande amizade um amor verdadeiro, porém, com o passar do tempo percebi que isso nunca aconteceria.

- Depois de seis anos? – Ele não se renderia tão fácil assim.

- Não. Na verdade muito antes, só não tive coragem para terminar. Acredito que não queria terminar. Como já disse, ele era um grande companheiro, estava feliz por tê-lo comigo. – Essa conversa iria me trazer mais problemas do que fui capaz de prever.

- E por que se separaram? Foi ele quem a deixou? – Thomas aguardava ansioso pela resposta e, a julgar pelo seu comportamento também estava com medo do que eu poderia responder.

- Você sabe que eu era virgem. Não é fácil manter um relacionamento com uma pessoa com tantos bloqueios. Roger era carinhoso, atencioso, romântico, no entanto nada disso me fazia querer romper as barreiras que me impediam de ser uma mulher para ele. No início ele aceitou e foi extremamente compreensivo. Com o tempo passou a pressionar mais o que me fez constatar que não seria possível dar mais este passo. Então terminei o nosso relacionamento – fiz uma pausa para observar a sua reação. Thomas pareceu ficar mais tranquilo com o que eu falei.

- Thomas, eu amo você! Nunca amei outra pessoa, só você. – Levantei e me ajoelhei na sua frente buscando seus olhos. - Não existe motivo para você ficar cismado com esta história do meu

passado. Nada do que eu contei... Nada do que eu vivi com ele, foi mais importante do que tudo o que já vivi com você. – ele sorriu para mim ainda um pouco resistente, porém o fato de eu estar reafirmando o meu amor, pareceu deixá-lo menos intrigado.

- E vocês nunca mais tiveram contato? Ele simplesmente sumiu de sua vida? – Por que não podíamos parar por ali? Por que Thomas precisava tentar descobrir até a última parte? Será que o restante não poderia ficar para o dia seguinte? Senti minha cabeça doer com os problemas que eu sabia que viriam.

- Sim. Até agora...

- Como assim até agora Cathy? – A tensão voltou a nossa conversa.

- Era sobre isso que eu precisava conversar com você, só queria que fosse em circunstâncias diferentes.

- Manda logo a bomba – passou os dedos com força por entre os fios deixando-os rebeldes.

- Então... Quando Sam me ligou avisando sobre os problemas da empresa... Ela falou da pessoa que assumiria a presidência...

- E? Não vai me dizer que é o mesmo cara! – Bingo! Eu podia sentir meu coração querendo sair do peito.

- Thomas eu não sei ainda se é ele, apenas achei muita coincidência. É o mesmo nome e sobrenome e...

- Cathy, eu já entendi. Você vai passar o tempo que nós teríamos para curtir juntos trabalhando ao lado do seu ex-namorado. – Ele estava totalmente incomodado com a situação. Sua voz estava alterada e os gestos eram impacientes.

- Nós nem sabemos se é o mesmo cara – eu realmente não queria continuar com aquela discussão. Estava tarde e minha cabeça doía.

- E se for? – cruzou os braços no peito, me encarando desafiadoramente.

- Não vai ser nenhum problema.

- Como não? Você vai ter o seu ex-namorado na sua cola o tempo inteiro e...

- Thomas, você teve uma ex-namorada em nossa cola durante um bom tempo. Eu convivo com suas "ex" praticamente a todo o



momento. Como pode me cobrar isso?

- Eu não tenho ex-namoradas.

- Que seja!

- Você sabe no que deu eu permitir que uma pessoa do meu passado convivesse com a gente. Não quero que a história se repita.

- Um frio percorreu minha espinha. Thomas parecia profetizar algo.

- Pelo amor de Deus! Quem disse que vai se repetir? O Roger aceitou o fim do nosso relacionamento de forma bastante digna. Durante esses anos todos nunca me procurou. Com certeza ele saberia como me encontrar, pois sabe que eu sou a dona da empresa em que trabalha e nem por isso resolveu aparecer. Muito diferente do que aconteceu com a Lauren.

- Tudo bem, Cathy. Faça como quiser.

Dizendo isso, Thomas me deu as costas indo embora para o nosso quarto. Eu ainda fiquei na varanda por um tempo tentando esfriar a minha cabeça para que não recomeçássemos a briga. Quando fui ao seu encontro, ele já estava dormindo. A única coisa que podia fazer era dormir também. Sem o calor do nosso amor.